MEGAN MAXWELL

Pela lente do amor



essência

Fotógrafa e bombeiro se rendem à paixão, mas precisam contornar alguns percalços se quiserem permanecer juntos.

Ana Elizabeth troca o luxo e a riqueza da sua aristocrática família londrina pelas “calles” madrilenas, em busca do seu sonho: ser fotógrafa. Dona do seu nariz, ela monta com a amiga Nekane um estúdio fotográfico na capital espanhola e segue seu caminho de sucesso. No dia em que o prédio onde trabalham enfrenta um incêndio, Ana conhece Rodrigo, um dos bombeiros que atendem ao chamado da ocorrência. A troca de olhares aquece não só o corpo da fotógrafa, mas também seu coração e ela se entrega à inusitada amizade – com benefícios – que nasce entre eles. Apesar de cúmplices, um balde de água fria vai comprometer a liga dessa relação, quando Rodrigo – um mulherengo de carteirinha – descobrir que sua querida Ana está grávida de um turista suíço que passou por sua vida sem passagem de volta e de quem ela só sabe o nome. E o que dirá sua pomposa família quando souber que ela está grávida de um desconhecido e é amante de um bombeiro pobretão? Só a leitura do livro revelará!

Capítulo 1

Londres, 22 de junho de 2005

— Pato... Vem! Quero te mostrar algo! — gritou Lucy, abrindo a porta do quarto de sua irmã.

— Poxa, Nana! Por que sempre entra sem bater? — protestou com estupor a outra enquanto deixava o espelho que tinha nas mãos.

Lucy, ao ver o que sua irmã estava fazendo, se aproximou e disse carinhosamente:

— Não se preocupe com isso. Amanhã estará ótimo! Tenho certeza que o Doutor Jacobs fez um bom trabalho e não vai se notar a cicatriz.

Pato, cujo nome era Ana Elizabeth, sorriu. O que menos a preocupava era levar um curativo no rosto no dia do casamento de Lucy; nem sequer a cicatriz se notaria com o passar do tempo. O que a preocupava era o motivo desse ferimento. Algo que ela não contou.

— Vem, vem, vem... Acabaram de trazer o vestido de noiva e quero que o vejamos juntas.

— Agora?

— Sim, agora — exigiu Lucy. — Mamãe e Elsa o levaram para o meu quarto e..., e... Venha, vamos!

Deixando se levar pela euforia de sua irmã, Ana sorriu e correu até o quarto de Lucy. Uma vez que chegaram até a porta, esta última parou e, tapando os olhos, disse implorando:

— Abre você, e antes que eu possa vê-lo, me diz se é tão bonito como era da última vez que o provei em Paris.

— Mas Nana... — protestou Ana.

— Faz isso, faz, faz... Pato, por favorrrrr.

Ana, depois de suspirar com resignação pelo empenho fraterno, abriu a porta. Frente a ela, pendurado por um gancho de cortina, estava o objeto de adoração de sua irmã. Seu vestido de noiva.

Durante uns segundos o observou, e ainda que ela não gostasse desses trajes tão pomposos, sorriu. Lucy estará tão linda com aquele vestido de corte império de cor branco-osso.

— É lindo. Você vai ficar linda.

Então, a futura noiva tirou as mãos dos olhos, entrou no quarto e, depois de dar uns pequenos saltinho, muito típicos dela, começou a gritar:

— Eu amo! Me encanta! Adoro! Oh meu Deus, eu vou ficar lindíssima!

— Sem dúvidas — sorriu Ana, a quem diferente de sua irmã, lhe faltava o egocentrismo.

Incapaz de conter a alegria, a jovem seguiu pulando, até que voltou a dizer:

— Eu já falei que ele me encanta, me enlouquece e que eu adoro o meu vestido de Balenciaga?

— Sim.

— Stephanie e Myrian vão morrer de inveja quando vê-lo!

Ana assentiu. Essas garotas eram as melhores amigas de sua irmã, umas meninas tão vaidosas e superficiais como ela, as quais só se interessam por estar bonitas, na moda e nos homens. Nessa ordem.

— Vem..., toca nele. Não tem uma textura incrível?

— Sim, incrível.

— E olha o véu. Ohhh, vou ficar espetacular com esse véu!

Durante mais de vinte minutos, Lucy gritou e pulou ante seu vestido de noiva enquanto Ana, sentada na cama, escutava e desfrutava daquela loucura. Lucy era escandalosa e, algumas vezes, estressante, mas sabia que quando se separassem de vez morreria de saudades dela. Quando por fim a futura senhora Edwards se tranquilizou, se sentou junto a sua irmã e perguntou:

— Pato, você vai ajeitar as coisas com Warren?

— Não.

— Poxa! Você tem que fazer.

— Não — respondeu Ana com profundidade. — E ele não virá ao casamento. Eu o proibi.

Com os olhos como estalados, Lucy exclamou:

— A mamãe vai ficar furiosa quando souber! Ela adora o Warren e...

— Olha, Nana, acabou tudo o que nós tínhamos. E por muito que a mamãe adore o Warren, não é ela quem tem que suportá-lo. — E mentindo,

coçou a orelha enquanto dizia-: Ambos estamos de acordo em romper a nossa relação, e eu não quero vê-lo.

— Vamos ver..., pensa — insistiu Lucy. — Warren é bonito e tem uma posição maravilhosa, e ...

— Warren não é o que eu quero para minha vida, Nana — suspirou sua irmã, chateada.

— Mas ele e seus pais são nossos amigos de toda a vida e ...

— Espero que sigam sendo, ainda que eu não queira voltar a vê-lo — esclareceu. — E por favor..., me ajuda a fazer que os nossos pais entendam, ainda que, bom, já conto com o histerismo da mamãe.

— Mas, o que foi? O que aconteceu para que você terminasse com o gato do Warren?

— Nana — disse Ana, cravando os olhos nela-, não quero falar disso.

Lucy abraçou sua irmã. Ela era a melhor, apesar de que muitas das suas amigas a considerassem um bicho raro porque ela não gostava de rosa e nem de ir ao cabeleleiro todos os dias.

— Tudo bem, eu sou uma chata. — Ana, por fim, esboçou um sorriso, e então Lucy perguntou a ela-: Quando pensa em contar ao papai e a mamães os teus planos?

— Não sei.

— Eitaa, Patooooooo!

— É que eu não encontro o momento e não quero atrapalhar o casamento.

— Tem que dizer a eles logo. Amanhã eu me caso, irei de lua-de-mel e não estarei aqui para te apoiar.

— Eu sei.

Ana sorriu de novo. Adorava a sua irmã ainda que não tivesse nada a ver com ela e sua maneira de ver a vida. Pensou em lhe dizer a verdade sobre o Warren, mas ao final decidiu lhe poupar o sofrimento.

— Você deve dizer a eles hoje.

— Tá bom, tá bom...

Lucy a olhou e assentiu.

— Não se preocupe, Pato; eles vão entender, aposto. Mamãe nos deleitará com um de seus numerozinhos histéricos cheios de soluços e

expressões do tipo “o-que-dirão”, mas papai te compreenderá e vai acalmá-la. Você vai ver.

— Isso que espero. — E depois de olhar de novo o vestido de noiva, perguntou-: Tem certeza que o Christopher é o homem da tua vida?

— Sim, certíssima.

Christopher Edwards, seu futuro cunhado, não era objeto de devoção para Ana. Era muito simples e dócil para Lucy. Nos dois anos de relação que levavam, tinha tentado falar sobre isso com ela, mas estava encantada pelo bonito jovem que trabalhava com seu pai. Não tinha nada mais o que fazer.

— Você só tem vinte e um anos, Nana. Por que tanta pressa em se casar?

— Porque quero ser uma noiva jovem, linda e divina.

A Ana não lhe surpreendeu essa resposta, assim que, depois de revirar os olhos, prosseguiu:

— Ainda está estudando. Não viajou, não viveu ainda. Por que se casar tão cedo?

— Mas, você já viu esse vestido Balenciaga? Não é pouco cortar as asas por um vestido assim?

— Oh, Deus, Nana..., você não tem remédio!

— Vamos, vai..., eu o amo, amo minha grandiosa festa, a viagem de lua-de-mel, o vestido espetacular, minha independência dos pais, te parece pouco?

— E ele te ama?

Sem ter intenção de ficar ofendida, a futura noiva se levantou da cama e, mostrando-se a si mesma, disse:

— Como não me amar? Você já deu uma olhada em mim? Viu como ficam esses jeans Versace com os sapatos Jimmy Choo em mim?

— Sim, filha, sim. Eu já te vi, mas quer, por favor, responder o que eu estou te perguntando?

Tirando seu sedoso cabelo do rosto, tão diferente do cabelo curto de sua irmã, a orgulhosa e futura senhora Edwards respondeu:

— Vou te responder da forma como eu vejo. Sou filha do diretor geral da BBC, Frank Barners. Minhas medidas são perfeitas. Sou linda, jovem e estilosa. Minha cútis é lisa e sem nenhum poro aberto. Meu cabelo, sedoso e cuidado. Não tenho pele de laranja, nem estrias, nem nada que detone com

meu estilizado e cuidado corpo. Uso 34 dos melhores estilistas, e sou divertida e loquaz. O que mais se pode pedir?

Sem se surpreender pela declaração, Ana pensou isso de "Modéstia desce... que Nana sobe", mas, tocando o curativo de sua testa, sorriu. Ia responder quando a porta se abriu e apareceram seus pais, Frank e Teresa. Lucy, esquecendo da conversa que estava tendo com sua irmã, correu até seu progenitor e gritou:

— Papai, amanhã eu vou estar deslumbrante! O vestido de Balenciaga é o vestido de noiva mais bonito que eu vi em toda minha vida!

Frank barners, um elegante e cavalheiresco homem de negócios, trocou uma olhada com sua filha Ana, que lhe sorriu.

— Acho que você supera em beleza a esse vestido, preciosa Lucy — comentou.

— Obrigada, papiiiiii! — exclamou a elogiada.

— Nana..., não é por nada, mas você adora escutar elogios — brincou Ana diante da lisonja de sua pai.

— Está com ciúmes, Pato? — perguntou Lucy.

Então interveio Teresa Dominguez, que olhando a sua filha mais velha, soltou:

— Queria saber quando vão deixar de se chamarem por esses horríveis apelidos. Pato e Nana! Quantas vezes disse para vocês que se chamem por seus nomes, Ana Elizabeth e Lucy Marie. — E sem esperar que a respondessem, prosseguiu-: Ana Elizabeth, você está bem, carinho?

— Sim, mamãe. Não se preocupe.

— Que fatalidade! Cair logo dias antes do casamento — se lamentou a mulher.

Preocupado, Frank se aproximou de sua filha, e tocando-lhe a cabeça enquanto observava o curativo que levava na testa e o pequeno inchaço no pômulo, lhe perguntou:

— Não está sentindo enjoos, mesmo?

— Não, papai, sério. E você, mamãe, fique tranquila. Falei com Karen, a maquiadora, e ela me disse que amanhã ela vai disfarçar o que puder.

— Filha..., a nossa preocupação é que você esteja bem — esclareceu seu pai.

— Eu estou — respondeu sorrindo. — E amanhã estarei melhor para o casamento.

— Seguramente, Ana Elizabeth — disse sua mãe, mudando de tom-, acabei de falar com Warren Follen e ele me disse que não vem para o casamento. Você tem algo a ver com isso?

A interpelada, jogando a franja para um lado, olhou para sua mãe.

— Claro que tenho a ver, mamãe. Nós rompemos e eu disse que não quero que ele venha ao casamento. Algum problema?

— Algum não. Muitos!

— Querida... — Frank advertiu sua mulher.

Mas Teresa omitiu aquela chamada de atenção e gritou, encarando sua filha:

— Não sei o que tem na cabeça além de passarinhos! Warren e seus pais são gente influente aqui em Londres e amigos de toda a vida e..., e não me parece bem que ele não venha. Sem falar que, pensa: tua irmã mais nova vai se casar antes que você!

Aquele comentário fez que Ana soltasse uma gargalhada e, sem lhe importar o gesto de sua mãe, replicou:

— Mamãe, eu só tenho dois anos a mais que Nana. Vinte e três! Qualquer um que te escute vai pensar que...

— Exato! Pensarão que é uma jovem amarga e uma futura solteirona. E assuma, você nunca teve a facilidade de Lucy Marie para se comunicar com os demais, e ...

— Sim, mamãe, eu sei. Ela é a filha bonita e eu a feia. Eu sei..., eu sei...

— Você não é feia — protestou Lucy, intercedendo por sua irmã.

— Mas que besteiras está dizendo, mulher! — gritou Frank ao escutar a sua esposa. — Quem ousou dizer que minha Ana é feia?

Simplesmente, são duas jovenzinhas diferentes. Nada mais.

— Papai, não se preocupe — disse Ana rindo, mas sua mãe não se deu por vencida.

— Eu não disse e nunca direi que Ana Elizabeth é feia. Ela não é. Mas olha para ela. Acha que alguém olharia para ela?

Frank desviou o olhar até suas filhas e sorriu. Lucy era toda calor, feminilidade, sedosos fios claros, glamour e piscadinhas, e Ana era jeans,

cabelo curto e escuro, e óculos retrôs. Dois estilos muito diferentes de mulher.

Ana, divertida com o jeito dos seus pais, foi a dizer algo, mas sua mãe se adiantou:

— Como te ocorre romper com Warren justo agora? É um excelente partido. Seu pai é um membro ativo da Câmara dos Lordes e...

— Mamãe, isso para mim nem vai e nem vem. Quando vai se dar conta de que eu não dou a mínima prioridade que você dá a certas coisas? — se queixou.

— Warren é rico — continuou sua mãe, contudo-, de uma boa família, aposto, que te quer assim como é, e tem suas próprias empresas. O que mais você pode pedir?

— Outras coisas, mamãe. Outras coisas — murmurou, desencantada.

Seu pai a olhou com mimo. Perceber tristeza nos olhos de sua filha o estava matando. O que ocorria com ela?

— Não sei porque terminou com ele. Repito que Warren é um excelente partido; além de que o conhecemos de toda a vida e sabemos que cuidará de você como uma rainha.

Suspirando, Ana soprou. O maravilhoso Warren só tinha de maravilhoso o nome.

— Olha, mamãe, esse maravilhoso Warren que você adora — disse com raiva— não entra em meus planos! Portanto, tema acabado, e não insiste porque não tem volta.

Então, Teresa se sentou dramaticamente na cadeira ao lado do vestido de Balenciaga e gemeu. Warren era um magnífico candidato para sua filha e não pensava em deixa-lo escapar.

Ana, ainda abalada pelo ocorrido, mas convencida de que aquele era o melhor momento para dar a notícia que tinha que dar, olhou para sua irmã e esta assentiu. Colocou-se ao seu lado e lhe deu a mão. Aquele gesto a Frank não passou despercebido.

— Agora que estamos aqui os quatro, quero dizer a vocês uma coisa importante.

— Você está grávida?! — a interrompeu sua mãe.

— Mamãe, por favorrrrrrrr! — exclamou. E olhando-a, lhe perguntou direto-: E se estivesse? E daí? Seria um pecado?

— Seria vergonhoso! — gritou a mulher, histérica.

— Vamos, mamãe, por favor!

— Diga-me pelo menos que é de Warren — rogou, esperançosa.

— Não, mamãe.

Dramatizando como nas melhores tragédias de Shakespeare, Teresa berrou:

— Pelo amor de Deus, Frank! Não é de Warren! A menina, grávida e solteira. Isto é um desastre. Seremos a fofoquinha de toda Londres.

Ana sorriu. Sua mãe e seus histerismos... Mas ao ver o jeito de seu pai negou com a cabeça, e este, aliviado, assentiu. Lucy bufou. Sua mãe era uma histérica, mas sua irmã era uma provocadora. Incapaz de ficar sem fazer ou dizer nada, a olhou e murmurou:

— Faz o favor de não colocar mais fogo, criancinha. Diz para mamãe que isso não é verdade, ou lhe dará um troço, e ao invés de estar em um casamento amanhã, estaremos em um funeral.

— Me escuta, mamãe — explicou Ana— não estou grávida. Só quero falar para você e o papai que necessito fazer uma mudança na minha vida. E por isso, mês que vem vou me mudar para a Espanha.

— Você vai para Espanha?! — berrou, histérica, teresa.

Frank assentiu com a cabeça e pegou a mão de sua mulher enquanto sua filha prosseguia:

— Encontrei ali um trabalho como fotógrafa em uma revista de moda e...

— Não pode ser! — gemeu de novo Teresa. — Você tem que se casar, ter filhos e ...

— Basta agora, mamãe! — gritou Ana, cada vez mais aborrecida. — Pretende chorar e montar um espetáculo por tudo que eu disser?

— Ai, Ana Elizabeth, com essa tua maneira, está tirando por terra todos os planos que eu tinha para você. Pensava que te casaria com Warren, teria crianças preciosas, tomaríamos o chá juntas e viveria em Kensington, em um lugar bonito e luminoso.

— Pois sinto muito. Tenho meus próprios planos para minha vida — afirmou a jovem.

Frank foi falar, mas sua mulher se adiantou a gritos:

— Você não precisa trabalhar em uma revista! Teu pai e eu te demos os

melhores estudos! Você é advogada! Fala três idiomas. Por que vai trabalhar como fotógrafa?

— Porque é o que eu gosto, mamãe. E se terminei a graduação foi porque você queria, não porque eu quisesse.

— Mas..., mas me disse que você gostava — insistiu a mulher.

— E gosto, mamãe! Mas o que realmente me apaixona é a fotografia.

Quero ser fotógrafa.

— Ai, não! Nem pensar! Primeiro deixa o teu namorado, e agora vai embora para a Espanha? Nem pensar!

— Eu vou, mamãe. Você querendo ou não, eu vou viver em Madrid.

— Nem pense! — se opôs Teresa, gesticulando.

— Tanto faz o que você diga, mamãe. Tenho vinte e três anos, sou maior de idade e acho que já é hora de eu começar a tomar minhas próprias decisões.

— Desgostos. Só me dá desgostos. Por que você não pode ser uma boa filha como a Lucy é? — Ana foi responder, mas sua mãe prosseguiu-: E como se fosse pouco quer ir viver em Madrid, uma cidade que você sabe que não me traz boas recordações, e..., e...

Ana suspirou. Sua mãe era espanhola, realmente de Madrid. Mas depois que conheceu o seu pai e se casou com ele, foi embora para Londres para viver em sua cômoda casa em Saint James's, esquecendo que em sua juventude, depois de sair do orfanato, tinha vivido em um lugarzinho de setenta metros quadrados em Villaverde.

— Mamãe, agora basta! Por favor, quer escutar o que Pato tem a te dizer?

— Você sabe que eu sempre gostei de fotografia e que fiz vários cursos que me interessavam mais que os meus de direito. Tentei ser uma boa filha, ainda que a mamãe pense o contrário, e simplesmente preciso mudar minha vida — disse gemendo. — Quero começar de novo em outro lugar, e por isso aceitei esse trabalho em Madrid, porque minha intenção é pegar experiência e tentar abrir meu próprio estúdio de fotografia.

— Isso eu posso te proporcionar, céu — respondeu seu pai, emocionado. — Se você quiser, eu posso preparar um estúdio de fotografia para você sem necessidade de que trabalhe para outros e...

— Papai — o cortou-, sempre me disse que o importante é lutar por

aquilo que se quer. Você sempre me falou que uma das coisas das quais está mais orgulhoso a nível pessoal é de ter conseguido ser quem é por seu próprio trabalho. E eu quero fazer isso. Quero conseguir as coisas por mim mesma e não por ser a filha de... Por favor, entenda-me, preciso fazer isso e..., e... me afastar de Londres.

Sabendo que a sua filha passava por algo, se afastou com ela uns metros e lhe perguntou:

— Carinho, o que te aconteceu para você querer ir embora?

— Nada, papai — mentiu. — Não aconteceu nada. Mas quero começar de novo em um lugar em que eu possa ser eu mesma.

"Me afastar de Londres". Aquela frase para Frank tinha tocado seu coração. Sua filha não estava passando bem e estava convencido de que nem tudo se devia a separação de Warren. O que acontecia?

Ainda que não saber o inquietava, tão pouco queria ser indiscreto e perguntar. Se Ana tinha algo que contar, ela mesma o faria. Mas não queria ver sua pequena sofrer, e nos últimos meses, especialmente nos últimos dias, a garota não estava bem e via isso no seu olhar triste. Aquilo lhe machucava o coração. Ana era uma lutadora, não uma pessoa materialista como Lucy. Sempre tinha tentado conseguir as coisas por seus próprios meios, e isso orgulhava Frank. Depois de olhar para sua histérica mulher, cravou o olhar em sua filha e, convencido de que era o melhor, disse:

— De acordo, Ana. Vou te apoiar em tua decisão, mas me promete uma coisa.

— O que, papai?

— Que sempre que precisar de ajuda, seja para o que for, virá até mim, de acordo?

— Claro, papai. Te prometo isso.

Dito isso se fundiram em um cálido abraço enquanto Teresa, como era de esperar, se desmaiava ante a iminente partida de sua filha.

Capítulo 2

Madri, sete anos depois

O som estridente das sirenes fez que muitos dos vizinhos da praça de Santa Ana aparecessem em suas portas para ver o que se passava. Horrorizados, viram a fumaça sair de um dos apartamentos e como os bombeiros dominavam a praça. Instantes depois, a polícia começou a entrar nos halls adjacentes ao incêndio para evacuar os inquilinos.

Em um daqueles edifícios estava Ana trabalhando no estúdio de fotografia. Alheia a tudo que acontecia, disfrutava com a sessão de fotos que estava realizando para uma empresa de lingerie italiana. As modelos eram amigas, os maquiadores uns amores, e por uma vez, todo mundo parecia relaxado e contente. Com música do Prince para animar a sessão, Ana se dirigiu às modelos com a réflex na mão:

— Meninas, se movam ao som da música e subam os braços por cima da cabeça enquanto me olham. — As modelos obedeceram rapidamente, e enquanto clicava o disparador da câmera, sussurrou-: Muito bem..., muito bem... Estão lindíssimas.

— Estou me saindo bem? Eu pareço bem? — perguntou uma das modelos.

— Sim, Iris — assentiu Ana. — Está lindíssima.

Nekane, a ajudante de Ana, revirou os olhos. Iris era o sumo do egocentrismo. Se conheciam desde o início de suas carreiras e depois de ter entrado na melhor agência de modelo da Espanha, Iris se achava a próxima Naomi Campbell.

Depois de várias fotografias, Ana se voltou até sua judante.

— Neka, me prepara o ob...

Não pôde terminar a frase. Alguém apertava com força a campainha, e Neka foi abrir. Dois segundo mais tarde, com cara de susto, entrou junto com um policial.

— Temos que sair rapidamente. Há fogo em um dos apartamentos e...

Foi ouvir a palavra “fogo” e as modelos e os maquiadores saíram choramingando, com Iris sendo a primeira empurrando todo mundo. O policial, ainda surpreendido por como tinham saído os outros, olhou para

as duas jovens que permaneceram em frente a ele.

— Senhoritas — disse-, devem abandonar o apartamento, agora!

Sem tempo a perder, Ana pegou vários casacos e, com a câmera ainda na mão, apressou sua amiga.

— Vamos, Neka! Temos que sair.

Imediatamente, abandonaram o apartamento acompanhadas pelo policial e comprovaram que a escada estava cheia de fumaça. Isso as assustou! Aquilo parecia mais sério do que tinham pensado. Uma vez que sairam do hall, guiadas pelo policial, ficaram em uma lateral da praça. Segundos depois, ao ver como os policiais e os bombeiros olhavam até onde estavam elas e as modelos, Ana entregou os casacos para as garotas a toda velocidade. Com a pressa tinham saído de calcinha e sutiã.

— A fumaça sai da casa da Encarna — murmurouNeka, angustiada.

— Espero que esteja bem — sussurrou, aterrorizada, Ana. Se algo no mundo lhe dava pavor era o fogo. E vê-lo tão perto e tão devastador, a deixavam sem ar.

Enquanto os bombeiros trabalhavam, Ana, com a câmera na mão, começou a fotografar o que via. Imagens de gente assustada, fotos dos bombeiros em ação, até que logo seu objetivo focou em um bombeiro que, em cima de uma escada móvil, se aproximava de uma sacada.

— Neka..., Encarna está ali — anunciou, horrorizada.

A amiga lhe tirou a refléx, observou a situação através do objetivo e logo devolveu a Ana com as mãos tremendo.

— Não há com o que se preocupar — lhe assegurou. — Esse bombeiro vai ajudar ela. Você vai ver!

Com os cabelos em pé e o coração batendo a mil, Ana viu como o bombeiro falava com Encarna; por seus gestos, devia estar lhe pedindo calma. A mulher, ao fim, escutou e em um par de minutos depois, o homem chegou até ela, a pegou e a colocou na caixa móvel da escada. Todos os que estavam observando a ação boquiabertos romperam em aplausos, emocionados.

— Viu? — se congratulou Nekane. — Eu te disse que esse homenzarrão a salvaria.

Durante mais de uma hora os bombeiros trabalharam sem descanso, até que o pequeno fogo que havia ocasionado a grande quantidade de fumaça

foi extinto. Quando os trabalhadores da Samur deixaram que Ana e Nekane se aproximasse da sua vizinha, esta gemeu ao vê-las.

— Bendito seja Deus, criaturinha! Que susto! Que susto!

— Está bem, Encarna? — perguntou Ana, abraçando-a.

— Sim, bonita. Mas quase não fico para contar. Aiii, que angustia! — exclamou entre soluços e secando os olhos com um lenço.

— Não pense nisso, Encarna. Não aconteceu nada, e você está bem — afirmou Nekane sorrindo.

— Mas, o que aconteceu? Onde começou o fogo? — perguntou Ana, abraçando ainda a mulher.

— Na cozinha. Estava fazendo as rosquinhas que tinha prometido a vocês — explicou, e as garotas sorriram-, e como começava a novela, corri para sala para não perder nenhum segundo. Achava que tinha apagado o fogo, mas não tinha. Quando me dei conta, a cozinha inteira queimava e...

— Não acredito, Encarna. O que você não faz para organizar que um bombeiro te pegue nos braços... — brincou Nekane para fazê-la sorrir.

Esse comentário, com efeito, conseguiu arrancar um sorriso à mulher, que se aproximou ainda mais a elas e murmurou:

— Viram os bonitos rapazes que vieram?

— Eu que o diga — sorriu Nekane ao ver os vários bombeiros flertando com as modelos. — Estou vendo uns sabiás que me deixam estimuladas.

Ana riu e fez algumas fotos dos homens. Nekane era engraçada. Mas Encarna não tinha entendido o que a jovem tinha querido dizer.

— Sabiá? Como assim? — perguntou.

Nekane, divertida, olhou de cima a baixo a um dos bombeiros que trabalhavam frente a elas.

— É um expressão de minha preciosa terra — lhe esclareceu. — Quando uma navarra'7b1'7d como eu vê um garoto bonito costuma dizer “Que pedaço de sabiá eu vi!”.

— Ai, o que se têm que escutar — disse rindo Encarna, e apontando a vários bombeiros, acrescentou-: Olha como flertam com essas garotas. São as modelos de vocês, verdade? — Amabas assentiram, e a mulher sussurrou-: Juventude bonita!

Ana sorriu. Já estava observando há um tempo como vários bombeiros e

policias mais jovens se aproximavam das modelos.

— Olha como a Iris está contente — indicou, olhando para Nekane.

— Para ele está perfeito — soltou entre risos Nekane. — Olha como ela está empenhada na causa.

— Posso dizer algo? — perguntou Encarna.

— Claro — responderam as duas.

— É sobre tua amiga, Nekane.

— Bah! Amiga não, mais como conhecidas. E se vai me dizer que ela é uma purgante, eu já sei!

Encarna, conhecendo o que pensava Nekane, assentiu, e tocando o queixo, acrescentou sem papas na língua:

— Para o meu gosto, essa amiga tua é uma “piriguete” “oferecida”.

— Eu que o diga. Depois dizem que as piores somos as que levamos tatuagens e piercings — brincou Nekane, fazendo sua amiga rir.

— Mas, bom — interveio Encarna de novo-, viram como ela abre o casaco para mostrar suas coxas?

— E não só as coxas. Essa vaca — suspirou Nekane.

— Neka! — protestou Ana.

— Nem Neka nem nada — soltou Encarna. — O que ela pensa em ficar mostrando a calcinha para esses homens. Quem sem-vergonha! — Encarna! — exclamou Ana rindo.

— É uma ave de rapina perigosa e astuta — se abriu Nekane. — Mas quando me pediu com esse olhinhos que a acolhesse em casa durante uns meses, não pude dizer que não, mesmo que levo muito tempo me arrependendo.

Durante um tempo, as três observaram como aquela desdobrava toda a sua reserva de piscadinhas, biquinhos e poses sexuais diante de todo bombeiro ou policial sólido que a cercava. Iris parecia estar passando muito bem rodeada desses homens que babavam por ela. Estavam entretidas contemplando o espetáculo quando um dos bombeiros se aproximou delas. Era o que tinha ajudado a Encarna. Esta, ao reconhece-lo, se levantou e diretamente o abraçou.

— Obrigada, lindinho, por me tirar desse inferno vivinha e andando.

Ana, ao ter aquele bombeiro a poucos palmos dela, sentiu um estranho

calafrio seguido de um espasmo no estômago ao vê-lo sorrir e presenciar como umas sensuais covinhas marcavam suas bochechas. Ele era enorme e viril. E quando tirou o capacete que levava comprovou que tinha o cabelo escuro, possuía uns impressionantes olhos azuis, um nariz perfeito e uns lábios cheios e tentadores. “Que gostoso”, pensou. Tinha diante dela o sonho mais excitante para todas as mulheres, com certeza. Um bombeiro sexy e vigoroso de tirar o fôlego. Mas mantendo a postura, nem se moveu enquanto ele sem olhar para ela respondia a Encarna.

— De nada, senhora. É meu trabalho e o faço encantado. Mas deve me prometer que terá mais cuidado a partir de agora quando cozinhar e, sobretudo, que se lembrará de retirar a panela do fogo, combinado?

A galega assentiu e, agarrando-o pelo braço, lhe perguntou:

— Você gosta de rosquinhas?

A expressão do bombeiro se tornou risonha.

— Claro que sim. Eu gosto muit...

Sem lhe deixar de terminar a frase, a mulher acrescentou:

— Ao tempo que a cozinha fique em condições, farei uma forma para você e seus companheiros, e levarei ao Corpo de Bombeiros. — E olhando às jovens que estavam ao seu lado caladas, apontou-: E direi a essas duas preciosidades, solteiras e sem namorados, mas com negócio próprio, que me acompanhem.

Elas ficaram atônitas, pelo que Encarna acabara de dizer, enquanto que Ana sentia como um calor inesperado lhe corroía o estômago. Antes de que pudessem protestar, o impressionante bonitão de quase dois metros as olhou e respondeu com um sorriso brincalhão:

— Estaremos encantados de recebe-las na Corporação.

— Cabo! — gritou um daqueles homens-, quando quiser nós podemos ir.

Enquanto o bombeiro assentia, aproximou-se a ele outro companheiro.

— Rodrigo! Devemos atender um novo chamado — lhe indicou.

Ao ouvir seu nome, o jovem bombeiro deu a volta e, depois de piscar um olho com cumplicidade a Encarna, disse ao mesmo tempo que se afastava:

— Estou contando com a sua palavra. Espero as rosquinhas!

Uma vez que se apartou o suficiente, as garotas olharam à mulher.

— Filha da mãe, Encarna — disse Nekane. — Mas, como pôde dizer isso?

— Meninas, viram como era bonitinho aquele cabo?

— Mesmo assim... — protestou Ana enquanto seguia os movimentos do bombeiro. — Por que disse isso? Agora se lembrará de nós como solteiras e sem namorados.

A mulher, com um sorriso malicioso, as olhou e, deixando-as de boca aberta, murmurou:

— Não sejam antiquadas, garotas! Sabiás como esse não se veem todos os dias.

Aquela noite e as seguintes Encarna ficou dormindo no apartestúdio de Ana e Nekane. Sua casa, especialmente sua cozinha, não estava em condições de ser habitada, e ainda que realmente não tinha acontecido nada, o cheiro a fumaça fazia impossível dormir ali.

Enquanto jantavam na mesinha baixa da sala de jantar, Encarna, com sutileza, observou Iris falando no celular. Certamente, a garota era linda. Alta, cabelo loiro de anúncio, olhos amendoados e verdes, seios fartos, mas fora isso, ela era substancial. Embora, se conteve em não dizer nada que pudesse resultar ofensivo.

Emocionada, Iris falava e falava com uma amiga. Lhe contava que no sábado tinha ficado de jantar e ir a festa no Garamond com um grupo de bombeiros madrilenhos, e animava a outra a ir também. Sem importar que lhe escutassem, explicou à amiga que os bombeiros babavam ao olhar seu decote e pernas e que inclusive tinham flertado com ela. E também não deixou de falar que vários deles eram escandalosamente bonitos. Depois de relatar a sua amiga o maravilhoso vestido que ia pôr para impressioná-los e os sapatos de salto de dez centímetros que ia calçar, desligou o celular.

— O que foi? — perguntou, colocando, como dedo mindinho, seu cabelo atrás da orelha, ao ver que as demais a observavam.

Ana e Encarna não responderam, mas Nekane não conseguiu se reprimir.

— Certamente, tem menos cérebro que um mosquito. Você veio a Madrid para trabalhar ou ficar com qualquer homem que te olhe e diga que você é linda de morrer?

— Para amabas as coisas. E desculpa, lindinha, mas tenho cérebro suficiente para equilibrar as duas coisas.

— Tem certeza?

Mastigando um pedaço de peru, Iris a olhou.

— Mas é claro que sim — respondeu. — De todas as formas...

— Chega, chega...

— Eu só ia dizer que vocês também podiam vir no sábado — adicionou a modelo de forma séria.

— Eu também? — perguntou Encarna alegremente. Mas ao ver a cara de Iris, dirigiu os olhos às duas garotas que tanto admirava e disse com graça-: Eu não irei, mas vocês duas sim. Merecem sair com esses gatos e se divertirem.

Nekane e Ana trocaram um olhar e com um sorriso de cumplicidade assentiram. Por que não?

No sábado a noite um grupo de sete mulheres chegou ao restaurante onde tinham combinado com alguns dos bombeiros. Ali os homens as receberam encantados, e depois de beijos e apresentações, umas mais efusivas que outras, o vistoso grupo se sentou ao redor de um enorme mesa e começaram a jantar.

Como já esperavam Nekane e Ana, os bombeiro se centraram nas cincos lindas modelos. Não que elas fossem feias, mas porque precisamente as outras eram modelos! E com suas aparências, olhares e insinuações era difícil competir.

— O que você acha se quando chegássemos no Garamond nos separássemos do grupo? — perguntou Nekane.

— Perfeito! — assentiu Ana, encantada.

— É que se continuar escutando os mimimi dessas fresquinhas, juro que amanhã saio no noticiário. Você escutou as besteiras que elas falam?

Ana sorriu. De certo modo, o egocentrismo e a forma de ser dessas garotas lhe recordavam sua irmã, e isso a divertia, mas decidiu mudar de assunto.

— Andrés ainda está trabalhando no Garamond?

— Sim.

— Genial. Bebibas grátis! — aplaudiu Ana.

Uma vez que acabaram com as sobremesas, todos se dirigiam em diferentes carros ao bar. Ali, os bombeiros se encontraram com outros amigos, e o grupo aumentou. Ana e Nekane se olharam. Era o momento de

fugir e encontrar seu amigo.

Andrés se mostrou encantado em vê-las e rapidamente as convidou para umas bebibas. Ele beijava o chão que Nekane pisava, mesmo ela não querendo nada com ele. Um momento depois, as garotas começaram a falar com um grupo. Ana se fixou em um jovem, suíço de cabelo claro, olhos azuis e sorriso encantador. Se chamava Orson. Estava na Espanha por lazer e aquela era sua última noite no país. Esteve conversando animadamente com ele até que Nekane lhe deu uma cotovelada para atrair sua atenção.

— Meu Deusssssssss! Esse que está falando com a tonta da Iris é de verdade ou eu estou sonhando?

Dando a volta, Ana focou em uns caras enormes que falavam com Iris no outro lado da sala.

— Quais dos armários?

— O sábiá moreno de calça preta, camisa pólo clara e bumbum empinado.

Ana o observou.

— Olha..., que bunda mais sexy ele tem — sussurrou. Mas ao ver seu acompanhante, acrescentou-: Mas a quem parece o que está ao lado dele, de jeans escuro e camisa cáqui?

Durante uns instantes, ambas o olharam, até que recordaram quem era.

— Rodrigo! O bombeiro.

— Sim..., é ele. Minha nossa, como ele está gato! — exclamou Ana, que ao vê-lo de novo sentiu que o estômago se contraia.

— Que pedaço de homem — silvouNekane. — Mas, eu gosto mais do outro. É tão sexy! Ei..., e se vamos atrapalhar o clima com a diva fazendo que ela nos apresente a eles?

Animada pelo momento e pela presença daquele homem que a atraía, Ana disse a Orson que voltava logo. O suíço assentiu e continuou falando com o resto do grupo enquanto as duas garotas se aproximavam de onde estavam os outros.

— Iris — disse Nekane com jeito divertido-, nos apresenta?

Ao escutar seu nome, a jovem se voltou, as olhou e com um sorriso falso, acedeu:

— Estas são Nekane e Ana. Estes são Calvin e Rodrigo.

Sem demora, as jovens se puseram nas pontas dos pés, decididas a beijá-los na bochecha. Eles trocaram olhares, divertidos. Uma vez que se cumprimentaram, Ana se apoiou no braço de Rodrigo para não cair e comentou com um fingido deslumbre:

— Mas você já conhecemos.

O homem cravou seus espetaculares olhos azuis nela ao mesmo tempo que duas maravilhosas covinhas marcavam nas bochechas.

— Sim? De onde?

Ana engoliu saliva enquanto aquele impressionante deus grego a olhava e instintivamente umedeceu os lábios. Rodrigo era um homem sexy, e isso lhe gostava e muito. Mas por alguma razão inexplicável a presença daquele homem demolidor fazia com que se sentisse embaraçada e excessivamente nervosa. O que acontecia com ela? Finalmente, como pôde, tirou rindo a franja escura de seu rostoe respondeu:

— No outro dia estivemos contigo quando salvou a nossa vizinha, a que teve a cozinha incendiada.

— Oh sim! Encarna estará eternamente grata — reforçou Nekane.

— A galega das rosquinhas? — perguntou Rodrigo com tom brincalhão.

— Sim — assentiram as duas ao mesmo tempo.

— Então, vocês devem ser... as duas solteiras e sem namorado mas com negócio próprio, estou enganado?

Diante aquele comentário e vendo a graça no olhar de Rodrigo, Ana olhou para trás e pensou: “Sexy, mas imbecil”.

— Temos um estúdio de fotografia — esclareceu Nekane ao ver o gesto de sua amiga.

O jovem moreno de bumbum empinado que acompanhava Rodrigo ficou por um momento contemplando a garota com o grande coque dos anos sessenta, macacão rosa e cinto grande.

— Posso perguntar do quê você está disfarçada? — lhe disse.

Nekane cravou seus olhos escuros nele e silvou:

— Posso te perguntar em que mundo você vive, caipira?

Boquiaberto, Calvin replicou:

— Olha, desculpa. Não queria te ofender, mas é que aqui poucas garotas se vestiem como você e...

— Olha, bonitão, primeiro, não estou disfarçada; segundo, o que você vê é minha maneira de me vestir, e terceiro, não tem nenhuma puta ideia de moda ou saberia que meu estilo retrô e irreverente se deve aos movimentos dos anos cinquenta e sessenta.

— Agora eu entendi — contestou ele com um sorriso espetacular. — Você se veste como essa cantora britânica que morreu. Sim, homem, essa que...

— Amy Winehouse — silvou Nekane.

— Exato! — exclamou rindo. E aproximando-se dela, lhe disse-: Vamos, façamos as pazes. Assumo que sou um caipira e você me deixa eu te convidar para tomar algo.

A navarra sorriu e se encolheu de ombros.

— Ok..., mas para que conste que não discuto contigo porque estou com sede.

Rodrigo, ao ver que aqueles dois se distanciavam, olhou aquela jovem morena que permanecia ao seu lado calada e lhe perguntou aproximando-se mais a ela:

— Ana, você é fotógrafa?

— Sim.

Concentrando-se naquela moreninha de cabelo liso, apoiou um ombro na parede e voltou a perguntar com voz melosa:

— E que tipo de trabalhos você realiza?

— De tudo um pouco. — E ao comprovar que ele a olhava diretamente nos olhos esperando algo mais, continuou sem gaguejar-: Com esta crise não se pode ser muito seletivo, mas não nos queixamos. Temos boas empresas na nossa agenda e a maioria dos trabalhos que realizamos são para revistas de moda ou catálogos.

— Que interessante! — assentiu Rodrigo, e Ana sorriu. — Como se chama teu estúdio?

— Objetivo 2.

Durante um bom tempo os dois falaram sobre fotografia. Rodrigo era atraído por esse campo, e Ana lhe explicou várias técnicas para poder tirar boas fotos, apesar dos nervos lhe retorcerem o estômago. Meia hora depois, quando Iris foi consciente de que esses dois ainda seguiam falando e de que seu objetivo cada vez se aproximava mais de Ana, decidiu acabar com

aquilo, e aproximando-se com passo seguro se colocou entre eles e, com uma voz sedutora, se dirigiu ao bombeiro:

— Já te disse que sou modelo?

"O que ela era é uma vadia", pensou Ana, zangada quando viu que Rodrigo deixava de olhar para ela e respondia com tom insinuante:

— Sim, preciosa, eu sei.

— Trabalho para a agência WomanPerfect, e justamente naquele dia estávamos em uma sessão fotográfica de lingerie feminina quando ocorreu aquele horrível incêndio. — Pôs um biquinho. — Por isso estava vestida só com aquele casaco..., sem nada por baixo.

Rodrigo sorriu como um lobo faminto. Cinco minutos depois, Ana se sentiu fora de lugar. Homens! Rodrigo já não voltou a olhá-la nenhuma outra vez. Voltou a se tornar invisível para ele. Unicamente tinha olhos e palavras para a modelo, e decidiu voltar a se juntar com o suíço, que sorriu encantado ao vê-la de novo.

Uma hora mais tarde, enquanto tomava um drinque, observou com dissimulo a Nekane, que falava com o jovem bombeiro de bumbum empinado, e sorriu. Sua amiga tinha conquistado um bom pedaço de homem. Depois olhou com desdém para Iris. Vadia! Com suas poses e suas insinuações tinha pegado absolutamente toda a atenção do único homem que a tinha atraído no bar. Mas como era um mulher prática, decidiu não dar a mínima para aquilo e concentrou-se no suíço. Ele era muito agradável e simpático.

Às cinco da manhã, os grupos começaram a se dispersar, e quando Nekane lhe fez um sinal de que ia embora com o bombeiro, Ana assentiu. Ambas eram mulheres liberais e decidiam quando e com quem queriam estar. Depois deles viu irem embora Iris e Rodrigo, e vinte minutos depois, o suíço de olhos azuis maravilhosos lhe sugeriu que fossem ao seu hotel. Ana aceitou. Ia se presentear com uma excitante noite. E assim foi. Orson resultou ser um magnífico amante, e eles dois passaram maravilhosamente bem o tempo juntos.

Às nove da manhã, Ana chegou a sua casa. Estava cansada e feliz. Depois de deixar a bolsa sobre o sofá, tirou os saltos e os lançou pelo hall. Descalça, se dirigiu à cozinha, separada da sala por uma bancada, e se preparou um café com leite. Uma vez que o esquentou no micro-ondas, se sentou no apoio do cômodo sofá, disposta a tomar seu café com uma Madalena e ir

para a cama depois. Estava esgotada. Mas logo a porta do banheiro se abriu e a Madalena caiu de seus dedos ao ver sair dali Rodrigo, o bombeiro. Nu!

— Mas, o que você está fazendo aqui! — gritou, confusa.

O impressionante homem a olhou surpreso, e a Ana lhe secou a boca. Aquele homem exalava poder, sensualidade e desejo por todos os poros de sua pela, e seguia sem esconder nenhum centímetro de seu corpo.

— Eu ia te perguntar o mesmo — respondeu ele, franzindo o cenho.

Ana, com as penas como goma, se abaixou do apoio do sofá e deixou a caneca na mesinha antes que essa escorregasse de suas mãos. O que fazia aquele pedaço de homem nu na sua sala? Como pôde, agarrou uma almofada do sofá e, jogou a ele para que tapasse suas intimidades, e gritou com cara de poucos amigos:

— Essa é minha casa, esse é meu banheiro e o que você está tapando o seu aparelhinho, é minha almofada!

— Toma. Eu não tinha te pedido — disse ele, entregando-lhe a almofada.

Boquiaberta pelo descaro de Rodrigo, a jovem fechou os olhos dramaticamente.

— Por Deusss, você quer fazer o favor de se tapar! — insistiu.

Ainda que a situação lhe paraceu divertida, acatou seu pedido e, suspirando, lhe disse:

— Já me tapei. Pode olhar.

Ana abriu primeiro um olho e logo o outro. Ele tinha se tapado. E depois de conferir de novo aquela imponente figura, lhe perguntou:

— A Iris que trouxe, não foi? — Ele assentiu, e ela gritou-: Iris! Saia agora mesmo do quarto, ou vou te tirar eu, e juro que você se lamentará por isso.

Dois segundos depois, a modelo apareceu com cara de sono e só vestida com uma camisa aberta.

— Como passou pela sua cabeça em trazer uma cara para casa? — vociferou Ana fora de si. — Mas, você é tonta ou o quê? Você o conhece bem para metê-lo dentro da minha casa?

Rodrigo quis lhe dizer que ele não era qualquer um, mas não pôde; primeiro, porque Ana estava feita uma fera, e segundo, porque de certo modo tinha razão. Não o conheciam realmente.

— Quer deixar de berrar para que eu possa explicar? — respondeu Iris sem mudar sua cara de assombro.

— O que você tem a me explicar? Que dormiu com ele na minha casa? Olha, lindinha, eu estou por aqui.

Rodrigo, antes de que uma ou outra voltasse a gritar, disse olhando para Iris:

— Ela tem razão. Se tivesse me dito que esta não era sua casa, não tinha vindo.

— Você cala a boca e se tapa — lhe repreendeu Ana. — Que ninguém chamou você para essa conversa.

— Mas eu... acho que... — insistiu a modelo.

— Você acha por achar tudo...! — gritou Ana sem que pudesse evitar olhar para a tatuagem que o bombeiro tinha no braço e que subia até seu pescoço. “Sexy!”, pensou. Mas fechou os olhos e continuou-: Me escuta. Aqui não entra mais nenhum cara, entendeu? Porque se eu não trago para minha casa os homens com os quais eu durmo por uma noite, por que você vai trazer?

— Ela volta a ter razão — assentiu Rodrigo, surpreso pela sinceridade daquela pequena e zangada morena.

— Ok, eu sinto muito! — soltou Iris, indignada, e desapareceu no quarto deixando os dois sozinhos na sala.

Mal-humorada, Ana se voltou a ele e o olhou com desdém.

— Ela? Essa ela sou eu? — perguntou.

— Sim.

— E se pode saber por que não me chama pelo meu nome?

— Porque não lembro como você se chama. É uma boa resposta para você? — respondeu ele, levantando a voz.

Aquilo doeu em Ana. Horas antes tinham passado um bom tempo falando sobre fotografia. Incluso tinha lhe parecido que ele estava dando em cima dela, quando mexeu no cabelo. E não recordava seu nome? Ofuscada com o ocorrido deu a volta disposta a ir para o seu quarto, mas antes de deixar a sala se voltou e, sinalizando com o dedo, lhe disse:

— Te... quero.. fora... Digo, eu te quero fora da minha casa em cinco minutos. Se saio do meu quarto e você continua aqui plantado, me dá igual

se está nu ou vestido. Eu te colocarei para fora! Ah! E deixa almofada no banheiro para lavar, entendeu?

Depois de dizer isso desapareceu pelo corredor, e o que o bombeiro escutou em seguida foi um incrível bater de porta. Rodrigo, ainda meio tonto, sorriu. Nos seus trinta e quatro anos era a primeira vez que lhe tinha acontecido algo parecido. Mas como não estava disposto a que aquela fera o colocasse para correr da casa nu, entrou no quarto de Iris e, depois de resistir aos biquinhos e insinuações absurdas da modelo, se vestiu e foi embora.

A situação na casa de Ana se acalmou ao passar um par de dias. Nekane esclareceu a Iris que ali não se podia levar nenhum desconhecido para passar a noite. Uma coisa era passassem para pegá-la ou para tomar um café, e outra muito diferente era que um indivíduo que não conheciam de nada acampasse pela casa com total liberdade.

Foi transcorrendo o tempo, e Nekane, animada por sua amiga Ana, começou a ficar com Calvin, o bombeiro de bumbum empinado. Juntos se divertiam muito e, apesar de que suas vidas não tinham muito a ver, se atraíam como imãs.

Um dia, uma grande nevasca surpreendeu a cidade de Madrid, que logicamente se colapsou. Pela tarde, já tendo anoitecido, enquanto Ana e Nekane viam televisão de baixo de suas mantas sonou o interfone da casa. Ana se levantou para atender.

— Quem é?

— Sou Rodrigo. Iris já pode descer?

Ao ouvir aquela voz Ana não pode impedir de pensar no momento que o tinha visto nu, e apoiando-se na parede, acalorada, respondeu: — Um momento.

Quando desligou o interfone, se encaminhou até o banheiro e bateu na porta.

— O bombeiro está lá embaixo te esperando. Apressa.

— O cabo?

— E eu que sei...-protestou Ana, não disposta a seguir o jogo.

Iris abriu a porta, ainda sem estar arrumada e com o cabelo molhado.

— Não me maquiei ainda, Diga que me espera. — soltou, e fechou a porta.

Ana, enquanto caminhava de novo até a porta para passar o recado, olhou pela janela e sentiu frio ao ver como nevava. Como ia deixa-lo na rua enquanto a outra terminava de se arrumar.

— Rodrigo, está aí? — disse uma vez que chegou ao interfone e o tirou do gancho.

Sim.

— Vai ter que esperar um tempo. Ela não está pronta.

Lhe escutou blasfemar, e isso a fez sorrir, mas ficou petrificada quando ele lhe perguntou:

— Poderia subir e esperar aí em cima?

— Não.

— Faz um frio horrível e está nevando.

— Pior para você — respondeu Ana, levantando o queixo.

Boquiaberto, Rodrigo assentiu.

— Obrigada, simpática.

Quando desligou o interfone, regressou à sala.

— Quem era? — perguntou Nekane.

— Rodrigo — murmurou Ana, sentando-se diante da televisão. — Veio pegar a Iris, e como ainda não está pronta, lhe disse que espere lá embaixo.

Nekane olhou para a janela e intuiu o frio que devia fazer embaixo da neve.

— Pobrezinho. Vai pegar uma pneumonia.

— Não é problema meu. Ele que se esquente.

Mas vinte minutos depois a consciência de Ana fez ela se levantar e pegar de novo o interfone.

— Rodrigo, ainda está aí?

Ninguém respondeu. Voltou a perguntar, mas tão pouco houve resposta. Se sentia mal, assim que quando desligou, sem pensar, colocou umas botas e um casaco longo.

— Mas, aonde você vai com esse tempo? — lhe perguntou Nekane.

— Vou busca-lo. Não suporto pensar que está passando frio por minha culpa enquanto a fresca da Iris segue se arrumando sem nenhuma presa.

Uma vez que o elevador chegou ao térreo, Ana notou o frio glacial que fazia e, abrindo a porta principal, comprovou que Rodrigo não estava ali. Onde ele tinha se metido? Olhou para direita e não viu ninguém. Depois olhou para esquerda e um movimento no interior de um carro chamou sua atenção; depois de tirar os flocos de neve do rosto constatou que se tratava dele. Com passo rápido foi até o veículo e bateu na janela. Ele, ao vê-la ali parada, baixou o vidro.

— Você tem vontade de pegar uma pneumonia? — disse o homem.

— Vamos, sobe — lhe respondeu de modo sério.

Imediatamente, Ana deu a volta e começou a deslizar pela calçada. Rodrigo, atônito em um primeiro momento, saiu do carro e ligou o alarme para desligar o carro automaticamente e bloquear as portas. Então. Escutou um golpe. Ao voltar-se se encontrou com a jovem esparramada no chão. Rapidamente chegou até ela.

— Você se machucou?

— Aiii, Deusss...! Minha bunda — se queixou.

— Pancada considerada esta. Você não sabe que quando o chão está congelado não se pode correr?

Ia responder, mas uma pontada no seu santo traseiro a fez calar. Dolorida, não só pela queda, quis se colocar de pé quando sentiu que ele a levantava nos braços do chão.

— O que você está fazendo? Me solta!

Rodrigo nem ligou para ela. Como se fosse uma pluma a levou voando até a porta do hall do prédio, e quando chegou, a olhou e com tom inflexível lhe disse:

— Abre a porta e te colocarei no chão.

Estar tão perto dele, sentir seu aroma, sentir sua força e suas poderosas mãos agarrando-lhe perturbaram todos os seus sentidos. Mas voltando em si tirou as chaves do bolso e com torpeza abriu a fechadura. Uma vez dentro, Rodrigo a soltou. Sem olhá-lo, se dirigiu ao elevador, e ao fecharem as portas, se sentiu pequenininha perto dele. Quando o elevador começou a mover, o homem foi a dizer algo, mas Ana sinalizou com o dedo e, levantando a cabeça, fitou seus olhos nele e murmurou:

— Não pense em dirigir a palavra a mim, entendeu?

— Pois bem, o que você tem? — Ele cada vez estava mais surpreendido

pelo modo que ela falava com ele.

Como não queria seguir contemplando aqueles olhos e em especial as covinhas sexies que a levavam para o caminho da amargura, Ana baixou a vista ao solo.

— Você está surdo, ou quê?

Rodrigo franziu o cenho e decidiu não abrir a boca. Mas o que acontecia com a senhorita mal-humorada? Quando entraram na casa o calorzinho do lar fez que ambos suspirassem prazerosos. Nekane o cumprimentou e dois minutos depois os três estavam sentados na sala vendo um filme. Logo, sonou o canto de um pássaro, e Rodrigo observou que tinha uma bonita gaiola redonda de cor branca sobre a bancada.

— Olha! Não sabia que tinha um pássaro.

— Pois agora já sabe — respondeu Ana sem olhá-lo.

Que estressa era a moreninha! Mas não estava disposto a calar, assim que sorrindo perguntou:

— Como ele se chama?

Nekane foi responder, mas Ana a pegou pelo braço, e dessa vez, olhando-o, respondeu:

— Piu.

— Piu?!

— Sim.

O nome lhe pareceu engraçado, e a cara da jovem ainda mais.

— Seu pássaro se chama Piu?

— Exato — replicou Ana. — Algo a objetar?

Rodrigo levantou as mãos e negou com a cabeça. O que essa garota tinha com ele? Dez minutos depois, sentindo-se incapaz de continuar calado, afirmou:

— Muito bom esse filme, Resident Evil.

Ambas assentiram com um gesto, mas sem acrescentar nada mais.

— A trilha sonora é brilhante, não é? — insistiu.

— Espetacular — conveioNekane.

— Vocês gostam de Metallica?

As duas voltaram a assentir.

— Me alegro saber que vocês curtem boa música — continuou, cada vez mais surpreendido. — Não como a maioria das mulheres, as que gostam dos cantores bonitões e suaves que estão na moda e que fazem arrulhos entoando ridículas canções de amor.

Nekane foi então a dizer algo, mas Ana se adiantou.

— Quando se refere a bonitões e suaves, de quem está falando?

Rodrigo sorriu e passou a mão por seu curtíssimo cabelo escuro.

— Pois a qualquer um desses que cantam baladinhas romanticonas. — Por exemplo? — perguntou Nekane, rindo.

Ao ver como o olhavam especialmente Ana, intuiu que tinha metido o pé na jaca e preferiu se calar. Mas esta contra-atacou com o cenho franzido.

— Ainda que te pareça mentira nosso cérebro é capaz de processar ao mesmo tempo o gosto pela música de Marilyn Manson, Method Man o DepecheMode, e também as baladinhas romanticonas que, por exemplo, cantam Alejandro Sanz e Luis Fonsi, o os boleros de Luis Miguel. Algum problema?

— Você gosta de Luis Miguel? — zombou o bombeiro. Ana soprou ar, mas não respondeu, e Rodrigo, cansado de lidar com ela, acrescentou-: Não sei porque você fica assim. Mas é melhor nós deixarmos para lá.

— Sim, cala-te — grunhiu Ana, metendo um punhado de pipoca na boca.

Nekane olhou para sua amiga. O que acontecia com ela? Nesse instante, toca o telefone, e Ana esticou a mão para pegá-lo.

— Sim?

— Hola, Pato! Como está minha irmã preferida?

Ao ouvir a voz de sua irmã, Ana mudou o humor e sorriu, e esquecendo-se de tudo, se levantou e foi para o seu quarto para falar. Rodrigo a seguiu com o olhar até que desapareceu pelo corredor e, voltando-se a Nekane, sussurrou:

— Nunca imaginei que em um corpo tão pequeno coubesse tanto mal-humor.

A navarra sorriu, mas como não queria polemizar seguiu vendo o filme.

— Por que ela não vai com minha cara? — perguntou então o homem.

Nekane meteu um punhado de pipoca na boca e o olhou.

— Se não gosta de Luis Miguel, ela não gosta de você — assegurou

embaraçando-o.

Já no interior do quarto, Ana tocou o traseiro pelo golpe que tinha levado e se sentou com cuidado na cama.

— Como está? — perguntou a sua irmã com um sorriso.

— Bem..., estupensa. E você? Vai vim para o Natal?

— Sim, chatinha — respondeu Ana, fechando os olhos-, eu já te disse no outro dia que disse ao papai que tenho a passagem comprada para chegar aí no dia 24 e que eu ficarei até o dia 2.

— Com você está tudo bem? Algo importante para contar?

— Não.

— Tem certeza, Pato?

Surpreendida por aquela pergunta, respondeu:

— Ok, já entendi tudo. Você sim tem algo para me contar, não é?

— Sim! — gritou do outro lado do telefone. — Tenho muita vontade de te ver para te explicar milhões e trilhões de coisas. Bem, cortei o cabelo como Scarlett Johansson no anúncio do The One da Dolce&Gabbana, e estou divina. Ah! E outra coisa, quando vier te levarei a um novo SPA que uma amiga minha abriu. É uma maravilha.

-— Está tudo bem por aí? Mamãe e papai, bem?

— Sim, tudo bem na medida do possível — respondeu Nana. — Mamãe, tormentosa como sempre, mas por mais tudo bem.

— Vamos, solta. O que está acontecendo?

— Está preparada?

— Ai, mãe do céu! Não sei — brincou Ana. — Anda, diz logo isso que está dejesando me contar.

— Vou me casar!

— Vai se casar?

— Sim.

— Outra vez?

— Sim — voltou a assentir, emocionada, sua irmã.

— Mas com quem? — perguntou, atônita.

— Com um homem.

— Merda, Nana! Isso eu imaginei. Com um molusco é que não era. — zombou.

— Se chama Tom Billman. É um jogador de polo que conheci e... Oh Deus! Estou louca por ele!

Ana suspirou. Nos sete anos que tinham se passado sua irmã tinha se separado de Christopher, tinha tido um romance escandaloso com um jogador de futebol e vários namorados de índoles diferentes. Tudo aquilo deixavam sua mãe desolada.

— Pensa comigo, Nana, por que você vai casar outra vez?

— Porque eu gosto muito de Tom e porque vi um vestido precioso da Rosa Clará com o qual ficarei maravilhosa. — E sem dar tempo de Ana dizer nada, soltou com um gemido-: Mas temo dizê-lo para mamãe. Aposto que ela apronta uma das suas.

— Nana..., me escuta! O primeiro de tudo não chora...

— Não posso remediar isso, Pato — disse soluçando. — Preciso que venha para o Natal para me ajudar a contar para os nossos pais. Se você estiver do meu lado, sei que poderei fazê-lo e...

— Calma, carinho. Estarei aí para te apoiar. Mas acho que deveria pensar bem nessa decisão de se casar.

— Está mais do que pensado. Quero me casar com ele e ponto.

Ana suspirou. Sua irmã e seus caprichos nunca mudariam.

— Ok, ok...

Durante mais de uma hora estiveram falando daquela nova loucura, até que por fim Ana desligou e retornou à sala. Ao abrir a porta só estava Nekane diante da televisão. Onde estava Rodrigo? Quando se sentou junto a sua amiga, meteu a mão em um punhado de pipoca, e a outra, sem que ela perguntasse, lhe disse:

— Relaxa..., eles já foram.

Ana assentiu e pegou meteu um novo punhado de pipoca na boca, mas um estranho amargor invadiu suas entranhas ao pensar que Rodrigo tinha ido embora. O que estava acontecendo com ela?

E tudo foi de mal a pior. A partir desse dia cada vez que Rodrigo aparecia por lá para buscar Iris algo lhe acontecia. Sua presença a afetava tanto que ficava nervosa como uma colegial, topava nas coisas e tinha as pernas cheias de hematomas. Com dissimulo, o observava. Aquele bombeiro que

apenas ao olhá-la conseguia que suas entranhas se encolhessem e o coração palpitasse descontroladamente. Por que tinha que ser tão sexy? Até que um dia, depois de quase arrancar um dedo com a faca ao ouvir sua voz enquanto cortava presuto, foi ao banheiro, se olhou no espelho e sussurrou, convencida:

— Muito bem. Me rendo. Eu gosto do Rodrigo.

Alguns dias depois, Ana e Nekane estavam imersas em uma sessão de fotos junto a um diretor de criação ao que chamavam Popov; riam enquanto trabalhavam. A empresa de sorvetes Caracola tinga lhes encomendado umas fotografias para seu novo catálogo. Sorvetes de baunilha, pistache, torrões, morango ou chocolate deviam transmitir a essência na imagem e deixar o comprador na tentação.

Com cuidado, as jovens preparavam o purê de batata, que logo exibiriam cores diferentes até conseguir uma textura similar a do sorvete. Depois, faziam generosas bolas e com mimo as colocavam sobre bonitas taças de cristal adornadas com flores frescas.

— Eu adoro essa canção da Amy — disse Nekane, colocando-se a dançar ao ritmo de Rehab.

— É muito boa — assentiu Popov. — À minha garota, Esmeralda, lhe encanta.

— Minha preferida de Amy é Meand Mr. Jones — interveio Ana. — Eu gosto muito dessa petulância que ela tem ao cantá-la. Especialmente, essa parte que diz: “Você é um merda”. É muito muito boa!

— Nossa, PlumCake! — caçoou Popov. — Que romântica!

Todos riram.

— É uma canção de despeito total — apontou Nekane. — Cantar essa música para um cara é o mesmo que lhe dizer poucas e boas e jogar na cara que ele nasceu ontem. Ainda que seja uma excelente canção.

Durante um bom tempo estiveram escutando o CD de Amy Winehouse, até que acabou e Popov rapidamente o trocou. Agora ele que queria desfrutar da música.

— Aff! Estou com uma fome atroz — se queixou Ana enquanto passava o dedo pela tigela para comer o que tinha ficado do purê.

— Ultimamente, você está como uma leoa — disse Nekane, sorrindo. — Comendo tudo.

Para Ana o comentário pareceu divertido, mas se distraiu-se ao ver o que fazia o seu amigo.

— Popov, não coloque tanto verde, que ao invés de pistache vai parecer sorvete de musgo.

O jovem gargalhou e respondeu:

— Cala, PlumCake, que este verde dá uma tonalidade muito baixa e tem que colocar o certo para conseguir a cor desejada. Você vai ver que ficará bom. — Mas ao tocar uma nova música deixou de fazer o que estava fazendo e perguntou, olhando para Ana-: Dança comigo, PlumCake?

A jovem assentiu.

— Boooommm, já que começamos com as cafonices — se queixou alegremente Nekane enquanto olhava o teto.

Instantes depois começaram a cantar enquanto dançavam.

Se esquece que me quer apesar do que diz

Pois levamos na alma cicatrizes, impossíveis de apagar

Se esquece que até posso fazer-lhe mal se eu decidir

Pois eu tenho compromisso com seu amor

Mas a força não será

— Vamos correr! Acabo de ver que temos que preparar pistache com pedaços de chocolate — disse Nekane, parando a música. — Vou tirando as lascas de chocolate e assim que me passar o purê verde eu o misturo com o chocolate, o que acha?

— Naturalmente, fodida navarra, como você é estraga-prazeres. Não viu que estávamos nos divertindo com Luismi (Luis Miguel)? — se queixou Popov, sorrindo.

— Não, que hoje não tenho estômago para romantismos.

— Isso é porque você ainda não se apaixonou ou nunca se deparou um cara romântico — apontou Popov. — Se essa batata frita que tem no lugar do coração alguma vez tivesse sentido algo, te asseguro que quando escutasse uma música de Luis Miguel ficaria molinha.

— Por favor! — exclamou Nekane entre risos. Mas se aproximando a Popov, adicionou-: Confesso que uma música ou outra dele eu gosto. Mas isso nunca vou admitir fora dessas paredes, ou meus amigos me chamarem de friki.

Ana riu com vontade.

— O que vocês acham de continuarmos com isso e depois seguimos com essa festinha melosa? — prosseguiu Nekane. — Tenho um encontro e tenho que tomar um banho e ficar linda, e essa preparação leva um tempo.

— Com essa sua beleza natural... — brincou Popov.

— Melhoro com chapinha e maquiagem— bufou Nekane.

— E se pode saber com quem será esse super-encontro? — perguntou Popov, colocando pó amarelado ao purê.

— Com um bombeiro — respondeu Ana rindo.

— Traidora!

— Mas, o que foi mesmo que me disse?

— O que ouviu, bonito. Ou você acha que é o único que se relaciona com pessoas bonitas por aqui? Pois sua Esmeralda é muito linda, tão moreninha, mas o meu Calvin... é uma coisa divina.

— Palmas para a navarra... que não é boba nem nada! — exclamou Popov com um sorriso. — Vamos, ponha música romanticona, senão, me bloqueio e não posso trabalhar.

— Mas não comecem a dançar — lhe advertiu Nekane-, entendido?

— Tudo bem. Eu prometo — disse gargalhando Popov.

Nekane deu play, e a música de Luis Miguel continuou.

— Vamos, vamos, sigamos com os sorvetes que quanto antes terminarmos antes Nekane irá se arrumar e nós poderemos dançar isso que tanto gostamos e que diz " se não existisseeeee eu te inventariaaaaaa" — animou Ana.

Entre risos continuaram as misturas até conseguir o que buscavam. Uma vez que o conseguiram, depois de decorar as taças, as levaram para a zona do estúdio, onde Ana ligou as luzes e começou a realizar o seu trabalho. Fez centenas de fotos que logo veriam no computador para comprovar os resultados. Cada um opinava segundo o que observava e voltavam a fazer as fotos de diferentes ângulos. Um par de horas depois, se escutou pelos altofalantes uma música e os três, esquecendo de tudo, se puseram a cantar no estúdio, sob as luzes, a pleno pulmão.

Confidente de meus sonhos

De meus passos cada dia

Seu olhar meu caminho, e sua vida já minha vida

Ou você, ou nenhuma, não tenho saída

Pois detrás de ti meu amor, tão somente algo mais

Se não existirias, eu te inventaria

Pois sem dúvida alguma

Ou você... Ou você, ou nenhuma

Tão distraídos estavam cantando que não se deram conta de que no estúdio entravam três pessoas. Iris, um pouco envergonhada, contemplou o espetáculo enquanto Calvin e Rodrigo nem piscavam, deslumbrados. Não se moveram. Ficaram onde estavam até que terminou a música e aplaudiram.

Ao ouvir os aplausos, os três se voltaram e ficaram de queixo caído. Ana, vermelha como um tomate, viu que Rodrigo a olhava e sorria. Maldito! E Nekane, que não sabia onde meter a cara, ficou petrificada quando Calvin se aproximou a ela e, dando-lhe um beijo nos lábios, lhe perguntou:

— Sabia que eu adoro Luis Miguel?

— Não — respondeu a navarra, acalorada.

— Ele é um amigo meu — afirmou ele.

— Que ilusão! — soltou, horrorizada.

— A minha garota também adora ele — teceu o diretor criativo. E estendendo a mão, se apresentou-: Sou Popov. E você?

— Calvin Rivero, e antes que me pergunte, sim, nasci na Espanha. Meu pai é mexicano e minha, mãe espanhola.

— Encantado, Calvin — disse o jovem sorrindo. — E já que estamos sendo sinceros, meu nome completo é Pepe Gómez Popov. Minha mãe é russa e meu pai, espanhol.

— Você se chama Pepe?

— Sim, meu pai ganhou a aposta. Se fosse menino, ele escolhia, e se fosse menina, escolhia ela. Mas todo mundo no meu trabalho me chama de Popov. É mais comercial e identificável.

Todos riram.

— Por certo, e visto que é um dos meus — adicionou Popov-, no dia onze de maio do ano que vem o Luismi vai cantar em Madrid. Minha garota, Ana e eu vamos vê-lo, se interessam?

— Que frikis vocês são! — zombou Iris, ganhando um olhar glacial de Ana.

— Falou o Oráculo da sabedoria musical! — respondeu Nekane.

A modelo foi responder, mas Calvin, adiantando-se, olhou para sua garota e fez saber:

— Eu topo! E claro que minha princesa também.

Nekane quis morrer. O que faria em um concerto de Luismi? Logo, todos os olhares se centraram em Rodrigo, que os observava calado.

— Comigo não contem — esclareceu, levantando a mão. — Sou de outro tipo de múscia. — E cravando o olhar em Ana, assegurou-: Luis Miguel, diga o que disserem, não é minha praia.

Ana bateu o joelho na mesinha enquanto mordia a língua para não insultá-lo. Nesse momentos, tocou o telefone de Popov, mas antes de atende-lo estendeu a mão para Rodrigo.

— Sou Popov, e ainda que não ache você não imagina o que você está perdendo por não escutar esse tipo de música. As meninas ficam loucas.

— Sou Rodrigo — respondeu o outro rindo e apertando a mão.

Depois, o criativo saiu do ambiente para falar ao telefone. Ana, que ainda se sentia envergonhada porque os tinham surpreendido, foi a dizer algo quando Iris se adiantou:

— Vou me trocar. Rodrigo, você vem?

Ana olhou para eles.

— Eu acho melhor esperar aqui — disse ele.

Iris lançou um olhar assassino para Ana e desapareceu do local. Nekane, encantada, estava mostrando o estúdio ao Calvin quando começou a tocar pelos alto-falantes a rancheira *La Bikina,* interpretada por Luis Miguel, e o rapaz começou a cantá-la. Nekane o olhou com os olhos como pratos e ao final sorriu. Rodrigo, por sua vez, pôs os olhos em branco. Calvin e sua musiquinhas... Mas ao voltar o olhar para Ana, viu que a jovem se dava a volta e não dizia nada, assim que se aproximou a ela e, agachando-se, a saudou ao ouvido:

— Oi, Ana.

Dessa vez não tinha escapatória. Quando ouviu que mencionava seu nome, quis manda-lo passear, mas contendo seus impulsos curvou os lábios

e respondeu:

— Oi, Rodrigo.

Durante uns segundos, nenhum dos dois disse nada nem se moveu, até que ele rompeu o silêncio.

— Você tem um bonito estúdio.

— Obrigada — respondeu secamente, tentando se concentrar nas fotografias que via no computador enquanto escutava Calvin cantar.

Com curiosidade, Rodrigo se aproximou até a mesa onde estavam as taças.

— Sorvete? — perguntou.

— Sim.

Ao ver que ela continuava olhando o computador, insistiu:

— E com a luz dos refletores não derrete?

— É purê de batata — confessou Ana.

Atônito, Rodrigo o examinou de perto e com um sorriso encantador duvidou:

— Sério?

— Sim. Quando fazemos artigos de sorvete utilizamos purê de batata e o colorimos com pós até conseguir o tom do sabor. Com os refletores é impossível utilizar sorvete de verdade.

— Nossa! Que curioso. Nunca teria imaginado.

— Disso se trata, de que seus olhos não se deem conta e que queira comer esse sorvete, ainda que feito de purê e colorante.

Ao ver que por fim Ana sorria, Rodrigo se aproximou a ela e, agachando-se de novo para estar mais perto, lhe disse ao ouvido:

— Sinto muito pelo que ocorreu naquele dia. Quis falar com você mil vezes, ainda que nunca tinha encontrado o momento. Se tivesse sabido que não era o apartamento da Iris nunca teria ido. De verdade, te peço mil desculpas.

Finalmente, Ana desistiu. Por que seguir aborrecida? Levantou o olhar. Ante dela tinha o homem mais sexy que tinha visto em sua vida vestido com uns jeans e uma jaqueta militar que se ajustava aos seus ombros largos. Engoliu com dificuldade e, movendo-se com cuidado para não tirar nada, tirou os óculos, os deixou junto ao computador e se levantou do

banquinho. Enquanto observava como a tatuagem que ela lembrava sobressaía pelo pescoço da jaqueta caqui, murmurou:

— Tudo bem..., eu também te peço desculpas.

— Você lavou a almofada? — perguntou com graça.

— Claro que sim. — E sentindo-se como uma tonta debutante, adicionou-: Me comportei como uma troglodita. Estava cansada e não esperava ver saindo do meu banheiro um homem nu. Você me entende!

— Eu entendo..., entendo. — Arqueando as sobrancelhas, lhe estendeu uma mão e perguntou-: Amigos?

— Amigos — assentiu ela sem poder tirar a vista daquelas covinhas.

— Ainda que eu não goste de quem está cantando?

Ana riu ao escutar Luis Miguel e com um sorriso encantador repensou, dando uma joelhada contra a mesa:

— De acordo, mesmo tendo que apontar que isso te fazer perder muito.

Rodrigo sorriu e ela ao sentir sua enorme mão notou que suas pernas cambalevam enquanto ele dizia com a voz melosa e cativante:

— Me promete que a partir de agora falará comigo com normalidade e não fugirá cada vez que me veja?

— Eu te prometo.

Sorriu agarrada na cadeira com a mão que estava livre. Se se soltasse seguramente cairia. O coração batia a mil por hora. Aquele homem fazia dela uma cardíaca e, como sempre, um calor súbito a invadiu. Seu corpo racionava diante dele de uma maneira estranha e não era capaz de controla-lo. Era vê-lo e, se não se segurava, era capaz de se desmoronar. Durante uns segundos, ambos, ainda segurando a mão um do outro, se olharam, até que entrou Popov, que ao ver Calvin cantando *La Bikina* se uniu a ele.

— Sempre trabalha assim?

Ana soltou sua mão e, tentando formular uma frase inteira, respondeu:

— Depende. Popov é um criativo muito divertido. E se for acompanhado pela música de Luismi... Nem te conto!

Ambos sorriram, e Ana se sentou no banquinho. De novo aquele forte e corpulento homem lhe prestava toda a sua atenção, e isso lhe revolveu o estômago. Tê-lo tão perto e sentir o seu perfume a estavam deixando louca.

Mas louca de desejo. Durante um tempo ela lhe mostrou no computador as fotografias que tinha feito durante aquela sessão, e ele ficou boquiaberto ao vê-las. Realmente pareciam sorvetes recém-saídos do congelador.

Quando a música acabou, Calvin, Nekane e Popov se aproximaram deles.

— PlumCake, me vou. Esmeralda está indisposta e quer que eu chegue logo em casa.

Ana se levantou e deu um beijo em seu amigo.

— Tudo bem..., muito bonito, e agora fico eu sozinha com todo o trabalho de guardar tudo, nã é? — Ao ver a cara de Popov, Ana acrescentou, risonha-: Anda, por favor..., vai e dê mil beijos em Esmeralda por mim.

— Na segunda às nove revisamos as fotos, já que temos que entrega-las na terça, o que te parece?

Quando Popov desapareceu, Rodrigo olhou para Ana e lhe perguntou:

— Ele te chamou de PlumCake?

— Sim — respondeu Nekane por sua amiga.

— Por que?

Nekane foi responder, mas Ana a cortou.

— Porque um dia eu comi muitos *plumcake* de chocolate.

Nesse momento, apareceu Iris. Como sempre, estava impecável. Espetacular. Lindíssima com aquele vestido de paetês prateados e os saltos de matar. Aproximando-se com sensualidade deles, agarrou o braço de Rodrigo de maneira possessiva e fez um biquinho com intenção de ficar mais sexy.

— Já estou pronta. Vamos?

— Claro, preciosa — conveio ele com admiração.

Ana quis apagar aqueles sorrisos absurdos das suas bocas.

— Estou bonita, cabo? — perguntou então Iris.

Rodrigo, sem olhar para ninguém mais, a fez dar uma volta ao redor de si mesma e uma vez que a completou deu um rápido beijo no lábios dela.

— Impressionante — sentenciou.

— Eu sei — aplaudiu Iris, deixando-as sem palavras.

Ana e Nekane se olharam, e a navarra meteu dois dedos na boca. Isso as fez rir. Mas dois minutos depois o semblante de Ana mudou quando

Rodrigo a olhou e, de jeito cativante, lhe piscou um olho. Como era de esperar as penas travaram e graças aos rápidos reflexos dele, que a segurou, não se esparramou no chão. Acalorada, olhou ao homem que a segurava pela cintura e depois balbuciar um “obrigada” se apoiou na cadeira e lhe ofereceu um sorriso. Nekane, que a conhecia bem, ao ver aquele episódio ofegou. O que a sua amiga estava lhe escondendo? E ia falar quando Rodrigo disse:

— Calvin, fiquei de me encontrar com Fran, que está vindo de Murcia. Nos acompanham?

— Não me diga! — soltou Calvin, rindo. — Isso eu não perco por nada.

— Eu não vou — respondeu rapidamente Nekane; nem louca sairia com Iris. E ao ver que Ana a olhava, sem prestar atenção a ela, acrescentou-: Calvin, sério, me perdoa, mas tenho uma dor de cabeça horrorosa. Ia te ligar para te dizer que não podia ficar com você, mas apareceu aqui e...

— Pois isso não parecia faz um tempo quando berrava como uma louca — Iris fez constar.

Nekane preferiu não responder e só pestanejou.

— Você está se sentindo mal, princesa? — perguntou Calvin, preocupado.

A jovem morena pôs olhos de cachorrinho triste e assentiu. Ana tapou a boca com a mão para não rir.

— Escuta, Calvin. Ponto um. Já te disse mil vezes que não me chamasse de princesa.

— Eu sei, princesa — admitiu ele.

Nekane suspirou e prosseguiu:

— Ponto dois. Sai com os teus amigos. Amanhã nos falamos, e se estiver melhor, nos encontramos, o que você acha?

— Tem certeza?

— Sim, absoluta. Além do mais, quero ajudar Ana a guardar tudo isso.

Des minutos depois, aquele três tinham desaparecido, e enquanto arrumavam o estúdio, Ana, ainda deslumbrada, perguntou a Nekane:

— Mas, você não tinha um encontro com Calvin esta noite?

— Sim, mas como vi que ia que ter que engolir a presença da idiota da Iris, passei! Prefiro ficar aqui com você e ver um filme.

— Que plano!

— Além do mais, temos que conversar seriamente.

— Temos que conversar? — perguntou Ana. — O que aconteceu?

— Percebi algo que não me contou.

— O quê?

— Você não tem nada para confessar?

— Não, *princesa*.

— Não me faça rir... — caçoou Nekane. E ao ver sua amiga rir, insistiu-: Vejamos, por que disse essa besteira de que Popov te chama de PlumCake porque você adora comê-los?

— Porque foi a primeira coisa que veio na minha mente.

— Não quer que te relacionem com o teu pai, não é?

Depois de suspirar, Ana a olhou e disse:

— Você sabe que sim. Por que a pergunta?

— Porque eu adoro ser chata mesmo — ironizou.

— Você sabe que eu quero ser simplesmente Ana — acrescentou sorrindo. — Não quero que saibam quem é meu pai ou começarão a me tratar de maneira diferente. E não. Necessito que as pessoas sejam normais comigo. Portanto, segue com a boquinha fechada, ok?

— Tudo bemmmm. Ponto um solucionado. Agora vamos para o dois.

— Dois?

— Repito: algo para confessar?

— Não.

— Tudo bem, pois então mudarei minhas armas. Levo dias comprovando como você se comporta cada vez que esse cabo chamado Rodrigo aparece por aqui e não entendia. Mas hoje o teu rosto junto com a descontrolada falta de jeito te entregaram. O Rodrigo te atrai.

Ao escutar aquilo Ana deixou cair uma das taças com o purê no chão. Podia se notar tanto?

— Mas, que besteira é essa que você está dizendo?

Nekane se aproximou de sua amiga e colocou a mão em seu ombro.

— Olha..., eu te conheço, como diria minha mãe, como se eu tivesse te

parido! Levo dias observando sua reação cada vez que esse pedaço de mal caminho aparece aqui em casa. Quando não sai apitando ou se esbarra em algum móvel, deixa cair o que leva nas mãos, e como prova... — Mostrou a taça no chão. — Ou, se não, acontece como no outro dia que quase arrancava um dedo cortando o presunto ao ouvir sua voz. O que está acontecendo com você?

Deprimida, Ana se sentou no chão, e Nekane fez o mesmo. Para quê seguir mentindo? E finalmente, com sinceridade, lhe confessou:

— Eu juro que é só vê-lo que me transformo numa idiota desajeita. Mas, por que ele me afeta assim? Até o meu estômago chega a se contorcer.

— Eu sabia. Você não consegue me enganar.

— As minhas mãos suam. A minha voz treme. O coração palpita — prosseguiu Ana. — Já sonhei mais de uma vez tendo sexo com ele. — Nekane caiu na risada. — E eu não entendo, de verdade. Estou acostumada as trabalhar com modelos lindos, com corpos perfeitos, caras que parariam o trânsito, mas..., mas Rodrigo, com essas covinhas na cara e esses olhos azuis que me deixam louca, e a sua força viril, é..., é diferente..., e... eu..., eu...

— Reconhece que esse tipo de homem um pouco bruto te atrai e muito. Você não gosta dos lindinhos das fotos, e nós sabemos disso.

— Eu reconheço... Me excita.

— Certamente, o cabo, teria alguma tatuagem?

— Sim..., uma muito sexy — assentiu ao lembrar da que tinha visto. — E se Iris não tivesse se intrometido na noite que o encontramos no Garamond, juro que já tinha o tocado e lambido.

— Isso é fácil. Se levanta!

— Sim, claro..., como é fácil. Se algo se mostra evidente é que contra essas pernas quilométricas e esse corpo que ela tanto investe, não tenho chances de competir.

— Se você não tentar, nunca saberá.

Ana deixou escapar um suspiro.

— A verdade é que pensar nele me coloca a mil. Eu adoraria atirá-lo na minha cama, morder esses lábios, tirar a roupa dele e...

— Uauuuuu! Está sem freio, garotaaaaa!

— Sim. Pela primeira vez em muitos anos, me sinto como um cara. —

Ambas riram. — Eu o desejo, e estou ansiosa por tê-lo em minha cama.

— Pois te lança porque, para a caprichosa da Iris, Rodrigo é um a mais. Ela não poderia ter se interessado por qualquer bombeiro, não, não. Ela se interessou no cabo de dotação, no chefe. Vê como a vadia não é classista! Mas também te digo uma coisa: na hora que encontrar outro que diga mais vezes como ela é maravilhosa e linda, ela passa para o próximo. Você sabe como ela é.

Ana assentiu. Nekane tinha razão. Nesse tempo que Iris estava em Madrid já teve vários rolos e nenhum tinha ficado muito tempo.

— Vamos, se arrisca. Ou pensa em ficar só na vontade de saber o que é ter um tórrido encontro sexual com aquele homem maravilhoso? Pensa nesse músculos apertando o teu corpo enquanto te olha nos olhos e te leva direto para a cama. Vamos, não negue, que isso te põe a mil.

Depois de soltar uma gargalhada, Ana assentiu e, olhando para sua amiga, disse:

— Não nego, Mas negarei sim que tive essa conversa com você se qualquer um perguntar. O que eu quero dizer é que...

— O que você quer dizer é que é um segredo — cortouNekane, e levantando-se do chão, a estendeu a mão para sua amiga. — Fique tranquila. As nossas confidências serão somente nossas. Mas, te lança antes que eu seja avó!

Dito isso, ambas continuaram arrumando o estúdio entre brincadeiras.

Capítulo 3

No dia 1º de dezembro, Ana e Nekane estavam no El Escorial fazendo uma reportagem fortográfica com várias modelos para a empresa Guess. Em princípio o que parecia que ia ser algo fácil de fazer, estava se convertendo em algo tormentoso e difícil de levar a cada instante. Aquela manhã, Ana não se encontrava muito bem e parecia que as modelos não queriam cooperar.

— Por favor, Emma, muda essa feição, mulher, e me dá um sorriso inocente — animou-a Ana com a câmera na mão.

A modelo bufou e gritou:

— Estou com frio!

— Vamos, eu também! — saltou Nekane. — Ou você pensa que minha mãe me deu a luz em um iglu. Portanto, sorria, olha para câmera e deixa de se queixar de uma santa vez.

Ana sorriu e, aproximando-se a ela, lhe sussurrou:

— Que tua mãe te deu a luz em um iglu?

Ambas riram.

— Eu que sei, garota... Tinha que dizer algo — soltou Nekane com ânimo alegre. — Anda..., dê a elas um descanso e vamos tomar um café. Talvez elas recarregam as energias.

— Boa ideia! — assentiu Ana, e olhando para as modelos, disse-: Cinco minutos para um café e se aquecerem e logo continuaremos.

Enquanto as seis modelos corriam até os carros como podiam em cima de uns saltos altíssimos impossíveis para se resguardarem do frio, Ana e Nekane se aproximaram de uma pérgola; ali se sentaram e, de uma garrafa térmica, se serviram de café.

— Você já viu o nova edição da revista de Raúl?

— Sim — assentiu Ana, pegando-a. — As fotos que ele publicou de espectros te deixam com os cabelos em pé.

Nekane se aproximou de sua amiga para folhear a revista.

— Não sei se eu poderia trabalhar em uma revista assim — comentou. Cagona do jeito que sou, estaria o dia todo me cagando de medo pensando

que um fantasma do meu passado se apresentaria para mim no meio da noite para me degolar.

Ana esboçou um sorriso e deixou a revista sobre a mesinha.

— Por favor! Como está sendo tonta. Por certo, Raúl está organizando uma exposição pelo sexto aniversário da revista. Me disse que faria no ano que vem, e já sabe, não podemos falhar com ele.

— Ok, ok, não falharemos com ele. Mas esses amigos tão frikis e sinistro que ele tem me deixam nervosa. — E mudando de assunto, disse-: Você me acompanha amanhã à loja do Félix? Quero completar a tatuagem.

— Claro — assentiu Ana. — E mais, estou pensando em tatuar um anel no meu dedo. Gosto de como eles ficam.

— Tua mãe vai te matar — caçoou Nekane, e ambas riram.

Dois minutos depois, com as mãos e os corpos mais quentes, Nekane olhou para sua amiga e, ao ver o seu cenho franzido, lhe perguntou:

— O que foi?

Ana se tocou na cabeça.

— Acho que estou pegando uma gripe daquelas.

— Booooommmm..., será que pegou a mesma gripe da Esmeralda? — Ana gemeu. — A pobre Esmeralda esteve muito mal, com vômitos e tudo.

— Aaaaii! Não me disse isso.

— Sim, carinho, vou te dizer. A gripe deste ano vem forte e fudida.

Convencida de que ela não queria pegar essa gripe, olhou para sua amiga e apontou:

— O pior de tudo não é pegá-la; é leva-la comigo para Londres. Se apareço passando mal na minha casa, dará a minha mãe temas de conversação para todos os dias que estiver lá. Seria árduo aguentála.

Nekane sorriu.

— Para os temas deixa que sua irmã se encarrega. O que eu não daria para ver a cara da tua mãe quando ela contar que vai se casar outra vez.

— Uf! Pára, para — se queixou Ana, que pegou sua bolsa para tomar um ibuprofeno. — Eu pagaria para não ouvir seus uivos agonizantes. Porque vou te dizer uma coisa: essa notícia vai matar a minha mãe.

— A sua irmã tem uma queda por notícias impactantes. Casar de novo!

— Eu que o diga... Parece que ela gosta de viver sempre no centro da polêmica — assentiu Ana, metendo o comprimido na boca.

— E o teu pai? O que dirá ele?

Ana, fez uma cara alegre, pensou que se havia alguém paciente no mundo, esse era o seu pai.

— Protestará, mas quando Nana piscar os olhos e dizer a ele "Papai, você é o melhor", ela já o ganhará e ele a apoiará. É um amor.

— Santo Frank! — brincou Nekane.

Logo, Ana pegou a amiga pelo braço e, lançando-se para frente, vomitou. Nekane, assustada, se levantou e rapidamente a pegou pela testa, como fazia sua mãe quando era pequena para segurá-la. Quando Ana apareceu acabar e se lançou para trás estava pálida.

— Ana..., Ana..., acho que gripe da Esmeralda te pegou.

-Água. Me dá água.

Sem tempo a perder, Nekane pegou uma garrafa, encheu um copo e o estendeu.

— Bebe devagarinho, para não fazer mal.

Seguindo as intruções de sua amiga, bebeu em golinhos e depois deixou o copo sobre a mesa.

— Você está bem?

— Penso que não, mas vou estar daqui um minuto. Acho que a gripe e esse frio não são bons aliados. — E levantando-se, acrescentou-:

Vamos, temos que terminar a sessão antes que eu piore e não possa nem apertar o gatilho da câmera.

Imediatamente, Nekane voltou a reunir as modelos, deu play para que voltasse a soar a música do Coldplay e a sessão reiniciou. A partir desse momento, tudo começou a melhorar. As modelos, ao o estado que se encontrava Ana, logo cooperaram, e o que não tinham conseguido em quatro horas, conseguiram fazerem duas.

Naquela noite, quando chegaram em casa, estavam congeladas. Ana tomou outro ibuprofeno e começou a se sentir melhor. Depois de banharem, quando já estavam de pijama jogadas no sofá, tocou o telefone e Ana o atendeu.

— Oi, *amiga* Ana! Iris está?

Estirando-se no assento ao escutar aquela voz varonil, a jovem sorriu.

— Oi , amigo Rodrigo! Não está, e não sei onde possa estar. Já ligou para o celular dela?

Nekane se alvoroçou e começou a fazer gestos de que ela atacasse, enquanto Ana negava com a cabeça.

— Eu liguei, mas ela não atende.

— Pois, rapaz, eu sinto muito. Mas se você quer falar com alguém, aqui estou eu. Sou toda sua!

Nekane fez sinal de legal. Boa insinuação!

— Toma cuidado com o que você diz, preciosa — caçoou ele com voz profunda-, porque isso de "toda sua" eu posso tomar ao pé da letra e logo você não poderá dar para trás.

Ao ouvir aquilo, o telefone caiu das suas mãos, mas rapidamente o pegou. Como podia ser tão estúpida? Logo, toda a segurança que tinha sentido segundos antes desapareceu.

— Ainda está aí? — perguntou Rodrigo.

— Sim..., sim..., estou aqui.

Rodrigo, que tinha notado a mudança na voz de Ana, sorriu.

— Olha, preciosa, não se assusta. O que acabei de dizer foi uma brincadeira. Vamos! Uma broma entre amigos.

— Eu sei..., eu sei... — murmurou, acalorada.

Nesse momento se escutou a porta da rua e em um segundo depois apareceu Iris diante delas.

— Rodrigo, Iris acaba de chegar; vou passar para ela.

A modelo se mostrou alegre ao ouvir aquele nome e tomou o telefone da Ana.

— Oi, cabo! Justamente estava pensando em você.

E já não puderam escutar mais, pois ela se meteu no quarto e fechou a porta.

— Assim, você não é do tipo que flerta com um dinossauro como o Rodrigo — disse Nekane, olhando para sua amiga. — Ele te comeria! Ele não pode te fazer uma mínima insinuação, que você fica morrendo! Mas vamos ver, você acha que assim vai conseguir dar uns bons amassos com ele?

Ana soltou uma gargalhada e se levantou.

— Antes de que comece com tuas perversões mais horrendas, vou para cama. Minha cabeça vai explodir. Boa noite, Nekaaaaa.

— Foge, foge..., que quando não se quer falar de algo, isso é a sua saída favorita.

Uma vez que Ana fechou a porta do seu quarto, se olhou no espelho e fechou os olhos, horrorizada.

— Que desastre!

Se meteu na cama e apagou a luz. Necessitava descansar, ou a cabeça explodiria.

De madrugada se despertou sobressaltada. Estava suando e se sentia muito mal. Depois de achar suas sapatilhas escuras, sonolenta, colocou o roupão e saiu para a sala. Tudo estava em silêncio. Todos dormiam. Com os olhos quase pregados, abriu a geladeira e tirou um *tetrabrink* de leite. Logo, pegou um copo, o encheu e o pôs por um minuto no micro-ondas. Uma vez que o tomou, o colocou no lavalouças e regressou para o quarto. Mas antes de chegar se desviou e foi ao banheiro. Se sentou sobre o vaso e instantes depois comprovou que tinha acabado o papel higiênico. Como um robô, se levantou do vaso, abriu o armário e pegou um novo rolo, mas ao fechar as portas seus olhos quase pregados viram algo e ela congelou. De novo abriu a portinha do armário e pestanejou durante uns segundos.

— Ai, meu Deus! Ai, meu DEUSS!

Atirando o rolo, abriu a porta do banheiro para sair, mas as calças do pijama baixas até o joelho fizeram com que ela voltasse a cair de bunda no vaso, e pela má sorte na queda esbarrou com o recipiente em que ficavam todas as escovas de dente e dois frascos de colônia. O estrondo do cristal contra o chão foi apocalíptico, e antes que se pudesse levantar, Nekane, com os cabelos despenteados, entrou, assustada.

— O que está acontecendo?

Mas Ana, sem graça, não respondeu, e subindo a calcinha e depois a calça do pijama correu até o seu carro. Nekane foi atrás dela. O que se passava com ela? Uma vez que Ana entrou no quarto, se aproximou do calendário de Gerard Butler que tinha pregado na parede e, depois de pousar o dedo sobre uma data e olhar outra, gritou:

— Fodaaaaa!

Nekane, atônita, ao ver que Ana se tocava na cabeça e começava a lançar uma horrível sequência de insultos em inglês e uns piores em espanhol, a pegou pelo braço e a sentou na cama.

— Muito bem... Chega! O que está acontecendo?

Pálida como cera e respirando com dificuldade, Ana olhou para ela.

— Não sei, mas se veste que nós vamos procurar uma farmácia 24 horas.

Às quatro e meia da manhã, as duas amigas, depois de terem saído em busca e captura de uma farmácia de plantão, estavam sentadas no banheiro com rostos indescritíveis.

— Já passou o tempo que se pede — disse Nekane. — Olha o resultado. — Não..., não posso.

— Você quer olhar para mim?

— Não!

Nekane assentiu, e passado outro par de minutos, insistiu:

— Ana, se você está grávida, você está agora, estará dentro de cinco minutos e dentro de seis horas. Ou você olha, ou olho eu.

Com palpitações, a jovem esticou a mão e pegou o teste, e antes de olhá-lo, sussurrou, lembrando-se de sua mãe:

— Acho que vou ter um infarte.

— O infarteterei eu se você continuar dizendo besteiras. Olha o punheteiro teste de uma bendita vez.

Ana virou o aparelhinho largo que tinha nas mãos. Ao ver as duas tirinhas, assustada, e mesmo que já tivesse lido as instruções vinte vezes, perguntou:

— O que significa isto?

Nekane, ao ver o que Ana lhe mostrava, mordeu o lábio.

— Que você está grávida, meu bem.

Jogando-o como se lhe queimasse as mãos, Ana exclamou:

— Não pode ser! Impossível! Deve está com defeito. Me dá outro.

Ao terceiro teste positivo, Ana rompeu a chorar, e sua amiga a abraçou. Estiveram um bom tempo sentadas no frio chão do banheiro, até que Nekane disse:

— Vejamos, céuzinho, como diria nossa Encarna, sempre solucionamos

todos os problemas que apareceram no nosso caminho, e este também vamos resolver — Ana, sem jeito, assentiu. — O primeiro de tudo é se tranquilizar e respirar para não ficar roxa, entendeu?

— Entendi.

Uma vez que a limpou com uma toalha molhada as marcas das lágrimas que manchavam seus rosto, Nekane lhe deu um doce beijo na bochecha e prosseguiu:

— O segundo, vamos nos levantar desse chão, que está congelado, o que te parece?

Ambas se levantaram.

— E terceiro, vamos para sala. Farei um chazinho que eu acho que nos cairá muito bem porque nós estamos precisando dele.

Dez minutos depois, no silêncio da sala, Ana estava sentada imersa em seus pensamentos quando sua amiga lhe deu uma xícara.

— Bebe. É muito bom para você.

A jovem a obedeceu. Quando deixou a xícara sobre a mesa, tinha os olhos inchados de chorar.

— O que eu vou fazer?

— Não sei, carinho. Acho que é a primeira vez em que só você tem que decidir o que fazer. — E com cuidado, lhe perguntou-: Sabe quem é o pai?

Ana assentiu. Só tinha um candidato possível.

— Só pode ser o suíço que conhecemos na noite que fomos a Garamond. Eu estava sem dormir com alguém há uns três meses, e em um noite que eu me libero, zas! Grávida. Mas..., mas não entendo. Nós usamos preservativo.

— As vezes acontece essas coisas. O método falha... tem alguma maneira de localizar o suíço?

— Neka... só sei que se chama Orson. O conheci essa noite e não sei nada mais dele. — E levando as mãos para cabeça, murmurou. — Meu Deu, estou grávida de um cara que não sei quem é! O que posso dizer? Como vou explicar isso para os meus pais?

— Eh..., relaxa que estou sentindo um ataque vindo — lhe disse Nekane ao ver seu jeito descontrolado.

— Mas Neka, o que eu vou dizer para essa criança no dia que ela me perguntar por seu pai? Como vou explicar a ela que foi uma transa de uma

noite e nada mais? Ai, Deus! Agora todos pensarão que sou uma vagabunda, uma qualquer, uma mulher fácil, uma...

— Pisa no freio, Maria Madalena, que você está exagerando! — sortou sua amiga. — Ponto um, essas coisas acontecem e o mundo está cheios de pessoas maravilhosas procedentes de uma transa de uma noite. Meu sobrinho Carlos é um desses e é o baixinho mais simpático, estudioso e responsável que a minha irmã Maria tem. — Ana sorriu, e Nekane prosseguiu-: Ponto dois, você tem trinta anos, e seus paistêm que te respeitar faça o que faça. E ponto três e muito importante: você pensa em ter o bebê?

— Não sei. Você já sabe que eu..., eu... sou a favor de que as pessoas façam o que queiram com sua corpo, mas agora que sei que dentro de mim tem um bebê...

— Uma ameba... isso ainda não chega a ser um feto ainda.

— É uma vida, Neka. Dentro de mim bate uma vida, e eu..., eu não sei se vou ser capaz de..., de..., de...

— De quê?

— Disso...

— Diga a palavra.

Durante uns segundo, Ana duvidou, mas ao ver os olhos vidrados de sua amiga, murmurou:

— Não sei se vou ser capaz de abortar.

Nekane assentiu e limpou a lágrima que tinha acumulado em seus olhos.

— Ana, no seu estado, quando eu o necessitei, você me apoiou, e agora você me tem aqui para estar com você cem por cento incondicionalmente, fazendo o que fizer, decidindo o que decidir.

Então, Neka se rompeu e começou a chorar. Anos atrás ela tinha passado pelo mesmo e ao final tinha tomado uma drática decisão. Naquele momento não podia ter o bebê, e mesmo doendo na alma, tinha abortado. Aquele era um tema que apenas tocavam. O evitavam. Mas aquela noite invitavelmente saiu à luz.

— Toma, bebe isso — disse Ana, dando o chá para sua amiga. — Te cairá bem.

Com um sorriso triste, Nekane pegou a xícara e, depois de um gole, fungou pelo nariz.

— Estamos parecendo um banco com duas pernas, inútil! — comentou Nekane, e a outra sorriu. — O que você decidir, estou com você. E mais, se ao final decidir ter o bebê, conta comigo a partir desse momento pra tudo. Absolutamente para tudo, mas você se resolve sozinha com sua mãe.

Ana fechou os olhos diante dessa última afirmação, mas ao ouvir que sua amiga ria, foi incapaz de não fazer o mesmo e se uniu a ela.

— Nem te conto o que minha mãe poderia dizer se decidir tê-lo — comentou Ana quando ambas se tranquilizaram. — Que desonra! Sua filha grávida sendo solteira e a criatura sem pai. Ela levará isso diretamente para tumba. E meu pai, não sei, não sei como vai ser sua reação diante de uma notícia assim.

— Você tem tempo para pensar sobre isso — afirmouNekane sorrindo com aflição.

— Eu sei..., e é isso que eu vou fazer.

Depois de um silêncio em que ambas mergulharam em suas penas particulares, Ana olhou para sua amiga e, ao ver a tristeza em seu olhar, lhe propôs:

— O que você acha, princesa, de ir para minha cama e dormir comigo?

— Promete não me atacar — brincou a outra.

— Eu vou tentar — disse Ana rindo.

Nekane se pôs de pé e a ajudou a se levantar, e enquanto caminhavam até o quarto, cochichou:

— Sendo assim, eu acho uma ideia excepcional. Já sabe que eu gosto é de homens.

Capítulo 4

A semana natalina chegou, e Ana viajou para Londres. Nekane, com peninha no coração, pois gostava demais daquele gracioso homem, havia deixado Calvin em Madrid e tinha ido para Navarra. No princípio, tinha pensado em ficar com ele, já que a família dele morava no México e passaria as festas sozinho ou com os amigos; mas no final, quem ganhou foram as reprovações de sua mãe, a quem lhe resultava inadmissível que não estivesse com os seus familiares no Natal.

Quando Ana chegou ao aeroporto londrino, um homem uniformizado a saudou e a levou até um juxuoso carro, onde colocou sua mala. Depois, conduziu até a casa de seus pais.

Uma vez que beijou seus pais, Ana subiu para o seu quarto. Estava exatamente igual desde que ela tinha se mudado. Lhe encantava regressar e encontra-lo sempre idêntico. Depois de banhar, colocou um vestido para o jantar e, ao baixar, se encontrou com sua irmã, que se atirou como uma louca nos seus braços.

— Pato, mas como você está linda!

— Obrigada, Nana..., você também está muito linda. Adorei o seu cabelo! — E ao reconhecer o vestido que levava, cochichou-: E esse vestido na nova coleção da Armani ficou uma maravilha em você.

Lucy sorriu e tocou alegremente seu cabelo curto.

— Antes de voltar para a Espanha irá comigo no salão de beleza da minha amiga Rachel, e ela vai deixar teu cabelo maravilhoso, e sobre o vestido — baixou a voz— o Tom que me deu de presente. Ele é tãooooooofofooo!

Ana assentiu, e sua irmã, levando ela até uma lateral do enorme e caríssimo hall, murmurou:

— Aii Pato! Estou preocupada. Mamãe está muito estranha esses dias. Segundo papai, é porque a época do natal cada ano a deixa mais triste, e eu vou terminar de amargar quando lhe contar do meu casamento.

Minha nossa! “Menos mal que não vai ficar sabendo do que aconteceu comigo”, pensou Ana.

Durante aqueles dias tinha pensado no que fazer. E no fim tinha chegado

a conclusão de quem em sua vida não tinha espaço para um filho. Ela era uma profissional independente que viajava muito, e um bebê só a desconcentraria. Por isso e com toda a dor do mundo, tinha marcado para 22 de janeiro, em Madrid, um procedimento em uma clínica de interrupção de gravidez. Já era certo. Era o melhor.

Ela desfrutou bastante dos dias que passou em Londres com sua família. Sair com sua irmã e seus amigos pela noite era esgotador, mas ela gostava. Uma daquelas noites coincidiu ser no mesmo local que estava Warren Follen, seu ex. Por sorte, ele não a viu, e Ana respirou aliviada quando comprovou que ele ia embora com uma jovenzinha, muito melosos entre si. Com seus pais gozou das tarde diante da lareira jogando Monopólio, um ritual que desde criança tinha os unido, e claro, agora não lhes ia falhar.

A noite de Fim de Ano, enquanto jantavam no bonito salão inglês as duas irmãs com seus pais, Frank Barnes desfrutava do momento. Ter suas duas preciosas filhas sentadas na sua mesa era algo que o regojizava e que em contadas ocasiões acontecia. O fato de sua filha Ana viver tão longe dele era um espinho que levava cravado no coração . Encantado, saboreava o jantar enquanto via as três mulheres da sua vida rir e conversar.

Depois de celebrar a entrada do novo ano, os quatro, emocionados, se abraçaram. Então, Teresa sugeriu irem para a sala de televisão para beber algo fresco, antes das meninas irem para alguma festa com seus amigos. Elas aceitaram encantadas.

— Está muito magra, Ana Elizabeth. Está comendo bem na Espanha?

— Sim, mamãe. Como de tudo, mas já sabe: tem que se manter na linha.

Nesse momento, um anúncio na televisão atriu a atenção de todos, e Teresa, tirando um lenço do punho, choramingou.

— Quando vocês eram pequenas tinha um comercial igualzinho. Recordo o contente que ficou Ana Elizabeth noano que o Papai Noel trouxe a boneca “Nancy, a enfermeira” e a cozinha com torneirinha de água. Lembra, Frank?

— Sim, querida. Como esquecer! — assentiu, orgulhoso.

— Ai, que lembranças! E olha que comercial tão terno — gemeu Teresa, emocionada.

— Bom, mamãe, vai chorar por um comercial? — perguntou Ana, contendo o que aquela tonta publicidade cheia de crianças sorridentes provocava nela.

— Não, não choro por isso. Choro porque tenho duas filhas, sãs e bonitas, e nenhuma dela me deu netinhos para mimar e poder comprar brinquedos no Natal. Todas as minhas amigas têm netinhos, e eu..., eu estou sozinha! E sem esperanças de nunca ter um bebê nas minhas mãos.

"Terra, me engula", pensou Ana.

— Mamãe! — exclamou Lucy, olhando-a.

— Teresa, querida — disse Frank, pegando as mãos de sua mulher. — Os filhos são uma benção de Deus, e chegarão se tiverem que chegar.

— Mas eu quero ter netos — insistiu a mulher.

— E os terá, mamãe — assentiu Ana com o coração na mão.

— Quando? — insistiu a mulher.

— Algum dia, mamãe... algum dia — sussurrou Ana.

— Pois que não seja do Espírito Santo — brincou Lucy. Mas ao ver como sua irmã a olhava, esclareceu: Eu digo isso porque não penso em deixar que um bebê arruíne o corpo que levo trabalhando na academia há anos. E não acho que você está se encarregando disso. Vamos combinar que eu não vejo você como mãe.

— Vocês só me dão desgostos! — gritou Teresa, desconsolada. — Uma é a Lady Escândalo, e a outra, Lady Tatuagens.

— Mas no fim, sempre ladies — ironizou de novo Lucy, ganhando uma olhada do seu pai.

— Mamãe, não exagera — protestou Ana. Só tinha duas tatuagens e sua mãe só conhecia a existência de uma.

— Pra que tive filhas? Para que me abandonassem.

— Mamãaaaaae!

— Nunca me dão uma alegria.

— Pronto... ela respira a tragédia teatral — zombou, nervosa, Ana, olhando para o seu pai.

— Só desgostos! Vocês adoram me ver mal e deprimida, e...

— Mamãe..., mamãe, você vai passar mal assim — sussurrou Lucy, mas a outra continuou.

— Me arrependo de não ter tido um filho homem. Aposto que ele nos teria dado mais alegrias que vocês e provavelmente já teríamos algum netinho correndo por essa sala.

— Teresa — a repreendeu seu marido-, não diga besteiras. As meninas são...

— As meninas, que meninas? Lady Escândalo e Lady Tatuagens já são duas mulheres que poderiam entender que estou ficando velha e que só quero o mesmo que todas as mulheres da minha idade: netos! — Mamãaaae!

— Quero ter uma velhice tranquila e netinhos para beijar antes de morrer. Meninos pequeninos que quero ensinar a canção dos "cinco patinhos foram passear", para fotografar o último dia de escola com orgulho. Mas não, são duas egoístas que só pensam nelas e que nunca...

— Estou grávida! — gritou Ana.

"Ai Deus! O que foi que eu disseeeeee", pensou tudo menos soltar aquilo da sua boca.

Todos a olharam e um silêncio sepulcral tomou o sala até que se escutou um golpe.

— Pelo amor de Deus, Teresa! — grunhiu Frank, correndo até ela.

— Mamãe! — gritaram as jovens ao ver sua mãe caída no tapete.

— Traz os sais que estão na segunda gaveta — apontou Frank para sua filha mais velha.

Rapidamente, Ana abriu a gaveta que seu pai tinha indicado e lhe passou um frasco. Ele o destampou e, pondo debaixo do nariz de sua esposa, conseguiu que esta respondesse.

— Ai Frank! Acho que estava sonhando e escutei Ana Elizabeth dizer que estava grávida — articulou a mulher.

— Não, Teresa, não estava sonhando — respondeu seu marido.

Com cuidado a sentaram em uma poltrona, e enquanto o homem se preocupava pelo estado de sua mulher, Lucy olhou para sua irmã e gritou:

— Muito bonito, Pato! Grande notícia! Você me disse que não tinha nada de importante para contar.

— É que não ia dizer — balbuceou.

— Perfeito! E agora como vou dizer que vou me casar com Tom Billman em maio.

Teresa, horrorizada, se levantou como um míssel e gritou enquanto Frank levou as mãos a cabeça:

— Deus santo! Você pretende se casar com o jogador de polo?

— Sim, mamãe. Esse é o Tom.

— Mas, você está louca, filha minha?

— Não, mamãe.

— Mas..., mas se esse homem é um promíscuo que...

— Mamãe..., estou loucamente apaixonada por Tom. Sou adulta e vou me casar com ele. Fim de papo.

Histérica, a mulher dramatizou enquanto seu marido suspirava. As três juntas eram uma bomba contínua de relojoaria, e ele levava sofrendo por toda sua vida.

— Está disposta a me matar de desgostos?

— Não, mamãe — respondeu Lucy enquanto Ana continuava em estado de choque pelo que tinha revelado.

— Teresa, se senta antes que volte a cair redonda no chão — advertiu Frank.

— Mas Frank, estou o que disseram essas duas inconsequentes?

— Sim, Teresa, eu escutei.

Mas a mulher, não contente, se revoltou e gritou como uma possessa:

— Um grávida de Deus sabem quem e a outra que quer se casar com Tom Billman. Que escândalo! Que vergonha! Seremos a fofoca de Londres toda.

Frank, melancólico, olhou para suas duas filhas, e dando a volta foi direto até o armário de bebibas. Depois de se servir de um bom whisky, bebeu um bom gole e se sentou.

— Garotas, sentem-se. Temos que conversar muito seriamente — lhes ordenou.

Ana, ainda surpreendida pela bomba informativa que tinha soltado, se sentou junto de seu pai enquanto sua irmã e sua mãe continuavam discutindo. Por que tinha dito sobre o bebê? Ela tinha ficado louca? Mas ao olhar para televisão e ver os comerciais de Natal, com meninos, brinquedos e presentes, ela soube. Não queria abortar.

— Carinho — disse logo seu pai, tirando-a de seus pensamentos-, está bem?

— Sim, papai — afirmou sem muita convicção enquanto o agarrava pela

mão e este sorria.

— Frank...! — gritou Teresa. — Chama o doutor Witman. Acho que vou ter um infarte a qualquer momento.

O homem, depois de pôr os olhos em branco, se levantou, sentou sua mulher em uma poltrona e, pegando o seu copo, disse sem lhe fazer muito caso:

— Teresa, bebe whisky e esquece o doutor. Temos uma reunião familiar. E você, Lucy, se sente.

— Eu... Nós combinamos com Tom e...

— Liga para ele e diga que hoje tem que estar com a família.

— Mas, papi...

O homem cravou como pouca vezes o olhar em sua filha e, mantendo sua decisão, repetiu:

— Sente-se, e não faça com que eu me aborreça.

Pela primeira vez em muitos anos, Lucy se sentou sem protestar enquanto Ana, surpreendida pelo tom de seu pai e o silêncio de sua mãe, os observava. Depois de uns segundo em silêncio, Frank olhou para as três mulheres de sua vida e advertiu:

— Vamos conversar os quatro como pessoas civilizadas, portanto, Teresa, te proíbo soluços, ceninhas desgarradas e todas essas coisas que você já sabe, ou sai da sala antes de que eu coece a falar com minhas filhas, você me entendeu?

— Sim, Frank — assentiu a mulher, assombrada.

Logo, olhou para suas filhas, e dirigindo-se a uma deslocada e pálida Ana, lhe perguntou:

— De quanto tempo está?

— Pouquinho, papai.

Frank assentiu e voltou a perguntar:

— E o que diz o pai?

Por um instante, quis lhes contar a verdade. O pai era um suíço de quem não sabia nada. Mas lhe comunicar que aquilo era resultado do que vulgarmente se chama um pá-pum ou noite louca, pareceu muito forte para ela. Por isso, com um cálido sorriso, tirou a franja do rosto e assegurou:

— Está... está tão feliz como eu.

— Pelo amor de Deus, Pato! Eu vou ser tia?

— Sim, Nana. Isso parece — contestou sorrindo com timidez.

— E quem é o pai do meu futuro neto? — quis saber Teresa.

Ana olhou para ela e viu com a mão que segurava o lenço subia perigosamente para a boca. Ia chorar a qualquer momento se não lhe dissesse que o pai de seu futuro neto era o conde de Salvaterra ou o princípe de Zamunda, mas jánão tinha como voltar atrás. Com rapidez decidiu inventar uma bonita história de amor que logo com o tempo ela se encarregaria de desmanchar.

— É..., é um homem encantador. — E tocando-se na orelha, disse-> Se..., se chama Rodrigo e trabalha como bombeiro para a Comunidade de Madrid.

— Olha! Minha irmãzinha é pronta. Um bombeiro! — cuchichou Lucy, piscando um olho para ela.

— Um Bom beiro? — gritou Teresa rasgando a voz.

— Teresa! — repreendeu Frank.

— Mas, Frank, ela merecia algo melhor. É uma garota de bem. Tem estudo e é...

— Mamãe, Rodrigo é uma pessoa excepcional, que me quer como eu sou, e não por quem eu sou. Cuida de mim, me mima, está sempre comigo e isso me faz feliz. Por acaso você não quer que eu seja feliz? Por acaso prefere um homem que nem me olhe, mas que esteja casado comigo por ser filha de Frank Barners? Porque eu não quero isso.

— Mas, filha, escuta...

— Não, mamãe. Eu quero alguém que pela manhã me beije quando eu acordar de mal-humor, alguém que ma faça sorrir e, sobretudo, alguém que quando passar os anos — disse olhando para o seu pai— continue me amando mesmo que eu me torne uma mulher intransigente. Eu busco isso em um homem, e Rodrigo me dá isso — mentiu. — Ele está tão emocionado com o bebê como eu. Não é uma gravidez planejada, mas chegou um momento de nossas vidas em que não podemos esquecer e desfazer desse bebê. Você não quer netinho? Pois aqui vem um — afirmou tocando seu estômago plano. — Ou acaso porque são filhos de um simples bombeiro serão menos bonitos e gostaram menos dele.

— Não, carinho..., isso não — murmurou a mulher. — Meus netos serão

meus netos sejam de quem sejam, e eu vou amá-los com loucura.

Emocionado por aquelas palavras, Frank pegou sua mão e a apertou.

— Estarei encantado de conhecer o homem que faz minha filha tão feliz. E te asseguro que serei o avô mais orgulhosa do pequeninho que vem a caminho.

— Obrigada, papai.

Depois de fundir-se em um abraço com seu pai, Ana escutou a tosse de sua mãe e se voltou para olhá-la.

— Carinho, eu sinto muito... Pois é claro que quero que vê-la feliz. Vou ser avó!

— Isso parece, mamãe — sorriu.

Teresa soltou o lenço, abraçou sua filha e a comeu de beijos, fazendo seu marido rir.

— Amanhã mesmo iremos para a loja de bebês da minha amiga

Caroline e...

— Não, mamãe — rejeitou com decisão. — Não iremos a nenhum lugar porque não quero que ninguém saiba da minha gravidez ainda. Se a imprensa descobre não me deixarão viver em paz, e minha vida na Espanha é tranquila e sossegada. Daremos tempo ao tempo e depois já saberão.

Frank agarrou sua mulher pela mãe e está assentiu enquanto Lucy, em frente os três, soluçava com muco escorrendo como uma tonta.

— E o que se passa com você? — perguntou Ana.

Sua irmã, com os olhos inchados como ovos e assoando-se com o lenço que sua mãe tinha lhe passado, a olhou.

— Ai, Pato! Tinha tempo que não viva um momento tão bonito com vocês e..., e..., e isso me faz chorar. Vou ser tia de um lindo bebê! Eu os amo, vou amar ele e isso me faz muito feliz, porque tenho uma família maravilhosa.

Frank sorriu. Levantando-se, fez Lucy se levantar e antes de abraça-la com amor, afirmou para horror de sua mulher:

— Vai procurando o vestido de noiva mais bonito, porque em maio celebraremos seu casamento com esse tal Tom e conhecemos o pai do teu sobrinho e meu neto.

Ao ouvir auqilo Ana se encolheu até suas entranhas. O que ela tinha

feito? Por que tinha dito todas aquelas mentiras? Ela tinha se metido em uma boa confusão.

Capítulo 5

No dia 2 de janeiro Ana chegou ao aeroporto de Madri e se alegrou muito quando viu Nekane a esperando. Depois de se abraçarem subiram no carro e foram para sua casa. Haviam acabado de chegar quando a porta soou e ao abrí-la Encarna gritou, abraçando Ana:

— Feliz Ano Novo, Aninha!

— Feliz Ano Novo, Encarna! — Respondeu encantada.

— Como foi de viagem?

— Bem... muito bem. Minha mãe manda lembranças para você.

— Ahh! Que beleza que é Teresa. — Em seguida a vizinha ouviu o som do telefone de sua casa e piscando o olho, disse antes de desaparecer. — Fiz panquecas. Já já trago algumas.

Horas depois chegou Calvin que ao vê-la também lhe desejou feliz ano novo. Naquela noite os três jovens jantaram enquanto falavam das curiosidades do Natal, apesar de Ana mentir, pois não contou ao Calvin que esteve em Londres. Fora isso, algo chamou sua atenção: a proximidade entre o jovem e sua amiga era maior do que a princípio havia imaginado. Não paravam de se beijar e esbanjarem carinho, e ela gostou. Ficou alegre por eles, mas sentiu um estranho pungente ciúmes quando se viu sozinha e grávida.

Durante o jantar não foi mencionada a gravidez. Quando Calvin foi embora, Ana perguntou a Nekane:

— O que eu vejo são dois enamorados?

Ela sorriu.

— Bom, nós definimos que nos gostamos. — Ao ver a cara de sua amiga, prosseguiu: — Somos como a Bela e a Fera: ele muito lindo com sua pólo Ralph Lauren e seu Audi prateado, e eu tão retrô. Mas garota, dizem que os opostos se atraem, e aqui estamos.

Desfrutando do momento.

— Bem eu acho que sim. Vocês fazem um lindo casal.

— Mais que lindo, eu diria interessante! — Ambas riram e Nekane indicou: — Pois bem, hoje ele me perguntou se vou colocar algum outro *piercing*. Eu ía mentir e dizer que sim, na ponta do nariz. Mas no final eu

olhei sua carinha de menino bom e não pude lhe dar esse desgosto.

— Mas você vai colocar mais algum *piercing*?

— No momento não. Estou feliz com o da sobrancelha, nariz e umbigo. Mas, sei lá, nunca se sabe!

Elas se levantaram da mesa alvoroçadas. Quando entraram na cozinha, Ana perguntou:

— Você não falou nada a ele sobre minha gravidez?

— Não, querida; eu não sou tão faladeira.

Enquanto Nekane colocava os pratos na lava-louças, Ana estava inquieta. Queria perguntar por Rodrigo, desejava saber sobre ele, mas não se atrevia a questionar. Sem restrições, quando acabaram e se sentaram no sofá, Nekane lhe tirou as dúvidas.

— Iris e Rodrigo aparecerão a qualquer momento. Foram ao cinema e pela hora que já é devem estar chegando.

— Sim... não há problema. Quando vierem me escondo em meu quarto e está resolvido.

— E por que você vai se esconder? — E ao ver a cara de Ana, Nekane soltou. — Ah, mãe! O que você fez?

— Algo terrível...

— O quê?

— É tão terrível que tenho vergonha de dizer.

Ela cravou seu olhar nela.

— Terrível..., horrível, que seja, você vai me dizer agora. Desembucha! — Ela exigiu.

Envergonhada pelo o que iria dizer, colocou uma almofada entre suas mãos e começou a girar com ela.

— Como viu, tudo ia bem em Londres. Minha mãe tranqüila, meu pai uma maravilha, minha irmã e suas loucuras, até que de repente tudo acabou e entramos em plena crise familiar, não sei se foi coisa do meu corpo, ao ver alguns anúncios de crianças, bonecas e ursos rosas e fofos acabaram me fazendo perder a razão e soltei que estava grávida.

— Como???

— E não contente com a bomba que tinha soltado. — Prosseguiu — Adicionei que o pai de meu bebê era um bombeiro chamado Rodrigo.

Ela escondeu o rosto com a almofada enquanto Nekane deslocava a mandíbula. O que aquela louca estava dizendo? Mas antes que pudesse comentar algo, Ana falou por trás da almofada:

— Foi uma loucura momentânea. Uma insanidade. Me deu um lapso!

— E como!

— Minha mãe chorava, meu pai estava puto, minha irmã gritava, e eu... eu, do nada, soltei esse tsunami. Não sei o que aconteceu.

— Definitivamente você teve um lapso.

— Sim..., e dos grandes.

Depois de uns segundos de desconcerto, sua amiga tirou a almofada e lhe perguntou:

— Então, você vai ter o bebê?

— Sim. — Disse com segurança.

— *Puta que pariu.* Que alegria! — Aplaudiu emocionada, ainda que instantes depois, franzindo o cenho adicionou. — Mas peraí, como você pôde colocou o Rodrigo nisso?

— Não sei... Fiquei louca ou os hormônios me traíram. Mas, fique tranqüila, ele não tem que saber. Em maio tenho o casamento de minha irmã, terei terminado com ele, e meus pais irão me mimar, porque estarei destroçada pelo nosso rompimento, e ponto final.

— Você terá terminado com ele?

— Sim.

— Rompido?

— Sim.

— Mas quando você começou algo com ele?

Ao ver que sua amiga a observava deslocada, perguntou: — Você acha que eu me meti em uma bagunça, verdade?

— Oh, sim! Eu acho e vejo isso. Oh, sim!

— Mas Neka, Rodrigo não tem o por quê saber.

— A lei de Murphy, céu... Você sabe que essa lei é uma idiota. Basta que não queira que algo ocorra, para aconteça! E que acredite que ninguém saberá, e acabe sabendo e no final estará enrolada.

— Mas você não vai dizer nada, não é verdade?

— Claro que não, mas...

Nesse momento a porta abriu e segundos depois na frente delas apareceu um casal sorridente. Ana ao ver o homem que a tinha atordoado, levantou-se, mas Nekane a puxou pela camiseta e ela caiu de bunda no sofá.

Iris ao topar com Ana ficou com cara de nojo. Que ficava cada vez pior, assim ela deu um beijo nos lábios do seu parceiro, se despediu dele e foi para seu quarto. Rodrigo, encantado de cumprimentá-las, aproximou-se delas e as beijou. Ao ver que o olhavam fixamente perguntou:

— Aconteceu algo?

Ambas negaram rapidamente com a cabeça, e ao final Nekane sussurrou:

— Não... porque teria acontecido algo?

Estranhando como o observavam, fixou seu olhar na morena, Ana, e lhe disse:

— Como foi o Natal?

— Bem... diferente.

— Onde você estava?

— Na casa dos meus pais.

Com um sorriso avassalador que fez Ana se derreter, disse:

— Isso eu já sei. Eu perguntava aonde fica a casa de seus pais.

Depois de pensar alguns instantes, tocou a orelha e soltou:

— Na França. Marsella.

— Você é francesa?

Nekane a olhou boquiaberta.

— *Ou*i — respondeu Ana com um gesto cômico. — Meio francesa. Minha mãe é espanhola.

Rodrigo assentiu, ainda que de algum modo estivesse consciente que aquelas duas tramavam algo. Ele deu a volta e antes de sair pela porta disse:

— Garotas, peguem a chave. Boa noite.

Uma vez que se foi, Nekane olhou para uma Ana deslocada e murmurou:

— Francesa? *Ou*i? Você esta se dando conta da quantidade de mentiras que esta saindo dessa boquinha? — E ao ver onde tinha a mão, protestou: — Deixe te tocar a orelha, que cada vez que a toca é para soltar mentiras!

— Meu Deus! O que estou fazendo?

— Sua louca. — respondeu a Nekane.

— O que está acontecendo? Mal saio de uma e já me meto em outra?

— Olha, atrevida, a mentira tem perninhas curtas, ou como dizia minha avó, antes ser pega uma mentirosa do que uma boba, e no final, no seu caso, você vai ser pega pelos dois casos. Francesa?

Puta que pariu.

— Foi a primeira coisa que me saiu...

— Seu amor por esse sapo é descarado. Você notou?

Ana assentiu.

— Tenho que tirá-lo da minha cabeça. — declarou antes que sua amiga dissesse algo mais. — Grávida, não tenho nenhuma possibilidade com ele. E no momento que começar a ficar gorda como um barril não creio que me olhe. Mais eu gosto tanto dele!

— Mas não desanime, trabalhe para conseguir o seu capricho.

— Que capricho?

— O bombeiro. — E ao ver o gesto de sua amiga, acrescentou: — Como diz o anuncio: "Você merece um YOGURAZO'7b2'7d!" E se o corpo te pede, por que não dá?

— Como é?

Nekane a olhou, convencida, e sustentando um sorriso de provocação em seus lábios disse:

— Sejamos realistas, Ana. As suas possibilidades de ligar-se a esse pedaço no momento que sua gravidez seja notada são nulas.

Por isso, vá até ele!

— Você ficou louca?

— Talvez. — Respondeu alegremente. — Mas olhe, ele é um tio e já sabemos o que o tios pensam quando uma mulher está grávida.

Verdade? Então eu repito, vá até ele. Ela não dirá não!

— Mas Neka, não posso. Ele está com...

— Faz uns dias, Calvin e eu pegamos Iris em um bar muito carinhosa com outro, com certeza muito bonito. Essa tonta tem o que eu tenho de monja.

— Não me diga?

— Digo. — E abaixando a voz, cochichou. — Calvin me disse que contou a Rodrigo quando o viu.

— Verdade? E o que ele disse?

— Suas palavras textuais foram: “Ela pode sair com quem quiser e eu também, porque não temos nenhuma relação formal.” — Que forte!

— Por isso, minha rainha, você tem um mês à dois para seduzir o homem dos seus sonhos e viver com ele algumas tórridas noites de paixão, antes que a sua barriga comece a aparecer.

Ana sorriu. Aquilo era uma loucura, mas talvez não fosse uma idéia tão ruim.

----------— // ----------—

Na noite de Reis, Ana e Nekane saíram para tomar algo em um bar que uma amiga havia convidado. Calvin havia ficado com uns conhecidos e foi para outro lado, e Nekane estava disposta a passar bem com Ana. Ela, como normalmente fazia, colocou uma calça preta e uma camisa, mas quando a outra a viu, fez que trocará de roupa. Tinha que estar linda e sexy, e a obrigou a colocar uma saia curta, uns bons saltos e uma camisa mais sugestiva. Quando as garotas chegaram ao *Virgin*, se encontraram com alguns amigos e a festa foi maior que o esperado. Durante a noite houve vários sorteios, e Ana saltou feliz quando conseguiu um final de semana grátis em um precioso *spa* de Toledo.

— Que sorte! — Exclamou aplaudindo. — Nós vamos ao *spa!*

Nekane a observou.

— Vamos ver, eu vou com você ao fim do mundo, mas você não prefere aproveitar esse fim de semana com alguém especial?

— Você é especial!

— Sim..., já sei que eu sou irresistível. — Disse Nekane rindo. — Mas me referia a alguém que te dê certos carinhos e momentos quentes que eu não vou te dar. Mas, você vi que saiu ganhando aqui hoje né?

Ambas olharam ao seu redor. O local estava cheio de homens interessantes, e mais de um já havia chegado nelas.

— Olhe esse charmoso. O que você acha?

Ana o observou.

— É bonito.

— Só bonito?

— Ah Neka! Eu que sei. Me parece um tipo normal. Se vê que é atlético, mas... — E enrugando a sobrancelha exclamou — Droga! A cinta está me matando!

— Você colocou cinta? — Nekane perguntou incrédula.

— Sim.

— Não seria a que tem vaquinhas rosa? — Ao ver o gesto de sua amiga, soltou: — Puta que pariu. Mas como você pensa em colocar essa cinta em uma noite assim?

Ana quis dizer que não pensava em usar a cinta e que a cinta não era nada demais, mas explicou:

— A saia me aperta, por isso tive que colocar a cinta para entrar. Acho que a gravidez começou a fazer estragos no meu corpo.

Nekane soltou uma gargalhada e Ana, lhe deu um tapa.

— O que você queria que eu fizesse? Você insistiu que eu colocasse saia, e esta é a única que entrava e...

Nesse momento, Nekane fez um sinal com a mão. Retirou do bolso do seu mini vestido o celular e ao ler a mensagem aplaudiu. Era Calvin que estava perguntado onde estava. Sem duvida, lhe deu o endereço do lugar e vinte minutos depois entravam no bar Calvin, Rodrigo e mais um par de garotos.

Ana que estava dançando com um de seus amigos, ficou parada no meio da pista ao ver aparecer Rodrigo. Ele vestia uma calça jeans que lhe caía super bem, uma camisa branca e uma jaqueta preta aberta que lhe deixava forte e viril. Como podia estar cada vez mais bonito? Ele, ao vê-la, lhe piscou o olho, mas deu a volta e foi até o bar com os outros. Estava com sede.

Nekane, ao ver o gesto de sua amiga, se aproximou dela, e enquanto movimentava-se ao som da musica de Pitbull, cochichou:

— Hoje pode ser seu grande diaaaa.

— Não..., não diga besteira.

— Mas você viu como ele está hoje?

“Oh sim! Claro que o vi” Pensou, mas respondeu:

— Não...., Neka. Não.

— Pense, bobinha. Você tem a casa toda para você. — Insistiu enquanto ambas deixavam de dançar — Iris esta viajando, e eu estou querendo em ir dormir com Calvin em sua casa porque estou desejosa de passar bem com seu doce corpo mexicano. O que te impede?

— Os nervos e porque não estou com minha melhor langerie sexy. — Gemeu ao sentir que o estômago contraía.

— Foder com a cinta! — Protestou Nekane. — Já pode ir entrando no banheiro e tirando esse símbolo de repressão e antisexualidade, e vai para cima como uma vaca.

— Mas...

— Não há 'mas'. — Cortou a outra. — Tire a cinta, deixe os nervos de lado e aproveita o momento. Por certo, já te disse que essa camisa deixa você com uns peitos impressionantes?

— Outro estrago da gravidez. — Afirmou Ana rindo e olhandoas encantada.

Então, Calvin se aproximou delas e atraindo Nekane pela cintura a levou para dançar de novo. Durante alguns instantes, Ana ficou em estado de choque. Deveria aproveitar seu momento? Incapaz de pensar claramente foi para o banheiro, onde fez malabarismos no pequeno espaço para retirar a cinta com desenho de vaquinhas e a guardou na bolsa. Uma vez que saiu acalorada do trabalho, se olhou no espelho e jogou água na nuca.

— O que estou fazendo? — Se perguntou.

Mas sem responder, colocou seu longo cabelo atrás da orelha e saiu do banheiro. Com dissimulação olhou até ao bar onde o objeto de sua atração falava com seus amigos, e seu estômago começou a contrair. Rodrigo era um tipo imponente e com aquela camisa que se ajustava ao seu corpo estava de enfartar.

"Sou uma mulher liberal, quero fazer e posso fazer... Eu posso." Pensou agitada.

Dois segundos depois, e sendo consciente do que realmente queria fazer, se encaminhou com passo firme até ele. Ao vê-la chegar, Rodrigo a olhou e fez um sinal para o seu lado do bar.

— O que você quer beber? — Perguntou ele.

"Um Whiskaso triplo", disse em seus pensamentos, mas de repente se

lembrou da sua gravidez.

— Uma coca-cola com gelo. — Respondeu.

— Ahhh! Que mulher de gostos caros e exóticos. — Ironizou ele com um sorriso no rosto.

— Você não sabe como.

Rodrigo pediu e pagou a coca-cola, e quando ela foi dar o primeiro gole, ele lhe parou a mão e, chocando seu copo com o dela, murmurou enquanto recorria seu decote com um olhar quente:

— Pelos Reis Magos que esta noite nos surpreendera.

Ana suspirou. Nunca havia gostado de se sentir objeto sexual de ninguém, mas tratando-se dele ela gostou, lhe excitou. E com um sorriso que não desejava revelar o que pensava, assentiu.

— Garanto que sim.

Durante um bom tempo, aquele grupo de amigos falou de futebol, algo que Ana se atraia sem cuidado, mas para não meter bronca aos homens, acabou agindo de maneira diferente o tempo todo. Rodrigo a observava, divertido, parecia desfrutar daquela situação. Quando seus dois amigos se renderam e marcharam para juntar-se a duas jovens, ele perguntou discretamente:

— Você está saindo com alguém?

Aquela pergunta a pegou tão de surpresa que ficou uma boba olhando para ele com a boca aberta. Quando conseguiu raciocinar bebeu um gole de sua coca-cola e respondeu:

— Com vários e com nenhum em particular.

— Garota pronta... — Comentou Rodrigo, depois de deixar escapar um sorriso e levantar seu copo.

— Pelo visto parece que você acredita que homens são os únicos que podem fazer o que bem querem. — Soltou Ana, trocando o peso do pé. — Onde está a liberdade para estar com quem queira, que retire a monotonia de uma relação formal. Também, acredite ou não, com este corpo frequentemente o que proponho... eu consigo.

Rodrigo, surpreendido, a observou cuidadosamente e voltou a cravar seus olhos azuis naqueles peitos tentadores. E disposto a provar o que ela parecia oferecer, deu um passo até Ana para estreitar a distância.

— Você fala sério?

— Com certeza — Murmurou ao tê-lo tão perto.

— Não pensava que era uma mulher tão liberal. — Ele disse retirando lentamente o longo cabelo de seu rosto.

— Pois sou... — E para colocar mais lenha ao fogo, ela se aproximou mais e perguntou: — Você sai com mais alguém além da

Iris?

Rodrigo tentou ser claro. Estavam tentando ele, e ele não perdia nenhuma oportunidade. E colocando sua enorme mão nas costas de Ana, respondeu enquanto a acariciava fazendo círculos nas costas:

— Não, e tampouco saio com Iris. Somos apenas amigos.

— Amigos de cama?

Apoiando-se no bar, o bombeiro se inclinou até ela até roçar com os lábios sua orelha e disse com um tom suave e incitante que enlouqueceu Ana:

— Pode-se dizer que sim. Mas igual tenho ela... posso ter outras.

— Isso é uma proposta indecente? — Perguntou quase se afogando com a coca-cola.

— Com certeza. Completamente. — Assentiu ele.

Nesse instante, não fez falta dizer algo mais. Ambos sabiam o que queriam.

— Na sua casa ou na minha? — Quis saber Rodrigo.

Com as pupilas dilatadas e as mãos suadas pelo o que ele propunha, Ana estava a ponto saltar com o coração pela boca. Sem conseguir evitar, deu graças aos céus por ter tirado a cinta e respondeu com firmeza:

— Na minha. Acho que é mais perto.

Ana deixou, então, o copo de coca-cola sobre o bar e foi achar sua amiga Nekane, lhe fez um sinal com a mão. Nekane vendo que ela estava indo com Rodrigo ficou sem palavras, mas levantou o polegar como boa sorte. Uma vez na porta do local, o vento era frio e chovia rios.

— Você trouxe seu carro?

— Sim — Disse Rodrigo, pegando com firmeza sua mão. — Vamos, está ali.

Divertidos correram debaixo da chuva até chegar a um beco e entraram no carro. Já dentro, Rodrigo ligou o botão de calefação.

— Uhh Deus! Estou congelada!

— Sim, faz um frio de mil demônios. — Rodrigo sorriu e colocou música. — Mas você verá que em dois segundos estará com calor. Tire o casaco e me dê. Está molhado. — Ele lhe pediu.

Sem esperar, o retirou e lhe deu, mas quando ele girou para deixá-lo no assento de trás e se encontrou com o rosto molhado de Ana, sem que pudesse remediar, agarrou com as mãos a bochechas e aproximando sua boca da dela, a beijou. Aquela garota com o cabelo molhado e grudado no rosto era tentadora e para quê negar, aquela noite era sua melhor opção.

A princípio o beijo foi terno, doce, mas enquanto os segundos passavam, se intensificou pela paixão dela, até se converter em um autentico redemoinho emocional.

"Meus Deusss! Como beija!" pensou, gostosa, soltando o cinto de segurança.

Sem importar o lugar onde estavam, Ana foi subindo por sua excitação e dez minutos depois, excitada como estivera poucas vezes em sua vida, levantou a saia até o quadril e colocando, se sentou montada sobre ele.

— Espera...

— Não. — Negou, beijando-o.

— Ana para! — Ao ouvir o tom de sua voz o olhou, e ele esclareceu com o cenho franzido. — Não penso em fazer isso no carro. Tudo bem?

— Uhhh, que antigo você é! — Zombou, desejosa de continuar.

Ana, como um vulcão em erupção moveu seu quadril com lentidão sobre a grande ereção dele, que inconscientemente tencionou, e sussurrou dengosa e disposta a conseguir seu propósito.

— De verdade que vai me fazer parar?

Rodrigo apertou os dentes. Com os anos havia aprendido que uma cama e a intimidade de um quarto era o melhor lugar para desatar uma paixão, em especial porque um homem como ele, de um metro e noventa, poderia apenas se mover no carro. Mas aquela pequena morena com cara de diaba e um cheiro maravilhoso de pêssego o estava esquentando em excesso e se continuasse assim, ela ganharia.

— Escute-me. — insistiu ele com menos convicção. — Ambos temos

casas com estupendas cama e quartos para ter que fazer aqui no carro o que estamos pensando.

— Repito: antigo! — Sussurrou, como que desafiando, perto de seu ouvido.

Excitado pelo o que ela lhe propunha fazer, finalmente sorriu e quando Ana voltou a lhe chamar de antigo, colocou seu assento para trás e disposto a aceitar, disse:

— Você ganhou.

Uma vez que conseguiu obter o espaço que propunha, ele sorriu e Ana desejosa para cumprir sua fantasia, desabotoou sua camisa branca botão por botão e quando teve para ele aquele torso duro e firme o beijou. Com deleite, tocou seus abdominais marcados e recorreu lentamente seu corpo enquanto ele deslizava sua mão pelo pescoço, depois ombros e finalmente das costas até chegar a sua cintura.

Ela tirou a camisa, extasiada. Rodrigo era grande, musculoso e terrivelmente saboroso e quando por fim teve frente a ela a tatuagem com que tantas vezes havia sonhado, sorriu. Hipnotizada por aquele desenho tribal que começava no braço até o ombro e terminava no inicio do pescoço, suspirou. E sem perder um segundo, colocou seus dedos nele e a tocou.

— Adoro.

Rodrigo se incorporou no assentou, aproximou o nariz ao pescoço dela e a beijou.

— Você gosta?

Com a carne quente pelo o que ele a estava fazendo sentir somente tocando suas costas e beijando seu pescoço, assentiu fechando os olhos.

— Sim. Eu também tenho algumas tatuagens.

Incapaz de parar aquele ataque, Rodrigo com delicadeza colocou suas mãos em suas bochechas e voltou a beijá-la. Capturou aqueles tentadores lábios e os sugou enquanto levantava o quadril e apertava sua enorme ereção contra o centro dela. Depois, inclinou sua cabeça para trás e atacou seu pescoço, aquele pescoço doce e de pele suave ao que mimou com vários e minúsculos beijos carregados de erotismo enquanto lhe perguntava com a voz sinuosa:

— Aonde você tem suas tatuagens?

Soltando um gemido de satisfação pela atenção que ele lhe dava, Ana apoiou suas mãos em seu peito duro e — Tinha que se separar dele ou explodiria — sussurrou enquanto a chuva caia com força no exterior:

— Tenho uma no tornozelo e outra no ombro esquerdo. Irei te mostrar.

Rodrigo abriu bem os olhos e com a boca seca viu que ela desabotoava sua camisa e deixava descobertos uns tentadores peitos reprimidos por um sutiã escuro.

— Você gosta da minha tatuagem? — questionou ela, movendo o ombro esquerdo.

Sem se importar onde estavam ele cravou seu inquietante olhar azul no ombro que Ana lhe ofereceu, e contemplou uma bonita tatuagem de uma fada com grandes asas, mordiscando seu ombro sussurrou:

— É tão bonita como você.

Atordoada pelas coisas que Rodrigo lhe dizia, ela sorriu e sem pudor disse enquanto roçava tocando seus dedos na tatuagem dele na região do pescoço:

— Uma bonita tatuagem e um corpo maravilhoso... Você é sexy e excitante. — E sem que pudera evitar, riu e acrescentou: — Minha mãe ainda não perdoou quando me fez.

— Minha mãe se aterrorizou — cantarolou ele enquanto passava a língua lentamente pelo espaço entre os peitos, que se erguiam majestosos na sua frente.

— Uh! Com certeza a minha mais. — suspirou, desejando fazer.

— Não acredito.

Encantado por aquela entrega pousou suas mãos sobre as pernas dela e se surpreendeu ao comprovar que levava meias até a coxa. Sexy!

Quente, receptiva e desejosa ao notar as mãos dele pelo interior de seus músculos suspirou enquanto a chuva rebatia com força no teto do carro. Esse momento era o mais excitante que havia tido em sua vida e estava disposta a desfrutá-lo. Sentindo-se atrevida, ela mesma retirou sua camisa e abriu o sutiã. Seus peitos ficaram soltos na altura do rosto dele e então os empurrou. Rodrigo caiu sobre o assento do carro, e ela poderosa aproximou seus peitos da sua boca, deixando entender o que desejava, ele sugou. Durante um tempo ela levou a iniciativa daquele ardente jogo. Primeiro foi um peito, logo foi o outro e quando o homem estava duro e

receptivo colocou sua boca sobre a dele e a devorou.

Assim ficaram um bom tempo, até que, a ponto de explodir por ver-se tão diminuído por seus movimentos, Rodrigo pegou sua carteira e retirou uma camisinha. Não podia agüentar mais. Se continuasse com aquele jogo gozaria na calça e o que queria era fazer dentro dela. Necessitava. Ana ao ver aquele gesto, sentiu a tentação de contar seu segredo. Estaria fazendo bem oculta-lo? Mas no final decidiu que esse segredo só era sujo, e naquele momento queria unicamente uma coisa: sentir a virilidade de Rodrigo em seu interior.

— Eu adoro seu cheiro de pêssego. — Murmurou ele enquanto colocava a camisinha.

— A pêssego?

— Sim..., a pêssego fresco, doce, tentador e louco.

— Será a camisinha? É de sabor? — Balbuciou, ansiosa.

— Não... É você. — Insistiu, fazendo-a sorrir.

— Você também cheira muito bem. Qual perfume usa?

— Adivinha.

Dengosa, aproximou o nariz ao seu pescoço e ao ver que ele havia terminado o que estava fazendo, se levantou um pouco, colocou aquela enorme ereção em sua entrada e enquanto desejava deslizar sobre ele lentamente, sussurrou:

— Hugo Boss. Ainda lembro do cheiro de quando fez a sessão de fotos com vários modelos.

— Acertou. — disse ele quase gemendo ao notar como ela se encaixava.

Uma vez que penetrou totalmente ela, Ana tomou ar e olhando em seus olhos enquanto se movia para frente e para trás com parcimônia:

— Deus! Você nem imagina o que está me fazendo com isso.

Tombando o assento de seu carro, deslizou as mãos pelas costas dela, até que agarrando-a pela cintura murmurou enquanto a apertava com força contra ele:

— Nem imagina o que você está me fazendo.

Incapaz de agüentar um segundo mais aquela doce tortura, Rodrigo tomou as rédeas e movendo-a sobre ele à seu capricho, fez com que ela gemesse de prazer. Ana estremeceu. A penetração desse homem a

enlouqueciam e ao ver seus lábios entreabertos se inclinou sobre ele e o beijou. Ele cravou os dedos em sua cintura enquanto entreva uma e outra vez nela. Esgotado o beijo e com necessidade de respirar, Ana se incorporou enquanto ele continuava com seu ritmo implacável, até que um gemido a tencionou e uma onda de êxtase fez com que surtasse derrubando-se sobre ele. Uma vez que foi consciente de que ela havia chegado ao seu clímax, com quatro estocadas fortes e um ronco bruto, Rodrigo se deixou levar pela paixão do momento.

Enquanto jaziam um sobre o outro no incomodo assento do carro e tentavam recuperar o controle de suas respirações, nenhum dos dois falou. Se limitaram a escutar o som da chuva, até que começou a soar uma canção no radio que rapidamente Ana, que continuava ainda com os olhos fechados, começou a cantarolar.

... é você, é você, é você somente você faz com que minha alma desperte com tua luz você, é você, é você...

Durante um curto espaço de tempo ele se limitou a escutá-la enquanto sussurrava apoiada em seu peito, até que ao tocá-la em seus braços notou que estava fria. Rapidamente levantou sua camisa a deixou por cima e sussurrou:

— Você tem uma voz bonita e pelo o que vejo, gosta desta canção.

— Eu adoro esta musica de Pablo Alborán — Disse levantando o rosto do peito dele. E olhando-o acrescentou: — Você conhece?

Ele sorriu e dando um beijo doce na palma de sua mão negou com a cabeça.

— Não é meu estilo. Já te disse que os tipos que cantam baladas de amor não seu meu estilo.

O observou com um gesto divertido. Aonde teria aquele pedaço de homem sua veia romântica? Mas decidida a não romper aquele momento bonito, sorriu. Quando a música acabou, pegou sua bolsa do assento do passageiro, a abriu e tentou pegar uns lenços, mas algo voou e caiu entre os dois. Rodrigo foi mais rápido que ela e ao capturar o objetivo a olhou com uma expressão engraçada.

— Mas o que é isso?

Vermelha como um tomate, tentou pegar, mas ele não deixou e ao ver do que se tratava voltou a perguntar-lhe com um tom zombeteiro:

— Você leva uma cinta na bolsa? — Ela não contestou e ele acrescentou:

— Uauuu! Uma cinta de vaquinhas?

Horrorizada e morta de vergonha, se sentou com rapidez no banco do passageiro, levantou sua blusa e começou a vestir guardando o sutiã na bolsa. Não pensava contestar o que ele perguntava e menos ainda depois de ver sua cara divertida. Aquilo era humilhante. Mas ao ver que ele não parava de olhar, falou:

— Tudo bem, eu confesso: são vaquinhas. Estava com a cinta porque quando coloco essa sai preciso para disfarçar um pouco a barriga. Mas estava incomodada com ela e decidi tirar. Fim de assunto. — E de uma vez só, pegou a cinta.

Rodrigo decidiu se calar. Aquilo foi o mais divertido que lhe havia acontecido com alguma de suas ficantes. Teria gostado de seguir brincando à respeito, mas ao ver a carranca dela optou por dar um desconto. Cinco minutos depois, já vestidos, o jovem voltou a observá-la e perguntou:

— Segue de pé para ir para sua casa?

— Sim claro. — E cravando seus olhos verdes nele, murmurou: — A não ser que ao ver a cinta seu desejo tenha sumido.

Então ele não pôde mais e soltou uma gargalhada que finalmente fez Ana rir. Depois de um bom tempo em que os dois entre risadas voltaram a recordar o momento cinta voadora, Rodrigo arrancou o carro.

— Saiba que o momento da cinta de vaquinha... me deixou louco. — Ele disse e ela ficou vermelha.

Assim, entre mais risadas, conduziu até a casa de Ana, onde naquela noite fizeram repetidamente amor no sofá, sobre a bancada e ao final, antes de dormirem, na cama.

Na manhã seguinte, depois de uma noite perfeita de sexo, depois de tomaram café da manha juntos com leite e umas torradas, Rodrigo se dispôs a ir. Enquanto colocava o casaco, se fixou em um gato cor de canela e brando que dormia sobre o sofá.

— Não sabia que tinha um gato.

Com um sorriso carinhoso, Ana mordeu uma bolacha.

— *Miau* geralmente se esconde quando vem gente aqui. É muito tímido! Mas deve estar tão cansado pela noite que lhe demos que decidiu aparecer.

— *Miau?*

— Sim.

Rodrigo soltou uma gargalhada sinalizando a gaiola do canário.

— Não me surpreenderia se esse se chamar *Piu*.

Ambos sorriram e ele se aproximou dela e a agarrou pela cintura.

— Foi um prazer passar a noite contigo.

— Digo o mesmo.

Durante uns minutos se olharam nos olhos e então Ana para romper aquele momento lhe aconselhou:

— Se agasalhe porque está bem frio.

Rodrigo a soltou, e dando-lhe um rápido beijo nos lábios, subiu a gola da jaqueta preta, abriu a porta e saiu.

Quando Ana ficou sozinha na entrada da casa só de calcinha e camisa levantou os braços em sinal de vitória e saltou como uma louca. A noite com ele havia sido a melhor noite de sexo e luxúria que viveu em sua vida. Rodrigo era atento e carinhoso tanto na cama como fora dela e isso a encantou.

— Uhull, uhull, uhull! Um olé para você.... Anita! — Gritou alvoroçada.

Feliz pelo ocorrido deu play em seu aparelho de som e rebentou a musica de Don Omar Dança Kuduro. Emocionada começou a mover o quadril e as mãos ao ritmo da melodia. Estava tão metida em sua dança que não ouviu que a porta se abriu até que em um de seus giros estavam atrás dela Nekane e Rodrigo. Rapidamente parou de dançar e desligou a musica.

O bombeiro ao ver seu gesto e a vermelhidão de seu rosto sorriu. Aquela moreninha era graciosíssima e recolhendo da mesa as chaves de seu carro disse:

— Eu havia esquecido.

Ana assentiu e ele sem dizer mais nada lhe piscou um olho, deu meia volta e se foi.

Uma vez que ficaram as duas sozinhas, Nekane olhou para sua amiga e perguntou sorrindo:

— Noite escandalosa?

— Escandalosa não..., muito mais.

Nekane encantada de ver sua amiga tão feliz, se aproximou do aparelho de som, deu *play* e as duas começaram a dançar como loucas. Elas mereciam.

Naquele dia pela tarde, depois de comerem juntas, fofocaram sobre como haviam passado bem.

— Olha... — Disse Nekane olhando sua amiga — Está me ocorrendo uma coisa.

— Ah Mãe! Quando te ocorrem coisas geralmente as coisas tremem. — Falou Ana.

— Que nada tonta. Escuta.

— A noite você ganhou um fim de semana em um *spa*, certo?

— Sim.

— O que você acha de convidar o Rodrigo. Se uma noite foi maravilhosa, o que poderias fazer em um final de semana?

Ana a observou. Ela tinha ficado louca? Mas antes que pudesse dizer algo, Nekane acrescentou:

— Tá bom, entendo que você me olhe com cara de grilo lamentador, mas, por que não?

— Porque não acho que seja o caso. Porque não sei o que vou fazer um final de semana inteiro com ele...

— Ah para! Como não sabe o que vai fazer com ele? — Disse rindo. — Se quiseres te digo o que podes fazer em um *spa* com uma cama grande, massagens e...

— Não. Não é boa idéia.

Sem lhe dar tempo para pensar Nekane estendeu o celular de Rodrigo.

— Chama ele e diz.

— Nem louca.

— Não seja recatada. Você gostou da noite que passou com ele e...

— Claro que gostei da noite passada com ele. Foi alucinante. Mas tenho que ser consciente da minha situação. Eu estou em um momento para... para...

— Chamá-lo.

— Não, e esse assunto acabou. — E levantando-se anunciou — Vou tomar banho.

Nekane a seguiu com os olhos até que desapareceu de sua vista e enquanto ficou sozinha na cozinha, pegou o celular de sua amiga teclou

rapidamente uma mensagem e a enviou. Três minutos depois, Ana voltou.

— Desde sempre filha, te ocorrem coisas de bombeiro. — Comentou, olhando para sua amiga.

— E nunca melhor que isso.

Ambas riram pela ocorrência e em seguida o celular de Ana apitou. Ao ver, seu gesto mudou ao ler em voz alta:

— Aceito esse fim de semana com você. Só falta me dizer quando.

Nekane começou a aplaudir.

— Bem! Sabia que ele não ia negar.

— Mas, o que você fez? — Gritou Ana, soltando o celular como se o queimara.

Incapaz de acreditar o que Nekane havia feito, protestou:

— Vá se fuder Neka! Eu estou grávida.

— E o que? Sua barriga ainda nem é visível e você deve aproveitar o tempo.

— Mas... mas é uma loucura.

— A loucura seria não fazer. Lembra que dentro de pouco tempo sua vida sexual será zero. *Kaput*! Mas aonde você vê o mal?

Em ficar grávida?

Ana estava boquiaberta pelo o que sua amiga dizia.

— Só estou tentando que as coisas não piorem.

— E porque vai piorar se ambos são adultos e sabem o que fazem? Vem, Ana..., não sejas distante, que você nunca foi e teve suas homenagens sexuais quando cresceu fora do chapéu. Rodrigo, esse com quem você passou uma fantástica noite de sexo e luxúria, você gosta dele e tem que aproveitar o tempo que te resta.

Ainda assombrada pelo o que Nekane havia proposto e mais porque ele havia aceitado pegou o celular e escreveu: “Livre no próximo final de semana?”. Cinco minutos depois o celular voltou a apitar e ambas gritaram ao ler: “Combinado. Nós vamos para o *spa!*”.

----------— // ----------—

Chegou o final de semana e depois de fazer e desfazer seu pequena mala um milhão de vezes e colocar toda a langerie sexy que tinha, Ana, histérica

perdida, desceu junto com sua amiga para a entrada. Rodrigo estava para chegar.

— Seja boa e passe no luxo. — Lhe aconselhou Nekane rindo ao ver o cenho franzido de Ana. — E lembre do que eu disse: "Você merece um Yogurazo".

— Olá minhas lindas! — As cumprimentou Encarna. E ao ver a mala de Ana perguntou: — Vai viajar?

— Ela vai ficar um final de semana com um malhado impressionante. — Respondeu Nekane.

A vizinha colocou o moedeiro embaixo do braço e sorriu.

— Mas o que diz criatura? Com quem você vai?

Ana olhou sua amiga com vontade de matá-la e esta sem dizer que ia com o bombeiro que tirou Encarna pela janela contestou:

— Ela vai com um gato bárbaro. Lhe garanto!

Encarna encantada com o que escutava, sorriu e disse:

— Me alegro céu! Passe-o bem e desfrute o máximo. — E se aproximando perguntou: — É bem bonito o moço?

Ana finalmente sorriu e cochichou:

— Bonito não Encarna, muito mais.

— Ahh Aninha! Pois desfrute em dobro.

Depois das três soltarem uma gargalhada, Ana as beijou. Nesse momento apareceu o carro de Rodrigo e disposta a passar bem se encaminhou até ele. Quando o carro parou e ele desceu, não lhe deu um beijo nos lábios, isso a decepcionou. Rodrigo simplesmente abriu o porta malas e colocou a mala.

— Preparada para um relaxante fim de semana no *spa*?

— Preparadíssima. — Assentiu ela, e depois de receber um afetuoso aperto no ombro, abriu a porta do carro e entrou.

Da entrada Encarna e Nekane os observavam.

— Mas, esse não é o bombeiro que..? — Começou a perguntar a vizinha.

— Exato Encarna.

— Que bom olho tem a vadia. — Assentiu a mulher.

No caminho até Toledo Ana começou a passar mal. O que lhe passou pela

cabeça? Dissimulou tudo que podia. Não era o momento de se encontrar mal. Ali estava ela, com um pedaço de homem incrível, vestida com uma bonita langerie em vermelho paixão e nada a iria atrapalhar. Mas quando já não pode mais, o olhou e gritou:

— Para o carro!

— O que aconteceu? — Perguntou ele surpreendido.

— Quero vomitar.

Como pode, Rodrigo parou na direita, e segundos depois todo o glamour que ela manifestava murchou. Seu rosto ficou cinza e seu corpo se contraiu. Sem esperar ele pegou uns lenços de uma caixa que levava no porta-luvas. Saiu o carro e depois de rodeá-lo se aproximou dela que ocultava seu rosto, agachada no chão.

— Está melhor? — Perguntou preocupado enquanto estendia os lenços de papel.

Sem olhá-lo, assentiu e enquanto pegava o que ele lhe entregava pensou: “Me engula chão! Mas como pode acontecer isso comigo?”.

Durante uns minutos ambos ficaram em silêncio, até que ele voltou a questionar:

— Ana você está melhor?

Depois de puxar o ar, ela se levantou e murmurou com um sorriso bonito:

— Sim... Não sei o que aconteceu. Acho que a comida me caiu mal.

— Continuaremos, ou prefere voltar?

Ainda que por um instante teve dúvidas, finalmente com o melhor de seus sorrisos respondeu:

— Vamos continuar... Acho que uma boa massagem vai me melhorar.

Cinco minutos mais tarde, tudo parecia normal. Ana voltou a ter cor no rosto e sorria de novo. Mas Rodrigo sabia que não estava bem. Só tinha que observar calado o que estava pensando. Quando chegaram a Almocidad desviaram e poucos quilômetros depois encontraram o precioso hotel *Spa* Villa Nazules. Uma vez que deixaram o carro, pegaram suas coisas e se encaminharam para o interior do estabelecimento.

Ao entrar na moderna recepção de pedra Ana sorriu. Aquele final de semana teria que ser memorável, mas ao sentir uma nova ânsia quis

morrer ainda que disfarçou. Dois segundos depois um amável recepcionista os atendeu e depois de fazer o *check-in* lhes indicou como chegar ao quarto.

Brincando caminharam pelo hotel até o quarto 125. Uma vez que Rodrigo abriu a porta, os dois soltaram um assovio de satisfação.

A casa era espaçosa e a conjunção dos estilos antigo e moderno lhe dava um toque muito chique.

— Para ser um presente é melhor que eu esperava! — Sussurrou Ana encantada.

— Sim... é muito boa. — Acrescentou Rodrigo que olhava a enorme cama com colcha vermelha como se o estivera convidando.

Durante um par de segundos ele ficou em dúvida. Não sabia se devia atirá-la na cama para começar a desfrutar do que haviam ido fazer ali ou se devia respeitar que ela não estava bem. Finalmente ganhou a segunda opção e depois de ver que Ana entrava no banheiro e fechava a porta se sentou para esperar naquela cama enorme de colcha vermelha.

Dez minutos depois a porta do banheiro abriu e a jovem apareceu com o cabelo molhado.

— Você vomitou de novo?

Ana decidiu não mentir. Se encontrava mal e assentiu.

Sem perder um segundo Rodrigo pegou o telefone e pediu um chá de camomila para recepção.

— Deite-se — Disse retirando a colcha da cama. —Pedi um chá de camomila. Isso como disse meu pai, ou te acalma ou te acalma.

Depois de soltar um grunhido de frustração Ana o olhou e sussurrou.

— Sinto muito...

— Não é nada preciosa — Respondeu ele carinhosamente beijando-a na cabeça. — Todos em algum momento nos sentimos mal e...

— Sim, mas não em um final de semana que era para ser uma escapada sexual. Que vergonha!

— Não se preocupe. — A reconfortou com um sorriso. — Garanto que amanhã estará melhor.

Mas não foi assim. Na manhã seguinte quando Ana acordou e viu o café da manhã que Rodrigo havia pedido, sentiu que ia morrer.

Sem que pudesse evitar correu até o banheiro da onde saiu um tempo

depois. Aconselhada por ele voltou a deitar na cama e apesar de que queria dormir apenas por cinco minutos, o resultado foi de três horas. Quando acordou eram duas da tarde.

Horrorizada foi se levantar quando as náuseas a obrigaram a correr de novo para o banheiro. Algo na comida que ele comia a deixou mal. Não podendo permanecer um segundo mais impassível Rodrigo deixou de comer e quis entrar no banheiro para, ao menos, apoiá-la moralmente, mas ela não permitiu.

— Abre, não seja cabeça dura.

No interior do banheiro sentada no chão na frente do vaso sanitário, ela gritou:

— Não! Não quero que me veja assim.

Apoiado na porta Rodrigo suspirou.

— Ana, porra! Somos amigos e...

— Por isso — Cortou ela — Como somos amigos quero que você vá desfrutar da programação que havíamos previsto no *spa*.

Tínhamos a tarde cheia de atividades e quero que as faça.

— Mas Ana...

— Rodrigo, por favor..., vá.

Incapaz de entender como as mulheres eram estranhas às vezes, se deu por vencido colocou o roupão que o hotel havia deixado sobre uma das cadeiras.

— Ana.... estou indo. — Disse antes de sair.

Quando ela ouviu a porta fechada respirou aliviada. Enfim sozinha! E levantando-se do chão se olhou no espelho. Seu aspecto era horrível.

— Porque tenho que passar mal justamente neste fim de semana?

Depois de se lamentar muito, enfim tomou um banho, mas ao sair para o quarto e sentir o cheiro da comida suas tripas voltaram. Tapando o nariz chegou ao carrinho onde estavam todos aqueles manjares e depois de pegar uma fruta, levou o carrinho para o corredor, abriu as janelas e o cheiro se foi.

Por volta das sete e meia da noite apareceu Rodrigo. Ana estava muito melhor e o recebeu com o mais formidável de seus sorrisos.

— Me conte. Como foi a programação?

— Boa. E como você está? — Se preocupou, aproximando-se dela.

— Melhorzinha ainda que não vou mentir que tive mais momentos brilhantes! Venha, conte-me o que fez.

Desfrutando da forma que o olhava e em especial de vê-la melhor, se sentou junto dela na cama.

— Começamos com a piscina termal, depo...

— Começamos?

— Sim... Me juntei a um grupo muito divertido. Por certo, ficamos de comer juntos. Espero que não se importe.

"Me importar!", quis gritar, mas não fiz isso.

— É claro que não me importo. Mas venha..., continue. Conteme o que eu perdi.

— Que me lembre sauna, banho turco, ducha com essências, ducha escocesa, camas aquecidas, uma passada acredito e ducha Cichy. Depois, alguns entraram na sala de relaxamento onde nos deram suco e passamos um tempo muito..., muito agradável.

Apenas se conheciam, mas aquele tom e sobre tudo seu sorrisinho ao dizer "Passamos um tempo muito..., muito agradável" a alertaram. O que havia acontecido? Mas justo quando ia perguntar tocou o telefone do quarto e o ouviu falar e rir com alguém. Quando desligou se dirigiu a ela depois de olhar o relógio.

— Era Eva.

— Eva?!

— Sim, uma das meninas que conheci. Chamou para dizer que às nove horas esperam na recepção.

Ao escutar o nome daquela mulher soube que esta havia sido a responsável pelo "tempo muito..., muito agradável" na sala de relaxamento. Mas decidida a não se comportar como Glenn Close em Atração Fatal, simplesmente sorri. Durante um bom lapso de tempo continuaram falando sentados na cama, mas ele não se aproximou. Ana tentou ser sexy. Inclinava o ombro, tocava o cabelo com sensualidade, mas nada, ele não reagia.

De sua parte, Rodrigo a observava. A garota não tinha o rosto bem e o que menos queria era pressioná-la para ter sexo. Por isso, decidiu comporta-se como um bom amigo e nada mais. No final das contas eram amigos, não?

Eram vinte para as oito horas quando Rodrigo saiu do banho. Ela continuava deitada na cama com o controle da TV na mão. A olhou e se dirigiu ao armário onde no dia anterior havia guardado suas roupas e pegou uma calça jeans e uma camisa vermelha, deixou cair o roupão branco do hotel e começou a se vestir.

“Puta merda..., puta merda! Está lindo!”, pensou o secando com seu olhar.

Bloqueada pela imagem daquele deus desnudo na frente dela, segurou uma lágrima. Aquele homem era incrível. Não..., impressionante. Sua pele morena, suas costas amplas, seus braços fortes. Tudo nele era sexo puro e dinamite.

— Vamos, vista-se — falou olhando-a — São quase nove. O que você esta esperando.

Sem protestar levantou da cama e depois de escolher uma saia de cor caqui até os pés e uma camiseta combinando com um colete sobreposto, o olhou com o melhor de seus sorrisos e disse:

— Venha, linda, vamos nos divertir.

Mas a insegurança que Ana sentiu ao encontrar aquele grupo na recepção, encolheu até seu coração.

Efetivamente era um grupo, mas havia apenas dois garotos para cinco garotas, todas elas mais altas e mais bonitas. Depois das apresentações Ana pode comprovar que a tal da Eva, uma garota loira, a observava com um sorriso fingido. Mas ela era a acompanhante de Rodrigo e contra isso aquela loira de bote não tinha nada que fazer.

Uma vez que entraram no restaurante do hotel, Ana foi objeto de empurrões e puxões. Todas queriam sentar ao lado de Rodrigo, mas ele não permitiu. Pegou Ana pelo braço e fez com que se sentasse junto a ele. Esse gesto provocou um sorriso e ela o dirigiu na direção da tal Eva, que se sentou no outro lado com cara de gambá. Ambas se entenderam com o olhar. Mas o que começou como triunfo para Ana se foi nublando até se converter em agonia. Ao garçom levar o primeiro prato o cheiro revolto de aspargos com ovos, o estômago mal educado de Ana se revelou. E sem que pudesse evitar teve que se levantar e sair correndo do lugar.

Uma vez fora, o ar encheu seus pulmões e respirou com tranqüilidade.

— Acho que deveríamos chamar um médico. — Disse Rodrigo ao seu lado.

— Não.

— Com certeza que algo está crescendo. — Insistiu.

— Sim, um ovo. — Murchou ao pensar no bebê que crescia em seu interior.

Mas ao não entender o duplo sentido, para Rodrigo pareceu engraçado e sorriu.

— Você deve estar com alguma virose.

“Sim..., um vírus chamado bebê”, pensou ao escutar a voz de Rodrigo. Mas girou para olhá-lo e respondeu com rapidez.

— Não se preocupa, de verdade. Amanhã, quando voltarmos, se continuar assim, marcarei uma consulta com minha médica.

Passando com carinho a mão em sua bochecha ele perguntou:

— Você quer voltar para o quarto ou prefere voltar para o restaurante?

“Ele disse “quer” no singular”, disse para si mesma e entendendo que aquela noite tampouco seria o que ela esperava se deu por vencida e encolhendo os ombros murmurou:

— Sim, se você não se importar acho que vou para o quarto.

Surpreendida, viu como ele agarrou sua mão e começou a caminhar. Soltando-se, o observou e perguntou:

— O que está fazendo?

— Voltando com você? O que parece?

Essa resposta era a que ela queria escutar, mas em seu interior sabia que ele não queria isso. Por ele, se sentou em uma cadeira da recepção e o obrigou a sentar-se também.

— Vamos ver Rodrigo, sejamos sinceros. Sei que este não é o final de semana que nem você ou eu esperávamos, verdade? — Ele negou com a cabeça. — Agradeço muito que se preocupe comigo e queira terminar a noite como um cadáver no quarto deste maravilhoso hotel, ou em seu defeito ver televisão, mas isso não seria justo e eu quero ser justa contigo. De acordo?

— De acordo.

— Nós somos apenas conhecidos e sequer podemos falar “amigos”.

— Para mim você é minha amiga — Acrescentou ele.

— Sim, e como uma amiga sua quero que passe bem e que leve uma boa lembrança deste fim de semana, apesar dos pesares. — Ele sorriu. — Não sou cega e vi como Eva te olha e você olha para ela! Por isso, passe-o bem. Desfrute do que tenhas que desfrutar e amanhã regressaremos a nossas casas com o mesmo bom rolo que chegamos.

— Você esta dizendo o que acho que esta dizendo? — Perguntou Rodrigo, surpreendido por aquela sinceridade.

— Sim.

— De verdade?

Como uma boa atriz, Ana o olhou e assentiu.

— Que sim. Diretamente estou dizendo: passe bem com Eva que você não vai quebrar meu coração dormindo com ela. Nosso fim de semana de sexo foi por água abaixo e quero que você passe bem. Ainda mais que neste momento o que mais me apetece é ir para cama sozinha e...

— Sou tão mal na cama? — Murchou ele.

— Nãoooooo! Não diga besteira. — Ambos riram — A noite que passamos juntos foi estupenda e teria adorado voltar a repeti-la neste fim de semana, mas...

— Você está me deixando impressionado.

— É disso que se trata. De te impressionar! — Ironizou ela.

— Sabe, nunca tive uma boa amiga. Desde bem jovem as mulheres sempre cumpriram a mesma função.

— Pica-pau você tem sido. — Suspirou divertida e acrescentou: — Então veja, já tem uma amiga de verdade! E para que fique claro o que seremos eu e você a partir de agora, para você desde hoje sou como os anjos, sem sexo! — Rodrigo riu forte e ela prosseguiu puxando sua orelha. — Se quiser podemos ser bons amigos. Podemos falar contando confidencias, ir ao cinema... Vamos, qualquer coisa que os amigos fazem sem direito a toque. O que você acha?

Boquiaberto com a sinceridade de Ana, a observou. Nunca uma mulher que esteve com ele havia sugerido nada assim. Ao contrário, sempre pediam mais. Mas ali estava aquela jovem moreninha pedindo-lhe só amizade. Comovido, empurrou seu cabelo e depois de dar um beijo carinhoso na bochecha, disse levantando-se:

— De acordo, amiga de alma. Estarei encantado de poder fazer todas

essas coisas com você. Mas antes de seguir com seu desejo sobre o que irei fazer esta noite, te acompanharei até o quarto.

Com um sorriso, ambos se levantaram e caminharam pelo corredor de mãos dadas. Uma vez que chegaram ao quarto, Ana abriu a porta e entregou a chave para ele.

— Anda, vai passar bem. Eu daqui não me sairei.

Ele sorriu e depois de lhe dar um beijo na bochecha, guardou a chave no bolso do jeans e se foi. Quando Ana fechou a porta, se apoiou nela e escorregando até o chão, murmurou olhando sua barriga:

— Você é um empata foda. Ainda nem nasceu e já começou a dirigir minha vida. Saiba que acaba de estragar minha última grande noite de paixão.

Capítulo 6

Passado um mês, em fevereiro a vida voltou à normalidade. Aquele fatídico fim de semana se esqueceu e somente mudou uma coisa entre eles: agora eram amigos sem direito a toque.

Rodrigo nunca teve uma amiga tão especial e desfrutava de sua companhia. Sempre que podia a chamava para ir ao cinema ao jantar e jamais percebeu que ela o olhava de uma maneira especial. Ana ocultava o que sentia por ele tão bem que até ela mesma se surpreendia. Era uma excelente atriz!

Um domingo pela manhã, Calvin apareceu em sua casa na companhia de Rodrigo. Ana se alegrou. Poder estar com ele o tempo que fora lhe enchia de luz e cor. Os quatro decidiram ir dar uma volta por El Rastro. O mercado estava sempre tão cheio de gente que tentar não roçar seu corpo com o de Rodrigo era uma missão impossível, e isso lhe agradava.

Errante toparam com uma banca de ímãs e Rodrigo comprou um para a geladeira em forma de pêssego e a presenteou.

— O que é isso? — Perguntou Ana animadamente.

— A isso você cheira. A pêssego.

Satisfeita, pegou o objeto e lhe deu um beijo na bochecha para agradecer. Rodrigo alegre aproximou a boca da orelha dela e sussurrou.

— Você é meu pêssego louco, suave por fora e louco e imprevisível por dentro.

Ana lhe dedicou um sorriso e suspirou. Todavia recordava aquela noite de paixão que havia passado com ele e ainda que saiba que essa lembrança não lhe faz bem, se negava a esquecer.

Sua excursão continuou por El Rastro, até que de repente Rodrigo a puxou pela cintura atraindo-a até ele, disse:

— Ana, beije-me!

Assustada, ela cravou seu olhar nele e perguntou:

— O que disse?

— Acabo de ver uma ficante com que estive algumas semanas e que não quero voltar a ver, e vem até nós — Contestou rapidamente Rodrigo — Beije-me!

Dito e feito. Ana o beijou. Passou as mãos por sua nuca e ficando na ponta dos pés fez o que ele queria e por sua vez, o desfrutou. Nekane e Calvin os contemplaram um tanto surpreendidos. O que estavam fazendo? Mas em seguida entenderam a situação.

— Rodrigo!

Ele ao ouvir seu nome apertou os lábios da mulher que estava beijando e com um espetacular sorriso e sem soltar a mão de Ana disse:

— Nossa Silvia como vai?

A mulher o observou de cima abaixo e respondeu:

— Pelo que vejo não tão bem como você.

Ainda em estado catatônico por aquele beijo devastador, olhou a mulher que tinha ante os olhos que parecia incomodada. Tentou soltar a mão de Rodrigo, mas este não permitiu. Ao contrário a segurou fortemente enquanto perguntava:

— Você aqui em Madri?

— Vim para o final de semana com umas amigas. Raúl e Jesús não te falaram?

Rodrigo assentiu. Seus amigos haviam lhe avisado.

— Sim me disseram, mas já tinha planos. — Contestou com naturalidade.

Aquela resposta foi tudo que a mulher precisou para entender a situação, assim que assentindo com dignidade, deu meia volta dizendo.

— Adeus. Fico feliz de te ver de novo.

Quando aquela se afastou, Rodrigo olhou Ana e lhe deu um beijo.

— Obrigado.

Ana trocou um olhar com Nekane e sorriu amplamente. Estava tão feliz por ter beijado Rodrigo que desconcertou sua amiga guiando o olho e acrescentou:

— Tranquilo, para isso são as amigas.

Pelas duas da tarde decidiram parar em uma pizzaria perto da casa das garotas. Ali compraram alguma comida para levar. Já em casa, enquanto as garotas pegavam do armário alguns copos, se ouviu o som de um telefone. Era o de Rodrigo, quem rapidamente atendeu. Durante alguns minutos Ana escutou como ele ria como um tonto enquanto falava com uma tal de

Susana. Com fingida dissimulação, entendeu que estaria com ela as nove no metro Rubén Darío. Se sentiu mal, mas não disse nada até que Nekane cochichou:

— Admita. Esse cara não é para você.

— Eu sei. Deixe-me em paz.

— Então troque a expressão se não queres que ele te pergunte o que te incomoda. — Ao ver como sua amiga olhava, trocou de conversa e lhe perguntou: — Onde esta o Evacuol? Estou estranha e como não fui ao banheiro ainda vou usar.

— Aqui! — Disse Ana dando o frasco de laxante.

— Quantas gotas eram?

— Se não me engano sete ou oito. — Respondeu a outra antes de sair da cozinha.

Nekane encheu um copo com água e colocou algumas gotas, mas quando ia tomar Calvin a chamou. Deixou o copo sobre a bancada e foi ver o que queriam. Segundos depois Ana entrou na cozinha e ao ver o laxante junto do copo supôs que sua amiga ainda não havia colocado a dose e sem perguntar fez ela.

— Neka — Disse enquanto enchia vários copos de água fresca e os deixava junto a uma jarra sobre a bancada. — Você tem seu copo de água ao lado do microondas. Não se esqueça.

Sua amiga assentiu e deixando Calvin voltou para a cozinha. De pronto olhou o copo e não pode recordar se havia colocado o medicamento assim que voltou a repetir a dose.

— *Miau* gosta de pizza? — Ouviu Calvin dizer.

— Não se atreva — Gritou Nekane.

E ao ver que o homem dava pizza para o gato, deixou o copo de água junto com o restante sobre a bancada e foi direto tirar o pedaço de pizza.

— *Miau* não pode comer pizza. Ele passa mal.

— Tudo bem mulher. — Disse Calvin sorrindo. — Não precisa ficar assim.

Entretanto Rodrigo havia desligado o celular e olhando até Ana, que estava ao lado da bancada, perguntou.

— É água fresca?

— Sim. — Respondeu ela e lhe passou um copo. — Toma.

Rodrigo pegou o copo, bebeu de uma vez e o deixou na bancada.

— Não há nada melhor que um copo de água para refrescar a garganta.

Neste momento Nekane o observou e ao se dar conta de que ele havia tomado seu copo de água abriu bem os olhos e se esqueceu de *Miau* e Calvin. Caminhou até sua amiga e levando-a para um lado murmurou:

— Acho que você acabou de dar meu copo com Evacuol para Rodrigo.

— Mas ele estava ao lado do micro... — E ao olhar e ver que não se encontrava ali soltou — Não me ferra!

Nekane assentiu e tentou tranqüilizá-la

— Ah, não se preocupe. Não acho que vá morrer. Coloquei só uma dose.

— O que você colocou? Aihhh Neka, eu também coloquei.

— Droga! — Exclamou sim poder contar a risada. — Desde sempre, Anita, o que você é capaz de fazer para que esse gato não saia com outra.

— Como você pode pensar que eu fiz isso? Eu não sabia que era seu copo de água. E ele me pediu água fresca e eu dei. — Grunhiu, irritada.

Ambas se olharam e mesmo que não queriam rir, lhes escapou um malicioso risinho. Segundos depois Nekane murmurou:

— Tranquilo, não fique nervosa. Você vai ver que não vai acontecer nada. Se for muito uma dor de barriga e só.

— Mas se levar a reação em dobro de Evacuol. Pobrezinho!

— Ou tripla. Coloquei umas gotas a mais porque não lembrava se havia colocado antes.

— Ahh Deussss! — Gemeu Ana horrorizada.

— Eu que digo: ah Deus! — Assentiu Nekane divertida.

Mas o que elas acharam que seria uma ligeira dor de barriga, não foi. Uma hora depois de comer as tripas de Rodrigo começaram a rugir como um leão e teve que sair em disparada até o banheiro. As jovens ao ver a reação que aquele laxante havia provocado nele, se olharam inquietas. Duas horas mais tarde, o enorme bombeiro estava pálido, sentado no sofá e quando saiu de novo correndo em direção ao banheiro Ana quis morrer. Voltou suado e com a cara descomposta, e ela se sentou ao seu lado.

— Rodrigo. Eu..., eu tenho que dizer algo.

— Ana..., se você não se importa deixar para depois, que agora estou morto.

— Acredito.... que o que você tem é minha culpa.

Apesar do mal que se encontrava, das voltas no estômago e do suor frio que sentia, a ficou observando.

— Não se preocupe mulher. Te asseguro que foi algo que comi e que me caiu mal.

— Não..., não... fui eu. — Insistiu — Eu te dei sem querer o copo de água que Nekane teria que tomar com laxante e...

— Como?!

— Sem querer me enganei de copo e....

Mas Rodrigo não pôde contestar. Lhe deu um novo aperto e teve que ausentar-se outra vez. Nekane com a mão na boca tentou disfarçar a risada, enquanto Calvin sussurrava:

— Desde logo, princesa, você não tem nome.

Dez minutos depois, Rodrigo voltou do banheiro, olhando com cara de chateado para Ana, que o observou assustada e perguntou:

— Onde está meu celular?

Uma vez que a jovem lhe passou, disse:

— Busca o nome Susana. Chame-a, diga que é minha irmã e que é impossível ir ao encontro devido um problema familiar.

— Eu?

— Sim você. — Falou bravo. — Por sua culpa meu encontro terá que ser cancelado.

Sem querer discutir com ele, fez o que lhe pedia diante do olhar de todos. Uma vez que desligou, murmurou:

— Pronto. Susana disse que espera que não seja nada grave e que a chame quando puder.

Então Rodrigo pegou o celular de suas mãos e olhou para seu amigo.

— Calvin, preciso que você me leve para casa. Não tenho forças nem para dirigir.

— Sim colega. Agora mesmo. — Assentiu o outro, levantandose.

— Você pode ficar no quarto de hóspedes. — Ofereceu Ana. — O digo

por sim...

Ele não deixou ela terminar e a olhou com a cara zangada.

— Prefiro ir para casa antes que você me envenene. Já é bastante humilhante o que estou passando. Não acha?

— Eu não quis te envenenar. Meu Deus Rodrigo! Não pense isso. — Ela defendeu — Nunca te machucaria, eu juro! Foi um engano...

O jovem, como pôde, sorriu enquanto colocava a jaqueta. Sabia que Ana não fez de propósito.

— Eu sei, pêssego louco... eu sei. Vamos, não se preocupe. Graças a você estou esvaziando todo meu estômago, mas prefiro ir para casa. Eu preciso.

Quando os homens se foram, horrorizada pelo ocorrido, levou as mãos ao rosto. Como aconteceu aquilo? Nekane, ao ver seu gesto decidiu fazer uma terapia de açúcar disposta a animá-la.

— De verdade, você acha que ele pensa que eu tentei envenená-lo?

— Não, mulher, ele não pensa isso. Você conhece o seu senso de humor.

— Ah, coitadinho! O machuquei sem propósito e olha o que passei tendo que chamar essa tal de Susana. Por certo pareci uma menina muito simpática.

— Espera, vamos ver, você está doente?

— Não — Disse enquanto levantava a mão para pegar o sorvete que sua amiga tinha entre as mãos.

— Mas como você pode fazer o que fez hoje no El Rastro?

— O que?

— Porra Ana! Quando você o beijou para escapar da mulher.

Juro que não sei como podes ser tão boa.

Sem se importar com a sinceridade da outra, respondeu:

— É que eu gosto dele, Neka, e aproveito todos os momentos que posso. Uhh que beijo nós demos! Épico!

— Bem..., isso eu entendo, mas porra! E ainda chama por telefone.

— Eu sei... não tenho remédio. Talvez sejam os hormônios que me deixam atordoada. — Respondeu enquanto colocava uma colher de sorvete.

— Ana, você gosta dele e você...., você de amizade? Tá louca?

— Sim..., eu assumo. — E levantando-se, pegou os picles e perguntou. — Ficariam bom com sorvete?

Nekane sem fazer caso, prosseguiu:

— Mas você não vê que isso é imprudente para sua saúde?

— Não, não vejo. — E depois de molhar um picles no sorvete de baunilha e mastigá-lo, soltou: — Definitivamente eu gosto mais com nutella.

— Meu Deus, pare de comer porcaria! — A repreendeu, pegando os picles de suas mãos. — E responda o que te disse antes ou eu pego o pote de Evacuol e eu sim quero te envenenar. Não vê que essa relação não é saudável para você?

— Tudo bem, reconheço que estou apaixonada por ele. Mas como não estaria? Ele é tão cavalheiro, tão sexy, tão atencioso que... não posso evitar. Ah Deus meu, coitadinho! Cada vez que lembro do seu rosto me dá vontade de... ah claro! Eu lhe pedi que nos acompanhe na exposição de Raúl dentro de dois dias. Você acha que terá me perdoado e irá?

— E eu é que sei — Respondeu Nekane.

— Amanhã o chamarei para saber como está.

Depois de alguns minutos de silêncio por parte de ambas, Nekane olhou para sua amiga e murmurou:

— Continuo sem entender por que fica com ele.

— Porque eu gosto, Neka... você já sabe.

— Mas...

— Chega! — Disse fechando o pote do sorvete. — Deixe que eu bata com a cabeça sozinha e assim você logo poderá me repreender e chamar-me de tudo menos bonita.

— Pois muito bem. Vá direitinho para o desastre porque é aí onde vais: dar com a cara! — Grunhiu Nekane, convencida de que sua amiga ia sofrer.

Dois dias depois, Rodrigo voltou a ser o que era. E quando pela tarde os garotos passaram pela casa das meninas para buscá-las para ir ao Mostreus de Madri, Ana foi feliz de novo. Quando chegaram, Rodrigo e Calvin se surpreenderam ao reparar no pessoal que por ali estava.

— Mas vão disfarçados do que esses? — Perguntou Calvin.

— Desde sempre, garoto, que mania você tem com os disfarces — Reclamou Nekane ao recordar o que havia dito a ela no dia que se

conheceram. E sinalizando um grupo de jovens que observavam umas fotos, disse: — Essas pessoas não estão disfarçadas. Simplesmente pertencem a uma tribo urbana de góticos e outros são sinistros.

— Porra, dão até medo! — Cantou Calvin ao ver os tipos que chegavam.

— Pois dá a você, a mim não — Respondeu.

— A aparência básica dos góticos é a pele pálida e a roupa preta. Isso reina entre eles. — Aclarou Ana. — ainda que existam outros que vestem com um toque punk, você sabe, camisetas rasgadas, meias e botas militares e outros se matam por roupas medievais. Depende de qual grupo se junte. Mas fique tranqüilo, são pacíficos.

— Os acho ridículos com isso. — Resmungou Rodrigo.

— Nosso trabalho nos faz aprender mais coisas do que poderia imaginar. — Contestou Ana rindo.

Calvin de divertiu observando um grupo de músicos. Ver aqueles garotos pálidos e vestidos de preto lhe fez sorrir.

— Que tipo de musica tocam?

— *Death rock* — Respondeu Nekane. — E se você escutar a letra verá que falam de fantasmas, bruxas e tudo que trate de temas místicos.

Surpreendidos, os bombeiros se olharam. Nunca na vida haviam estado em um lugar assim e menos ainda com aquelas pessoas tão estranhas para eles.

— Mas vamos ver, o que fazem eles cantando nesta exposição?

— Raúl queria ambientar a exposição com suas canções — Contestou Ana a pergunta de Rodrigo. — Aqui tudo é sinistro, como eles, e se alguém lhe chama a atenção, os cemitérios e...

— Uhh! Isola, isola. Que más vibrações! — Sussurrou Rodrigo. — Anda, envenenadora, vamos andando.

Ana sorriu e Rodrigo guiando-a pela cintura continuou seu caminho. Com curiosidade observaram as fotos que haviam ali, até que alguém disse:

— Garotas, que alegria vê-las!

Ana cumprimentou com carinho a pessoa que lhes havia convidado para a exposição.

— Raúl estes são Rodrigo e Calvin, ele é Raúl, uma excelente amigo, artista desta exposição e diretor da revista *Demônios Aprisionados.*

— *Demônios Aprisionados?* — Repetiu Calvin, assombrado com o nome da revista.

— Ah amigo! — Assentiu Raúl. E olhando-o comentou: — Nome impactante, certo?

Calvin olhou seu amigo e este contendo a risada disse:

— Que tipo de revista pode ter este nome?

Raúl, acostumado com aquela reação entre quem não acreditava no mesmo que ele aclarou:

— Minha revista fala sobre o mundo oculto e seus poderes. Como você vê nas fotos que expomos aqui, há refletido parte do nosso trabalho. Nelas você pode contemplar centos de fantasmas falando para câmera, ansiosos para contar suas histórias.

Os homens, atônitos se olharam de novo e Rodrigo sinalizando uma foto perguntou:

— Esse borrão branco que se vê ai é um fantasma?

Os cinco se aproximaram de uma foto onde se via uma menina com seu pai; junto da pequena havia uma espécie de figura esbranquiçada de uma mulher.

— Esta foto precisamente é uma de nossas jóias. Data do século XIX e nela se vê como a mãe morta da pequena Juliana a observa enquanto brinca. Ainda que o mais curioso da foto é examinar com atenção o olhar da mãe. Vocês vêm?

Calvin e Rodrigo se aproximaram mais da foto, mas não viram nada que não viram antes.

— Seu olhar reflete raiva e dor enquanto observa o pai de Juliana — Acrescentou Raúl. — Essa mulher, Anália Rupérez, morreu envenenada quando a pequena tinha três anos. A história conta que foi o pai quem a matou para poder se casar com Ruperta Angúlez.

Nekane e Ana se olharam e tentaram não sorrir enquanto Calvin e Rodrigo, assombrados pelo o que dizia Raúl, olhavam a fotografia.

— Nossa revista recebe milhares de imagens em busca de uma explicação. Contamos com uma excelente equipe de médiuns e parapsicólogos que falam com as pessoas que nos escrevem, assustadas, ao se encontrarem com um fantasma em suas casas e em suas vidas. Não é fácil crer no oculto, mas uma vez que te acontece algo assim, é preciso

saber.

— Sinto muito. — Disse Rodrigo. — mas sou bastante descrente para essas coisas. Nunca acreditei em fantasmas nem em assombrações, ainda que...

— Eu o entendo — Cortou Raúl. — Eu nunca pensei que acreditaria nestas coisas até que aconteceu comigo. Olha, vem.

Caminhando junto dele se aproximaram de outra fotografia onde se via um animado grupo posando ao seu lado, uma imagem esbranquiçada.

— Esta foto foi tirada no dia de meu décimo sexto aniversário. Nela estão meu pai, meus irmãos e eu na festa que organizaram. A assombração que se vê ao meu lado é minha mãe. Ela e eu tivemos um acidente de carro um ano antes da foto e, para minha desgraça, ela morreu. Quando meu pai revelou as fotos do meu aniversário todos pensaram que havia entrado luz na câmera, mas eu sabia que não quando a reconheci. Ninguém acreditou em mim, mas me convenci que deveria buscar respostas. Investiguei e foi quando submergi ao mundo paranormal e entendi muitas coisas. Todos os fantasmas ou assombrações, como queira chamar, que aparecem nas fotografias, estão ali por algum motivo. Eles nos conectam com o oculto, com ele e com sua presença nos querem dizer algo. No caso de minha mãe, com sua presença, me fez saber que estava feliz ao me ver completando mais um ano. — Ao ouvir que outra pessoa o chamava, se desculpou: — Garotos, vejo depois vocês. Aproveitem e passem bem.

— Que história mais bonita, triste e emotiva! — Lamentou Ana quando Raúl se afastou do grupo.

— Você esta chorando? — Rodrigo perguntou ao constatar que tinha os olhos cheios de lagrimas.

— Estou emocionada. Você não se emocionou com o que Raúl nos contou?

— Não.

— Que insensível! — Se queixou, secando as lágrimas.

— Não é questão de sensibilidade. É questão de acreditar ou não. E deixe-me dizer que eu nesta foto vejo uma espécie de borrão branco. Nada mais.

Nesse momento passou um garçom Calvin pegou taças de champagne e entregou para todos.

— Ana.... você não gosta de champagne. Lembra?! — Advertiu Nekane, olhando para sua amiga.

Ao entender a mensagem que Nekane acabava de lançar, soltou a taça de champagne e pegou um suco de laranja. Deveria ter cuidado com aquelas coisas, ou prejudicaria o bebê.

Enquanto caminhavam pela exposição se aproximaram de uma mesinha onde havia uma mulher de cabelo escuro.

— Aura vermelha. — Disse a mulher ao ver Ana. — O símbolo da vida. Você é uma sobrevivente que luta pelo o que quer. Apaixonada, impulsiva, ativa, aventureira e pelo rosa que percebo ao seu redor há uma energia amorosa ativa.

— Você pode ver minha aura? — Perguntou Nekane, divertida ao observar a cara de Ana.

A mulher, depois de cravar o olhar nela durante uns segundos finalmente disse:

— Sua aura é amarela. Significa a luz que representa o sol. Você é uma pessoa atenta, alegre, otimista ainda que algumas ocasiões te assustem e não goste de ficar sozinha. Estou errada?

Nekane negou com a cabeça e a mulher olhando para Calvin, murmurou enquanto andava ao redor dele:

— Azul. O aspecto próprio do céu. Seu brilho e seu tom me indicam que você está em um bom momento emocional. Denotas de segurança e confiança em você mesmo e me faz ver que você é um amigo fiel e de caráter sincero.

— Sim, senhora..., é um bom amigo. — Comentou Rodrigo sorrindo.

E então a mulher olhou para ele.

— Aura dourada. Você é a fortaleza, perseverança, paciência e proteção. Esta aura te guia para conseguir tudo o que te proponhas e...

Se ouviu um balbucio geral e todos olharam para direita. Uma garota vestida de preto e com cabelos revoltos chorava muito diante de uma daquelas fotos enquanto gritava “Sou eu em outra vida! Sou eu em outra vida”. O caos que se formou ao seu redor foi enorme. As pessoas gritavam e opinavam, a garota berrava e Raúl, o artista daquela exposição, tentava acalmar aquela garota. O celular de Calvin tocou e depois de atender, foi até onde seus amigos observavam o número que a garota havia organizado e

disse:

— Ohh, meu primo Tomás me chamou. É aniversário de sua filha Danielita e lhe disse que passaríamos para tomar algo.

— Ahh tá! — Resmungou Rodrigo. — Primeiro uma exposição de fantasmas e como final de dia, vamos ao aniversário de Danielita. Há alguma forma pior de acabar a noite?

Quando chegaram à casa do primo de Calvin, foram recebidos com carinho. Tomás e Azucena resultaram serem pessoas muito agradáveis e meia hora depois, os homens jogavam como tolos com os meninos no quintal.

— Olhe-os, tão grandes e tão garotos. — Burlou Nekane.

Ana observava como Rodrigo jogava com os pequenos enquanto as mães deles não lhe tiravam os olhos. Isso lhe fez graça, mas de certo modo a incomodou. Fosse aonde fossem, Rodrigo ainda que não quisesse conseguia ser o centro das atenções das mulheres.

Quando Azucena trouxe o bolo de sua filha, todos começaram a aplaudir e a pequena encantada assoprou as cinco velinhas enquanto lhe cantavam Parabéns. Depois do bolo, Calvin ajudou seu primo a colocar a cabra-cega no centro do pátio e tapando os olhos de Danielita, lhe deram o cabo de uma vassoura para que conseguisse bater. Durante vários minutos, a menina tentou, mas não acertava.

Ana desesperada por ver o esforço dela, se aproximou e lhe disse:

— Céu, quando eu gritar, bata com força!

A menina lhe escutou, mas nada adiantou, a cabra-cega voltou a escapar. Por isso, Ana, agachando-se junto a ela para ficar na sua altura, lhe agarrou as mãos, projetou o cabo até a cabra-cega e justo deu com toda a sua força no momento em que Rodrigo saia da cozinha com vários copos de bebidas na mão. O cabo da vassoura caiu com força sobre sua cabeça e o ruído ao golpeá-lo foi atroz. Os copos caíram de suas mãos e as pessoas gritaram enquanto Ana ficava paralisada observando-o. O primeiro a reagir foi Calvin, que sustentando seu amigo para que não caísse murmurou.

— Porra homem, que porrada você levou!

Atordoado pelo golpe, Rodrigo tocou a cabeça e xingou ao ver sangue em sua mão. Ana e Nekane se olharam e sem saber por que, começaram a rir. Como puderem se contiveram e Ana se aproximou de Rodrigo.

— Ahh Deus! Fui eu.

— Não me digas? Por que será que não estranho? — Silvou.

— Eu... eu.

— Não teve o bastante tentando me envenar e agora, como não conseguiu, tenta me matar?

— Mas o que você está dizendo? — E ao vê-lo sorrir apesar da dor, acrescentou: — Estava ajudando a menina para que desse a porrada na cabra-cega e...

— E você deu em mim. — Concluiu dolorido.

Vinte minutos depois, Nekane, Ana e Calvin estavam na sala de emergência do hospital enquanto esperavam que Rodrigo saísse. Cada vez que recordavam o momento cabra-cega, os três caiam na risada, mas quando viram sair Rodrigo com um grande curativo na cabeça e cara de dor, se calaram. E mais quando este, que havia escutado-os rindo soltou:

— O primeiro que rir se verá comigo.

Os três seguraram o riso, mas Ana, antes de entrar no carro, não pode reprimir e deixou escapar o que pensava:

— Para você ver que havia uma forma pior de acabar a noite.

Capítulo 7

Ana, acompanhada por sua incondicional amiga, esperava sua consulta na sala do ginecologista. Por fim, o dia havia chegado. Ao entrar sentaram em uma das cadeiras brancas e haviam observado com assombro o bando de mulheres grávidas que tinham ao seu redor.

— Você viu o barrigão que tem a que está do seu lado? — Cochichou Neka.

As duas amigas voltaram suas cabeças para a direita e cravaram seus olhares em uma mulher morena com uma barriga enorme. A pobre, ao ver que elas a olhavam, comentou:

— Gêmeos! — E sem que as outras perguntassem, prosseguiu: — Espero que me digam que hoje fico internada, ou juro que terei algo. Não aguento mais!

Ana, boquiaberta, assustada e aterrorizada, não pode falar, mas Nekane, impressionada também por aquela barriga enorme, exclamou:

— Minha nossa, não sei como você pode se mover!

— Eu não posso! — Protestou a mulher.

Justo quando Ana ia apoiá-la moralmente, a porta do consultório se abriu e uma enfermeira com cara de aborrecimento disse:

— Entre Ana Carolina Vergas.

— Vargas! Retificou a mulher. E voltando-se para elas, acrescentou: — Por favor, meu marido se chama Aaron Díaz e foi pegar uma garrafa de água. É um homem loiro, alto e para mim muito bonito. — Todas sorriram. — Quando ele voltar, vocês podem dizer para ele que já entrei e que ele faça o mesmo?

— Claro que sim, não se preocupe. — Tranquilizou Ana.

Um minuto depois um homem extremamente bonito chegou a sala e depois de reconhecer como o marido da mulher, lhe indicaram que ela estava dentro. O homem agradeceu com um sorriso espetacular.

— Ahhh, bela massa é esse Aaron Díaz. — Ironizou Nekane.

— Eu que o diga. — Assentiu Ana.

Cinco minutos depois, retorcendo suas mãos, Ana olhou para sua amiga

e com um gesto de preocupação exclamou:

— Ah mãe!

— O que foi?

— E se na família do suíço também existam gêmeos?

— Que nada..., terás dois ao preço de um. — Mas ao ver o gesto de horror de Ana, acrescentou fazendo-a sorrir: — Você não se preocupe, se forem dois, eu fico com um.

A outra sorriu, mas um estranho amargor se apoderou dela. Realmente estava preparada para algo assim? Nervosa abriu sua bolsa, pegou uma garrafa de água e bebeu. Justo quando fechava a garrafa com a tampa, a porta se abriu e Ana Carolina Vargas, a mulher da barriga enorme e do bonito marido, saiu e olhando-as gritou:

— Vou ficar internada! Hoje nascerão meus filhos.

— Por nada, reina, como diz minha mãe, que seja uma hora bem rápida! — A animou Nekane.

A jovem emocionada, atirou os braços e depois plantou um par de beijos em cada uma, como se conhecessem de toda a visa, e seguiu com seu marido. Quando ainda estavam boquiabertas pela alegria daquela mulher, a enfermeira disse:

— Ana Elizabeth Barners.

Como se tivessem colocado um foguete na bunda, assim reagiu Ana, e agarrou a mão de Nekane.

— Vamos, vem comigo.

Uma vez que as duas entraram no consultório as recebeu a doutora Sanchez, a ginecologista de Ana desde anos. Durante um bom tempo, a doutora ficou fazendo perguntas e ela foi respondendo.

— Alguma enfermidade importante do pai?

A ginecologista, ao ver que Ana estava calada, olhou e insistiu:

— Alguma enfermidade importante do pai? Algo que preciso tomar nota?

— Não..., não..., não sei. — E suspirando acrescentou: — Olha doutora, me mata contar sobre a minha vida, mas não posso responder nada em referencia ao pai porque não sei nada dele. Eu não sei se é uma loucura ter este bebê, mas o caso é que, apesar de todos os pesares não sei por que o

quero ter. Será que me pego entrando na trintena, será que sou uma boba que acha que será uma boa mãe..., mas o que é que...

— Ana — Cortou a doutora. — Relaxe. Responda o que pode e, como você disse, a exceção de que me quer contar sua vida, não tem porque fazê-lo, e muito menos se desculpar nem sentir-se culpada por nada. Se você decidiu ter esse bebê sozinha vá em frente!

Desfrute de sua gravidez.

— Realmente poderei desfrutá-la?

— É claro que sim. Se você decidiu ter seu bebê deve desfrutálo para que ele se sinta feliz e tenha um desenvolvimento correto.

Pense que ele nota teu estado de animo e tudo o influenciará?

— Ele me escuta também?

— Com certeza. — Assentiu a mulher.

Ana tocando a sua ainda pequena barriga, surpreendeu as outras murmurando:

— Se você me escuta, retiro que você é um empata foda e todas as coisas que te disse ultimamente, certo?

A doutora e sua ajudante esboçaram um sorriso, mas Nekane, ao ver sua amiga com os olhos cheios de lagrimas, lhe perguntou:

— O que você tem?

— Não se preocupe — Tranqüilizou a doutora, que lhe entregou um lenço a futura mamãe. — São os hormônios. Agora terá um período muito sensível.

— Sim..., excessivamente sensível. Por certo, é normal dormir como um cadáver? Perguntou Ana, recomposta. — É que durmo até em pé.

— Sim, também é normal. — E levantando-se lhe disse: — Venha, vamos fazer a ultrassom.

— Isso não vai doer certo? Porque eu sou muito manhosa e...

— Não Ana. — Negou a médica rindo. Então sinalizou uma maca que estava perto de um monitor. — Deite-se, desça um pouco a calça e suba sua camisa.

Depois de fazer o que a ginecologista lhe pedia, ela colocou um liquido transparente e pegajoso pela barriga e depois colocou uma espécie de caneta de ponta gorda sobre ela e começou a movê-la.

— Olha Ana, isso que palpita é o coração do seu bebê.

Comovida ela olhou a tela enquanto agarrava com força a mão de sua amiga. Aquele pequeno pontinho era seu bebê e isso fez com que voltasse a chorar. Nekane tragando a emoção olhou para a doutora e perguntou?

— Há apenas um, certo?

— Que eu vejo sim. Apenas um.

— *Mas que porra,* você não vai poder me presentear com um. — Soltou Nekane ao ver sua amiga tão enternecida, o que fez a outra sorrir.

Naquela manhã Ana saiu do hospital com a primeira fotografia de seu bebê e com um sorriso bobo que não se apagava de seu rosto ao saber que estava de quase dezesseis semanas e que daria a luz por volta de 10 de julho.

Capítulo 8

A relação pública de cama entre Iris e Rodrigo esfriou e como era de se esperar, acabou. A jovem modelo em uma de suas viagens conheceu Filipo Stareguetti, um apresentador da TV italiana e de imediato esta loucamente apaixonada por ele e para anunciar diante de todos.

Iris perseguia a fama e Filipo resultava em um bom partido. Mas o que ninguém sabia, a exceção de Ana, era que a jovem seguia querendo ver em segredo Rodrigo e este se negava. Não queria confusão com ninguém.

Numa tarde, Ana e Nekane estavam no estúdio olhando umas fotos quanto o telefone tocou. Era Calvin. Depois de cinco minutos falando com ele Nekane desligou.

— Princesinha, o seu relacionamento vai de vento em polpa. — Sorriu Ana, passando-lhe algumas fotos.

— Sim... Calvin é um cara estupendo. Quer que a gente vá no final de semana para La Rioja, mas não sei o que fazer.

Ana a olhou com cara de poucos amigos.

— Como você não sabe o que fazer?

— É que um final de semana com todas suas horas é muito tempo. Demais. Ainda mais, sou daquelas que pensam que ver sua parceira acordar com os cabelos revoltos e desarrumada mata a paixão.

— Mas que besteira você está falando?

Desesperada, Nekane tapou o rosto.

— Eu seiiii..., não falo mais besteira, mas Calvin começa a me assustar. Me inclui em todos os seus planos, e isso me... agonia.

— Diga a ele.

— Não... não posso.

— Por que?

— Porque mesmo me agoniando, também reconheço que eu gosto que ele me inclua. E se não me inclui, me aborreço.

— Puta que pariu Neka. Não tem ninguém que te entenda! — Exclamou Ana, e ao ver o sorriso de sua amiga, colocou as mãos em seus ombros. — Viva a vida, que são apenas dois dias. E se realmente Calvin perder seu

glamour ao levantar-se, tranqüila, depois de ser afinado, irá se recuperar.

Ambas riram e Nekane foi responder quando recebeu um e-mail em seu computador. Ao ver soltou uma gargalhada.

— Surte com o que minha amiga Pili me mandou da Europa Press.

Com curiosidade, Ana olhou a tela o computador e soltou uma risada ao ver Iris beijando o tal Filipo em um bar.

— Pelo jeito vão publicar esta foto esta semana em uma revista. E com certeza, a imbecil da Iris esta feliz e contente em sair. Mas essa garota ficou louca?

— Louca não..., mais que isso — Afirmou Ana, não muito surpresa pela foto.

Durante alguns segundos estiveram comentando a foto.

— Estou para enviá-la para Rodrigo. — Disse Ana. — Isto reforçará sua vontade de não voltar a vê-la. Você acredita que todas as noites lhe manda uma mensagem?

— Eu acredito.

Retirando o cabelo do rosto Ana a olhou.

— Segundo Rodrigo, nem a contesta, mas ela insiste e insiste. E olha..., já sei que não vou ter nada com ele, porque sexualmente para ele não existo, mas não sabe como fico feliz que ele não esteja com ela. Rodrigo além de ser um safado é um excelente partido.

— E tanto... por certo ele continua com a do balneário?

— Com Eva?

— Sim.

Com um sorriso enorme negou com a cabeça.

— Não. Pelo visto a sujeitinha estava casada e tinha dois filhos. Vamos... outra cadela como Iris.

Nekane sorriu. Todavia lhe faltava entender a relação entre sua amiga e Rodrigo.

— Quando você vai dizer a ele?

— O que?

— Que os melões são verdes, não enrola! — Soltou Nekane fazendo-a rir. — O que vai fazer. Sobre o bebê e já de em seguida a outra parte, a que está

louca por ele.

— O primeiro não irei poder negar. Será evidente! — Advertiu Ana. — Mas o segundo o negarei até a saciedade. Por isso não volte a mencionar o...

— Mas os seus olhinhos se iluminam quando o vê.

— Será a luz.

— É uma porra de luz!

— Neka, já falamos sobre isso.

— Tudo bem. Te salvou porque a maioria dos gostosões são cegos e não percebem nada, e eu acho que esse malhado é um cego dos grandes.

— Nekaaa! Chega. Pare ou terminaremos discutindo.

— Não me ameace bonita — a recriminou. — Ainda mais, se supõe que agora vocês são muiitooo amigos e você lhe conta tudo. Não acha que ele ficará bravo quando um dia se dê conta da sua barriga enorme? Por acaso não pensou nisso? O talvez devo entender que vais passar o resto da sua gravidez, cada vez que veja ele, abduzida pela cinta de vaquinhas. E isso sem falar do que os seus pais acham.

Ana gemeu horrorizada.

— Deus! Não mencione a cinta ou eu me rebelo. A odeio! Não vou voltar a colocá-la e antes que siga com o rolo do dia, deixe-me dizer que agora não é o momento para contar a ele. E sobre o que acreditam meus pais ele não vai saber. Sobre a gravidez lhe direi semana que vem quando o ver. Mas esta semana não. Tenho muito trabalho.

— Mas sua barriga cresce! E não é preciso ser muito esperto para perceber que essa barriga não é porque você comeu uma dúzia de *donuts*. Se ele não é burro, e me consta que não é, vai perceber. Por ele te digo que deve contar antes que outra pessoa o advirta e conte. Fique fazendo caso ou essa bonita, doce e platônica amizade vai por água abaixo.

Foi escutar aquilo e Ana soltou a fotografias de repente. Com um gesto irritado gritou:

— Vamos ver.... já sei que minha gravidez começa a ser notada. Estou de quatro meses! Mas me dê tempo.... só te peço tempo.

— É que você não tem Ana..., você não vê?

Iris que saia do banho, ao ouvir gritos no estúdio, se encaminhou até ele. O que acontece?

— Olha Neka, Rodrigo saberá que estou grávida na semana que vem, mas esta semana não. Não me incomoda!

— Repito: ele vai se aborrecer.

— Basta, chata! Já tenho a cabeça bastante cheia com a gravidez e Rodrigo para que você venha me deixar louca. Por isso, faça o favor de fechar o bico porque quanto menos gente saiba de minha gravidez, melhor.

Atônita, Iris pestanejou. Mas o que acabava de escutar? Gravidez? Rodrigo? Quando haviam estado envolvidos Ana e Rodrigo? Dois minutos depois, quando viu que as outras voltavam ao trabalho e pararam de gritar, a jovem modelo voltou para seu quarto enquanto tirava suas próprias conclusões. Ana grávida de Rodrigo?

Isso a aborreceu.

Depois de um esgotado dia de trabalho devido ao forte vento que soprava em Madri que havia obrigado os bombeiros a saírem da base mais vezes que gostariam, Rodrigo havia acabado seu turno e estava tomando banho.

— Cabo... — Ouviu seu companheiro dizer. — Um pedaço de bombom loiro chamado Iris, com pernas de causar um infarto te espera na sala dos garotos.

Surpreendido, olhou para Calvin que também tomava banho e este, encolhendo os ombros murmurou:

— Juro que não tinha idéia que ela viria amigo.

Bravo por aquela intromissão, continuou o banho. Mas saber que aquela estava esperando-o o agoniou. O que fazia ali? Quinze minutos depois entrou na sala onde seus companheiros babavam diante de uma impressionante Iris. Esta ao vê-lo sorriu e levantandose foi até ele.

— Como foi seu dia?

— Cheio. — E levando-a para um canto perguntou zangado: — O que faz aqui?

— Ia para o aeroporto. Vou para Grécia para uma sessão de fotos e não queria ir sem me despedir de você.

— Poderia ter me ligado.

Entraram em uma pequena sala e Rodrigo fechou a porta.

Então ela se inclinou sobre ele.

— Não havia pensado nisso.

Ele não contestou.

— Por que amor? — perguntou Iris. — Você e eu passamos muito bem na cama e....

— Chega! — Exclamou ele e cravou seus azulados olhos nela. — Já te expliquei minhas duas regras mil vezes, mas como vejo que és incapaz de entendê-las vou repetir de novo. A primeira: não fico com nenhuma mulher que tenha parceiro. E a segunda: não saio com mulheres com filhos. Por isso, como você entra na primeira regra, me esqueça, porque se tenho algo claro é que não faço o que não gostaria de fizessem para mim.

— Mas ninguém descobrirá. Olha escuta, eu....

Ofuscado pela chata que estava, a retirou de cima dele.

— Vamos ver Iris. O que você faz aqui. O que você quer?

Ela disposta a soltar tudo o que tinha na cabeça, lhe perguntou:

— Você não tem nada para me contar?

— Não — Contestou ele sem entender a que se referia.

Indignada, a jovem modelo sussurrou em um tom que o bombeiro não gostou:

— Muito bem, então pergunto eu: quando você ficou com Ana?

Ele a olhou boquiaberto. Como ela sabia? E sobre tudo, o que fazia perguntando a ele sobre sua vida intima? Franziu o cenho e cruzou os braços sobre o peito.

— Não vou responder essa indiscrição. Não é da sua conta.

— Você me enganou com a imbecil e ficas tão calmo?! — Gritou irritada pela constatação que havia recebido.

— Vamos ver Iris, eu não te enganei.

— Sim. Nunca me contasse que tinha um rolo com Ana.

Desejoso de perdê-la de vista olhou e espetou:

— O que tem isso agora? Qual é o problema?

— Então é certo? Você esteve com ela! — Gritou a modelo. — Oh Deus! Como você pôde? Como pôde estar com... com.. essa sem graça.

— Como você não tem vergonha de me perguntar isso? — Falou ele incapaz de escutá-la um segundo mais. — Desde quando você e eu tivemos

algo sério? Olha, gata, você é dona da sua vida e eu da minha, e ambos somos adultos para saber o que fazemos e não temos que dar respostas absurdas a quem não as merece. E agora... se você não se importa, acabei meu turno e quero ir para casa para descansar.

— Você é um porco..... e um insensível.

— Melhor.... não direi o que eu penso de você. — Acrescentou, segurando o braço dela para sair da sala.

— Como você pode ficar com uma mulher como ela depois de ter estado comigo?

— Como ela?

— Sim. — Reiterou, ofendida — Eu sou uma modelo e ela é...

é... não tem graça!

Aquele comentário especialmente o incomodou.

— Eu estive com mulheres mais bonitas, belas e encantadoras que você. De onde que vem essa pergunta? E acima de tudo, por que vem agora falar de Ana assim?

— Você sabe que deixou Ana grávida? Perguntou Iris, cravando seu olhar mais perverso.

— O que você disse? — Soltou Rodrigo com o cenho franzido.

— O que você escutou.

Ele ficou tão assombrado que antes que pudesse dizer algo Iris se adiantou como uma louca.

— Me alegra saber que isso os amargara a vida. Você merece! E agora o que? Ficará com ela? Recordo você que descumpre sua regra número dois, ainda que, claro, tratando-se de seu filho talvez...

— Sua maldade é tremenda. — Cortou ele e abriu a porta. — Fora daqui. Vá para Grécia, faça sua sessão e deixa de dar problemas ou juro que...

Sem deixar ele terminar a frase, a jovem deu volta e se foi rebolando os quadris atraindo os olhas de todos os bombeiros. Confuso ainda pela noticia que Iris havia dado, procurou por Calvin e quando o localizou, lhe perguntou diretamente:

— Ana está grávida?

Calvin o olhou. Aquele olhar fez Rodrigo saber a verdade. Se alguém não sabia mentir, esse alguém era Calvin.

Continuavam com seus afazeres no estúdio quando soou a campainha da porta. Nekane se levantou do chão onde tinham repartidas várias fotografias e foi abrir. Ana observava as imagens. Eram de uma sessão para a firma de sapatos e botas Marypaz. Estava abstraída bebendo um suco e observando as fotos quando ouviu:

— Você está grávida?

A dureza do tom e a pergunta fizeram que Ana se assustasse e jogasse o líquido para cima. Ao levantar o olhar do chão, se encontrou com o olhar inquisidor de Rodrigo, que vestido com aquela calça camuflada estava imponente. Depois olhou Calvin, que se encontrava atrás e finalmente uma pálida Nekane. Foi responder quando Rodrigo, olhando o ventre e depois o rosto, voltou a perguntar com severidade:

— Ana, você esta grávida?

Incapaz de disfarçar sua barriga com a cinta se levantou do chão.

— E como você sabe?

Para Rodrigo escutar aquela resposta foi uma confirmação. E levando as mãos à cabeça, soltou um bufo de consternação. O que havia feito?

— Calvin eu te mato! — Gritou Nekane.

— Ah não! Eu não lhe disse — Se defendeu o homem. — Quem acha que eu sou? Um fofoqueiro.

Desejando estrangulá-la, Ana olhou para sua amiga.

— Por que você falou para ele? Eu te disse que isso era entre eu e você.

— Eu sei Ana, mas escapou um dia. — A outra blasfemou e a amiga continuou apressada: — Mas eu não disse que Rodrigo era o pai. Eu juro.

— Não foi ele. Foi Iris. — Esclareceu Rodrigo, mal humorado olhando seu amigo.

Gelado por saber que seu segredo era cada vez menos secreto, Ana murmurou:

— Puta que pariu. Mas como ela ficou sabendo?

— Por mim não foi... — Acrescentou sua amiga.

Ana levantou o dedo e espetou brava:

— Quando ela voltar de sua viagem quero que busque outro lugar para viver. Não a quero em minha casa entendido Neka?

— Oh sim! Claro que sim. Disso eu me encarrego. — Assentiu a jovem

convencida.

Atordoado e frio pelo o que havia descoberto Rodrigo tocou seu pescoço, incomodo e atraiu a atenção de Ana.

— Quando você ia dizer?

— Escute-me Rodrigo, eu ia dizer semana que vem e ...

— Na semana que vem? — A cortou confuso. — Por que na semana que vem?

— Por que esta semana tenho muito trabalho e não pensava em te ver.

— Você está brincando comigo? — Gritou.

— Não.

Tocando o cabelo, cravou seus olhos azuis nela.

— Sinceramente, acho que tenho o direito de saber que vou ser pai o mais rápido possível. Mas você acha normal que me diga que iria me comunicar na semana que vem?

— Um momento! — Exclamou Ana, levantando um dedo e olhando sua amiga e Calvin pediu: — Vocês podem nos deixar sozinhos?

— Você tem certeza? — Perguntou Nekane ao compreender a confusão que Rodrigo havia feito.

— Sim.

— Tranquila. Eu não vou matá-la. — Protestou Rodrigo bravo.

— Nem eu a ele. — Sorriu Ana tirando-o mais do sério. Mas onde ela via graça?

Finalmente Nekane se voltou até Calvin.

— Você me convida pra jantar e depois pra um café?

— Com certeza preciosa.

Uma vez que ficaram sozinhos no estúdio ele perguntou furioso:

— Como você pode ocultar algo assim?

— Se você me der um segundo eu te explico.

Mas Rodrigo estava bravo e levantando um dedo gritou:

— Eu confiei em você. Você disse que seria minha amiga de alma e me esconder algo tão forte. Porra! Primeiro me envenena, depois abre minha cabeça e agora fico sabendo que vou ser pai!

Ana sorriu.

— Você sabe que esses feitos lamentáveis foram sem querer e se ficar calmo posso explicar da gravidez.

— Não posso me acalmar. Você não entende!

Durante alguns instantes, se fez um tenso silêncio.

— Vem... te convido para uma café — Ana finalmente disse.

— Prefiro uma dose, mas cuidado com o que vai encher. — Acrescentou Rodrigo.

Sem meias palavras, os dois se dirigiram até a cozinha. A cabeça de Rodrigo não parava um segundo. Desejava perguntar-lhe tantas coisas que não sabia por onde começar. A observou atentamente e mal se dava conta daquela redondinha, mas pequena curvatura que se notava em seu ventre. Mas como o havia advertido? Ana enquanto preparava o café para ela e um whisky para ele, o olhou de relance e quis rir. Se via tão preocupado. Mas se conteve. Não era o momento. Quando teve tudo preparado, lhe passou o copo de whisky e o convidou a seguir para a sala, onde se sentaram no sofá. Desejoso de escutá-la a contemplou enquanto colocava duas colheres de açúcar no café com leite e dava um pequeno assopro.

Finalmente e quando já não podia mais, ela confessou:

— Pode ficar tranqüilo. O bebê não é seu.

— Como?

— O que você escutou. Você não é o pai.

— Você tem certeza?

— Absoluta. Por isso, relaxe que não vou te pedir nenhuma pensão, nem que se case comigo, nem que o leve ao zoológico aos domingos.

Atônito pela franqueza foi falar quando ela, colocando um dedo em seus lábios acrescentou:

— E antes que me pergunte sim... já sabia que estava grávida no dia que dormi com você e também no suposto o horroroso final de semana de vômitos que passamos no hotel em Toledo. Você lembra que me falou que eu estava incubando algo? Pois sim..., incubava meu óvulo. — Ele não falou. Não podia. — Mas quero que saiba de primeira mão que dormi com você naquele dia porque me apetecia horrores fazer e ter uma despedida colossal com um bombeiro sexy e ardente. Porque sejamos sinceros, quem vai querer dormir comigo agora? Porque ademais da abstinência total que

vou ter graças a minha barriga, prevejo que vou ficar como um barril. — Ele a olhou boquiaberto e ela continuou: — E por que eu prevejo? Bem, porque tenho fome, muita fome! Devoro a comida e não posso parar de pensar nela, e se agora que estou de quatro meses já engordei três quilos.... não quero nem pensar como vou estar quando esteja de seis ou nove meses. Vamos...., eu acho que nessa época não andarei, rolarei! E sem falarmos do sono! Sou como o urso *Yogui* no inverno. Conheces *Yogui?* — Atônito assentiu. — Entre comer, dormir e beber se vai meu dia, e tenho um atraso de trabalho terrível e não sei o que vou fazer para tentar manter o controle de minha vida. E referente a...

Incapaz de continuar calado um segundo mais, se aproximou dela e lhe tapou a boca com a mão.

— E que tal se parar de falar um segundo?

Encolhendo os ombros assentiu, e ele retirou a mão de sua boca.

— Você tem certeza de que não é meu?

— Sim, Rodrigo. Acredite em mim.

Respirou aliviado. Segundos depois, Ana se levantou abriu o congelador e pegou um pote de sorvete Haagen— Dazs de chocolate belga. Se serviu com duas colheres, mas ele negou com a cabeça, assim que soltou uma e começou a comer.

— Você está mais calmo agora?

— Sim

— Fico feliz em saber. Imagino o susto que você levou.

— Você nem imagina!

Ela sorriu e ao recordar da noite que ficou sabendo murmurou lambendo a colher de sorvete:

— Acho que sim... eu posso imaginar.

— Você falou para o pai? — Se interessou ele.

— Não.

— Por que?

— Sinceramente?

— Com certeza, sinceramente.

Ana pegou uma nova colherada de sorvete na boca e depois de desfrutá-la com um gemido e fechando os olhos respondeu:

— Por que eu não sei onde ele está.

— Mas você sabe quem é o pai, certo?

Ela franziu o cenho.

— Olha, garotão, quem você acha que eu sou? É claro que sei quem é o pai do meu girino.

— Girino?!

— O bebê — Esclareceu.

Sentindo-se mais tranqüilo ao saber que não era o pai, curvou a boca em um meio sorriso.

— Você não pensa em chamar ele assim certo?

— Enquanto estiver dentro de mim sim. Depois quando nascer, veremos.

Sobressaltado pela doçura que o rosto dela emanava, voltou a perguntar:

— Onde está o problema em encontrar o pai de seu girino?! — Ao ver que ela não respondia, a olhou com cumplicidade e indicou: — Você lembra que somos amigos de alma, uma modalidade inventada por você que consiste em ter alguém especial que não pode mentir nunca! — Mas a forma que ela o olhou o fez adicionar: — Tudo bem... já sei que sua amiga de alma é Nekane, mas eu também sou e me preocupo com você.

Ana se sentiu animada com aquela declaração.

— Conheci o pai do girino na primeira noite que nos vimos em Garamons, lembra? — Ele assentiu e ela se levantou. — Não sei quem é nem onde vive. Só sei que se chamava Orson, que era lindo e que tinha um corpo escandaloso e que vive na Suíça, isso é tudo.

— E ainda assim vai ter o bebê? Por quê?

Depois de deixar o pote de sorvete no congelador, Ana abriu a geladeira e pegou umas azeitonas.

— A princípio pensei em abortar, mas no final estou comendo como uma lima e disposta e ser mãe. Talvez seja uma loucura, mas é uma decisão muito pessoal. Sinto não ter te contado que estava grávida no dia que dormi com você. Mas não queria que ninguém soubesse algo tão intimo e...

— Acho que você é muito valente Ana e vai ser uma boa mãe.

A jovem emocionada encheu os olhos de lágrimas, mas se conteve.

— Mais que valente considero que sou algo como louca. — Ambos sorriram. — Sempre gostei muito de crianças, mas te asseguro que não

havia pensado em ter um até que de repente me vi com um bebê crescendo dentro de mim.

Sobressaltado por suas palavras, caminhou até ela e a abraçou. Ana agradecida por aquele gesto aceitou seu abraço. Se sentia mal por seguir mentindo, mas não podia voltar a assustá-lo com o que havia contado para sua família. Dois minutos depois, quando o sentimento de culpa a abandonou, tomou de novo o controle de suas emoções e se separou dele.

— Sinto muito pelo mal que passou. Nunca pensei que Iris fosse tão bicho. — E sorrindo acrescentou: — Ainda que reconheço que teria gostado de ver sua cara de susto. Teria pago por isso!

— Acabo de me dar conta que você é um bicho também — Disse Rodrigo, torcendo a cabeça.

Convencida ela assentiu enquanto recolocava a presilha prateada que sustentava sua franja.

— Não sabe como...

Ambos riram.

— Mais alguma surpresa que devo saber em relação ao gririno? — perguntou olhando-a fixamente, convencido de que ela ocultava algo.

A Ana a pele encolheu. Como poderia explicar a mentira que havia contado para sua família sobre que ele era o pai do bebê?

— Nenhuma — Respondeu finalmente.

— Certeza?

— Sim, seu chato.

Rodrigo sorriu e adotou um gesto que para Ana acalentou até a alma.

— Você está com fome?

Encantada porque a conversa havia desviado, assentiu.

— Que coisa você diz! Por acaso tem alguma dúvida?

— O que você tem no refrigerador? — Disse abrindo-o.

— Pouca coisa... hoje é segunda e até sexta não vamos às compras.

Depois de uma rápida olhada, Rodrigo pegou quatro ovos e recolheu algumas batatas.

— O que você acha se eu fizer tortilha de batatas?

— Você cozinha?

— Sim. Faz anos aprendi graças a um companheiro que cozinhava maravilhosamente. No quartel todos cozinhamos. Ademais, querida amiga, me dei conta de que as mulheres gostam muito que os homens saibam cozinhar.

— Nós gostamos e muito. — Contestou ela rindo. E ao vê-lo rir, perguntou: — A tortilha você faria com cebolinha?

— Com certeza. E como sou bom não colocarei Evacuol. — Afirmou ele.

Ela o ajudou a descascar as batatas e se surpreendeu ao vê-lo apanhando na cozinha. Rodrigo se movimentava com maravilha e ela gostou. Mas realmente, o que ela não gostava? Como sempre evitou falar de sua vida porque não queria mentir mais, e durante um tempo ele falou de Carolina e Alejandro, seus irmãos. Este último com Síndrome de Down. Eram duas pessoas que adorava e era notável como se referia a elas. Também falaram de seus respectivos trabalhos. Ela lhe contou curiosidades de suas sessões de fotos e ele de sua vida como bombeiro.

— Mastro?!

— Sim senhora. Se chama mastro.

Assombrada assentiu enquanto ele coalhava a tortilha.

— Eu pensava que essa barra metálica que sempre aparece em todos os filmes de bombeiros simplesmente se chamava de barra. A barra!

— Pois não. Mastro! — Sorriu ele.

— Tudo bem. Fica arquivado esse nome. — E então acrescentou: — Por certo, creio que tem um trabalho muito perigoso e mal pago.

— Sobretudo, mal pago. — Reclamou ele ao recordar os problemas que tinham os bombeiros em geral. — E quanto ao perigo é....

— Uff! — Cortou ela. — Ainda lembro do dia em que te conheci, quando subiu para salvar Encarna por aquela escada tão alta do carro de bombeiros. Nossa, se eu tivesse que subir me daria um chilique.

— Essa escada — Apontou ele rindo — Se chama “escala”.

— Ah tá, não dou uma dentro!

Sem dúvida, divertia-o a leveza e naturalidade de Ana.

— Isto já está pronto. Se você tem fome e quer que comemos já, coloque algo sobre a mesa.

Ana sem perder tempo colocou os jogos americanos de plástico violeta

sobre a mesinha que havia diante do televisor e cinco minutos depois, os dois atacaram a tortilha de batatas com cebola com autêntica devoção.

— Minha mãe, está de morrer! — Admitiu Ana, colocando um pedaço na boca.

— Como diria Martin, um companheiro do quartel, o segredo da tortilha de batatas esta em fazê-la lentamente e com carinho. E assim, entre brincadeiras e risos, terminaram a tortilha que Rodrigo havia preparado.

— E sua família de Marsella sabe sobre o bebê? — Soltou ele pouco mais tarde.

Ana quase se afogou. O que poderia dizer diante aquele pergunta? Mas quando foi responder um som a interrompeu. Era o celular de Rodrigo.

Quando Rodrigo fechou o celular, tinha o cenho franzido e Ana se sentiu preocupada.

— O que aconteceu?

Ele se moveu com celebridade para pegar seu abrigo. — Era minha irmã. Devo ir ao hospital de San Rafael. Minha mãe caiu em casa.

— Eu te acompanho. — Disse ela com convicção.

Meia hora depois entravam no hospital. Rodrigo estava tenso.

Enquanto perguntava na recepção por sua mãe alguém o chamou.

— Rodrigo, estamos aqui!

Ao se virar, um homem elegantemente vestido se aproximou dele.

— Como esta mamãe? — Perguntou angustiado.

— Bem..., filho, bem. Sua irmã está com ela. Não se preocupe.

Surpreendido de ver seu pai ali perguntou:

— Papai, o que você faz aqui?

— Alex me chamou porque estava assustado e vim para saber o que se passava.

— E Ernesto? — Inquiriu Rodrigo ao ver que o companheiro de sua mãe não estava por ali.

— Segundo disse seu irmão, jantando, ainda que já tenhamos deixado uma mensagem em seu celular. — Cochichou seu pai. Rodrigo suspirou, odiava o atual marido de sua mãe, mas não era o momento para pensar nele.

— Bom, conte-me o que aconteceu com minha mãe?

— Segundo disse Alex, torceu o pé ao descer da escada e caiu.

— Mas quantas vezes já caiu? — Deixou escapar Rodrigo bravo. Ángel encolheu os ombros e não contestou. Sua ex-mulher levava uma temporada bastante torpe e quando não acontecia uma coisa, acontecia outra.

Ana os observou sem abrir a boca. Não podia negar que aqueles dois eram pai e filho. Mesma estatura. Mesma forma atlética. — Desculpa Ana quase me esqueço de você — Se desculpou Rodrigo segundos depois.

— Não tem problema. Eu entendo não se preocupe —

Respondeu sorrindo.

Pegando-a pela cintura o jovem passou a mão pelo cabelo e indicou:

— Papai, te apresento minha amiga Ana. Ana te apresento Ángel, meu pai.

— Um prazer te conhecer jovenzinha. — Cumprimentou o homem com um sorriso carinhoso.

— Digo o mesmo senhor e...

— Jovenzinha — Cortou ele — Não me chame de senhor que me faz parecer mais velho. Chame-me de Ángel.

— De acordo, Ángel. — Assentiu, encantada.

Nesse momento a porta da emergência se abriu e Rodrigo ao ver sua mãe e sua irmã Carol acompanhando-a foi até elas. Ana sem saber o que fazer ficou plantada onde estava.

— O... olá, eu sou Alex. Quem é você? — Escutou de repente. Ana se virou e ficou olhando fixamente o rapaz que lhe estendia a mão. Era um garoto moreno e com síndrome de Down. Aquele deveria ser o irmão de Rodrigo. Imediatamente estendeu sua mão e disse:

— Olá, Alex eu sou Ana. Encantada em te conhecer. — E ao ver que o garoto tinha um Nintendo DS lhe perguntou: — O que você está jogando?

— *Nintendogs*. Você sabe jogar?

— Acho que não.

O garoto sorriu.

— É..., é um jogo onde você tem que cuidar de seu animal. Tenho três cachorros. Um se chama *Casper*, outro *Trino*, mas a minha preferida é *Luna.*

— Ah! Eu não conhecia esse jogo. É divertido? — Perguntou olhando a tela onde uns cachorrinhos passeavam.

— Sim..., eu gosto bastante.

Durante alguns segundos Ana seguiu observando a tela do Nintendo enquanto os animais se moviam.

— Você é a namorada do meu irmão Rodrigo?

Ana pestanejou.

— Nãoo! Nós somos apenas amigos. — Respondeu rapidamente.

— E por que você veio com ele? — Insistiu o garoto.

— Porque estávamos juntos quando sua irmã o chamou e decidi acompanhá-lo para que não estivesse sozinho.

— Tudo bem. — Aceitou Alex. Então lhe entregou o Nintendo e disse: — Você quer brincar um pouco com os cachorrinhos?

Ana assentiu e sentando-se nos sofá da sala de espera começou a seguir as instruções que ele dava. Alex demonstrou ser uma pessoa muito risonha e Ana gostava disso. Tão divertidos estavam com o jogo que quando Rodrigo chegou até eles não o vira. Durante alguns segundos ele esteve observando.

— Alex desde quando você se mistura com minhas amigas? — Disse finalmente.

Ao ouvir a voz de seu irmão, o garoto se levantou com celebridade e diretamente o abraçou. Se Alex queria alguém acima de todos, esse era Rodrigo.

— Não..., não estou me misturando com ela..., bobo.

— De verdade? Olha que te conheço. — Zombou Rodrigo.

Alex sorriu e olhando-o com cumplicidade murmurou:

— Ela... ela me disse que não é sua namorada.

— Ela te disse isso? — Respondeu Rodrigo franzindo fingidamente o cenho.

— Sim... e..., ela disse que não é sua... namorada. Apenas sua amiga.

Nesse momento, se aproximaram três pessoas mais e Rodrigo disse:

— Ana, meu pai você já conheceu. Elas são Carolina, minha irmã, e Úrsula, minha mãe. Mamãe, Carol, essa é Ana, uma amiga.

— Encantada Ana! — Cumprimentou a jovem dando-lhe dois beijos. Pelo seu gesto parecia encantadora, nada a ver com a outra. — Digo o mesmo — Respondeu Ana enquanto com dissimulação olhava a mulher mais velha que a observava e pensava onde havia deixado a vassoura estacionada.

— Por certo — Falou a jovem. — Eu adoro as botas Mustang que você usa. Com os jeans ficam estupendas. Eu quero comprar uma.

Surpreendida Ana olhava seus pés quando ouviu:

— Carolina, suas botas Yvez Saint Laurent são divinas. Você não precisa de outras botas.

— Mas mamãe eu gostei — Insistiu a jovem.

— Mas eu não — Cortou a mulher com severidade enquanto cravava o olhar nas botas de Ana. Como poderia sua filha gostar daquelas botas que pareciam de militar usando uma tão bonita?

Ana não falou só as observou, mas um calafrio recorreu toda sua espinha ao notar o olhar gélido daquela mulher alta e elegante. “Minha mãe! Não ninguém igual a essa. A quem me recorda? Ah sim! A cantora de opera Maria Callas!” pensou enquanto comprovava como a outra a fitava de cima para baixo.

— Encantada querida. — Disse a mulher com um sorriso falso que lhe recordou sua própria mãe.

“Querida?”. Aquele tom não lhe agradou. Mas com um sorriso se aproximou da mulher e lhe deu dois inaudíveis beijos na bochecha enquanto observava como o bonito sorriso de Carolina desaparecia.

— Senhora fico feliz em ver que a queda não foi grave.

Aquela diva curvou o canto de sua boca e assentiu. Se Rodrigo tinha a estatura de seu pai, não se podia negar que havia herdado os impressionantes olhos azuis de sua mãe. Mas os de Rodrigo eram cálidos, não como os dela que eram frios e calculadores.

— Mamãe — Interrompeu Rodrigo. — Ana é fotógrafa.

— Do que? De casamentos, batizados ou comunhões? — Zombou a mulher.

— Mamãe! — Protestaram Carolina e Rodrigo ao mesmo tempo. Ambos conheciam sua mãe e sabiam o quão corrosiva poderia chegar a ser.

Ana de sua parte sorriu com o comentário. Esse tipo de mulher não a

assustava, e ao ver o incômodo de Rodrigo e sua irmã pontuou:

— Senhora, hoje em dia e com a crise que há sou fotógrafa do que precisa ser. Não é o momento de dizer não a um trabalho.

Úrsula não gostou daquela contestação. Que garota mais descarada! E lhe dando as costas olhou seu ex-marido e perguntou:

— Onde está Alejandro?

Seguindo o dedo de seu ex-marido, viu o rapaz e levantou a voz:

— Alejandro venha! Nós vamos para casa.

Uma vez dito isso, segurou o braço de Rodrigo e se afastou alguns passos para lhe dizer algo. Então Carolina se dirigiu a Ana que estava ao seu lado quase sussurrando.

— Desculpe minha mãe. Esta cansada e ainda que não fale, sei que hospitais a aterrorizam.

— Não se preocupe, não foi nada. E olha..., quando quiser posso dizer onde encontrar umas Mustang como estas por um bom preço.

— Sério?

— Sim.

— Tudo bem, mas que minha mãe não saiba — Cochichou a jovem. — Ela não gosta deste tipo de calçado e gritaria até os céus se fica sabendo.

Ana assentiu justo no momento em que se ouviu:

— Carolina vamos!

A jovem depois de desenhar um sorriso tímido, lhe disse adeus com a mão e se afastou e ao passar por seu irmão Rodrigo o agarrou pelo pescoço e o beijou.

Dois segundos depois todos caminhavam até o estacionamento do hospital. Antes de subir no carro de Rodrigo Ana reparou no veículo onde os outros estavam e quase silvou ao ver o olhar de Úrsula. Estava claro que não gostou nada dela.

Capítulo 9

A estreita relação entre Ana e Rodrigo continuou. De fato, eles tornaram-se inseparáveis. De repente era como se ambos tivessem encontrado o amigo de sua vida. Mas, enquanto Rodrigo desfrutava daquela amizade, Ana sofria em silencio. Ver como o homem a quem tanto gostava contar-lher confidências sobre outras mulheres revirava seu estômago. Mas Ana, sem demonstrar seus sentimentos, escutava. Inclusive em mais do que uma ocasião o aconselhou sobre onde levar sua nova conquista ou fez a reserva pela internet para o jantar.

Para Nekane esse nível de confiança incomodava e muito. Isso não era bom para Ana. Tentou falar com ela para que raciocinasse, mas Ana se recusou. Queria aproveitar a sua companhia fosse como fosse e quanto a isso não queria ceder.

Sua gravidez continuou de vento em popa, mas ao contrário do que pensou no início, não engordou. Comia muito, mas os nervos e vômitos impediram que engordasse. Em março Ana recebeu um adorável convite de aniversário. Alejandro, o irmão de Rodrigo, fazia vinte e seis anos e queria convidá-la para sua festa. Inicialmente, pensou em não ir. Estava claro que sua presença incomodaria a mãe de Rodrigo, mas pela insistência deste e do próprio aniversariante, que ligou convidando, aceitou. Por que não?

Vestida de jeans, um longo casaco de couro, um gorro de lã e botas Mustang, esperava na porta por Rodrigo chegar quando apareceu sua vizinha Encarna.

— Oi, Aninha! Onde você vai tão bonita?

— A um aniversário.— E ao ver as sacolas que a outra carregava, disse rapidamente: “Mas ora bolas, Encarna, quantas vezes tenho que dizer para não vir tão carregada de compras?”

— O que trago quase não pesa. Não exagere!

— Não pesa e você tem os dedos roxos?

A mulher olhou para suas mãos, tentando suportar a dor.

— Tudo bem ... admito, pesa! Mas eu precisava trazer tudo.

Hoje quero fazer uma pasta para comer ...

— Encarna, te disse mil vezes, você pode fazer a compra no

supermercado e, em seguida, eles entregam. Por que você não ouve? — Ana protestou.

— Oh, que carinha bonitinha você tem, estrela! Eles cobram quatro euros. E ... Minha pensão não me permite estes luxos.

— Já disse a Luis e Patricia para colocar na minha conta — lamentou a jovem, irritada.

— Você só entende o que quer ouvir. Isso não é nada em tudo — disse a senhora — Por que vão te cobrar algo que não quero pagar?

— Porque para mim vinte e quatro euros ao mês não fazem diferença ...

— Não, não e não!

— Você é difícil - Ana sorriu — Não percebe que este peso não é bom para sua coluna?

— A mulher, sabendo que a jovem estava certa, balançou a cabeça, e Ana falou: Anda, solta as sacolas, abra o portão e pegue minha bolsa. Vou colocar as sacolas no elevador.

— De jeito nenhum, bonitinha. você também não pode pegar peso — murmurou ao pensar na gravidez.

Irritada, Ana olhou para ela e falou:

— Encarna! Se você quiser lutar contra a minha teimosia, já digo que você vai perder. Se as moças são teimosas, as inglesas nem te conto! Solte as sacolas agora mesmo.

Depois de um desafio de olhares, finalmente a mulher soltou as cinco sacolas que tinha nas mãos. Uma vez que a Ana deixou-as dentro do elevador, disse:

— Mas que espertinha você é, chata.

— E você uma teimosa - respondeu Ana — E essa foi a última vez que você pegou tanto peso, entendido?

— Ok, estrela ... Não se preocupe que em seu estado não cai bem — Ao ver que Ana sorria, perguntou: Como você está hoje?

Melhor?

— Sim. Felizmente hoje estou como uma rosa. Esperemos que durante o dia não mude.

De repente, o som de uma buzina chamou sua atenção e, ao ver Rodrigo em seu carro, feliz, beijou a vizinha na bochecha e disse:

— Estou indo. Ou ele vai tomar uma multa.

— Fique bemmmmmmm! — exclamou a mulher, e sorriu ao reconhecer Rodrigo ao volante.

Encarna adorava aquela menina e a sua amiga. As garotas a ajudavam sempre que precisava e para ela eram suas netas.

Uma vez que Ana entrou no carro de Rodrigo, este olhou para ela, surpreendido, e exclamou:

— Você está linda hoje! Vamos, deixe-me ver.

Vermelha como um tomate, olhou-o. Sentir seus olhos penetrantes sobre ela, deixava-a nervosa, mas aproveitando o tempo se deixou observar.

— Já te disse como os gorros caem bem em você?

— Você não, mas minha mãe sempre me diz — disse Ana, corando.

— Sério, este gorro de lã preto te favorece muito.

Ana tocou o gorro alegremente.

— Tudo bem ... entendi a indireta. Quanto menos ver o meu rosto, melhor!

Essa resposta pegou Rodrigo de surpresa, que riu, e colocando a mão em seu queixo atraiu-a para ele e a centímetros do seu rosto, murmurou

— Você está linda e quanto mais puder ver seu rosto, melhor!

Então, beijou-a na ponta do nariz e soltou-a, passou a primeira marcha e começou a dirigir. Confusa e atordoada com o que aconteceu, Ana respirou. Essa proximidade fez seu coração vibrar. Daria o que fosse para beijá-lo, mas não, Rodrigo nunca faria isso. Eles eram apenas amigos. Entretanto ainda estava confusa quando ele tocou sua perna com a mão para atrair sua atenção. Ela olhou para ele.

— Preciso que faça uma coisa.

— Diga-me.

— Ligue para esse número e pergunte por Alicia — falou entregando-lhe um papel — Diga que está ligando da parte de Rodrigo e que em 20 minutos estaremos lá.

— Mas nós não íamos ao aniversário de Alex? — perguntou surpresa.

— Sim, mas primeiro preciso pegar o presente.

— Falando de presentes... Antes de ir para a casa de seus pais quero passar em algum lugar e comprar alguma coisa. Você sabe o que ele gosta e ...

— Não se preocupe, já resolvi.

— Mas eu quero dar-lhe algo — insistiu, olhando-o.

— Garanto que você vai dar. Agora faça a ligação.

Sem perguntar mais nada, fez a chamada, e vinte minutos depois, paravam na Rua Galileu.

— Em um minuto estarei aqui — disse Rodrigo.

Ana observou-o sair do carro e dirigigir-se a uma garota bonita de casaco vermelho e rosto angelical que ao vê-lo sorriu. Incapaz de não olhar, viu como ele a abraçou e em seguida, beijou-a nos lábios. O ciúme nublou sua mente.

— Ana ... Ana Ana ... Relaxe. Ele não é para você. Lide com isso.

Depois de ver como eles voltavam a dar outro rápido beijo de despedida e a garota olhava com curiosidade para o carro, Rodrigo voltou, e depois de entrar e deixar sobre ela o que levava nas mãos, perguntou:

— O que acha do nosso presente?

Ao examinar, viu que o que ela achava ser um suéter, na verdade, era uma toalha de cor laranja onde aparecia uma cabecinha.

Era um filhote de cachorro!

— Oh Deusssssssssssss! Que lindooooooo!

— É um mini yorkshire Minha mãe vai gritar até o céu, mas Alex morre de vontade de ter um cão, e nós vamos presenteá-lo.

— Nós? — Diga você.

— Quem se importa Ana, o presente será dos dois.

— Tudo bem ... mas diga-me quanto tenho que pagar ou ...

— Você acha que vou te cobrar? - ele perguntou, desconcertando-a.

— Claro. Se não, não vou presentear seu irmão.

Espantado com as coisas que por vezes, essa mulher fazia-o sentir, inclinou a boca e disse:

— Ok. O preço é um beijo. E não aceito um não.

— Mas Rodrigo ...

— Eu disse que não aceitaria um não — insistiu divertido.

Incapaz de não se aproveitar daquela proximidade, Ana aproximou os lábios, e ele rapidamente beijou-a na bochecha. Desconcertada por essa rejeição, inalou seu perfume, fechou olhos e beijou-o. Foi algo rápido, um beijo de amigos, sem compromisso, mas para ela foi a glória. Rodrigo, alheio a seus sentimentos, bateu o ar antes de ligar o carro.

— Conta paga. O presente é dos dois.

Ruborizada e com voz infantil, Ana, para sair de seu torpor, pegou o cachorrinho em suas mãos e colocou ele perto de seu rosto.

— Oiiiii, lindooooooooooo! Quer ser meu amigo?

Rodrigo sorriu e passou a primeira marcha.

— Perfeito! Isso é justamente o que Alex dirá.

Quando chegaram a familiar casa na rua Rodriguez Marín, a indecisão se apoderou dela. Realmente desejava suportar o desprezo de Ursula? Mas quando esta veio recebê-los, surpreendentemente, foi adorável, até ver o animal que Ana carregava nas mãos e seu gesto foi grosseiro.

— O que é isso?

— Nosso presente para Alex. E antes que pudesse protestar, Rodrigo, carinhosamente, falou: Mãe, Alex precisa ter um cão. Você sabe que ele tem pedido um desde que Tobi morreu há dois anos. Por favor ... deixe-me realizar este capricho.

— Mas, meu filho, não tenho tempo para levá-lo na rua, e

Ernesto ...

— Tudo bem, mãe. Este filhote não cresce muito, então não terá que tirá-lo de casa, se não quiser. Saindo para o jardim e dando algumas voltas ficará exausto, você vai ver! E, quanto a Ernesto, vou falar com ele.

Ana estava paralisada segurando o cão quando viu Rodrigo, que sem perceber o gesto de sua mãe, piscou um olho a fria mulher, e esta, mostrando pela primeira vez um sorriso encantador, deu-lhe um beijo na bochecha.

— Tudo bem, filho. Me convenceu.

Feliz pelo consentimento, Rodrigo agarrou seu mãe em seus braços e, depois de dar uma volta e fazê-la sorrir, soltou-a.

— Anda, vá dar o cachorro a seu irmão — disse ela.

Nesse momento apareceu um homem alto, esbelto e com um sorriso cativante. Ana percebeu que Rodrigo mudou sua expressão, mas estendeu a mão e cumprimentou-o.

— É bom ver você, Rodrigo! — Exclamou o homem. E olhando para a jovem que o acompanhava, perguntou: E esta jovem, quem é?

Antes que ele pudesse responder, Ursula fez:

— É Ana, uma amiga de Rodrigo.

O homem sorriu, encantado, mas quando viu o que ela tinha em braços mudou sua expressão.

— E o que é isso?

— É o nosso presente para Alex, que vai ficar com ele - Rodrigo respondeu com segurança antes que Ernesto pudesse rebater. Em seguida, o aniversariante se aproximou. — Alex, parabéns, o que você acha do nosso presente para você?.

— Nosso presente?, pensou Ana. Ela também estava presenteando?

O jovem, ao ver aquela coisinha mover nas mãos de Ana, aplaudiu. Um cachorro! E louco com a surpresa acariciou sua cabeça, pegou-o com cuidado e deu um beijo. Momentos depois, levantou-o até seu rosto e perguntou:

— Quer ser meu amigo?

Surpresa porque Alex disse o mesmo que ela, olhou para Rodrigo, e ele, com um encolher de ombros, a fez sorrir.

Os convidados que chegavam para a festa de Alex foram direcionados para um quintal não muito grande, mas decorado com bom gosto. Ursula estava feliz e sorridente, inclusive com Ana, e isso fez a jovem suspeitar. Sua própria mãe era como essa mulher e quando sua atitude mudava da noite para o dia, era porque tinha um ás na manga. Deveria ficar em alerta. Mas o que chamou sua atenção foi ver que Rodrigo, depois de falar com o marido de sua mãe não voltou a se aproximar dele. Sem necessidade dele contar nada, intuiu que entre eles não havia uma boa comunicação.

Os garçons ofereceram bebidas. Ela se limitou a beber um suco. Não queria que nada a enjoasse a tarde.

— Só bebe suco, garota? — perguntou Ursula, aproximando-se dela com uma taça de champanhe na mão.

Há algum tempo, a mulher observava a jovem de cabelo curto e franja

que sorria como uma boba, quando olhava para seu filho.

— Sim. Não costumo beber álcool — Ana respondeu com cautela.

Com as roupas que usava, sua gravidez não podia ser percebida, e ela gostava disso. Embora o que mais desejava era uma boa dose de batida, mas deveria ser sensata e pensar em seu bebê.

Ursula sorriu e tocou-lhe no braço.

— O relógio Cartier que você usa é muito bonito.

— Você gosta? — disse sorrindo. Aquele presente do seu pai a encantava.

— Muito boa imitação. Comprou-o no mercado de pulgas?

Ana suspirou. Essa mulher era mil vezes pior do que sua mãe. Quando estava prestes a responder, a outra se adiantou:

— Você não trouxe nenhuma câmera, certo? — Ana negou com a cabeça. — Que pena! Teria amado se você tirasse nossas fotos. Teria sido uma boa recordação.

Disposta a tentar uma aproximação com ela pelo seu filho, perguntou:

— Você tem uma câmera?

— Sim.

— Bem, se você trouxer, terei o prazer.

Ursula reagiu como se tivesse oferecido a lua e as estrelas.

— Ah, que bom! Agora mesmo trago — exclamou sorridente. E voltando-se para uma menina sul-americana, disse: Guadalupe, vá ao escritório do senhor e pegue a câmera que está na estante, a que o presentei de Natal.

— Agora mesmo, senhora — respondeu a menina.

Dois minutos mais tarde, ela retornou com a câmera e entregou a Ursula. A mulher pegou e, com ela nas mãos, perguntou:

— Você saber como usar isso?

— Sim.

Não satisfeita com aquela resposta, abriu a bolsinha presa na câmera e tirou um pedaço de papel.

— Acho que você tem um problema, garota.

— Qual? Bufou, ansiosa para lhe dizer que parasse de chamarlhe de garota.

— As instruções estão em inglês, francês e alemão. E, como é lógico, você não sabe falar outras línguas, certo?

Ana olhou-a. Deveria dizer que além destas línguas, conhecia um pouco de russo? Mas preferiu permanecer em silêncio e, encolhendo os ombros, disse:

— É uma Canon EOS 550D. Não se preocupe. Saberei manejá-la.

Ursula concordou e entregou a câmera.

— Muito bem. Tente fazer alguma foto decente dos empregados, se puder, e eu serei eternamente grata.

Uma vez que disse isso se afastou. Ana, sem querer pensar nas palavras de Ursula, começou a tirar fotos de todos, e Rodrigo ao vê-la se aproximou.

— Você trouxe a câmera?

— Não, mas sua mãe acabou de me nomear a fotógrafa do evento — Ele sorriu — Quer ter fotos para recordação. Então, vamos lá, aproxime-se do seu irmão e faço um foto dos dois.

Uma hora mais tarde, depois de muitas fotos do aniversariante com seu cachorro, com seus presentes, com seus irmãos, com seus pais; de Ursula com as irmãs e amigas, e de tudo que se movia pela casa, Ana sentou. Estava exausta. Com sede, pegou um suco em uma das bandejas e ao ver a bonita e decorada torta de chocolate branco, não hesitou e se serviu um pedaço. Parecia deliciosa!

— Hummm, por Deusssssssss! Que delíciaaaaaa!, pensou ao dar uma colherada. Dois minutos mais tarde, vendo que ninguém a observava, serviu mais um pedaço, e três minutos mais tarde, repetiu. A torta estava deliciosa. Estava saboreando-a quando Carolina, a irmã mais nova de Rodrigo, sentou-se ao seu lado. Alegre, Ana pegou a câmera e fez uma foto de primeiro plano. Esta gargalhou.

— Obrigada pelas botas Mustang. Meu irmão trouxe no outro dia e me deixou muito feliz

Ana sorriu e colocou outra colherada de torta na boca. Estava de morrer!

— Você gostou?

— Perfeita!

— Bem, agora use-a!

Carolina assentiu e se aproximou de Ana.

— Usarei nos finais de semana que minha mãe não esteja, porque se ela souber não vai me deixar usar.

Disfarçando para comer a torta que restava no prato, Ana perguntou:

— Mas Carol, quantos anos você tem?

— Vinte e dois.

— E com vinte e dois anos sua mãe ainda a proibe de fazer as coisas?

Ela fez um gesto afirmativo e antes que Ana pudesse responder, sussurrou:

— De acordo com mamãe, ou melhor, como Ernesto diz, uma jovem como eu deve ter classe para se vestir e certas roupas são proibidas. Se eu te contasse...!

Boquiaberta pela revelação, Ana ia dizer o que pensava quando Rodrigo e Alex sentaram-se a seu lado, e Carol levantou-se e saiu.

— Quer mais torta? Seus olhos me dizem que quer mais - Rodrigo zombou.

— Está muito ... muito boa - Alex disse com seu filhote nas mãos.

Quando se tonaram amigos, Rodrigo percebeu que o chocolate branco deixava-a louca. Não houve uma só vez que sairam para jantar e ela não pediu como sobremesa algo com chocolate branco. Ana, ao ver o seu sorriso brincalhão, queria dar uma garfada nele e se aproximou para que só ele ouvisse.

— Cale a boca e não me zoe. Já comi três pedaços.

— Três pedaços! — Zombou.

— Sim. E não me faça sentir culpada por isso.

Ele sorriu feliz quando uma amiga de sua mãe o chamou. Depois que Rodrigo saiu, Ana ficou sozinha com Alex e seu cão. Encantada, tirou mais fotografias de Alex com seu novo animal de estimação. Nelas se podia ver a felicidade do raoaz por ter o que ele mais queria: seu cachorro.

— Bem, Alex, o que mais você ganhou?

O rapaz, feliz, deixou o filhote em suas mãos e saiu correndo. Dois segundos depois, voltou com uma jaqueta de couro preto e colocou.

— Carol ... me ... me deu esta jaqueta igual a de Danny Zuco.

— Danny Zuco? Questionou Ana sem entendimento.

Alex sentou-se ao lado dela e desenhou um sorriso.

— Eu ... eu gosto do filme Grease. É o meu pre ... preferido. E Carol, sabe, e me ... presentou com a jaqueta como usava o namorado de Sandy.

— Você está lindíssimooooooo, Alex Zuco — Ana disse rindo ao compreender a emoção do rapaz.

Depois de devolver o cachorro, fez mais algumas fotos, e quando sentaram-se juntos, ela tocou com carinho a cabeça sonolenta do filhote.

— É muito bonito, Alex. Seu cachorro é lindo.

— Obrigado pelo presente. Eu ... adorei. Eu ... eu queria um cachorro.

Ana ficou satisfeita pela felicidade do rapaz.

— Como ele vai chamar?

Alex olhou para ela e deu de ombros.

— Eu não sei ... Ainda não pensei. Como você chamaria?

Dois minutos mais tarde, o cachorro tinha um nome.

Logo depois, enquanto Alex e Ana conversavam, Rodrigo se juntou a eles. Apreciava cada dia mais a companhia de Ana; falar com ela sobre qualquer coisa era fácil e maravilhoso. Nunca teve uma amiga assim e estava disposto a mantê-la. Ana merecia isso, e ele estava feliz por tê-la encontrado.

— Bem, Danny Zuco está aqui — ironizou Rodrigo ao ver a jaqueta de seu irmão.

— Nãooooooo ... Eu sou Alex — respondeu este, rindo.

Ambos os irmãos desfrutaram de abraços e risadas enquanto Ana fotografava. De repente, Rodrigo achou que ela estava um pouco pálida.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Sim — sorriu Ana — só pouco cansada.

— Ana, venha tirar algumas fotos — exigiu Ursula.

Ela levantou-se, mas Rodrigo pegou a mão dela.

— Se você está cansada, não vá. Diga a minha mãe que a sua função como fotógrafa do evento terminou.

Com um sorriso cúmplice, Ana agachou-se e antes de dar impulsivamente um beijou na bochecha, murmurou:

— Tudo bem, eu faço de boa vontade.

Quando Ana se afastou, Alex chamou a atenção de seu irmão.

— Rodri ..., sabe de uma coisa?

— O que, Alex?

— O cachorro já tem um nome.

Contente pela felicidade que viu no rosto de seu irmão, Rodrigo passou sua mão carinhosamente pelo cabelo.

— Qual o nome dele?

— Uau.

— Uau!

— Sim.

Instantaneamente, Rodrigo deu uma gargalhada.

— Não há necessidade de me dizer quem lhe deu a idéia, disse ele com diversão.

— Esse não é um nome legal?

Rodrigo olhou para Ana, que estava fotografando sua mãe com as amigas.

— Claro, Alex; Como poucos. Original e diferente.

Cerca de dez da noite, quando os amigos de Alex tinham ido e havia apenas a família finalmente Rodrigo sentou para conversar com Ana e seus irmãos. De repente tocou a campainha. Dois segundos depois, veio uma radiante Ursula acompanhada por uma jovem loira de cabelo liso e vestida com glamour.

— Rodrigo, olha quem veio! — Gritou sua mãe com uma bebida na mão.

Ao ver a jovem Rodrigo mudou o comportamento. Levantou-se surpreso e com um sorriso incrível, que fez a alma de Ana encolher.

— Candela, quando voltou? — Perguntou enquanto caminhava até elas.

A jovem loira feliz por ser o centro das atenções, sorriu para Ursula, que apertou suas mãos em cumplicidade e retirando o cabelo do ombro num movimento gracioso, respondeu:

— Cheguei a um par de horas.

Neste momento, Ernesto aproximou-se delas e colocou um martini nas mãos de sua esposa.

— Que alegria ter você você aqui! — disse para a jovem.

— Obrigada, Ernesto.

— Quanto tempo ficará na Espanha? — perguntou o homem.

— Não sei ainda — disse rindo, satisfeita com as boas-vindas. — Vou ficar um tempinho e, dependendo de como ficarão as coisas voltarei a Houston ou não.

Rodrigo não podia deixar de olhar para ela. Candela era tão bonita, que era difícil não olhar. Esquecendo de todos que os cercavam, começaram a conversar com abraços e movimentos excitados. Ana observava de soslaio. Quem era ela? Em uma destas olhadas percebeu que Ursula chamava-a. Sem hesitar, levantou.

— Poderia fazer algumas fotos de Candela e Rodrigo?

— É claro — disse, ao ligar a câmera enquanto eles falavam sem deixar de se olhar.

Rodrigo, ao vê-la, sem separar-se da recém-chegada, disse:

— Candela, essa é Ana, uma amiga.

— Olá! — Cumprimentou-a com um sorriso.

A jovem loira olhou para ela, e antes de dizer algo, Ursula explicou:

— É a garota que faz as fotos da festa. A fotógrafa.

Neste momento, ao dizer aquilo << é a garota que... >> Ana entendeu. Ursula usou-a como fotógrafa toda a tarde para que as suas amigas e familiares não a considerassem como algo mais de seu filho. Chateada, quis dizer umas verdades a essa terrível mulher quando viu que a recém-chegada, depois de um aceno como saudação, voltava a focar o olhar para Rodrigo.

— Fazem um casal tão bonito ... verdade? — Ana não respondeu e Ursula acrescentou: Meu filho contou que já tiveram um relacionamento?

— Não, não falamos sobre isso.

— Candela Fitwork Herrero é uma boa menina de uma família de bem, como nós.

<<Aqui vamos nós>> — pensou Ana enquanto Ursula continuava.

— Seu pai é o dono da Fitwork Associados, o melhor escritório de advocacia da Espanha, onde, aliás, trabalha Ernesto.

— Ah, bom! — Zombou ao mesmo tempo que tirava fotos.

— Rodrigo e ela namoraram por cinco anos, e embora estejam separados, tenho certeza que ainda há algo entre eles. Só em ver como o meu filho olha para ela dá pra perceber, não acha?

Ana não respondeu, assim a outra, disposta a dizer tudo o que levava horas segurando, continuou:

— Meu filho se formou anos atrás como advogado, sabia?

— Não.

Na verdade, queria dizer que ela também, mas decidiu não dizer. Não queria entrar em seu absurdo jogo e continuou tirando fotos.

— Sim, garota. Consegui que Rodrigo estudasse direito para que fosse um bom advogado, e depois, um juiz, mas depois que se formou, me surpreendeu com a loucura que queria ser um bombeiro. Bombeiro! — repetiu, horrorizada. A estas horas estaria sentado em um escritório com seu terno e pasta em vez estar em constante perigo ao longo do dia. Apesar de, bem, espero que Candela o faça ter razão novamente e consiga com seu precioso rosto o que eu não consegui.

<<A cachorrinha está pronta>> — pensou Ana

— Deveria estar orgulhosa de Rodrigo.

— E estou, querida. Mas preciso que tome rumo na vida.

— Mas ele é um bom profissional no que faz e está muito feliz com isso. Além ...

Ursula cortou com um gesto e pegando uma nova taça de champanhe, murmurou:

— Olha, garotinha. Levei toda a vida tentando que ele fosse alguém neste mundo, e sendo um vulgar bombeiro não acho que ele consiga. Se ele se casar com Candela Fitwork e começar a exercer a profissão que estudou, garanto que sua vida seria muito mais feliz.

— Duvido — arriscou Ana — Ele está feliz com sua vida e ...

— Mas o que saberá você ... uma fotógrafa — falou com desprezo — Meu filho precisa ter a seu lado uma mulher como Candela. Ela tem classe, é elegante e ...

— Você realmente acredita que a classe se tem com dinheiro? - perguntou, ofendida.

— Claro, querida. O dinheiro move o mundo e é o que marca na

sociedade quem está acima e quem está abaixo — Ao ver o gesto de Ana, acrescentou: Não é mesmo uma garota como Candela, criada nas melhores escolas, com carreira e um trabalho como o seu, ou uma jovem qualquer. Mas claro, talvez seja difícil entender o que quero dizer, vendo como olha meu filho. É tão evidente, que até meu marido quer que te dê um toque.

Esse comentário foi o fim da conversa. E sem se importar com o que aquela mulher pensasse dela a partir deste instante, devolveu a câmera e respondeu:

— Olha, senhora, em primeiro lugar, o dinheiro não pode comprar classe ou felicidade; em segundo lugar, não beba mais porque acho que não cai bem, e em terceiro lugar, digo a seu marido e para você que não preciso de nenhum toque, e muito menos de vocês, porque entre Rodrigo e eu existe apenas amizade. Nada mais.

— Não tenho nada contra você, mas gosto de saber que me entendeu perfeitamente — disse a mulher, deixando o copo sobre a mesa, sem entrar em detalhes.

— Asseguro que não sou estúpida. Posso garantir.

— Eu sei — Ursula adicionou após assentir olhando para seu marido Ernesto — Daí a razão para esta conversa.

Alheio ao que estava acontecendo, Rodrigo, encantado com o aparecimento de Candela, olhava-a extasiado. Aquela que agora sorria com uma feminilidade que o tinha inundado durante toda a sua vida o seu único amor. A garota de seus sonhos. E, de repente, estava lá, mais bonita do que nunca e sorrindo de novo só para ele. Esquecendo a dor que sentiu quando ela tinha deixado-o para ir para Houston, falava com ela quando Ana, como um tsunami, aproximouse dele e, depois de bater em seu ombro, disse:

— Desculpe pela interrupção — Ambos olharam para ela, e sem querer olhar para a jovem que a observava, acrescentou: Rodrigo estou indo.

Aquele tom de voz tão acentuada o advertiu.

— Você está bem?

— Sim ... mentiu.

A jovem, depois de cruzar o olhar com Ursula, que não muito longe deles bebia um copo de champanhe, sorriu. Depois de um tenso silêncio que surpreendeu Rodrigo, ele disse:

— Dê-me um segundo e te levarei para casa.

— Não, não precisa.

Dito isso, começou a andar pelo interior da casa sob o olhar atento de Ursula, que sorria com Ernesto. Rodrigo, surpreso, caminhou atrás dela e, ao chegar a porta da frente, segurou-a.

— Mas que bicho te mordeu?

— Nenhum. Por que algum bicho me morderia?

— Vou te lervar — insistiu o bombeiro. Você não veio de carro e... — Eu disse que não, droga! Como tenho que dizer pra entender?

Surpreso pela resposta atravessada, Rodrigo ia responder quando Candela aproximou-se deles e perguntou:

— Algo errado?

Ana suspirou. Desejava sair daquela casa odiosa o mais rápido possível.

— Ana, por favor, me dê um segundo e te levarei — repetiu Rodrigo.

Não se incomode. Irei de metrô.

De repente, surpreendendo-a, Candela falou:

— Quer que Rodrigo e eu a levemos em casa? Sinceramente não acho que o metrô seja um lugar seguro para uma mulher sozinha, muito menos a essa hora — Boquiaberta, Ana a olhou, e a outra continuou: Para nós não tem nenhum problema, certo, Rodri?

<<Será que ela é uma idiota>> pensou, e quando ia responder, o celular tocou. Tirou-o do bolso do jeans. Era Nekane. Com a mão pediu-lhes um segundo e afastou-se alguns passos.

— Onde você está?

Aquele tom de voz e em especial a pergunta a surpreenderam.

— Saindo da casa dos pais de Rodrigo. O que está acontecendo?

— Preciso que você venha e faça uma terapia de açúcar. Estou mal!

— O que aconteceu?

— Discuti com Calvin.

Ana, convencida de que iria sair daquela casa, de qualquer maneira, respondeu enfaticamente:

— De 20 minutos a meia hora, estarei em casa — Com isso, fechou o telefone e se virou para os dois, que sorriam como idiotas, enquanto colocava a jaqueta de couro — Não há necessidade que me levem. Acabo de

combinar com uma amiga que está aqui perto. Portanto, aproveitem a festa!

Não querendo olhar para Rodrigo, que a observava com cenho franzido, levantou a mão e antes que alguém pudesse se mover, abriu a porta da frente e saiu. Precisava escapar daquela casa, ou no final a bruxa que vivia ali sairia à luz e armaria uma tremenda confusão.

Ana passou por uma loja aberta 24 horas para comprar vários potes de sorvete para a terapia de açúcar e pegou um táxi. Uma vez que chegou, pegou as chaves de sua bolsa e entrou no prédio. Passando pelas caixas de correio, percebeu que o seu estava cheio de panfletos de publicidade, assim enquanto esperava o elevador pegouos. Quando o elevador chegou ao seu andar, começou a colocar a chave na porta de sua casa, mas uma desesperada Nekane a abriu. Imediatamente Ana abraçou-a e entraram juntas. O que teria acontecido?

Foram para a sala de estar e conseguiu sentá-la; em seguida, tirou a jaqueta e se sentou ao lado dela.

— O que aconteceu com Calvin?

Nekane, com gesto contorcido, enxugou as lágrimas.

— Nunca mais quero ouvir esse nome em toda a minha vida.

— Mas ...

— Como sou tão idiota? Como posso ter me pendurado em um apresentável homem com nome de cueca? — E tirando furiosamente as lágrimas das bochechas, perguntou: Você sabe por que o estúpido cupido sempre está vestindo fraldas?

— Não.

— Porque sempre faz cagadaaaaaaaaaaa — disse chorando desconsolada.

Aquele comentário fez Ana sorrir, mas o riso cessou quando ouviu sua amiga dizer:

— Se este imprestável ligar, diga que morri, entendeu? Diga-lhe que sou muito feminina para ele e ... e ...

— Mas, Neka, como eu poderia dizer isso?

— Dizendo e ponto! - gritou, e voltou a chorar.

Ana abraçou-a. Não sabia o que tinha acontecido, mas devia ser algo grande para que Nekane, a garota mais forte do mundo, chorasse daquela

forma.

— Neka, por favor acalme-se e me diga o que aconteceu com

Calvin.

— Não mencione o seu nome!

— Ok, ok ... esqueci.

— Você comprou sorvete para a terapia?

— Em abundância — confirmou Ana

Nekane assentiu e limpou o rosto com um lenço de papel, e Ana pegou 4 potes de sorvete de diversos sabores da bolsa.

— O homem com nome de cuecas fez ....

— O homem com nome de cuecas? — Ao entender, Ana riu, mas ao ver o rosto de sua amiga, sussurrou: Desculpe ... desculpe ...

— Como eu ia dizendo — continuou enquanto Ana levantava para pegar colheres — o homem com nome de cueca teve a coragem de dizer que me ama. Você acredita?

O rosto de espanto de Ana foi tão grande que Nekane repetiu:

— Dá para acreditar?

— Vamos ver, você estão juntos - bufou Ana, entregando-lhe uma colher. Realmente tenho que acreditar que você ficou assim porque o homem com nome cueca disse que te ama?

— Não.

— Então?

Nekane abriu o sorvete de chocolate belga e, depois de colocar duas colheradas na boca, disse:

— Estamos assim porque eu disse a ele que não o amo.

— Mas, Neka ...

— Escute-me. Estávamos bebendo em um pub. De repente ele olha para mim e diz: "Te amo, Princesa! ". E. .., e eu ... fiquei tão alucinada, tão louca!, que não soube o que responder. E sem tempo para me repor, o idiota perguntou: "Você me ama?. E eu ... eu olhei e disse: "Não!". E então ele, com gesto que não gostei nada, se separou de mim e perguntou: "Então por que você está comigo?". E, eu como pude respondi: "Porque gosto de você e me divirto com você, mas não estou apaixonado por você."

— Você está brincando?

— Não — negou gemendo.

Ana, ao ver as linhas do delineador que a amiga tinha no rosto, levantou e foi ao banheiro pegar lenços demaquilantes. Depois, enquanto limpava a bagunça, murmurou:

— Pensei que você estivesse caída por ele também

— E estou. Mas não para dizer "Te amo".

— Vamos pensar, você está seriamente dizendo que vocês dois, o casal feliz, estão brigados? — Insistiu boquiaberta.

Nekane confirmou com a cabeça, e depois de dar a sua amiga uma colher de sorvete, murmurou:

— Sim. Ele disse que sou fria e uma egocêntrica que só pensa em mim. Mas o que ele queria que eu fizesse? Que mentisse? Mas por que deveria mentir se não o amo?

— Mulher, mas sentindo algo por ele como você sente, poderia ter sido mais diplomática.

— Não ... não ... Eu sou como sou, e se gosta, tudo bem, e se não, tudo bem também! Em suma, não quero saber nada sobre ele. Terminamos! Portanto, faça o favor de dizer ao seu precioso amigo Rodrigo que não pense em trazê-lo nenhum dia aqui em casa ou não respondo por minhas ações.

— Fique tranquila — bufou Ana, deixando o lenço sobre a mesa, depois do que aconteceu esta noite, não acho que nos próximos dias, Rodrigo tenha tempo para mim.

Esquecendo de seus problemas, Nekane olhou para a amiga.

— O que aconteceu com você?

Nesse momento, Ana pegou o pote de sorvete de cookie, abrindo-o sob o olhar atento de sua amiga, que devorava o de chocolate belga, colocou duas colheradas na boca e disse:

— Primeiro, ver como beijava uma loira qualquer na porta; em seguida, ir para sua casa e a porra da sua mãe me dizer, entre outras coisas, que não tenho dinheiro suficiente para ser companheira de seu filho e muito menos fazer parte de sua glamourosa família e, finalmente, para ver aparecer sua ex-namorada, que bem seja dito é um arrazo de mulher e ver Rodrigo babar, não posso dizer mais nada!

Nekane gemeu.

— Não tenho como nomeá-lo!

— Sim ... sim temos, Neka e o nome é IMBECIL! Sou a rainha dos imbecis! Certamente... este sorvete está viciante.

A amiga, irritada com o que Ana contou, gritou:

— Você deve acabar com essa amizade!

— Eu sei ...

— Não é saudável, você não vê?

— Vejo — E depois de provar uma colher de sorvete, acrescentou: Mas gosto tanto dele que sou incapaz de fazê-lo.

— Sua devoção a Rodrigo está começando a me assustar.

— E a mim. Mas quanto ao que sinto por ele não posso fazer nada.

Por um tempo ficaram em silêncio pensando em seus próprios problemas e devorando os potes de sorvete. De repente, Nekane perguntou:

— Por que não disse a essa classicista quem é seu pai?

Com um sorriso Ana colocou uma nova colherada na boca e sem poder evitar, murmurou:

— Porque no dia que descobrir, se descobrir, quero que fique impressionada até arrancar as obturações dos dentes.

Finalmente, ambas riram.

Capítulo 10

No dia seguinte, Calvin, o homem com nome de cueca, ligou, porém nem Ana nem ele conseguiram que a bruta Nekane viesse a razão. Finalmente, Ana aconselhou distância e tempo. Sua amiga deveria sentir falta dele para avaliar se queria continuar a relação. Calvin, afligido, reconheceu a derrota e decidiu fazer o que Ana sugeriu. Ela conhecia Nekane melhor.

Em se tratando de Rodrigo, este não ligou depois do aniversário de Alex, e isso deixou Ana chateada, mas ela entendeu. Ficou claro que o maldita Candela abduziu-o, e diante disso, pouco poderia ser feito. Mas depois de nove dias, o telefone tocou. Era ele! Comunicando-lhe que depois de comer, passaria em sua casa para vê-la. Incapaz de dizer não, aceitou.

— Já deveria ter dito que ele é um imbecil — protestou Nekane ao saber que Rodrigo viria a qualquer momento.

— Eu sei ... eu sei ... não precisa repetir — Ana assentiu, pintando o olho.

— Mas como você pode permitir que esse cara atrapalhe a sua vida assim? Não percebe que está te fazendo de boba?

— Sim, eu sei. Mas acredite ou não, sua presença me faz ficar como uma panela de poressão de luxúria que não posso controlar.

— Panela de luxúria? - Nekane repetiu, rindo.

— Sim.

— Filha da puta.

Ana não respondeu. Sua amiga estava certa. Tinha perdido o juízo. Mas o que sentia por Rodrigo era tão forte que só pensar em dizer que não iria mais vê-lo fazia seu estômago revirar.

Meia hora depois, o interfone tocou, e Nekane com resignação, disse para subir enquanto sentava-se no sofá para assistir TV:

— Sua panela de luxúria está no elevador.

Rapidamente, Ana se olhou no espelho. Estava perfeita. Um pouco pálida, mas a minissaia de algodão e a camisa lilás caiam bem. Quando tocou a campainha abriu como uma criança prestes a receber um presente. Rodrigo estava lá. Mas a felicidade durou pouco. Diante dela, na porta de sua casa, estava Candela, com um casaco de pele muito chique, de braço dado a seu amado Rodrigo.

— Oi, Ana! — Cumprimentou a mulher de casaco — Viemos te visitar Rodri e eu!

De repente o gesto de Candela mudou ao olhar para o barriga redonda que podia ser vista sob a apertada camisa lilás. Grávida?

— Oi, linda! Rodrigo cumprimentou. E depois de dar uma beijo na bochecha, acrescentou: Estávamos comendo em um restaurante próximo e pensei em passar pra te ver.

— Que surpresa! Sorriu, confusa. Inclinou para um lado e disse: Entrem, não fiquem na porta.

Candela, atordoada com o que descobriu perguntou:

— Você está grávida?

— Sim. Surpresa! — E olhando sua amiga disse: Neka, apresentolhe Candela, a ...

— Amiga especial de Rodrigo — concluiu a jovem de cabelo loiro, deixando as duas jovens com vontade de matá-la. Estava claro que sua presença ali não era em missão de paz.

O rosto de Nekane era uma interrogação. O que fazia esta mulher ali? Mas sem deixar transparecer e se ofereceu para preparar um café. Depois de convidar Rodrigo e sua acompanhante a sentar-se na sala, as duas amigas foram para a cozinha.

— Essa é a ex?

— Sim. Ou melhor dizendo, a amiga especial — Ana sussurrou sarcasticamente.

— Que diabos ele está fazendo aqui com ela?

Eu não sei, mas depois disso vou precisar de uma terapia de açúcar — Ana murmurou.

Incapazes de deixar de olhar o que faziam, de repente viram que se beijavam na boca. Ana gemeu. Por que tinham que fazer isso na frente dela?

— Filho da puta, esse cara é um idiota? — Protestou Nekane. Vendo que sua amiga estava pálida como cera, perguntou: Você está bem?

— Sim ... sim. Não se preocupe.

— Não se preocupe comigo ... E abrindo um armário pegou algo e disse: Pega, coloque na bebida um pouco de Evacuol.

— Você está louca? - Ana disse rindo.

— Droga ... ele merece. Já que não podemos dar-lhe uns cascudos ..., dê-lhe laxante; pelo menos saberá que ele não vai sair do banheiro.

Ana teve que conter uma gargalhada, apesar de quão ruim estava por ver estes dois juntos e beijando-se em sua sala.

— Saia da cozinha e não toque em nada.

— Mas ...

— Neka, fora da cozinha! insistiu, e Nekane, depois de guardar o Evacuol no armário, saiu.

Depois de preparar o café, Ana voltou para a sala. Os quatro conversaram animadamente até o tema desviar para política, algo que Ana odiava, mas que Candela parecia gostar. Durante a conversa, Ana assistiu como Candela, coquete, incitava uma e outra vez, que Rodrigo a olhasse, e cada vez que uniam seus lábios pensava: "No final ... deveria ter colocado o Evacuol ".

Quando Rodrigo levantou para ir ao banheiro, e deixou as três jovens sozinhas na sala, Candela disse curiosamente:

— No outro dia não percebi sua gravidez. De quanto tempo você está?

— De quatro meses - Ana respondeu

Ursula não deveria saber, ou teria dito. Assim, mostrando normalidade, olhou-a e ficou interessada:

— E como você está?

Nekane, tentando finalizar o assunto, respondeu:

— Bem, Cande ... não me leve a mal ... ainda

— Candela — corrigiu a outra — Meu nome é ... Candela.

Ana revirou os olhos e Nekane sorriu, pronta para terminar o que estava dizendo.

— Bem, Candela, dizia que não me leve a mal, ainda que fosse sincera, poderia estar melhor. Certamente, deseja mais café?

Ao perceber suas intenções, Ana olhou para Nekane e sorriu.

— Não, obrigada. Para hoje já estou satisfeita — respondeu a moça, que, em seguida, dirigiu-se para Ana — E o pai do bebê está feliz?

— Muito Feliz! — Ana assentiu enfaticamente.

— Agora entendo porque Rodri ficou preocupado ...

— Rodrigo — cortou Nekane.

Candela, elevando o queixo, olhou para a garota e repetiu com soberba:

— Dizia que agora entendo porque Rodri ficou preocupado no outro dia e porque insistiu tanto para vir te ver.

— É porque somos bons amigos — Ana falou com vontade de arrancar aquele ar de superiodade.

Nekane, sabendo o que Ana pensava, com o seu melhor sorriso, olhou para a jovem morena e falou, fazendo sua amiga rir:

— É que Rodri é um amor e se preocupa com ela e com o bebê.

De repente, Ana sentiu ar na boca e, sem tempo a perder, levantou-se e correu para o banheiro de seu quarto. Nekane ficou olhando uma deslocada Candela e explicou:

— Está tudo bem. Dentro de dois segundos aparecerá fresca como uma rosa, desejando comer uma conserva de picles banhado em Nutella.

Rodrigo saia do banheiro quando viu Ana passar correndo em direção ao quarto com a mão na boca. Sem hesitar, a seguiu. Incapaz de não fazer nada quando a viu dobrada, segurou sua testa com cuidado.

— Calma, Ana ... calma.

Impressionada por ver Candela em sua casa com Rodrigo e, acima de tudo, comprovar que ele olhava-a extasiado foram a causa desse mal-estar. Mas, assim que colocou tudo pra fora, seu corpo relaxou. Rodrigo, após sentá-la no vaso, pegou uma toalha, molhou e passou na sua testa e finalmente nos lábios. Ana afastou-o com um empurrão.

— Você está melhor? — perguntou ele.

Ela assentiu com a cabeça e colocou um chiclete na boca para enganar o paladar.

— Como estão as coisas? — perguntou, pois era impossível continuar em silêncio por mais um segundo.

— Bem.

— Pensei que estava chateado comigo.

— Por quê?

— Porque não ouvi nada sobre você em nove dias.

Rodrigo sorriu e aproximou-se dela.

— Estive ocupado — sussurrou — tenho coisas para te contar.

— Que bom! — Ana zombou, enquanto desviava a conversa — Você falou com Calvin?

— Sim ... já me disse que não estão se falando.

Por alguns segundos, falaram dos dois até Rodrigo soltar:

— O que você acha de Candela?

Surpresa com a pergunta, levantou-se do vaso sanitário.

— Uma mulher normal. Por quê?

Ela foi minha namorada por alguns anos e, embora levamos tempo sem nos ver, foi só revê-la e... não sei o que há de errado comigo, me comporto como um idiota.

<<Então, somos dois, você por ela e eu por você>> pensou com resignação.

Abobada por aquela confissão, Ana quis dizer-lhe que sua santa mãe já havia contado aquela bela história de amor, mas ficou quieta. Quando percebeu que as pernas dobravam, optou por voltar a sentar no vaso sanitário.

— Você gosta dela?

— Sim, sempre gostei dela.

— Tem vontade de retomar o que tiveram?

Rodrigo se encostou na parede e murmurou com sinceridade:

— Eu não sei. É bonita, feminina e divertido, e estes atributos em uma mulher me encantam, mas tenho certeza que não quero viver em Houston, e ela vai voltar em poucos meses. Sem brincadeira, desde que encontrei com ela no aniversário de Alex, não consegui descansar. Estou tão confuso com o que me sentir que apenas não consigo racionalizar. E pensei que talvez você pudesse me aconselhar sobre o que fazer. No início ao fim, ambas são mulheres e devem ter algo em comum.

<<Deus me livre!>>, Ana pensou quando ouviu a campainha.

— Você quer que te aconselhe?

— Sim.

<<Mande-a para Houston e olhe para mim>>, pensou. Mas suspirou e disse com toda a dor de seu coração:

— Isso é muito pessoal, Rodrigo.

— Eu sei, e não pediria sua opnião se não confiasse em você. Olha, tenho uma confissão a fazer: quando Candela e eu rompemos foi porque ela não aprovava que eu fosse me tornar um bombeiro e...

— Sério?

— Sim. Naquela época, disse que nunca estaria com um homem com um trabalho como o meu porque não poderia dar-lhe o tipo de vida que ela precisava. Ele vem de uma boa família e está acostumada a um outro nível.

— Me deixa impressionada.

Passando a mão através da cabelo, Rodrigo continuou:

— A verdade é que pra mim foi fatal, especialmente quando soube que dois meses após o final da nossa relação conheceu outra pessoa e se casou.

— Se casou? — perguntou, a cada momento mais surpresa.

— Sim. Conheceu um empresário americano e depois do casamento, foi morar em Houston — ao ver como o olhava, acrescentou: Sei que agiu mal, que foi egoísta e impulsiva. Mas éramos muito jovens e, bem, atualmente está se divorciando e ...

— E agora vem para continuar o que que, uma vez deixou, certo? — ele não respondeu — Realmente está dizendo que vai dar uma nova oportunidade a alguém que te deixou sozinho, foi egoísta e não pensou em você por um segundo? Alguém que não aceitou o seu trabalho e que foi tão classicista que te deixou por issor? — bufou — Olha, Rodrigo, se você está me pedindo conselhos, te darei: afaste-se dela, porque se fez uma vez, vai fazer novamente. No dia que aparecer alguém melhor não hesitará e irá embora. As pessoas que são assim não mudam.

— Mas ...

— Não existem MAS que valham.... Não vai mudar!

— Por que está cortante e desconfiada? As pessoas mudam, Ana, e ...

— Minha experiência nestas questões me dizem que as pessoas não mudam. Enganam a si mesmas e conseguem enganar o outro, mas não mudam. Se digo isso é porque algo aconteceu comigo uma vez, e eu ... bem ... não vou contar minha vida.

Rodrigo foi surpreendido pela revelação tão íntima, algo que ela nunca fez.

— O que aconteceu com você para pensar assim?

— Nada.

— Sim, Ana — sussurrou, levantando o queixo dela para que o olhasse — Diga-me.

Atordoada pelo calor daqueles olhos azuis e pelo momento, ela concordou e sem saber por que colocou a mão na sobrancelha.

— Você vê essa cicatriz? — ele assentiu — Foi feita por um homem que quando jovem dei váris oportunidades porque gostava muito dele.

— Como?! — Chiou com raiva — Quem fez isso?

— Acalme-se. Foi há muito tempo e garanto que já está no passado — respondeu, pegando sua mão — Warren Follen era um rapaz adorável e por um tempo nossa relação foi a melhor coisa que me aconteceu. Ele via em mim algo que ninguém via, e me fez sentir bonita e agradável. Mas um dia algo aconteceu e me culpou. Naquele dia, o perdoei depois dele me pedir com insistência e prometer que não voltaria a acontecer. Mas aconteceu mais vezes. A última vez, dias antes do casamento da minha irmã, e desta vez decidi terminar o relacionamento porque pessoas que não têm coração, sob meu ponto de vista, não mudam e ...

— Ana — Rodrigo sussurrou, abraçando-a — Eu sinto muito.

— Está tudo bem. É um tema superado que nunca falei com ninguém e não sei por que lembrei hoje.

— Será que é porque somos amigos?

Ana olhou para o homem a rodeava como uma debutante e assentiu.

— Será — Recuperando-se daquele momento de fraqueza, separou-se dele antes que não pudesse controlar a vontade que tinha que beijá-lo — Por isso penso como penso e, de certa forma, sou como sou. Acho que você e só você deve pensar sobre o que quer fazer em relação a Candela. Se quiser dar a uma nova oportunidade, porque sente toneladas de borboletas vibrando em seu estômago quando a vê, faça-o! Mas esteja ciente de que é uma nova oportunidade, e fique atento.

— Você voltou a sentor as borboletas?

— Sim.

— E tentou?

Olhando-o, com sinceridade, percorreu as covinhas que tanto gostava e

acenou com a cabeça.

— Sim, mas às vezes as coisas simplesmente não podem ser.

Rodrigo concordou. Ana encantava-o por sua sinceridade ao falar, embora aquela revelação do que havia ocorrido no passado machucava-o. Como alguém poderia ter feito isso com ela?

De repente Nekane entrou no banheiro com pressa.

— Ana ... você não vai acreditar mas acab...

— Pataaaaaaaaaaaaaaa! — Lucy gritou, dando um empurrão em Nekane para entrar e abraçar sua irmã.

Boquiaberta ao ver a irmã ali, Ana abraçou-a diante do olhar atento de Rodrigo.

<<Por Deusssssssssss!, Que faz aqui?>>

Sua irmã ali só poderia causar problemas, e ao ver que Rodrigo olhava para Nekane com cara divertida, sussurrou rapidamente em seu ouvido:

— Nana, fale em francês ... fale em francês.

Lucy se separou de sua irmã alguns milímetros.

— E por que tenho que falar em francês? — perguntou.

Essa pergunta fez Rodrigo focar nela toda sua atenção, e foi aí que Lucy notou o enorme e bonito homem, e esquecendo sua irmã e que esta pediu, tirou sensualmente a franja do rosto.

— Oi! Eu sou Lucy, irmã de Ana. Quem é você?

— Prazer, Lucy. Eu sou Rodrigo — respondeu, maravilhando por conhecer a irmã de sua melhor amiga.

— O bombeiro?

— O mesmo — assentiu enquanto Ana e Nekane trocaram uma olhada. Ia acontecer um desastre!

Diante daquele assentimento, Lucy deu um grito que perfurou os ouvidos e saiu do banheiro desvarirada. Rodrigo ficou desconcertado. O que estava de errado com aquela mulher? Ana, a ponto de infartar, olhou para Nekane e esta, depois de aspirar, disse enfaticamente:

— Amiga, enfrente as consequências. Na sala estão seu pai e sua mãe, além da louca da sua irmã e Candela. E sinto dizer que sobre isso nada pode ser feito.

— Perdão?

— O que você ouviu ...

— Oh, Deus! Oh, Deus!

Rodrigo olhou-as. O que acontecia com elas? Mas antes que pudesse dizer alguma coisa, Nekane comentou:

— Ana, pelo amor de Deus, respira, você está ficando azul.

— Eu não posso!

Antes que pudesse pensar, sua amiga puxou-a pelos ombros ante o gesto indecifrável de Rodrigo e sussurrou:

— Sim, pode. Vamos, fazê-lo — Ana respirou, e Nekane continuou: — Escuta, uma falha com eles e com ele vai ser uma tragédia! Você só tem dois segundos antes de sair para a sala e pensar sobre o que vai dizer.

Dizendo isso, saiu e fechou a porta do banheiro, deixando-os sozinhos. Ana tocou o rosto, abriu a torneira e espirrou água. Depois, colocou um elástico no cabelo tirá-lo do rosto. Aquilo não podia estar acontecendo. Seus pais em Madrid! Finalmente, sentindo a presença de Rodrigo, que a tocou no ombro, disse:

— Preciso da sua ajuda.

— O que está acontecendo?

— Não pergunte, por favor ... por favor ... por favorrrrrrrr. Basta seguir o jogo e não tirar conclusões prematuramente, Ok? Prometo explicar tudo mais tarde, mas agora siga o filme.

Boquiaberto e intuindo que algo grande estava acontecendo, assentiu. Um segundo depois, Ana abriu a porta do banheiro e, estranhamente, Rodrigo sentiu que segurava com força sua mão e caminhava com decisão para a sala. Candela, surpresa, viu-os chegar. Porque estavam de mãos dadas?

Então Ana respirou fundo e disse:

— Mãe, pai, que surpresa!

— Isso era o que queríamos, amor - respondeu aplaudindo sua mãe: surpresa. Oh, minha filha, você está linda! — gritou Teresa emocionada.

Desde o natal o caráter de Teresa suavizou de tal maneira que Ana não pode deixar de sorrir ao ouvi-la. Imediatamente soltou a mão de Rodrigo e a abraçou. Aquele abraço, apesar dos pesares, a confortou. Depois abraçou

seu pai, seu incondicional.

— Querida, você está tremendo - seu pai sussurrou em seu ouvido.

Estava assustada pelo que poderia acontecer. Rodrigo, irremediavelmente iria descobrir sua mentira, e seguramente, seus pais também, então aquele filme acabaria e isso a fez chorar.

— Mas, Ana Elizabeth, tesouro. Por que você está chorando? — perguntou sua mãe, preocupada.

Nekane, percebendo o por que, entregou-lhe um lenço e antes de voltar a seu lugar disse:

— Ultimamente, chora até quando apita o microondas.

A piada fez todos rirem. Candela, irritado com a situação, tentou aproximar-se de Rodrigo, mas Nekane não permitiu. Não sabia o que sua amiga ia fazer, mas sabia que não devia nem podia permitir que a outra se aproximasse dele.

Assim que Ana desfez o abraço com seus pais, deu um um passo pra trás e pegando novamente a mão de Rodrigo, disse:

— Pai, Mãe, Nana, apresento-os a Rodrigo. Querido estes são meus pais, Teresa e Frank. Lucy você já conheceu no banheiro.

Surpreso com a "Querido", olhou para ela, mas finalmente decidiu seguir suas instruções.

— Prazer em conhecê-los.

— O prazer é meu, rapaz — Frank respondeu rindo, e estendeu a mão — Finalmente, estou conhecendo o pai do meu neto e o homem que roubou o coração da minha menina.

Rodrigo queria gritar "Como?", mas se absteve e, com um sorriso pronto no rosto, apertou a mão. Ainda que depois, dissimuladamente, olhou para Ana que estava pálida a seu lado. Que história era essa que ele era o pai de seu bebê?

Depois do cumprimento do pai veio o da mãe, e depois de dar um par de beijos e se convencer que o rapaz era melhor do que ela tinha pensado em princípio, como se fosse um menino, beliscou sua bochecha.

— Ah ... mas o que bonito é o meu genro! O que olhos azuis mais lindos ele tem!

— Obrigado, senhora, conseguiu balbuciar.

A mulher, ainda impressionada pelo namorado de sua filha, tirou coquete o cabelo do rosto e aproximou-se dele.

— Oh, por Deus, sou sua sogra. Chame-me de Teresa.

Sem deixar sua impressão por tudo o que estava acontecendo, Rodrigo concordou.

— De acordo, Teresa.

Lucy, divertindo-se ao ver sua mãe perturbada ante a um homem bonito, para atrair o olhar de sua irmã gritou:

— Pata, me mostre a barriga!

Ana, no automático levantou a blusa e deixou a barriga à mostra. Se ouviu um geral Ohhh! Antes de Rodrigo, totalmente confuso, repitir:

— Pata!

Ana e Nekane deram um riso nervoso, e Lucy disse:

— Pata é um apelido que coloquei nela quando tivemos aula de ballet. Ana era uma autêntica pata, e o mais engraçada, ela gostava!

Ana riu. Lembrar daquela época a fazia feliz.

— Não dê atenção, filho — interveio Teresa — nunca vou entender o porquê, com nomes tão bonitos que têm, insistem em se chamar de Pata e Nana — E olhando para Candela, que não abriu a boca durante todo o tempo, perguntou: E esta jovem tão bonita, quem é?

Nekane olhou para Ana, e esta segurando a mão de Rodrigo, respondeu:

— Mãe, essa é Candela, uma boa amiga de Rodrigo e minha. Mora em Houston, mas está visitando Madrid e hoje veio me ver.

Teresa, emocionada, aproximou-se da jovem e deu-lhe dois beijos.

— Prazer em conhecê-la, linda. Fico feliz em saber que minha filha tem amigas tão próximas que se preocupam com ela dutante a gravidez.

Ela assentiu, ainda perturbada. O que acabava de descobrir era tremendo. Rodrigo e essa mulher iriam ser pais? Incapaz de ficar um segundo mais ali, decidiu sair as pressas.

— Foi um prazer conhecê-los, mas tenho que ir. Tenho um compromisso dentro de meia hora e devo ir agora, se quiser chegar.

Rodrigo tentou mover-se, mas Ana, apertando sua mão, deteve-o. Ainda assim, ele disse:

— Eu te levarei, Candela.

— Não há necessidade, Rodri - respondeu a Jovem — Vou pegar um táxi.

Rodrigo queria falar com ela e esclarecer as coisas.

— Eu insisto: levarei você.

Mas a jovem já tinha tirado suas próprias conclusões e se recusou. — Obrigada, mas seu lugar está aqui com Ana e seus sogros.

<<Merda>>, pensou irritado. Não queria que se fosse sem falar com ela.

— Toma seu casaco, Cande — a incentivou Nekane, empurrando-a. — Vamos... vamos lá, antes que chegue atrasada para seu compromisso.

Irritada, Candela pegou seu casaco de pele de raposa. Desconcertado, Rodrigo moveu-se, mas Ana não estava disposta a deixá-lo ir sem dar uma explicação, então jogou os braços ao redor de seu pescoço e, depois de dar um rápido beijo nos lábios que perturbou-o, disse:

— Querido, Candela tem razão. Fique com a gente. Mamãe e papai chegaram ...

— Diretos de Londres para conhecê-lo — acrescentou Lucy.

Cada vez mais deslocado, Rodrigo cravou seu plhar em Ana.

— Céus ... não me disse que sua família era de Marselha?

— Marselha? — repetiu Ana rindo e tocando a orelha. E dando-lhe outro beijo nos lábios, disse: — "Você deve ter entendido mal. Mamãe e papai vivem em Londres.

Admirado pela pouca vergonha de Ana, finalmente concordou com o cenho franzido, enquanto via Candela desaparecer.

— Eita, querida, devo ter entendido mal.

— Mas que casal lindo vocês fazem — de repente, gritou Lucy. E embora não tenha dito, irmãzinha, o que você estava querendo dizer quando com Rodrigo ser um super homem.

Incapaz de continuar calado, Rodrigo olhou a suposta mãe de seu filho, levantou uma sobrancelha e perguntou:

— Você disse isso de mim?

— Ah, sim! — concordou Lucy antes que sua irmã pudesse fazêla calar — No Natal, quando contou sobre a gravidez, te descreveu como o homem de seus sonhos: bonito, atencioso, cavalheiro, trabalhador. Vamos ... tudo o que Pata sempre buscou.

— Desde o Natal sabem da minha existência e você não me disse nada, querida? Rodrigo perguntou, a cada segundo mais descomposto.

— Meu Deus, morri — ela pensou, horrorizada, diante do olhar dele.

— Não se preocupe, Rodrigo — tranquilizou-o Frank, tocando em seu ombro — Reservei uma mesa no Horcher para amanhã as duas. Tenho certeza de que neste almoço colocaremos as coisas em dia.

— Amanhã? — Perguntou Ana.

— Sim, amanhã — Teresa confirmou sem rodeiosas, olhando para sua filha — Precisamos discutir o casamento de Lucy e precisamos saber quando pensa em ir para Londres para organizar um jantar com nossos amigos e assim apresentarmos Rodrigo.

<<Vou matar você>>, ele pensou, apertando a mão dela.

Envergonhada e sem saber para onde olhar, Ana queria que a terra a engolisse. Não suportava o sorriso de seus pais e de sua irmã, ou o olhar de medo de Nekane, muito menos o constrangimento de Rodrigo. Sentaram-se, para beber algo. Ana e Nekane, como anfitriãs, foram até a geladeira em busca de bebidas.

— Foda, foda! Murmurou Nekane.

— Fique quieta ...

— Mas você viu o rosto de Rodrigo? — Nekane insistiu.

— O que você acha?

— Coitadinho, está enlouquecendo.

— Ai, Neka! Vai me matarrrrrrrrrrr!

— Normal. Que confusão você se meteu. Já acho demais o homem é sem segurar o rojão sem te denunciar.

Dissimuladamente, Ana olhou por cima da porta aberta da geladeira e viu como seu pai falava com Rodrigo, e este, com toda naturalidade que podia, respondia.

Nesse momento o telefone de Rodrigo tocou, e depois de ver quem era, desligou. Sem necessidade de perguntar quem era, Ana supôs. Era Ursula. Com certeza Candela já tinha contado o que aconteceu.

Cerca de sete horas da noite, esgotados pelo dia que tiveram, os pais e a irmã de Ana decidiram ir embora. Nekane, ciente de que Ana e Rodrigo deveriam conversar, se ofereceu para levar Frank, Teresa e Lucy em seu

carro até o hotel. Inicialmente, recusaram, mas finalmente superou a disputa. A cabeçuda era difícil de ganhar. Uma vez que a porta fechou, um silêncio sepulcral tomou conta da casa. Ana estava olhando para a porta, sabendo que Rodrigo a observava. Então, consciente que não havia saída, virou e sussurrou a duras penas:

— Vou te explicar.

Fora de si, Rodrigo se aproximou dela e em atitude intimidadora, puxou-a pelo braço para sentá-la no sofá.

— Claro que você vai me explicar. Vamos ver, a criança, é minha ou não? Porque se bem me lembro o dia em que te reencontrei grávida você jurou que o bebê não era meu, e hoje, de repente, você e seus pais, na minha cara, dizem o contrário.

— Ok ...

— É meu ou não?

— Escute-me ...

— Não, escute-me você — cortou-a furiosamente — Acreditei que éramos amigos, mas estou percebendo que ser seu amigo é impossível. Agora só me diga o que quero saber para que eu possa ir.

Incapaz de se controlar, Ana começou a chora. Aquela era uma grande confusão a qual ela, e somente ela, era culpada. Ainda não entendia porque havia mentido assim, mas fez e agora tinha que sair dessa situação.

Rodrigo ficou com a alma partida ao vê-la chorar, mas estava tão ofendido por tudo o que aconteceu que não se mexeu para abraçá-la. Desejava saber a verdade, e até que ela confessasse, sua atitude não ia mudar.

— Ana, estou esperando por sua resposta — insistiu.

A jovem assentiu e, depois de pegar outro lenço de papel da caixa que estava sobre a mesa na frente da TV, secou as lágrimas, assoou o nariz, e com um sussurro, disse:

— Rodrigo, não menti para você. O bebê não é seu. Mas ...

— Você está louca, ou que se foda? Se o bebê não é meu, porque você disse a seus pais que é?

— Porque precisava de um bonita história e um bom pai, ou eles sofreriam! — gritou afastando-se — Não tinha intenção de ter esse bebê, mas ... mas de repente algo mudou em mim e sem pensar, confessei a eles

que ele estava grávida e não sei por que, quando eles me perguntaram quem era o pai, disse o seu nome. Bem ... sim eu sei. Não poderia dizer que o pai é um suíço chamado Orson que não tenho notícias. Se dissesse isso, iria machucá-los, especialmente a minha mãe, e não quis. Assim, pensei em você, e sendo um homem forte, com personalidade, bonito e uma profissão extremamente viril, minha mente nublou e ... e ... inventei que éramos um casal e este bebê desejado pelos dois e ...

— Droga!

— Nunca pensei que você saberia. Acreditei que seria uma pequena mentira que logo desmentiria, e então ...

— Uma pequena mentira - ele assobiou — Dizer que eu sou o pai do seu filho, é uma pequena mentira?

— Embora não acredite em mim, juro que quando fiz isso quando, vi assim.

— Droga, Ana, se isso para você é uma pequena mentira, não quero nem pensar o que será para você uma grande mentira.

— Eu sei ... mas eu ...

— Você percebeu a bagunça que me meteu com a sua e a minha família? — E, pegando o telefone, gritou: — Tenho quarenta e oito chamadas perdidas da minha mãe, que logicamente, alertada pela pobre Candela, espera uma explicação! Como você pode fazer isso comigo?

— Te prometo que vou resolver. Vou falar com Candela e ...

— Ah ... é claro que você irá! — Assentiu, ofuscado — E também vai resolver com seus pais. Quero que diga-lhes que não sou o pai ... e...

— Não posso!

— Sim, pode.

— Não.

— Muito bem. Falarei eu. Irei ao hotel deles e falarei — esclareceu, pegando o casaco.

Rapidamente Ana se interpôs em seu caminho.

— Não diga. Prometo que vou dizer, mas no momento certo.

— No momento certo? Você perdeu o juízo?

— Por favor, Rodrigo, não diga nada. Minha mãe sofre do coração — mentiu, tocando a orelha — e um desgosto assim ... Ao ver que conseguiu

sua total atenção, continuou: — Prometo que após o casamento de Nana, direi que terminamos e que o bebê não é seu; mas, por favor, me dê um tempo.

— Outra coisa — ele disse zangado, atirando o casaco no sofá: — Não vou ser seu acompanhante no casamento da sua irmã. Portanto, já pode resolver esta questão também.

— Por favorrrrrrrr ...

— Não ... — E, levando as mãos na cabeça, gritou: — Em você não falta um parafuso, mas sim uma caixa inteira!

Depois de alguns segundos de silêncio, nos quais Ana tomou consciência que fez algo errado e o quanto Rodrigo estava bonito mesmo indignado, murmurou:

— Certamente, me falta a caixa inteira, mas preciso de sua ajuda — e aproximando-se dele ainda soluçando — Perdoe-me, Rodrigo. Precisava de um bom homem, responsável e com credibilidade; para proporcionar um bom pai para o meu bebê. Sei que não entende, mas ...

— Claro que não entendo. Com todos os homens que existem no mundo e você me escolheu como o pai da porra desse bebê.

O tom de desprezo que utilizou para se referir a seu filho cortou o choro de Ana. O que ele disse? E sem se importar com o poderia acontecer, se lançou contra ele com toda sua força, e ambos cairam no sofá. Rodrigo ficou surpreso, mas antes de dizer qualquer coisa, ela sussurrou:

— Nunca mais, volte a falar da do meu bebê com esse desprezo, ou juro que te arranco um olho e de pois o outro. Entendo que sou uma idiota, uma sem cérebro, uma mentirosa, uma encrenqueira, posso ser tudo o que você quiser, mas meu bebê não é nada isso, entendido?

Rodrigo concordou com a cabeça enquanto sentia o corpo dela pressionado contra ele. Por uns segundos, se olharam, mas ninguém falou, até que Ana, assombrada por aqueles olhos azuis e com os hormônios em ebulição pela proximidade, não hesitou e aproveitou a oportunidade. Aproximou os lábios dos dele e, incapaz de conter o que sentia, beijou-o. Chocado com o que ela fez, Rodrigo afastou-a.

— O que você está fazendo?

Mas ela não respondeu. E com uma força que o deixou sem palavras voltou a pousar a boca na dele e devorando-a. Mordeu o lábios dele com tanta força que por fim, Rodrigo se rendeu e respondeu. Ana enredou os

dedos em seu cabelo, e esse simples ato, juntamente com a forma como devorava sua boca, excitou Rodrigo. Desde aquela única noite de paixão, não voltaram a ficar tão íntimos, mas ambos sem falar, sabiam que eram temperamentais e exigentes. E assim, Rodrigo não tinha voltado a tentar. Para ele, Ana era importante demais para usá-la e, em seguida, evitá-la. Ana era diferente. Era especial. Por isso, de repente consciente do que estava fazendo, moveu-se pronto para acabar com aquilo.

— Não vá — pediu Ana a escassos centímetros de sua boca.

— Ana, não podemos ...

Ela viu seu rosto tenso, mas não cedeu. Desejava-o e queria ser desejada por ele. Assim, reunindo toda a astúcia feminina que tinha, passou sua brincalhona língua por seu lábio inferior e depois de mordê-lo sussurrou com segurança:

— Sim ... sim, nós podemos.

E sem dar-lhe tempo para rejeitá-la, saqueou sua boca e incitou-o provasse a sua com prazer, e conseguiu. Uma pontada de prazer lascivo pulsou no estômago de Rodrigo, e, incapaz de não se deixe influenciar pelo momento, gemeu quando notou as mãos dela agarrou sua camisa branca, deixando-o nu da cintura para cima.

— Pare — ele insistiu.

— Não.

Sem se importar com nada, Ana, carinhosamente tocou os duros e quentes ombros e, em seguida, beijou-os, enquanto percebia que aos poucos, ele se avivava e começava a tocá-la. Sem parar e pronto para desfrutar dele, derramou uma trilha de doce e sensuais de beijos em seu pescoço ansiando que fossem devolvidos. Tombada sobre ele é sentia-se poderosa, ardente e enérgica, e com uma voz que fez ele tremer, exigiu:

— Toque-me.

Aceso pelo que estava acontecendo, Rodrigo rodeou-a pela cintura e, com ela ainda sobre ele, sentou no sofá. Aquilo era uma loucura. O que ele estava fazendo? Sentindo-se incapaz de parar o que ela tinha começado, tirou o elástico do cabelo dela, para que caísse sobre o rosto, e ela sorriu docemente. Aquele sorriso, sem saber porquê, o fez vibrar, e quando ela colocou suas pequenas mãos nas bochechas dele e beijou-o, derrubou todas as defesas.

— Ana — murmurou, fazendo uma tentativa final — detenha-se ou não

poderei parar. Se você continuar assim, não serei capaz de ...

— Não quero que pare — ela gemeu quando notou entre as pernas a dura excitação dele — Desejo você e preciso que continue.

Finalmente, Rodrigo se rendeu ao inevitável, e não sendo capaz de pensar com outra coisa que não o que tinha entre suas pernas, agarrou a nuca dela para se aproximar mais e beijou-a, ao mesmo tempo com a outra mão tocou suavemente suas coxas nuas. Seu cheiro de pêssego, sua voz e aquele doce olhar o necessário para despertar seus instintos animais que pedia mais.

Para Ana sentir aquele instinto de posse enlouqueceu-a. Rodrigo ardia, e o calor de suas mãos e sua boca a estavam perturbando.Ela tremia toda e respirava desacompasadamente, mas não se assustou. Tudo aquilo era provado por ele, Rodrigo, o homem que ela queria e, que finalmente, tinha à sua mercê. Moveu os quadris sobre ele, fazendo que o viril membro endurecesse cada vez mais, e quando sentiu um calor sobre-humano entre eles, gemeu.

Ambos respiravam com dificuldade, e quando acreditou que ia explodir de desejo, Rodrigo, de supetão, rompeu a calcinha com maestria que deixou-a molhada e exigente, tocou-a. Sentir sua mão quente e segura sobre seu sexo a fez gemer novamente.

— Isso não está certo — ele sussurrou a poucos milímetros de sua boca — Podemos machucar o bebê.

— Não ... não vamos machucá-lo — e atiçada de desejo tirou a camisa e sem pensar na distância entre eles causada pela barriga, murmurou completamente nua: — Segundo minha ginecologista, se estou feliz ... o bebê também estará.

— Tem certeza? — Ele perguntou surpreso.

Nunca tinha feito amor com uma mulher grávida e estava com dúvida.

— Claro! Então, vá em frente e me faça feliz.

Incapaz de recusar seus desejos, Rodrigo abriu o jeans e depois de pegar seu duro e excitado pênis, posicionou-o entre pernas dela e afundou com cuidado. Não queria machucá-la. Aquela delicadeza deixou-a emocionada. Esse beija-flor que ia de mulher para mulher em busca de puro prazer sexual, diante dela se mostrava como um amante delicado, e ela gostava disso.

Sentada montada sobre Rodrigo no sofá, ele ixou o olhar para os seios

que diante dele balançavam, mas suas mãos pararam sobre a proeminente barriga redonda de Ana. Ao segurá-la pela cintura suas mãos se curvaram para sujeitá-la com cuidado e ajudar na sua missão de entrar e sair. Ana, ao se sentir cheia com ele, fechou os olhos e jogou a cabeça para trás. De repente, toda a tensão acumulada por dias e meses desaparecido para dar lugar a uma trilha de prazer imenso, que desfrutou. Dominando a situação, abriu olhos e conectando com o olhar dele, moveu os quadris para frente e para trás buscando seu próprio prazer, e conseguiu. Fez isso e suspirou.

— Está tudo bem? — ele perguntou.

Não podendo esconder o quão feliz sentia pela loucura que estava fazendo, com um erotismo que ressecou a alma, sussurrou:

— Maravilhosamente bem.

Rodrigo, controlando seus instintos mais primitivos e especialmente seu desejo implacável e com fome de empurrar em busca de seu gozo, deitou a cabeça no sofá enquanto alguns calafrios de prazer tensionavam e liberavam a tensão a cada movimento dela. De novo seus olhos cairam para aquela barriga pequena e redonda, mas finalmente o balançar dos seios atraiu sua atenção e pegou-os com as mãos. Eram suaves e apetitosos ao toque, e trazendo um a boca, chupou-o.

A maré de fogo ardente que Ana estava fazendo-o sentir com sua sensualidade, exigência e erotismo era algo que nunca experimentou, e quando o viu-a estremecer e ouviu seu gemido ao alcançar o orgasmo, uma loucura ardente se apoderou dele, e perdendo o controle, agarrou os quadris e afundou nela, até que depois de um grunhido gutural de prazer, soltou-a.

<<Sim! Ah, sim! Síiiiiiiiiiiiii!>> pensou ela.

<<Incrível>>, ele pensou.

Acabando a dança de sexo e luxúria, ninguém falou. O que poderiam dizer ante o que tinha acabado de acontecer? Nua em seus braços, Ana estava consciente do que havia provocado, e incapaz de se mover, esperou os eventos. Seguramente, as censuras voltariam, e ele não se lembraria de nada o que aconteceu momentos antes. Rodrigo, ainda respirando ofegante, com a cabeça apoiada no sofá, sentindo o corpo da jovem sobre ele. Por que não tinha resistido? Ela era Ana, sua amiga, não uma das mulheres com que se divertia. Quando abriu os olhos fixou em Miau, o gato, que diante deles era testemunha de sua inconsciência.

<<Foda-se!, Foda-se!, Foda-se!>> pensou, e afastando Ana de seu corpo, fez com que o olhasse.

— Estamos loucos. O que nós fizemos?

Sem responder, ela pegou rapidamente sua camisa e colocou. Ao tomar ciência da verdade sobre seu corpo e ver o desconcerto no olhar dele, doeu e estava disposta a acabar com tudo.

— Fui eu. Eu provoquei. Mas ... mas os hormônios me deixam descontrolada, e eu ... eu ... não sei ...

— Agora você culpa os hormônios?

Como se tratase de uma pluma, tirou-a de cima dele e levantandose do sofá com raiva, Rodrigo pegou um lenço de papel da caixa e se limpou. E ante o atento olhar da jovem que o fez sucumbir à seus encantos, disse enquanto subia o zíper da calça:

— Você não fez nada mais que me usar e ...

— Eu não coloquei uma arma no seu peito — cortou ela.

Então ele se sentiu o ser mais infame do mundo. Podia ter parado aquilo, mas simplesmente se deixou levar pelo momento e por ela. Mas não estava disposto a dar o braço torcer .

— Vamos esquecer o que acabou de acontecer, certo?

— Esquecido, mas tenho que confessar algo para acabar com todos os mal-entendidos entre você e mim, ou ...

— Ou o quê? — assobiou, irritado.

— Ou não vou poder dormir tranquila o resto da minha vida! - gritou, olhando-o fixamente. E sem saber por que, disse: — Preciso te dizer que gosto de você. Me sinto atraída. Para mim, você é um homem impossível. Do mais alto patamar que encontrei na cadeia alimentar, e preciso confessar ... que fiquei encantada desde o primeiro dia que te conheci e ...

— Pare com isso, Ana! — Ele gritou. Não queria pensar no que ela dizia e zangado, perguntou: — Mas que absurdo está falando?

— Estou sendo honesta com você.

Movendo-se pela sala como um leão enjaulado, insistiu:

— Você e eu somos apenas amigos. Você disse. Você propôs. Sim bem me lembro, disse que poderíamos ser almas gêmeas. Apenas amigos e ...

Sentiu-se esmagado pelo que ele dizia depois do maravilhoso tempo que

haviam passado juntos.

— Eu sei ... sei o que disse e menti. Todos os dias estive pendurada em você. Sei que você não sente nada mim, eu sei, mas não precisava dizer.

Boquiaberto com tudo que estava descobrindo naquela tarde, o bombeiro se afastou e sentenciou com raiva:

— Claro que não sinto nada por você e, antes que siga, quero que saiba as poucas vezes que tivemos relações sexuais foram para mim apenas isso: sexo! — Uma pontada de dor atravessou o rosto da jovem e ele, sem saber, continuou: — Não me atrai como mulher ou nem como qualquer outra coisa; apenas como amiga. Além disso, você está esperando um filho que não é meu, caramba! — Irritado pelo que estava dizendo, olhou para a jovem, que, sem alterar suas feições olhava-o — Esqueça esse absurdo de que sente algo por mim. Enterre. Porque entre nós nunca haverá nada mais que amizade.

Aquela ordem tão nítida fez o coração de Ana dar uma batida.. Mas, o favia feito? Por que se declarou? E disposta a acabar com aquela humilhação vergonhosa, sorriu.

— Então não se preocupe. Levo tempo esquecendo você.

Tocando com pesar o cabeça, Rodrigo não sabia o que fazer. Uma parte dele queria ser simpático e gentil com ela, mas outra parte gritava que se afastesse o quanto antes ou se arrependeria. Finalmente, decidiu pela segunda opção, e depois de colocar a camida pegou o casaco que estava no sofá e se aproximou dela.

— Ana, sinto muito por ter sido tão brusco com você a respeito de seus sentimentos, mas ...

— Não me envergonhe mais - o interrompeu. — Tudo ficou muito claro.

Ele balançou a cabeça, olhando para ela.

— O que aconteceu hoje não pode voltar a acontecer, tudo bem, Ana?

— Ok. Não ocorrerá.

— Mas como você permitir isso? — Ele perguntou com raiva ao vê-la tão submissa — Você está grávida, porra!

<<Acabei de dizer. Porque eu te amo, e é só vê-lo e minha mente fica nublada>>, quis gritar, mas encolhendo os ombros, torceu a boca e respondeu:

— Precisava de sexo. Meus hormônios pediam ...

— É claro — ele protestou sem aprofundar no assunto — eu estava aqui, o babaca no escritório para acabar com sua vontade, né? E ainda por cima, sem um preservativo!

— Meu Deus, fiquei grávida? — Ela zombou.

Ao percebr o duro olhar dele, Ana se calou. Teve que fazer esforços para não rir do absurdo da situação. Ela tinha acabado de se declarar, abriu seus sentimentos, e ele, fez de surdo. Que insensibilidade!

Rodrigo blasfemou ao ver suas brincadeiras. E ansioso para terminar com aquilo, olhou-a com expressão séria e soltou:

— E quanto a nós, repito, nunca haverá nada além de amizade — Pesarosa, mas decidida, assentiu. — E no que diz respeito à sua gravidez e seus pais, não vou entrar em seu jogo. Assim, amanhã nesta refeição que supostamente teríamos com eles, a qual não vou participar, pelo seu bem e de seu bebê e diga-lhes a verdade.

— Por favor — implorou Ana, mudando seu gesto. — Venha amanhã. Prometo que vou contar outra dia ...

— Não, Ana

— Por favorrrrrrrrr.

— Não. Eu não vou ajudar. Quanto mais cedo resolver este absurdo, mais cedo acabará.

E sem outra palavra, aquele homem que minutos antes beijou-a apaixonadamente e que havia feito amor com extrema gentileza, deu a volta e se foi. Ainda quente pelo que acabara de acontecer, sem querer pensar sobre o que ia acontecer no dia seguinte, foi para seu quarto e colocou uma calcinha nova. Quando voltou para a sala, ao ver que o seu gato a observava, murmurou:

— Miau, não sou boba, sou o seguinte....

No dia seguinte, depois de uma noite horrível onde Ana relembrou uma e outra vez o que aconteceu com Rodrigo sobre o sofá, quanto tomava o café da manhã, Nekane saiu de seu quarto com velho pijama e cabelo solto. Ambas entreolharam-se e Ana sorriu.

— Não sei do que você está rindo — protestou a amiga. Se eu fosse você faria de tudo, menos sorrir.

Ana encolheu os ombros. Sua amiga estava certa, mas ao lembrar o que aconteceu no dia anterior no sofá onde estava sentada e simplesmente isso

a fazia sorrir. Nekane colocou seu café no microondas e ficou encarando como o copo rodava no interior. Quando apitou, pegou o café e sentou-se ao lado de Ana no sofá para tomar café da manhã. Após um momentos de silêncio, Nekane, incapaz de manter silêncio, pegando um biscoito, disse:

— Vamos ver: Você vai pavonear que ficou ontem com Rodrigo quando saí, ou tenho que obter isso a tapas?

Ana sorriu de novo, e depois de colocar um biscoito na boca, sussurrou:

— Foi emocionante, Neka ... o beijei, me beijou, me lancei, rasgou minha calcinha e fizemos no sofá. Oh, Deus! Foi colossal!

O biscoito e o queixo da garota caíram, e abrindo demasiadamente os olhos perguntou:

— Como?!

— Que fiz. Tornei-me uma loba e me joguei.

— Mas pelo amor de Deusssssssss ..., você está louca?

— Sim.

— Mas você está grávida!

— Eu sei. E reconheço que os hormônios estão me matando ... mas de desejo— ironizou.

Nekane se levantou do sofá e apontou.

— Aqui ... neste sofá, vocês fizeram. — Ana assentiu, e a outra, sentando na poltrona, murmurou: nunca mais serei capaz de sentar neste sofá.

— Calma, já limpei. E para você ver onde chegou ontem meu nível de pêssego louco, confesseu que gosto dele e ...

— Puta que pariuuuuuuuuuuuuuuuuuu

— Eu sei, eu sei ..., cometi a maior burrice do mundo. Disse ao cara que estou apaixonada e morro por migalhas dele, e ele, em troca, disse para esquecer isso, porque que não seja amizade. Vamos ... não deixo-o nem um pouco.

— Puta que pariuuuuuu. Te disse isso?

— Sim, como estou te contando.

— E você não o fez engolir o pote inteiro de Evacuol? — Ambas riram, e finalmente Nekane voltou a perguntar— : Ok, o que você fez?

— Nada. O que eu faria? Sorrir, dissimular e entender. Não tenho outra

opção. Mas olha, nada irá tirar de mim o bem que passei ontem neste sofá. Me senti sensual, perversa e dona das minhas ações. E sabe o que estou dizendo, tirem a dança!

Às uma e cinquenta e cinco, Ana chegou a porta do restaurante Horcher, na rua Alfonso XII, e todas as brincadeiras que tomaram conta de sua manhã, sumiram em um instante. Deveria ser sincera com o que ia dizer, e mesmo que soubesse que sua irmã iria apoiá-la, temia a reação de seus pais; especialmente sua mãe. Doía ao pensar em sua reação ao descobrir que havia mentido para eles e especialmente saber que seu neto era fruto da luxúria e da devassidão. Mas pronta para acabar com aquilo de uma vez, tocou a barriga antes de entrar pensou: <<"Calma bebê. Tudo vai ficar bem">>

Ao entrar no luxuoso restaurante, Ana deu seu nome a uma homem de meia-idade com um sorriso encantador, e este a guiou para o salão principal e comunicou que vários parentes já estavam lá.

Quando Ana viu seus pais e sua irmã sentados e felizes ao fundo, em uma mesa redonda ao lado da janela, seu estômago contraiu, mas incapaz de parar o passo continuou. Seu pai, ao vê-la, levantouse rapidamente e beijou-a. Depois de cumprimentar sua irmã e sua mãe, Ana sentou.

— Rodrigo não vem com você? — Perguntou Teresa.

— Já chegará mamãe — mentiu.

Decidiu dar-lhe dez minutos. Se ao passar este tempo não viesse, então não teria mais remédio, a não ser dizer a verdade.

— Onde ele está? insistiu sua mãe.

— Trabalhando. Onde mais?

O garçom veio até Ana para perguntar o que queria beber, e esta pediu água sem gás. Depois que saiu, Frank, seu pai, disse:

— Quero saiba querida, que Rodrigo ontem me caiu muito bem. Ele parece ser um homem que se conhece pelos pés.

— Isso sem dizer que é terrivelmente sexy. Que bonito, Pata! Que bom gosto você tem para os homens.

— Lucy Marie, por favor, não seja ordinária — repreendeu a mãe. Mas acrescentou maliciosamente: — Quando o apresentar para minha amiga Greta, asseguro que vai ter um piripaque. Que olhos! Que aparência!

— E que corpo! — finaluzou Lucy, fazendo sua irmã sorrir.

Ana concordou e durante um longo tempo ficou ouvindo-as falar sobre Rodrigo. Depois de um tempo, dissimuladamente olhou para o relógio. Eram duas e dez. <<Mais cinco minutos>>, pensou. Mas passado o tempo assumiu, Rodrigo não iria aparecer. Enquanto sua irmã e mãe falavm sobre os preparativos para a casamento, Ana se sentiu mal. Deveria dar-lhes uma triste notícia e não sabia como.

— Querida, você está bem? — perguntou Frank, olhando sua filha.

— Sim, papai. É que tenho um pouco de sede.

— Aqui, beba um pouco de água — Ele disse, olhando-a com orgulho.

As duas e vinte. Aquilo não tinha remédio. Não podiam continuar à espera de alguém que não iria aparecer. Portanto, depois de limpar a garganta, Ana olhou-os e tirando a franja do rosto, disse alto e em bom som:

— Tenho uma coisa pata contar.

Os três q olharam, e ela continuou pensando se no restaurante teria salas de reanimação para sua mãe depois de seu desmaio.

— Bem ... você já sabem que vão ser avós e tia ... e bem, o caso é que devo esclarecer algo muito importante para vocês. Se digo vocês é porque para mim, não é importante, mas entendo que para vocês é e ...

— Ai, Pata! — protestou sua irmã — quer fazer o favor de dizer logo o que tem a dizer e deixar de dar voltar no assunto.

— Se você me cortar — reclamou Ana — tenho que recomeçar e ...

— Desculpem o atraso — disse Rodrigo de repente, tocando o ombro de Ana — mas não pude sair mais cedo.

Ao ouvir a voz, Ana deu um salto. Ele foi! Rodrigo foi! Levantou a vista para olhá-lo, e ele, com um sorriso, abaixou-se e depois de darlhe um rápido beijo nos lábios, sussurrou:

— Oi, querida!

Sorriu como uma tola e a emoção era tão grande que ao mover a mão jogou o copo de água sobre a toalha da mesa. Rapidamente um garçom se aproximou e cuidou da bagunça enquanto todos cumprimentaram Rodrigo. Ana acreditav estar flutuando em uma nuvem algodão rosa. Yupiiiii, ele foi!

A refeição transcorreu com naturalidade. Rodrigo foi encantador com todos, e com ela, foi carinhoso e atencioso. A felicidade que Frank via nos olhos de sua filha chegou a sua alma. Sempre desejou que um homem bom

a quisesse, e parecia que, finalmente, sua linda filha tinha encontrado. Teresa e Lucy, como bem sabia Ana cairam diretamente aos pés de Rodrigo. Este, com um par de adulações e frases lisonjeiras as tinha pego. No entanto, tudo complicou, no momento da falar sobre o casamento de Lucy, quando Rodrigo disse que talvez não poderia ir.

— Você tem que vir — disse Teresa. Nossos amigos devem ver a nossa filha acompanhada pelo pai de seu filho, ou as fofocas se espalharão por toda Londres.

— Mamãe — protestou Ana, quem se importa com o que as pessoas dizem. O importante é o que vocês pensam e ...

— Desta vez, apoio sua mãe — disse Frank, surpreendendo-a. — Aceito não estejam casados, mas não aceito que no dia do casamento da sua irmã apareça sozinha diante de todos. Pense nisso.

— Papai, não seja antiquadro, por favor.

— Ouça, Ana Elizabeth — sua mãe insistiu, não é uma questão que sejamos antiquadros, mas ambos seu pai e eu queremos que todos vejam que nossa filha gravidíssima está feliz e ao lado de seu parceiro. Uma coisa é certa, e agora que estamos em família, Tem algum plano de casar? Pergunto para saber o que dizer se me perguntarem.

Rodrigo levantou-se da cadeira, e Ana, percebendo, colocou a mão na perna, pedindo tranquilidade. Ele olhou para ela, e pela primeira vez ficou ciente de que cada vez que ela dizia uma mentira tocava a orelha, e corroborou instantaneamente.

— Mãe, falamos sobre o casamento, mas por agora é apenas uma idéia, nada mais.

Rodrigo mal conseguia engolir. Mas o que dizia aquela inconsequente?

Alheia ao que ele pensava, Teresa tocou a mão de sua filha, depois de dar dois toques doces, murmurou:

— Tudo bem ... eu entendo, querida. Não acho que ficaria bem em um vestido de noiva na situação que está.

— Bem ..., Mãe, agradeço — zombou Ana.

Depois disso, a conversa relaxou. Frank e Lucy começaram brincar e, finalmente, Rodrigo y Ana, esquecendo suas tensões, sorriram. No entanto, ao aparecer Matías Prats, o conhecido apresentador do canal Antena 3 e dirigir-se cordialmente a Frank, Rodrigo ficou surpreso. De onde se

conheciam? Procurando um explicação, o bombeiro olhou para Ana, mas ela, ao ver como a observava, pegou um copo e bebeu. Teresa, percebendo, chamou a atenção de Rodrigo.

— Matías, sempre que vai a Londres, visita meu marido, e viceversa. Somos amigos de toda a vida, e ao trabalhar com Frank na BBC, em algumas ocasiões se falavam várias vezes ao dia.

Intrigado, Rodrigo secou a boca com o guardanapo e perguntou:

— Que cargo Frank tem na BBC?

— Ana Elizabeth não te disse?

Rodrigo olhou para a jovem, e com sarcasmo na voz, sussurrou:

— Não, Ana Elizabeth é muito reservada para certas coisas.

Lucy lhe deu com o guardanapo na irmã e sussurrou:

— Desde sempre, Pata. Não acredito que não disse quem é papai.

Rodrigo sorriu pela reação de Ana ante o ataque do guardanapo quando Teresa disse:

— Frank é o CEO da BBC, por isso fazemos questão de que Ana Elizabeth não vá sozinha ao casamento de sua irmã. Este é o motivo pelo qual queremos que venha, para que todo mundo veja nossa filha tem um companheiro e está feliz. — Rodrigo olhou para a garota, e ela revirou os olhos quando ouviu dizer: — Vou ser sincera contigo, Rodrigo. Quando minha filha disse que estava grávida de um bombeiro, me assustei. Ela é uma menina criada em boas escolas, com formação superior e sempre quis o melhor para ela, e ...

— Mãe, não comece com estes classismo, ok? — cortou Ana, irritada. Você sabe o que penso sobre isso.

— Sim, querida ... é claro que sei. Mas quero que seu namorado saiba que no começo eu não gostava da idéia dele ser um simples bombeiro e ...

— Basta, mãe. Você vai ofendê-lo — cortou Ana

A reação aborrecida de Teresa fez Rodrigo sorrir. Sua mãe e de Ana pareciam cortadas do mesmo saco, e tentando ser cortês com a mulhere que o olhava através de seus cílios grossos, disse:

— Não se preocupe, Teresa, não ofendeu.

Depois de um tenso silêncio, Frank voltou para a reunião.

— O que perdi que estão todos calados?

Ana tentou responder, mas Rodrigo falou primeiro:

Teresa disse-me sobre seu trabalho na BBC.

Frank balançou a cabeça enquanto percebia a carranca de sua filha.

— Como esperado, Ana não te disse, certo? — Rodrigo negou, e Frank, sem se surpreender, acrescentou: — Minha menina como você pode ter visto, não gosta de chamar a atenção para qualquer coisa. Ainda lembro como sofria cada vez que teve que ir comigo a algum jantar da BBC. Isso de que sair seu precioso rosto na imprenssa não combina com ela...

Cansada dos elogios que sua irmã estava recebendo, Lucy cortou a conversa.

— Pai ... ãs 05:30 teremos uma reunião na loja de Elena Benarroch — E olhando para sua irmã, disse: — Quero comprar algumas coisas. Com certeza virá, certo?

— É claro — disse Teresa, com naturalidade.

— Sinto muito, mas será impossível — contestou Rodrigo sem hesitar nenhum segundo. Suspresa, Ana olhou, e ele acrescentou: — Temos um compromisso para o qual não podemos faltar de nenhuma forma.

Ana queria perguntar compromisso era aquele, mas optou por permanecer em silêncio. Já saberia.

Depois de dizer adeus ao seu pais e suirmã na porta Horcher, Ana e Rodrigo foram para o estacionamento mais próximo pegar o carro.

— Obrigada, Rodrigo. Muitos obrigada por ter vindo ao almoço e não me delatar.

Ele não respondeu e continuou caminhando rapidamente.

— Ainda que não esteja no direito de pedir nada, te rogo que me faça dois favores - continuou Ana dizendo — O primeiro, que não conte a ninguém o que aconteceu ontem entre você e eu em minha casa, e em segundo que, não conte a ninguém, absolutamente ninguém, quem é meu pai. Eu ...

— Fique tranquila — retrucou ele — sua vida não me parece tão interessante para falar dela e menos ainda do que ocorreu acidentalmente entre nós.

— Bem, homem, também não precisa falar assim.

Rodrigo parou para olhá-la e, com gesto duro, disse:

— Olha, querida, falo contigo conforme tenho vontade, assim como você mente como quer. E fique tranquila seus segredinhos estão seguros comigo.

Assim que chegaram ao estacionamento, entraram no carro e Rodrigo partiu.

— Para onde vamos? - perguntou Ana.

Sério, muito diferente do que tinha demonstrado na refeição com seus pais, Rodrigo respondeu:

— Já verá.

Após percorrer Madrid chegaram a imediações do Palácio Real, deixaram o carro em um estacionamento subterrâneo e deixaram sem sequer roçar um no outro. Uma vez fora, caminharam em silêncio enquanto cruzavam a Praça do Oriente, até que Rodrigo a fez entrar no Café do Oriente. O local estava tranquilo, mas de repente Ana viu Candela! E olhando para trás para Rodrigo, ele disse com clareza:

— Eu ajudei você. Agora você vai me ajudar.

Convencida de que não podia fazer outra coisa, suspirou. Levantando o queixo, caminhou seguida por Rodrigo até onde aquele mulher elegantemente vestida lia um livro.

— Olá! Saudou-a Ana

— A jovem, levantando a cabeça e encontrando justamente a última pessoa que queria ver tentou levantar, mas Rodrigo a prendeu e num tom calmo, sussurrou em seu ouvido:

— Candela, por favor, sente-se. Ana tem que te dizer alguma coisa.

Quando a jovem sentou relutantemente, Ana fez o mesmo e Rodrigo as seguiu. A tensão em torno daquela mesa cortava o ambiente quando Ana começou a falar.

— Candela, Rodrigo não é o pai do meu gu ... meu bebê, e Claro, e certamente entre nós não há absolutamente nada que não seja uma simples amizade.

Enquanto dizia isso, centenas de imagens vieram à mente sobre o que aconteceu na tarde anterior, e pela reação dele, Ana supôs que pensava o mesmo. Mas o certo era apenas ajudar, como ele havia feito.

— Menti para meus pais e os fiz crer que ele era o pai do meu bebê. Então, ontem, quando chegamos de surpresa, fizemos esse pequeno teatro na sua frente e na deles — Ao ver como a jovem a olhava, finalizou: —

Então, sabendo o quanto você significa para Rodrigo, preciso de entenda que agiu assim para não me delatar e para me ajudar. Rodrigo é uma boa pessoa e ...

— Eu sei como Rodrigo é - Candela cortou — Nào necessito que uma fotógrafa qualquer me diga como ...

— Candela, não precisa ser desagradavelmente — interrompeu

Rodrigo, irritado.

Ana queria dizer quatro coisas para aquela crente, mas depois de pensar decidiu permanecer em silêncio. Qualquer coisa que dissesse apenas iria piorar a situação de Rodrigo e não queria falhar.

— Olhe — disse Candela - Fico feliz em saber a verdade do que vivi ontem, e agora, se não se importar gostaria que você desaparecesse da minha vista para podermos conversar.

— Claro — assentiu Ana, levantando-se.

Com o coração quebrado começou a caminhar para a saída de café quando uma mão segurou-a. Ao virar se encontrou com o olhar de Rodrigo.

— Obrigado — disse ele.

— Ela assentiu e deu-lhe um sorriso.

— De nada — respondeu, tomando ar. E acrescentou: — Espero que continuemos a ser amigos, apesar tudo.

Ele não respondeu, e Ana deu a volta e saiu. Ao chegar a porta do local parou alguns segundos para tomar ar novamente. Precisava dele. Entretanto ouvia em sua cabeça a insuportável vox daquela idiota e, acima de tudo, sentia o olhar acusador dele. Uma vez que encontrou forças, abriu a bolsa e colocou em seu gorro de lã escura. Levantou o queixo e com a dignidade que restava, começou a andar. Mas depois de andar alguns metros sem poder se conter, virou para olhar para o local, e viu o que nunca queria ter visto. Rodrigo, com um sorriso, pegava o rosto de Candela e puxando-a para si, beijou-a. Por alguns segundos, não conseguia desviar o olhar daquela imagem até que fechou os olhos, sem disposição de ver mais. Com a pulsação a mil, deu a volta e andou rápido. Precisava se afastar dali o quanto antes porque aquele beijo tinha acabado de romper definitivamente seu coração.

Quando Ana chegou em casa, Miau veio a seu encontro. Carinhosamente, pegou o gato e o beijou. Necessitava ser mimada e, neste momento, apenas

seu o animal de estimação podia oferecer. Em seguida, se aproximou da de Pio e o olhou com carinho. Mas, de de repente, toda a força que teve pelo camiho desmoronou para ao se sentar no sofá e perceber a fragância da colônia de Rodrigo.

Sem que pudesse evitar, seu rosto quebrou e começou a chorar. Chorou pela bova que se sentia e pela sensação de perda de algo que realmente nunca foi seu.

Incapaz de conter as lágrimas, foi para o banheiro e tomou banho. Seguramente uma ducha caíria bem. Mas foi inútil. Nem no chuveiro nem fora conseguia parar de chorar. Uma hora depois, o nariz estava como um pimentão e os olhos como duas cebolas de tanto chorar enquanto se empanturrava de sorvete.

A campainha tocou e depois de assoar o nariz, abriu.

— Meu Deus! O que aconteceu, linda?

Foi escutar aquilo e chorar novamente. Encarna, que levava um prato de rosquinhas, rapidamente rou na casa, e depois de deixar o prato sobre a mesinha, foi rápida a abraçá-la.

— Mas, minha querida, o que acontece?

— Nada.

— Por que choras? E ao ver o olhar de surpresa de Ana ao que disse, esclareceu: — Em galego não choramos ... “choramos”.

Ana agradeceu o esclarecimento, mas descompondo o rosto respondeu:

— Choro, porque sou uma tontaaaaaaaaaaaaaaa.

— Bem ... bem ... isso não vale nada. Oh, garotinha!, O que está congestionado todo seu rosto doce. Venha relaxe. Faça isso pelo bebê.

Uma vez que se tranquilizou um pouco, tentou sorrir.

— Hoje tive um péssimo dia, Encarna. A gravidez me faz ficar chorosa e sentimental.

A mulher olhou para ela e, sentamdo-a no sofá, murmurou:

— A mim não engana. Você não conhece o ditado que diz: "Mais sabe o diabo por velhice que por ser diabo"? — Como Ana gemeu, a abraçou e, embalando-a, murmurou: — Não chore, linda. Se ora, o pequeno sofre, acaso não sabe?

— Eu sei ... eu sei ... Já vai passar.

Encarna pegou um lenço de papel da caixa que estava sobre a mesa e, depois de limpar com carinho os olhos inchados, disse imaginando o porque do choro:

— Não tenho a pretensão de me diga seu problema, mas quero que saiba que, seja o que for, estou aqui, ok?

— Ana assentiu e ansiosa para falar com alguém, gaguejou entre soluços:

— Sou uma idiota ... uma imbecil ... uma ...

— Bem, ok, já é o suficiente de autoflagelação, tesouro.

— Encarna, estou apaixonada por alguém que ...

— ocê está o que?

— Apaixonada. Estou apaixonada por alguém que me considera a anítese de uma mulher. E apesar de saber e aceitar, às vezes, eu ... eu ...

Ao ver como rosto da jovem contraía novamente e grandes lágrimas se assomavam, a mulher perguntou:

— É pelo bombeiro bonito chamado Rodrigo, certo?

Boquiaberta porque Encarna acertou de primeira, levou as mãos à boca e horrorizada, exclamou:

— Eu sou patética! Deu pra notar?

— Vamos, menina, por acaso achou que não me dei conta de como se iluminam seus olhos quando essa águia aparece aqui? Tesouro, já fui jovem e conheço essa sensação.— E ao vê-la chorar de novo, tirou o cabelo do rosto e sussurrou - Mas, fique calma, minha vida. Isso que falei, só notamos nós, as mulheres porque temos um sexto sentido, mas tenho certeza que ele não se deu conta. Ele é um homem! — Ana sorriu. — E até o os sinais sejam claros para que entenda, não vai nem perceber! Ainda lembro dos sinais de que dava a Marcelino, um rapaz de meu povoado, mas nada, era um cego total Então apareceu uma mais bonita que eu, e zás, o caçou e casou com ele.

Durante um bom tempo, ficaram falando sobre isso, Ana ficou surpresa de como era intuitiva sua vizinha, e as coisas que contava. A mulher, sem precisar saber de nada em particular, foi capaz ler o seu humor, e como era o de Rodrigo, e sabia que Nekane também sofria por amor.

Encarna, quando viu a jovem mais reposta, pegou o prato de rosquinhas, tirou o guardanapo de quadrados vermelhos e piscou.

— Vamos, pegue um. Estão fresquinhos e foram feitos especialmente para você.

Sem muita vontade, Ana pegou um, mas foi dar uma mordida e queria comer o prato inteiro. Quando pegou quatro rosquinhas, Encarna cobriu o prato.

— Pare, ou vai enjoar. — E vê-la sorrir, acrescentou, bliscando as bochechas.— Oh minha querida, que linda é e bebê lindo teremos!

Neste momento tocou campainha, e Ana, com um sorriso, levantou-se, mas após abrir e ver quem era, sentiu que ia morrer.

— Pelo amor de Deus, é verdade. Você está grávida! — gritou Ursula, a mãe de Rodrigo, apontando com um dedo.— Ai, Deus, acho que vou desmaiar.

Tão rápido quanto podia Ana segurou-a para não cair, mas a mulher com raiva deu um empurrão para se afastar dela.

— Senhora!

Ursula, enfurecida, entrou em sua casa sem ser convidada, e depois de fechar a porta desajeitadamente, continuou olhando para sua barriga.

— Como você pôde fazer isso para o meu filho?

<<Deve ter bebido>>, pensou ao ouvir como falava.

— Olha, senhora, se você me deixar explicar, eu posso diz...

— Agora eu entendo tudo. Viu que meu filho vem de uma boa família e pretende ...

— Eu não pretendo nada! — gritou Ana descomposta e com os olhos cheios de lágrimas. Mas o que queria dar a entender aquela idiota?

Encarna, ao ouvir os gritos, se levantou do sofá.

— Carallo! — Exclamou para chamar a atenção de Ursula, ao ver de novo Ana com o rosto contraído — Que é isso de entrar na casa dos outros gritando? Não tem educação?

— Educação me sobra, de onde você não tem, peixeira - respondeu, irritada, Ursula ao vê-la com movimentos desajeitados.

— O que você precisa ouvir — protestou Encarna. E aproximando-se dela sussurrou: — Não sei quem você é, mas, ouça, se cuidar não precisa olhar o caminho.

— Encarna! — gritou Ana. Só faltava que saíssem no tapa, e acima do

outro, com um par de bebidas a mais.

Ursula, vestida com seu luxuoso casaco e saltos alto, olhou por cima dos ombros a pobre Encarna, vestindo uma bata de cor azul e cachos coloridos. E lrmbrando algo que Candela contou, perguntou:

— Você deve ser a sua mãe, certo? — Encarna não respondeu e Ursula continuou: — Claro, tal pai, tal filho. Mas o que Rodrigo viu em você?

Quando encarna ouviu o nome de Rodrigo, olhou para Ana.

— Esta é a mãe de Rodrigo? — Ana balançou a cabeça, e a mulher acrescentou: — Quanto à sua pergunta, melhor seria dizer o que não viu Rodrigo na minha Ana, porque preste atenção no que digo, seu filho é um amor homem, mas a minha Ana é uma estrela. Você reparou quão linda ela é?

Ursula as olhou com raiva.

— não falo de beleza. Falo de nível cultural, e meu filho e sua filha não tem nada a ver, como não temos eu e você — falou com desprezo — Falei com ela faz poucos dias e deixei claro o que quero para o meu filho, e ...

— O que você quer para o seu filho? — interrompeu Encarna. — Mas por Deus! E você sabe o quê seu filho quer para ele? Acaso pensou sobre isso?

— É claro que pensei e por isso trouxe a mulher que precisa. — E apontando para Ana com o dedo, sussurrou: — Você é uma encrenqueira, Ana, e exigirei quando seu filho nascer que faça um teste de paternidade para comprovar que nada tem a ver Rodrigo, você me ouviu?

— Senhora! — gritou Ana, descomposta — faça o favor de se acalmar e parar de dizer absurdos, ou eu juro ...

— Jura o que? Por acaso está me ameação, garota?

Ana desejou chutar sua bunda e chamá-la de bêbada. Ela merecia. Mas disposta a agir como uma mulher, algo que a outra não fez, respirou fundo e disse:

— Olha, senhora, primeiro: deixe de me chamar de garota, ou eu a chamarei pelo adjetivo que melhor te defini, e garanto que não irá gostar.

— Oh, o que sem-vergonha! - protestou.

— Segundo: Aqui há um grande engano e ...

— Claro — cortou Ursula. — Esse erro é você. Você!

— E terceiro — falou Ana — Vergonha teria seu filho ao ver as condições

que está.

— Víbora Você só quer o dinheiro da nossa família.

Impressionada pela ideia de que a mulher tinha dela, disse muito alterada:

— Prefiro ser um víbora a ser como você Ursula!, uma sinistro e escura Bruxa Má do filme a Pequena Sereia. Porque querendo ou não, é assim que está se comportando comigo, como uma bruxa de verdade!

— Você acabou de me chamar de bruxa! — gritou a mulher desembestada.

— Sim, com todas as letras. E não sabe o bem que me fez.

Encarna, cansada das coisas terríveis ditas pela mulher, arregaçou as mangas da bata, o que provocou terror em Ana.

— Se você continuar falando assim da minha menina, vou ter que socar sua cara. Já te adverti duas vezes; a terceira, te soco!

— Oh, meu Deus, quanta vulgaridade! — Assobiou Ursula tocando o colarinho do casaco.

— Nem é preciso dizer que — assentiu Encarna.

Ao tocar o colarinho do casaco de vison, a manga caiu e Ana viu em seu antebraço um hematoma quase imperceptível. Mas disposta a acabar com aquele mal-entendido, pegou sua vizinha pelo braço e colocado-a de lado, e disse à mulher que as observava:

— Senhora, meu filho não é de Rodrigo e nunca será. E se quer saber por que essa bagunça fale com ele ou com Candela, então faça o favor de me deixar em paz a porra de uma vez. — Ao ver a cara de surpresa de Ursula, acrescentou: — "E agora, uma vez que sabe que meu bebê nada tem a ver com seu filho ou com sua família, peço por favor que saia da minha casa, porque não tenho mais nada para falar com você.

Encarna rapidamente abriu a porta e pediu-lhe para sair, e Ursula depois de olhar com desprezo, virou. Mas antes de deixar a casa, olhou para Ana por cima do ombro e sussurrou:

— Para o seu bem, fique longe do meu filho.

— E você, da garrafa - resmungou Encarna, dando uma portada.

Ao ficar sozinha, os olhos de Ana ficaram cheios de lágrimas.

— Encarna, me traga o prato de rosquinhas — disse, olhando sua

vizinha.— Preciso deles!

Dito isso rompeu, como diria a galego, a chorar.

Capítulo 11

Os dias se passaram, e Rodrigo Ana e não se telefonaram. Simplesmente continuaram seus caminhos sem olhar para trás, algo que para Rodrigo foi fácil, mas para Ana não. Seus sentimentos não a deixavam viver, e ainda tinha que resolver sua ruptura com ele ante os olhos de sua família e o casamento da sua irmã. Só em pensar no desgosto que teriam, quebrava sua alma.

Por sua parte, Nekane saiu um dia da farmácia tarde, absorvida em suas coisas, quando de repente, ouviu:

— Oi, princesa!

Ofuscada, reconhecendo aquela voz, olhou para a direita e encontrou Calvin, que ao ver seu olhar levantou as mãos e disse:

— Tudo bem ... Sou um idiota. Não devia ter dito as coisas que eu disse e ...

— Mas você é estúpido o que está acontecendo?

— Se começarmos a nos desqualificar, vamos mal — disse sorrindo.

Nekane, sem vontade de sorrir bufou:

— Em que língua tenho que dizer as palavras que não quero te ver? Pare com isso, por favor. Seu amigo destroçou minha amiga e agora o que você pretende, me destruir?

Calvin não quero falar sobre os outros a não deles, e sem contestar, estendeu um buquê de rosas vermelhas.

— Toma. Isto é para você.

— Um doce! — gritou sem pegá-lo. — Não me venha agora com bobagens ou romantismo, que não vão me convencer.

— Você não gosta de flores?

— Não, a menos que sejam negras — respondeu. E vê-lo sorrir mais uma vez, esclareceu: — Faça o favor de meter o maldito buquê por...

Sem deixá-la continuar, Calvin a agarrou, atra-a para ele e a beijou. Por alguns segundos, suas bocas se encontraram, até que ela deu um soco no estômago e ele se afastou.

— Você é uma bruta, caramba!

— Bem, agradeça por não chutar once doeria mais.

Recuperando-se do soco, voltou ao ataque e, dando um passo em direção a ela, colocou o buquê em suas mãos e soltou. Nekane não segurou e o belo buquê de flores caiu. Nesse momento, um velho que passava se agachou, pegou e estendo-o a jovem, disse:

— Você deixou cair isso, linda.

Nekane olhou para buquê e Calvin, aproximando-se dela, murmurou

— Você não vai pegar também do vovô?

Surpresa com o descaramento, Nekane sorriu, pegou educadamente o buquê de flores e agradeceu ao velho, que foi embora feliz. Mas foi dar dois passos deles e Nekane deu com o buquê na cabeça de Calvin até que as rosas se desfizeram. Envergonhado por como as pessoas passavam ao lado os olhava e sorriam, Calvin pegou o buquê quebrado.

— Como você pode fazer isto as pobres flores?

— Faço nelas para não fazer em você, homem com nome de cueca.

Dito isso, começou a andar, e Calvin, surpreso e sem entender nada seguiu.

— Do que você me chamou?

— Do que ouviu.

Irritado com a brincadeira, que sofreu anos com seus amigos, sussurrou:

— Será ...

Sem deixá-lo terminar, virou-se em direção a ele.

— Olha, garoto bonito, me vê? - Ele assentiu — Sou uma mulher, não uma princesa, e antes que você diga algo, sou muito mulher para você. Portanto, adeus!

Calvin gargalhou.

— Você é muito mulher para mim?

— Ahã!

Espantado com o que Nekane disse, fez uma careta.

— Oh, meu Deus, uma mulher! E, ao ver que ela o olhava, acrescentou: — Sabia que era rara, princesa, mas nunca imaginei que fosse tanto.

Sem se importar com as pessoas, Nekane largou a mochila que estava usando e colocando as mãos os quadris, disse em alto e bom som:

— Pode me dizer o que vê em mim para me chamar por esse nome ridículo e me dê flores? Eu gosto de tatuagens, gosto de piercings e

...

— Para mim, você é minha princesa — respondeu ele.

— Já disse ... que você é um burro e na sua casa te deram um golpe ao nascer — E sem olhar para trás, afastou-se a grandes passadas.

A partir desse dia, a cada domingo de manhã Nekane recebeu uma rosa em sua casa. Todas tingidas de preto.

No dia 2 de abril, Ana entrou em seu sexto mês de gravidez. Naqueles dois meses engordou oito quilos e estava bem, apesar de seus contínuos enjoos matinais.

— Tome este xarope e verá como a vontade de vomitar vi diminuir — insistiu a médica — Quanto ao sono descontrolado pouco pode ser feito.

Ana pegou a receita que deu sua ginecologista e Nekane pegou de suas mãos para guardá-la numa pasta azul.

— Agora vamos ver como está esse pequenino — apontou a médica — Deite-se na cama.

Sem necessidade de dizer nada mais, Ana baixou as calças e levantou a camisa e quando a médica jogou gel frio em sua barriga, sorriu. Ia ver seu bebê.

Nekane, que segurava as mãos de sua amiga, examinava detalhadamente tudo o que acontecia, e quando olhou para a tela, ficou sem palavras. Ali, diante delas podiam ver em preto e branco um bebê formado quase inteiramente.

— Oh, Deus, você o vê? — perguntou Ana, comovida.

Nekane assentiu.

— Aparentemente, seu filho gosta de esportes — comentou a médica, e as três riram — Vê como move a perna?

Emocionadas, observaram como aquela coisinha movia uma perna para cima e para baixo. Ana, com os olhos cheios de lágrimas, assentiu. Em seguida, a ginecologista perguntou:

— Quer saber o sexo de seu bebê?

— Sim — quase gritou Ana

Depois de mudar com cuidado o comando do aparelho em sua barriga a

médica disse:

— Um menino. Eu não tenho dúvida.

Nekane e Ana se olharam emocionadas. Um menino!

Cinco minutos mais tarde, as duas saíram do consultório com a foto do bebê em suas mãos, enquanto repetiam uma e outra vez: "É um menino!". Após um dia de celebração, onde ambas decidiram comprar uma tonelada de coisas em azul e amarelo para o bebê, chegaram em casa cheias de alegria. Naquela noite, quando Ana se deitou, pensou em Rodrigo. Gostaria de ligar para dizer que era um menino. Mas não. Não deveria dizer. Deveria continuar como o até momento e não pensar nisso. Não lhe convinha.

Capítulo 12

Na terça-feira, depois de comer na cantina dos bombeiros de Latina, Rodrigo, sentado no sofá, tenta ler. Mas mal podia. Sua curta relação com Candela acabou havia duas semanas e estava com raiva, muita raiva. Deixou o jornal sobre a mesa e quando se levantou, Calvin e Julio entraram na sala onde ele estava sozinho.

— Adivinha quem será pai? — perguntou Julio.

Rodrigo olhou para seu amigo Calvin, e esse, com escárnio, murmurou:

— Não olhe para mim!

Surpreso, Rodrigo ia dizer algo quando Juliu exclamou:

— Euuuuuuuuuuuuu! O maldito mestre do amor. Euuuuuuuuuu!

Contido, Rodrigo foi em direção a ele e chocaram as mãos.

— Parabéns, mestre do amor!. Como está Rocío?

— Insuportável. Minha grande menina, desiu que está grávida, está insuportável, mas Foda-se! Me deixa louco, está lindíssima! Além disso, ou se acalma, ou até outubro quando nasce o bebê, vai acabar comigo.

De repente, as luzes acenderam e os três a olharam e momentos depois, a estridente campainha tocou no recinto. Tinham um chamado.

Sem tempo a perder, os três, juntos com outros que se juntaram a eles, foram para a garagem. Uma vez foram informados sobre o sinistro se dirigiram para o grande caminhão grande. Julio, que era o motorista, arrancou rapidamente, enquanto os demais pegavam seus equipamentos e subiam no veículo. Uma vez dentro, um dos bombeiros disse olhando para Rodrigo:

— Capitão, o fogo é na Torre de Madrid.

Então, todos se entreolharam mas ninguém disse nada. Enquanto Julho dirigia o caminhão com a sirene estridente para que o carros dessem passagem, Rodrigo, Calvin e outros colegas revisavam seu equipamento e escutavam da estação:

— <<Incêndio no décimo sétimo andar. Chegaram três equipes e duas estão a caminho>>

Andrés, um sargento, depois de colocar um chiclete na boca, comentou

com certeza:

— Bem ... a festa vai ser boa. Lembrem-se: não se separem de seu companheiro.

Quando o caminhão chegou a frente do prédio, na rua Princesa, perceberam que várias equipes já trabalhavam. Parceiros com veículos de apoio e vários caminhões bomba esperavam sua vez de agir. Sem tempo a perder, saltaram do caminhão dispostod a ajudar. Línguas de fogo saíam pelas janelas e pessoas assustadas gritavam, horrorizadas, enquanto a polícia mantinhas os curiosos atrás da área demarcada e chegavam várias ambulâncias do Samu.

— O fogo começou do lado de fora e oxigênio estende as chamas. Cuidado! — advertiu Rodrigo a seus homens.

— Cabo, que mangueiras usaremos?

Rodrigo, depois de falar com outros companheiros que já estavam lá, virou para sua equipe e gritou:

— Peguem mangueiras de 25 milímetros. Isso nos permitirá maior mobilidade!

Todos e cada um dos homens estavam bem equipados. Tinham que entrar. Com seus equipamentos de respiração automáticas, cintos e cordas, entraram no edifício. Ao entrar no salão, Rodrigo foi para a escada. Não podiam usar o elevador. Aníbal um companheiro da equipe seis que estava ajudando na evacuação dos civis no décimo primeiro andar, ao vê-los chegar informou da real situação acima. Depois de ouví-lo, Rodrigo concordou e depois de olhar para seus homen, acrescentou antes de continuar subindo:

— O máximo cuidado e máximo alerta.

A subida para a torre através da escada continuou. Aquele esforço com quase quarenta quilos de sobrepeso consumia energia, mas não desistiram. Tinham que chegar onde estavam outros colegas para ajudar. Ao chegar ao décimo terceiro andar, encontraram com bombeiros que tentavam abrir o elevador para retirar as pessoas presas. Depois de verificar que ali não poderiam ajudar continuaram subindo. Cada andar que subiam os esgotava mais e mais, mas o desejo de ajudar oferecia-lhes as forças que precisavam.

Depois de um avance nada fácil, finalmente chegaram ao décimo quinto andar, enquanto ouviam como o edifício retumbava com explosões e estremecedores sons.

— Aqui podemos respirar sem o equipamento, mas não fiquem desatentos nenhum segundo — indicou Rodrigo — Dani e Jose, façam o reconhecimento do corredor à esquerda. Sergio e Alberto, o da direita.

— E nós capitão? - perguntou Miguel.

Rodrigo olhou-os e levantando uma mão, ordenou:

— Ginés e você, fiquem aqui, resfriamento junto com os companheiros da equipe três.

Quando aqueles começaram a refrescar a área, Rodrigo e Calvin se olharam e com um gesto cabeça, subiram mais um andar. Ali o calor era insuportável e a fumaça densa. Rodrigo reconheceu Alfredo, o capitão de outra equipe e aproximando-se dele rapidamente, se colocou a par da situação.

— Eu tenho oito homens contendo o fogo neste inferno, e mais quatro subiram para os andares superiores. Precisamos de reforços no corredor direito.

— De acordo. Meu parceiro e eu reforçaremos este corredor — assentiu Rodrigo, enquanto colocava sua máscara de respiração.

Com determinação, entraram no corredor até que Rodrigo parou, tirou a luva e tocou uma parede.

— O que imaginamos? - Calvin perguntou em voz alta.

Rodrigo concordou. A parede estava quente. Muito quente. Isso significava que havia fogo por trás. De repente, uns gritos atraíram sua atenção. Pela escada da direita, alguns companheiros apareceram com cerca de dez civis assustados e exaustos.

— Ainda tem alguém lá em cima? - Rodrigo perguntou com a adrenalina a mil.

— Não — respondeu o bombeiro — Estas são as únicas pessoas que haviam.

Saíram da frente. Aquelas pobres pessoas quase não podiam respirar. Uma vez que os guiaram até as escadas, onde estava Alfredo, assustado os civis começou a descer. Momentos depois, Rodrigo e Calvin retornaram a suas posições quando ouviram um barulho ensurdecedor, e antes que pudessem se deslocar o teto desabou sobre eles.

Preso sob um monte de escombros não puderam se mover até que vários colegas vieram em auxílio. Foram apenas alguns segundos, mas

parecia uma eternidade, até que em algum momento os tiraram dos escombros.

— Você está bem, Rodrigo? — perguntou Alfredo ao ver que o capitão tocava o braço.

— Droga! O maldito escombro machucou meu braço, mas estou bem — Ao ver Calvin agitado, murmurou: — Acho que ele está pior.

— Você tem que descer imediatamente — informou Alfredo — ao ouvir que seus homens precisam dele — Estão feridos, e eu tenho que ajudar meus homens. Conseguem chegar até as escadas?

Rodrigo assentiu, e uma vez só que ficaram sozinhos se agachou para levantar seu amigo.

— Vamos Calvin — disse — Temos que sair daqui.

Tentou não gritar com a dor que sentiu ao tentar carregar o outro.

— Não posso! — gemeu Calvin, respirando com dificuldade — Porra! ... Acho que quebrei a perna e uma costela.

Não havia tempo a perder, o teto sobre eles iria cair.

— Não me importo que esteja quebrado ou inteiro — Rodrigo respondeu — Vou te levar. Vai doer, mas aguente. É a única maneira de sair daqui.

Ao pendurá-lo no ombro, ambos gritaram de dor, enquanto pedaços de teto caiam sobre suas cabeças e línguas de fogo faziam as portas voar ao redor. Soou uma detonação e ambos foram jogados contra uma parede.

— Não chegaremos, Rodrigo. Vá em frente e eu te seguirei.

— Não fale besteira, Porra! — exclamou quando sentiu uma queimação no braço.

— Não estou falando merda — Calvin assobiou — Me carregando você só tem possibilidades de se mover antes que o teto desabe.

Rodrigo sorriu e tentando parecer calmo, disse:

— Viemos juntos e vamos juntos, ok?

Calvin assentiu enquanto gritava de dor. Rodrigo, esquecendo seu próprio estado, correu pelo corredor com seu companheiro nos braços. Tinham que sair dali, ou não teriam chance. De repente, o respirador de Calvin apitou informando que entrou na reserva, mas inexplicavelmente uma falha o deixou diretamente, sem ar.

Rodrigo, sem pensar, parou, tirou a máscara e compartilhou com ele.

— Vamos, Calvin — encorajou-o — Nós temos apenas mais cinco minutos de ar.

Naquele momento, Alfredo voltou até eles e tirando sua máscara, entregou-a a Rodrigo, que respirou aliviado. Tinham duas máscaras para três. Então, um estrondo tão forte como se um avião tivesse aterrissado sobre eles os pegou enquanto ouviam pela rádio:

— Todas as equipes desocupem o prédio imediatamente. Repito, imediatamente.

— Isso está ficando pior, colega — disse Rodrigo a Alfredo, com Calvin inconsciente em seus braços.

— Não me foda, homem, pois está noite tenho o jantar aposentadoria do meu sogro — zombou Alfredo. E pegando um de seus homens, gritou: — Ajudem este companheiro e desçam com ele. Compartilhem suas máscaras com ele quando necessário. A sua falhou!

Todas as equipes começaram a descer as escadas; alguns carregavam Calvin e outro bombeiro, que estavam inconscientes. Se algo era claro para estes homens era que um parceiro nunca seria abandonado. A descida parecia eterna enquanto no edifício as explosões seguiam, uma após a outra. A calma e o sangue frio reinavam entre eles; mas, em silêncio, mais de um rezava para que o edifício não entrasse em colapso com eles dentro. Rodrigo e Alfredo, pitães de duas respectivas equipes, eram os últimos da fila. Eles e só eles deveriam garantir que ninguém ficasse para trás.

Assim que chegaram o térreo, Alfredo viu Rodrigo ia desmaiar. Não tinha ar! Rapidamente pegou-o antes que batesse no chão e dois segundos depois, os homens do Samu o atenderam. Eles estavam vivos, era um milagre.

Quando Rodrigo acordou, o silêncio e a paz tomou conta dele. Estava em um quarto de hospital, concluiu imediatamente.

— Calma — disse uma voz de mulher — tem uma fissura no úmero.

Rodrigo concordou e a mulher continuou:

— Além disso tem um corte feio no braço e um bom golpe na cabeça; fora isso, está bem. Colocamos um curativo no braço e ...

Aquela enfermeira falou e falou; eram palavras ininteligíveis para Rodrigo, que se dedicava a relembrar tudo o que aconteceu. Como não

percebeu que o teto estava prestes a cair? Depois de alguns minutos, voltou a realidade e focou na pergunta feita pela enfermeira:

— Então, tendo o braço em uma tipóia por um tempo será o suficiente, certo?

— Sim ... mas você deve ter cuidado, pois ...

— Sabendo com o que você me contou e ver que posso me mover, já vale — cortou sem rodeios — E meu parceiro Calvin Rivero o trouxeram pra cá? — A mulher concordou e ele perguntou: — Como está?

— Neste momento está sendo operado pelo cirurgião Domínguez. Mas não se preocupe. É um bom médico e ...

— Do que está sendo operando?

— Da tíbia diretita que estava quebrada e duas costelas — respondeu a enfermeira depois de olhar os papéis que tinha na mão.

— Droga! - exclamou sobrecarregado.

— Fique tranquilo, o Dr. Dominguez é um mágico e vai deixá-lo como novo.

Uma hora mais tarde, quando Rodrigo saiua da sala de emergência um pouco mais calmo, seus pais correram para abraçá-lo. Atrás deles estava Ernesto o marido de sua mãe.

— Oh, meu filho, por Deus! — soluçou Ursula, abraçando-o — Quê susto você nos deu.

— Calma, mãe, estou bem, não vê?

Rodrigo sorriu, mas ao olhar o marido de sua mãe o sorriso desapareceu. Ele nunca gostou dele e não entendia o que fazia ali.

Ursula cravou o olhar no braço de Rodrigo e ficando de lado para agarrar Ernesto disse:

— Se você está bem, o que aconteceu com seu braço? Oh, Deus, este seu terrível trabalho vai me matar. Nunca vou ficar tranquila. Nunca. Porquê você tem que arriscar sua vida sendo bombeiro ser quando pode ser um maravilhoso advogado como Ernesto?

Furioso com o que ela disse e pelo sorriso do marido de sua mãe virou-se para este e gritou:

— Você, fora daqui! Já!

Ernesto se virou e saiu pela mesma porta que entrou. Nesse momento,

Angel, um homem paciente e compreensivo, ao ver o olhar de seu filho, desabafou:

— Ursula, já é o suficiente.

— E se o braço não ficar bom? E se ...?

Exausto e preocupado por como estava seu amigo Calvin, Rodrigo olhou para ela e tentou conter sua raiva que o embargava com tudo que ocorreu.

— Mãe, só tenho uma fissura no fodido braço. E, por favor, para de falar bobagens a respeito de minha profissão.

— Bem, meu filho, também não há necessidade que fale comigo assim — repreendeu a mulher — No final de final das contas, sou sua mãe e me preocupo por você.

— Você se importa comigo? — a mulher não respondeu, e ele explodiu: — Muito bem. Se você se preocupa comigo, faça o favor de manter esse dircursinho de sempre, porque no lugar de me tranquilizar, me deixa doente. Estou farto de você se meter na minha vida e que eu seja um reflexo do que você quer para sua vida. Aceite de uma vez que sou um homem independente, com ideias e gostos próprios, e que por mais que te ame, porque você é minha mãe, não vou seguir o caminho que você e seu amado marido querem. Aceite de uma vez, mamãe, ou você e eu vamos nos dar mal por toda vida.

Ursula levantou o queixo e se foi foi enraivecida. Angel, depois de testemunhar a cena, tocou seu filho no braço e sussurrou:

— Sua mãe e você tem que falar. Isso não pode continuar assim.

— Eu sei, pai, eu sei. mas estou farto. Tenho trinta e quatro anos e não entendo por que continuamente se esforça para se meter na minha vida. Me conhece. Foda-se, é minha mãe! E em vez de me facilitar as coisas ...

— Falei com Ursula, e pelo que me disse, está arrependida — cortou Angel — Te prometo que ela foi a primeira a ficar surpresa com Candela.

— Olha, pai, eu não duvido que ela foi a primeira a ficar surpresa, mas ela e seu fodido marido foram quem troxeram Candela, para tentar o que em outro momento não puder ser.

— Vamos, filho, você parecia encantado com a aparição desta menina e ...

— Claro que sim, pai — o interrompeu — Candela é um bela mulher. Qual homem não gostaria? Mas o tiro saiu pela culatra, quando o exmarido

apareceu e ela foi novamente com ele. Será que minha mãe pensou em meus sentimentos? É capaz de pensar que tenho coração?

— Filho ...

— Porra, pai! Para mim o que Ernesto pensa não me importa. Ainda mais, sabe o que penso dele. Mas minha mãe ... Minha mãe me enganar quando sabe o que passei quando Candela me deixou a primeira vez e que num momento como este, venha com bobagens? Não. Não suporto.

Após alguns segundos em silêncio, pai e filho se entreolharam e se abraçaram.

— Vamos, pai, vamos para casa.

— Precisa de uma carona para casa?

— Não, pai, obrigado. Vou ficar aqui com Calvin.

Andando com ele até a saída, Angel explicou:

— Nos disseram que ele está sendo operado, filho.

— Eu sei — respondeu, ofuscado.

Acompanhou seu pai até o elevador e quando ele saiu, Rodrigo, de cabeça baixa, subiu um andar. Quando chegou ao quarto vazio de Calvin, encontrou com sua outra família: seus companheiros de trabalho. Estes, ao vê-lo, felizes porque estava são e salvo, receberam-no com abraços. Pouco mais tarde, e animados por Julio desceram para a cafeteria e sem tirar os olhos da televisão, ouviram a notícia de como os bravos bombeiros haviam tirado todas as pessoas da Torre de Madrid e incansavelmente extinguiram o fogo. Quando às dez noite, o médico disse-lhes que a operação de Calvin foi um sucesso, todos aplaudiram emocionados. Neste momento, Rodrigo sntou. Foi um dia cumprido.

No estúdio, às dez noite, Ana e Nekane finalizaram um trabalho que a empresa de cosméticos Mulher Wendoline pediram. Deviam fotografar cinqüenta meninas com tamanhos diferentes para promover seu novo sutiã redutor. Depois de mais de seis horas de trabalho quando as modelos foram e ficaram sozinhas, ambas se lançaram sobre o sofá branco que havia no estúdio, enquanto a voz de Chenoa soava nos alto— falantes.

— Não posso mais — se queixou Ana — O dia que tivemos.

— Nem me diga — disse Nekane sorrindo.

— Agora, uma ducha ...

— Um filme ...— continuou Nekane.

— Um bom hambúrguer e ... Ai!

— O que está acontecendo? — perguntou Nekane, assustada ao ver sua amiga tocando a barriga.

— Um pontapé que acabei receber do nosso menino — respondeu Ana rindo. E, olhando para sua amiga, disse: — Corre Neka, ponha a mão aqui.

O garota obedeceu prontamente e sentiu o bebê mexer abaixo de sua mão.

— Puta que pariuuuuuuuuuuuuuuu! Como de mexeeeeeeeeee!

Por um tempo, as duas amigas disfrutaram daquela intimidade, enquanto o bebê, ignorando a felicidade que proporcionava as mulheres se movia dentro da barriga de sua mãe. Quando os movimentos cessaram, as jovens, entre comentários engraçados, foram para a cozinha. Em seguida, o telefone tocou, e Ana pegou.

— Olá?

— Olá, Ana! Sou eu, Rodrigo.

Ao ouvir aquela voz, Ana sentou diretamente no braço do sofá. Estava há dois meses sem falar com ele e, de repente, estava ali.

— Você ainda está aí? — perguntou ele ao ver que ela não respondeu.

— Sim ... sim ... Eu estou aqui, Rodrigo.

Depois de pronunciar esse nome, Nekane a olhou surpresa. O que fazia esse imbecil ligando para ela? Sem querer saber de mais nada, caminhou até sua miga disposta a tirar o telefone de sua mão e desligar.

— Ok. Obrigada por avisar — disse Ana.

Quando desligou, Nekane ainda estava espantada por não tê-lo mandado passear.

— Posso saber por que você não o mandou a merda? Que cara de pau este homem ... Bem não vai agora ligar depois de um mês — murmurou com seriedade — Ao ver que Ana não respondia e apenas a observava, continuou: — Vai, e que á com sua Candela!

— Neka, ouça.

— Não, me escute você. Sim você fosse mais tonta seria um urso. Mas por que não desligou telefone?

— Você vai me ouvir?

— Preste atenção no que te digo - continuou a jovem, com raiva — Nunca mais vou permitir que você e eu nos envolvamos com um homem que usa uniforme menos de um maldito bombeiro. Tenho nojo de bombeiros! — E apontando para a barriga de sua amiga, finalizou: — Portanto, bebê, já sabe ..., poderá ser o que quiser, mas um cara corajoso que usa uniforme, nem a pau! Não vou permitir isso, ou juro que corto seu pau.

— Neka, por Deus! E ao ver que sua amiga observava, acrescentou: — Era Rodrigo e ...

— Sim, ouvi quem era. Mas não prossiga. Não estou interessada em qualquer coisa que esse cretino disse. E pelo seu bem, a próxima vez que ligar, desligue. Te fez sofrer o indizível e não quero ver você sofrer de novo por ele. Você me ouviu?

— Me ouça você, por favor.

— Não, eu não quero ouvir. Virou-se e perguntou: — mburgueres agora? Você quer queijo e cebola extra, ou hoje a gorda da casa quer com bacon e muito tomate?

Ana, incapaz de não soltar o que Rodrigo contou, sem mais rodeios, disse:

— Houve um acidente hoje, em um incêndio, e Calvin ...

— Oh, Deus ... Oh Deus ...! Oh, Deusssssssssss! — gritou, apoiando-se na parede — Oh meu Calvin! O que aconteceu? Está bem?

Rodrigo só me disse para te falar que Calvin está internado no hospital de Madrid e, a primeira coisa que perguntou quando despertou foi por você, e ...

Nekane, pálida, sentou-se no chão e começou a hiperventilar. Rapidamente, Ana pegou uma sacola e coloando em sua boca, murmurou:

— Faça o favor de respirar e não me assustar. Você está me assustando! E como estou impressionada, posso entrar em trabalho de parto.

Cinco minutos mais tarde, esquecendo o cansaço que estavam, sairam da casa. Desceram do táxi e entraram no hospital de mãos dadas. A primeira pessoa que encontraram foi Rocío, mulher de Julio, que ao vê-las foi rapidamente abraçá-las.

— Que susto, que susto! Mas fiquem tranquilas, meninas, os dois estão bem. Poderia ter sido um tragédia, mas felizmente estão bem!

— Os dois? — questionou Ana.

— Sim, querida, Calvin e Rodrigo — respondeu, olhando a proeminente barriga — Estavam trabalhando num incêndio na Torre Madrid, quando o teto desmoronou e ...— Ao ver que ambas estavam pálidos, terminou com a explicação — Mas calma. Repito que seus rapazes ...

— Eles são os nossos rapazes — Nekane sussurrou, lívida.

Rocío olhou-a surpresa.

— Bem ... o que sejam. Rodrigo e Calvin estão bem. — E sem poder remediar, perguntou: — Mas de quanto tempo você está grávida?

— De seis meses - Ana respondeu como um robô enquanto buscava com o olhar a pessoa que queria ver. Mas não encontrou-o em nenhum lugar.

Dois segundos depois, Rocío as acompanhou até o segundo andar. Dor, ao abrir a porta do elevadore, vários bombeiros que as conheciam cumprimentaram com carinho, embora o rosto de todos ao ver a barriga de Ana era de desconcerto total. Uma vez que saudaram Julio, ao ver o rosto de Nekane em uma careta, agarrou-a num abraço.

— Venha — disse. Ele ficará feliz em te ver. Só pergunta por você.

— Calma. Eu te espero aqui — assentiu Ana com carinho.

Com o coração a mil, Nekane abriu a porta do quarto e, ao ver dois companheiros na cama de Calvin, gemeu. Um deles a reconheceu, sorriu e rapidamente se aproximou dela e deu dois beijos.

— Passe ... passe ... não faz mais nada que perguntar por você.

Assustada com o apito da máquina que estava perto da cabeceira da cama, se aproximou com passo vacilante. Calvin tava ali com os olhos fechados.

— Vamos sair para que fiquem uns minutos a sós — murmurou o outro homem.

— Não, não é necessário — sussurrou Nekane.

— Sim, claro que é preciso — disse o bombeiro sorrindo.

Quando a porta fechou e Nekane ficou sozinha com Calvin no quarto, se aproximou devagar e silenciosamente até a cabeceira. Vêlo tão cheio de cabos, e especialmente estático quando ele era pura energia e sorrisos, partiu seu coração. Com carinho, estendeu a mão e tocou-lhe o cabelo.

— Está bonito mesmo num momento terrível.

— Obrigado, princesa — sussurrou ele, curvando os lábios.

— Como você me dá um susto desses? Por acaso não sabe que tem que ter cuidado? Como permitiu isso acontecer?

Cansado e com um fio de voz, o jovem murmurou:

— Você não me deixou mais opção. Vendo que as rosas negras não estavam funcionando, decidi mudar de tática e ...

— Oh, Calvin! — gemeu — Não diga isso. Te odeio.

— E eu te amo, princesa.

— Não me chame assim — o repreendeu. Desde quando uma menina do norte como parece uma princesa? Você não me vê? Calvin, pelo amor de Deus, não vê que, posso parecer qualquer coisa menos uma fina e delicada princesa?

O jovem sorriu. Vê-la vestida com que o saia preta, blusa rosa e lenço preto no pescoço era a mais maravilhoso visão que poderia desejar.

— Mas sei que você gosta de alguma canção do meu amigo Luis Miguel. E se você gosta é porque você é romântico, sensível e ...

— Vamos esclarecer uma coisa — ela cortou — Não gosto da música que diz, mas reconheço que há uma par de canções que de tanto Ana ouví-las ao final ... até eu sei.

Levantando uma mão com cuidado, Calvin colocou em sua boca para silenciá— la.

— Não importa o que você diz. Nada me fará mudar a opinião que tenho de você. E antes que proteste ou solte uma de suas pérolas, deixe-me dizer que sou louco por uma princesa morena chamada Nekane, de olhos cor de amêndoa e gênio de mil demônios. Se fosse de outra forma não tivesse esses cabelos ou suas tatuagens, asseguro que nunca teria notado você. Inclusive gosto de você vestida de gótica.

— Oh, Calvin, não me diga isso — gemeu, emocionada.

Ele assentiu, deixando escapar um suspiro.

— Tudo bem, aceitarei que não sou o homem que você precisa e ...

— Oh, Deus! Cale-se! — E aproximando o rosto do dele, murmurou: — Te amo, maldito homem com nome de cueca.

— Mas não sou uma cueca qualquer, e sim cuecas glamourosas — Calvin brincou e Nekane o beijou.

Enquanto no interior do quarto um feliz Calvin estava sorrindo quando sentiu sua princesa novamente com ele, do lado de fora Ana conversava com Rocío.

— Estou com três meses e meio, e estou emocionada! Embora não vou mentir, também cagando de medo. E meu marido, nem te conto. No dia que disse a ele, mesmo sendo gigante, quase desmaiou. Isso sim, me deixa nas nuvens. Me mima, cuida de mim. E sempre que chega em casa mais cedo senta no sofá e me faz massagens nos pés.

Ana sorriu. Compartilhar aqueles belos momentos com o parceiro devia ser maravilhoso, mas naquele momento não queria pensar sobre a sua situação.

— Isso é ótimo. Diga que sim, que cuide de você!

— E você como está?

— Gorda, morrendo de fome e sono, mas bem - Ana respondeu, suspirando e ao mesmo tempo sorrindo.

Durante algum tempo conversaram sobre sua gravidez, até que Ana de repente o viu chegando. Escondida entre todos aqueles bombeiros, Rodrigo não a viu e pode observá-lo sem ser vista. Parecia cansado, e por sua expressão séria, tenso e dolorido. Um dos braços estava numa tipóia e em seu rosto pequenos arranhões, mas o que mais lhe chamou a atenção foram seus olhos. Não sabia se era tristeza ou irritação.

Um comentário de um colega fez Rodrigo virar para a direita e vêla. Seus olhos se encontraram, e Ana, incapaz de não cumprimentálo, ergueu a mão. Sem hesitar, Rodrigo se aproximou dela e, sob o vigilante olhar de todos, abraçou-a. Foi um abraço mais longo e mais intenso do que qualquer outro.

— Fico feliz por ter vindo — sussurrou em seu ouvido — Nekane está com Calvin?

— Sim — conseguiu responder.

De repente, aquela presença que tão viril que a deixava louca a invadiu novamente por completo e sem querer evitar, se permitiu ser abraçada.

<<Não posso voltar a deixar isso acontecer ... Nãoooooo>>, pensou, alarmada.

Após esse primeiro abraço, Rodrigo se separou dela. Sorrindo, fez com que desse uma volta diante dele e bagunçou seu cabelo.

— Você está linda.

Incapaz de pensar claramente, só pode responder:

— Eu sou como uma baleia. Não minta, Pinóquio.

Mas não. Ele não estava mentindo. Ana estava linda usando aquele macacão de Looney Tunes.

— E você caladinho, não contou pra ninguém — sussurrou Julio aproximando-se deles.

— Cuqui, por favor ... não seja indiscreto — o repreendeu Rocío ao ver a cara dos outros.

Ana, disposto a esclarecer o mal-entendido, tentou falar quando Rodrigo, sorrindo, disse:

— Você sabe que não gosto de falar sobre a minha vida privada; nem de ninguém.

Boquiaberta por aquela contestação, Ana olhou para ele, e ele piscou. Mas não, não permitiria que ninguém pensasse o que não era. Assim, quando tentou esclarecer a confusão, a porta do quarto de Calvin abriu e Nekane emergiu, procurando entre todos aqueles reunidos por sua amiga. Quando a encontrou caminhou em direção a ela.

— Está tudo bem? — perguntou Ana.

Nekane com as emoções a mil, assentiu e a abraçou. Durante alguns segundos, as duas amigas permaneceram abraçadas até que Neka, separando-se dela, a pegou pela mão e a afastou do resto.

— Você se importa se não voltar para casa com você hoje à noite?

— Claro que não; Por favor, não fale bobagens!

— Quero ficar com ele no hospital — murmurou secando as lágrimas dos olhos, e...

— Neka — cortou-a — Me parece uma ótima ideia. Não se preocupe comigo, vou pegar um táxi para voltar. E depois de lhe dar um beijo, disse: Vai, anda ... que o homem com nome de cueca está te esperando.

Nekane sorriu e depois de jogar um beijo para sua amiga, caminhou para o quarto e desapareceu.

Por alguns segundos, Ana permaneceu imóvel, até que um movimento de

seu bebê mexer fa fez voltar à realidade. Olhou ao redor em busca de Rodrigo e o encontrou em uma profunda conversa com vários de seus

colegas. Não encontrou Rocío, e decidiu sair. Ela não era necessária ali. Sem dizer nada, entrou no elevador e ao chegar a rua, o ar fresco da noite a fez sorrir. Depois de colocar a jaqueta começou a caminhar em direção a uma rua quuando de repente ouviu alguém chamá-la. Ao olhar, percebeu que era Rodrigo.

Rapidamente, ele caminhou em sua direção. Ao perceber que ela se foi, não teve dúvida e foi atrás dela. Tinha que falar com ela.

— Onde você vai? Perguntou quando se aproximou.

Com uma careta que o fez sorrir, ela franziu a testa e respondeu:

— Olha, estava tentando decidir se ia dançar ou esquiar. O que me aconselha?

Ele, com bom humor, a pegou pelo braço.

— Já jantou?

— Não, mas mesmo que tivesse feito, neste momento tenho tanta fome que mentiria para voltar a comer.

Rodrigo sorriu sem soltar o braço

— Venha ... vamos comer alguma coisa.

— O que você acha de comer um hambúrguer ali?

— No Burguer?

— Sim — ela disse, rindo. Você sabe que eu mato por um hamburquer.

Em silêncio chegaram a lanchonete. Uma vez que fizeram seuspedidos se sentaram e os nervos de Ana estavam a ponto de explodir. Voltar a ter Rodrigo nas próximo, com a sua imponente masculinidade, a fazia se sentir desajeitada. Dissimuladamente, o observou enquanto ele colocava ketchup em seu hambúrguer e novamente percebeu suas sobrancelhas franzidas. Ele parecia preocupado, e isso a entristeceu.ou passar a mão por seu cabelo com

carinho e perguntar sobre a sua relação com

Candela, mas não queria parecer indiscreta.

<<Mas vamos ver como posso ser tão burra? Esse cara brinca com minhas emoções, e eu aqui me preocupando com as dele. Não tenho remédio>>, pensou depois bufou.

— Bem, e você, com está? — perguntou Ana, alterada por encontrálo uma vez deram as primeiras mordidas em seus hambúrgueres.

— Tudo certo. Felizmente, foi o braço esquerdo e posso trabalhar com o direito.

— Não, me refiro a isso — replicou Ana atraindo seu olhar — me refiro a como está depois do que aconteceu hoje. Te conheço pouco, mas sei que é exigente com seu trabalho e tenho a certeza de que não para de pensar no que passou. Seu rosto, em especialmente o seu olhar, fala por si.

Rodrigo ficou surpreso. Como ela ia aquilo? E rindo, murmurou:

— Sinceramente, irritado comigo mesmo por não ter percebido antes qu o teto ia cair. Sei que é difícil er atento a todos os sinais num momento assim, mas ...

— Não é sua culpa o acidente, Rodrigo. As coisas acontecem às vezes, porque têm que acontecer e assim é. Você não deve dar mais atenção ao assunto ou ficará louco.

Neste momento apareceu o rapaz do hamburguer e deixou na mesa os anéis de cebola que tinham pedido.

— Hmmm, que boa aparência tem! — Exclamou Ana

Rodrigo sorriu enquanto ela metia um anel em sua boca e assoprava porque estava quente.

— Isto não está muito quente pra você?

Ana balançou a cabeça, e depois de engoliu o anel, tomou um gole de sua

Coca-cola.

— Depois de comer picles com Nutella todos os dias em casa, nada é forte para mim. E coma seu hambúrguer, porque quando eu terminar com o meu, sou capaz de comer o seu.

Rodrigo riu e não dando ideia, começou a comer.

Durante algum tempo eles conversaram sobre Uau, o cachorro do seu irmão até de repente ele disse:

— Desculpe, por não te ligar todo esse tempo.

— Está tudo bem. Eu entendo. O que aconteceu foi ... bem, talvez foi melhor assim.

— Ana, não me comportei bem com você e ...

— Esqueça isso — cortou ela — A que mentiu fui eu. Portanto, se alguém não se portou bem contigo, essa fui eu — E ao ver como a olhava, esclareceu: — E. .. antes de continuarmos, deixe-me pedir desculpas

novamente pelo que aconteceu. A mentira me escapou das mãos com meus pais e eu, ..., eu estava tão confusa com tudo que que não sei o que fiz. E, quanto ao que fizemos e ao que disse sobre meus sentimentos por você, já está esquecido. Acho que o meus malditos hormônios cegaram minha mente ...

— De verdade, você sentiu alguma coisa por mim?

<<Eu sinto>>, ela pensou, mas com fingida indiferença colocou uma batata com ketchup na boca e disse:

— Sim, Rodrigo. Confesso. Me apeguei a você como a ninguém em muito tempo. Mas fique tranquilo, isso são águas passadas e não vamos mais falar disso — E ao ver como a escrutava com seus lhos azuis, nervosa, acrescentou: — E quanto a não ter me ligado durante esse tempo, prometo que entendo. Quando encontramos alguém especial só estamos disponível para ele. Eu entendo.

— Candela e não estamos juntos. — Ao ouvir aquela bomba, Ana o olhou, e

ele continuou: — Depois do que ocorreu no dia em que comemos com seus pais, ficamos juntos mais três dias, até que apareceu seu ex-

marido, e ela, esquecendo de novo que eu existo, decidiu voltar com ele e seu dinheiro.

— Mas o que você está me dizendo?

— O que você ouviu. Tinha razão quando me avisou que algumas pessoas não mudam.

Ela, minha mãe e seu marido tinham um mesmo propósito e ...

— Sua mãe e Ernesto estavam metidos nisto?

— Sim. Aparentemente, Ernesto, por questões fiscais, ainda mantém contato com ela, e sabendo que estava com problemas com o marido disse que eu estava solteiro. O resto acho que você pode imaginar, Certo?

— E como você está depois do que aconteceu?

— Descontente com a minha mãe. Seu marido também.

Depois de um silêncio entre os dois, Ana colocou um novo anel de cebola na boca.

— Posso te perguntar uma coisa? - disse.

— Sim.

— Por que você não se dá bem com Ernesto?

Rodrigo sorriu e se inclinou an cadeira.

— Ele foi o responsável pela separação de meus pais, e nunca vou perdoá-lo. Mas minha mãe estava cega por ele e, no final, não só se separou do meu pai, mas também se casou e o levou para a casa — Apertando a mandíbula, Rodrigo sussurrou: — Aquele idiota sempre foi uma pessoa com regras muito rígidas, mesmo vivendo em minha própria casa, e eu, por ser o mais velho, não aceitei essas condições. Mas meu relacionamento com rompeu definitivamenteou o momento de sair de casa tentou colocar Alex em um internato por sua deficiência. Juro que o teria matado. Meu irmão é o a melhor pessoa que existe no mundo, e a última coisa que merece é ser relegado da família por ter Síndrome de Down. Por fim, meu pai e eu conseguimos que não o fizesse, mas quando meu pai tentou recuperar a custódia de Alex, ele, o maravilhoso advogado que minha mãe venera, impediu, e bem ... por isso vive com eles.

— Que coisa!

Sim ... Ele não quer Alex. Se incomoda sua presença. Mas também não permite que viva comigo ou com meu pai. É difícil explicar, mas é assim — E ao ver sua reação, acrescentou para mudar de assunto: — "E voltando ao tema inicial desta conversa, desta vez fui cauteloso com Candela, e apesar de como uma mulher ser uma bombom, quando voltou com seu marido rico, não me importei. Por outro lado, me senti liberado do compromisso que eu mesmo estava criando. Embora me machucou a traição da minha mãe.

— Sinceramente — Ana acrescentou — Acho que seu relacionamento com ela e sua mãe fez crescer em você um muro contra as mulheres.

— Sim — concordou rindo — Para me defender, as mulheres me encantam, mas em um nível pessoal ... não quero nada sério com nenhuma.

— Mas nem todas as mulheres são iguais — disse incluindo-se — Tenho certeza que você surpreenderia se ...

— Não, Ana; Não quero voltar a sentir isso. Fiquei tão mal quando Candela me deixou que prometi nunca mais sofrer por amor.

— Eu entendo — ela insistiu — Mas talvez você esteja errado. Talvez você devesse tentar conhecer uma mulher. Mas quando digo conhecer, me refiro a saber dela. Seus gostos. Suas manias. Não só conhecê-la na cama no primeiro dia. Tenho certeza que aí fora há uma menina esperando que

reparece nela e perceba que na vida nem todas as mulheres são ruins.

— Você é ruim?ou

— Sou a pior — afirmou para fazê-lo sorrir, porque não gostava de vê-lo naquele estado.

— Pois não parece.

— Isso é porque nunca quis me conhecer. Se tivesse me conhecido realmente, certamente pensaria diferente ...

Os dois sorriram, e Ana, sem poder evitar, perguntou:

— Sua mãe te disse que esteve em minha casa?

Rodrigo parou de mastigar e franziu o cenho.

— Esteve em sua casa? Quando?

— Na última vez que nos vimos — respondeu, omitindo que estava bêbada — Quando voltei para casa apareceu de repente e trocamos algums poucas palavras.

— Droga, Ana, sinto muito. Eu não sabia.

— Não se preocupe. Não aconteceu nada. Simplesmente esclareci que meu bebê não era seu ante sua ameaça de pedir teste de paternidade quando nascesse — Ficou boquiaberto, e estava prestes a dizer algo, mas ela continuou: — "Sinto se fui rude com ela, mas ninguém me ameaça. Nem mesmo sua mãe. Olha, vou te dizer uma coisa:

O meu é chata, mas a sua não existe!

Depois decomer com uma conversa animada, quando terminaram e sairam da lanchonete, Rodrigo disse:

— Vou levá-la para casa.

— Acho que você deveria ir para sua casa e descansar — falou Ana, segurando o braço bom — Hoje foi um dia complicado para você e com certeza você está exausto. O primeiro táxi que chegar será pra você e

...

— Você está certa — ele interrompeu — mas antes vou levá-la para casa.

Rodrigo levantou o braço para chamar um táxi. Durante a viagem, continuaram conversando e rindo sem parar, e uma vez que chegaram ao prédio de Ana e o táxi parou, ele perguntou:

— Me convida para uma bebida? Não quero voltar para casa ainda.

Ana olhou para ele e, depois de sentir um chute do bebê e uma vibração no coração, concordou.

— Tudo bem, mas só vou te dar água ou laranjada. Em seu estado, não deve beber álcool.

Depois de pagar ao motorista, ambos entraram no prédio e subiram no elevador. Quando entraram na casa de Ana, Miau foi ao encontro deles, e Rodrigo, encantado, o pegou. Depois de irar da geladeira uma suco de laranja para ele e para ela sentaram-se no sofá da sala.

— ontou a verdade a seus pais sobre nós? - Rodrigo perguntou.

— Não — E ao ver como a olhava, acrescentou: — Tudo bem ... Eu sei o que você pensa, mas não é encontrei o momento certo para contar. Mas calma, vou resolver isso.

— Você ainda quer que te acompanhe ao casamento de sua irmã?

— Você faria isso? — perguntou: surpresa.

— Sim — concordou.

Escutar esta simples palavra foi uma liveração para Ana, tanto que pulou do sofá e gritou com os braços levantados:

— Oh, simmmm! Oh, siiiiimmmmm! Oh, siiiiiiiiiimmm!

— Bem — disse ele rindo - qualquer um que te ouça vai pensar que tendo um tempo muito bom, muito bom mesmo.

Consciente de que ele tinha razão, se sentou ao seu lado vermelha como um tomate por se deixar levar pelo momento.

— Vou te agradecer o resto da minha vida.

— Só tem duas condições.

Olhou-o atordoada e, ironicamente, murmurou:

— Diga bombeiro.

— Primeiro — disse ele, sorrindo — que uma vez que acabar o casamento fale claramente com o seu pais e soluçione esta bagunça. E segundo, que volte a ser minha amiga de alma. Tenho saudades das nossas conversas engraçadas e ...

Aceito a sua primeira condição e a compreendo — cortou-o — Quanto a segunda, se me deixar incluir uma pequena nuance.

— Diga, fotógrafa.

— Que quando tiver meu bebê, pretendo recuperar o meu sex appeal e você não vai entrar no jogo. — E zombando, acrescentou: — E eu garanto sou muito boa.

Sem saber por que, aquela exclusão deixou Rodrigo descontente.

— Então, estou excluído?

— Totalmente.

— Mas isso é injusto, ele se queixou, rindo.

— Claro que não. Isso é muito justo. Ainda me lembro a certeza que me informou que eu não era o seu tipo mulher.

Ele acenou com a cabeça.

— Ok, prometo não olhar para você com outros olhos que não seja de um amigo, amigo ... amigo.

— Ai!

— O que está acontecendo? Perguntou ao ver que tocava sua barriga.

— Me dê sua mão, corre — colocando a mão dele sobre sua barriga, sussurrou: você o sente ? Percebe como ele se mexe?

Rodrigo olhou boquiaberto e assentiu. Nunca tinha tocado um barriga assim, e muito menos percebido o movimento de uma criança no interior.

— Dói?

— Não — disse, e sorriu — É uma sensação estranha, mas não dolorosa.

Ficaram assim alguns minutos, até que o bebê parou. Se alguém os visse naquele momento pensariam que era a cara do amor. Ambos se olhando nos olhos, enquanto Rodrigo com cara de bobo com sua mão boa a barriga de Ana.

<<Deus, beijaria você loucamente>>, Ana pensou ao tê-lo tão perto, mas disposta a quebrar com aquele momento íntimo e estranho disse, titando a mão dele da barriga:

— Você sabe que meu bebê é um menino?

— Um menino? — Ele perguntou de volta à realidade após o momento vivido.

— Sim.

— E como vai se chamar? Porque conhecendo você é capaz de chamá-lo

ne Menino!

Eles riram em voz alta e ela finalmente respondeu:

— Eu não sei ainda.

— omo não sabe?

— Até ver seu rostinho, não sei como vou chamá-lo.

A luz em seus olhos, sua cara feliz e a intimidade, ele gostava disso e dispostos a continuar perguntou:

— Você está feliz?

— Sim, muito, tão feliz como se fosse uma menina — Rodrigo sorriu — Neka e eu estamos dispostas a estragar ele de agora. Já compramos brinquedos que não deveria ter e jogamos nós mesmas. Aliás, Lego são uma passagem. No outro dia nós duas compramos um carro de corrida e uma moto que você não pode ver. E vimos uma caixa para construir um caminhão de bombeiros; assim enquanto podemos compramos — Ambos riram — Eu abri uma conta para quando tiver 18 anos possa comprar um super carro para passear com as meninas.

Rodrigo sorriu, e deixando deslocada, disse com voz rouca:

— Você é a garota mais fantástica que conheci.

Impressionado pela forma como a olhava, encolheu os ombros e tocou a barriga para evitar o impulso de se lançar sobre ele, e murmurou, fazendo-o rir de novo:

— Tudo bem ... mas agora você se apaixone por mim.

Capítulo 13

Em 17 de abril, Calvin deixou o hospital. Sua melhora era evidente e a história com sua princesa continuou. Eles discutiam a cada momento, mas se algo tinha ficado claro no dia do acidente, era que eles não podiam mais viver sem se ver.

Naquele tempo a relação de amizade entre Rodrigo e Ana foi retomada com mais força do que da primeira vez. Eles iam juntos ao cinema, teatro, assistiam a musicais que Ana amava, e sempre que seus horários permitiam, Rodrigo se alternava com Nekane para acompanhar Ana as aulas de preparação para o parto. Embora fosse algo que nunca antes tinha assistido, e logo gostou. Ana por sua vez o acompanhava nas compras de roupa. Inclusive Caroline e Álex, os irmãos dele, se mostraram mais de uma vez. Gostavam de sair com eles dois. Ana e Rodrigo juntos eram divertidos e eles amavam estar ao lado deles. Uma tarde Ana os surpreendeu com entradas para o teatro. Álex ao ver o logotipo das entradas, gritou enlouquecido. Iriam ver o musical de Grease que acontecia na Gran Vía em Madrid. Rodrigo se emocionou diante o gesto dela e riu alto ao ver seu irmão tão animado com seu ingresso nas mãos. Álex adorava aquele filme, e Ana que sabia disso, falou com um amigo que trabalhava na empresa, e conseguiu os ingressos. Naquela tarde, Álex assistindo o espetáculo de Grease, era o rapaz mais feliz do mundo. Aplaudia e dançava as músicas do filme que tinha visto tantas vezes, e Ana dançava e aplaudia com ele. Rodrigo desfrutou da felicidade que sentia seus irmãos juntos de Ana e sabia que amizade com aquela mulher sempre seria especial.

Até então, a marca Intimissimi de roupa intima feminina, fez uma proposta a Ana, queriam fazer um calendário para 2013 sexy e provocador com suas vestes. Durante dias Ana e Nekane amadureceram a ideia, até que uma tarde vieram com a resposta.

— O tenho — anunciou Nekane rindo. — o que achas de bombeiros e lingerie sexy? Podíamos unir no calendário a sensualidade com a curiosidade e recriar sonhos e desejos que se pode ter por ambas as partes. Cada mês um sonho pecaminoso! Por um lado, as mulheres trazem a sensualidade dos bombeiros, e os bombeiros como bons machões, os colocam a lingerie sexy. Depois de afundar um picles em um pote de nutella, Ana assentiu.

— É isso, Neka! Isso poderia ser a bomba, o chamaríamos de “Fogo e sensualidade”.

— Uau, sim.

— Acredito que você teve uma ideia genial — Parabenizou Ana sentando no sofá. — Segundo me disse Gerard, pretendem presentear o calendário a toda cliente que comprar suas roupas. E você já sabe que Intimissimi vende muito.

— Oh, Deus! — Você consegue imaginar todos os clientes, eu a primeira, com umas calcinhas na sacola, e o calendário em baixo do braço?

Ambas riram, e Ana acrescentou:

— Sejamos realistas. As mulheres enlouquecem com bombeiros, e mais quando idealizamos como já fizemos e...

— Vamos ver.... interrompeu Nekane. — Os temos idealizados porque para muitas mulheres os uniformes as deixam loucas. Mas o melhor de tudo é que nós conhecemos de primeira mão esses super machos que podem nos colocar em cotato com outros super machos. — E, caramba! O que me acaba de ocorrer.

— Vamos botar para quebrar. — Diz Ana, dobrando a barriga de tanto rir.

— O que achas de fazermos um casting para encontrarmos os bombeiros mais sexy da Espanha?

— Podemos enviar um email para diferentes corporações, dizendolhes do projeto. E quem sabe eles apontem alguém.

— Sim Neka. Mas para que isso ocorra, teremos que dar algo em troca. — E de repente sorrindo acrescentou. — Já tenho algo! Vou telefonar para Gerard e contar o que nos ocorreu. Se tiver acesso ao que lhe pedir, falamos com Calvin e Rodrigo para que nos dê os emails de todos os batalhões.

Meia hora depois, Ana desliga o telefone e com um sorriso e o polegar para cima, diz:

— Ótimo! Para Gerard o projeto pareceu louco e sexy.

A troca será que, durante o ano em que o calendário estiver em vigor, a empresa ingressará nos batalhões dos bombeiros que participarem com cinco por cento das vendas de roupa.

— A bomba, garota... a bomba. — Diz Nekane, rindo.

Naquela noite quando Ana chamou Rodrigo para discutir isso, ele gargalhou. Fazer calendários de bombeiros já era um tema bastante banal, mas quando disse que a empresa doaria cinco por cento de suas vendas aos batalhões dos bombeiros que participarem, a coisa mudou. Os bombeiros necessitavam equipamentos novos, e essa poderia ser a maneira de conseguir.

Dois dias depois, o email de Ana estava em colapso com pedidos. Muitos bombeiros queriam participar.

No final de abril foi o aniversário de Nekane, e Calvin a surpreendeu enviando dois mariachis com sombreiros e guitarras a sua porta cantando *Las Mañanitas'7b3'7d*. Ana, ao ver aqueles homens na porta da sua casa cantando aquela doce canção, segurou na mão de sua amiga, chorou e chorou. Seus hormônios a tiveram completamente descontrolada e não podia se conter.

Depois de um dia de trabalho, já havia recebido duzentas chamadas telefônicas, a noite fez sua festa em um pub perto de sua casa. Mais de trinta pessoas, entre elas estavam, Calvin, Popov e sua garota, Rodrigo e Ana, e outros amigos, aplaudiam enquanto ela soprava as velas.

Depois dos presentes, o divertido grupo decidiu cantar no karaokê, e todos se dobraram de rir ao escutar Popov, o meio russo, cantar a Esmeralda*, Ay pena, penita, pena'7b4'7d.*

— Você vai cantar? — Perguntou Ana sentada ao lado de Rodrigo.

Ele a olhou e deu um gole em sua cerveja esboçando um sorriso.

— Nem louco!

Aquela palavra e em especial seu gesto, fizeram Ana rir a gargalhadas. Ela sabia que Rodrigo não fazia coisas assim em sua vida. Era demasiado serio e reservado como para sair para conversar.

Logo, Nekane se sentou junto a sua amiga e com o livro de músicas na mão perguntou:

— Qual cantamos?

Ana, divertida pela rapidez do momento, observou a lista de canções e apontou uma. Emocionada Nekane aplaudiu, se levantou, e antes de se ajeitar, gritou:

— Vamos, levanta o pandeiro, que somos as próximas!

Surpreendido por aquela face, que não conhecia, Rodrigo a olhou.

— Vai cantar?

— Sim.

— É sério? — Disse Rodrigo entre risos, ajudando a levantar.

— Já te digo. E nada menos que uma canção da grandíssima Tina Turner.

Rodrigo soltou uma grande gargalhada.

— Mas, não tem vergonha de fazer diante de toda essa gente?

Ana olhou ao seu redor, e ao ver todos felizes, divertidos e desinibidos, deu de ombros e murmurou antes de caminhar:

— Tranquilo, está tudo sob controle. Neka e eu somos umas profissionais do microfone. Não há karaokê que nos resista!

Ele assentiu animadamente e a deixou passar. E quando Popov terminou sua música e todos aplaudiram, Nekane e Ana subiram ao palco. Entre assobios, aplausos e gritarias, a música começou, e elas começaram a cantar. Surpreendidos, Calvin e Rodrigo se olharam enquanto elas cantavam agarradas a seus microfones. Certamente não faziam tão mal. *You’re simply the best, better than all the rest, better than anyone, anyone I’ve ever met!'7b5'7d*

Sentindo-se muito interessado, Rodrigo não tirou o olho do cenário, enquanto Ana, com sua barriga, cantava e dançava com um sorriso de orelha a orelha, divertida e entusiasmada. Quando terminou a música, as duas jovens, levantaram as mãos, saudaram e, entre risos, voltaram aos seus lugares.

— Princesa, como disse a música, é a melhor! — Disse Calvin a abraçando.

Quando Ana se sentou junto a Rodrigo, estava acalorada, rapidamente ele lhe ofereceu um copo de suco.

— Canta muito bem. Tem uma voz preciosa.

— Obrigado... Sempre gostei de cantar.

A observou, enquanto ria e falava com os amigos de Nekane.

Aquela pequena moreninha, tão diferente das mulheres com as que ele costumava sair, cada dia lhe surpreendia com algo novo, e aquela noite havia sido com sua incrível voz.

Pela duas da madrugada, Ana ao voltar do banheiro pela décima quinta vez, observou como Rodrigo olhava com atenção a pista de dança onde as

pessoas dançavam, ela parou para ver a quem ele olhava, e não se surpreendeu ao comprovar que observava com cuidado a Lydia, sempre a bonita do grupo.

A raiva, a fez soltar um palavrão, ao se ver refletida no espelho que havia em frente, suspirou. Era lógico que não só Rodrigo, como também o resto dos homens não olhariam para ela.

Quem iria ficar olhando para uma grávida?

Querer competir com a linda e sexy Lydia, que estava com um apertado vestido azul de lycra e botas de cano alto, era uma missão impossível, e consciente de que a batalha estava perdida, decidiu se condizente com sua situação e admitir de uma vez por todas que Rodrigo era algo impossível.

Desenhando um sorriso em seu rosto, continuou seu caminho e juntou a ele.

— Não dança mais?

— Perguntou sorridente ao vê-la chegar.

Ana pegou seu suco de abacaxi e tomou de um gole.

— Não posso mais. Estou cansada. — E ao ver que Rodrigo voltava a olhar Lydia, disse se aproximando dele: — Quer que eu te apresente?

— A quem?

— Ah tá. Não negue! A garota que você está olhando. A de azul.

Rodrigo sorriu, se divertia ao comprovar que Ana prestava atenção em tudo.

— A conhece?

— Sim, é muito simpática.

— E muito bonita. — Acrescentou Rodrigo.

— Sim. — Suspirou resignada. — E se me lembro bem, está solteira.

Ele acenou com a cabeça, mas piscou o olho, a deixando sem jeito:

— Sabe? prefiro continuar aqui contigo. Alguém tem que te vigiar para que não coma todas as batatas fritas.

— Anda vai! — Ela zombou empurrando seu ombro.

— Além disso, hoje teve um dia bobo e se você chorou com as *mañanitas*...

— Oh não me lembre, ou eu ainda me emocionarei.

Gemeu, e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Nunca vi uma mulher chorar tanto. — Afirmou Rodrigo sorrindo.

— São meus hormônios! — Se defendeu ela. — Não sou tão chorona.

— Certo, certo... não quero duvidar, acredito em você.

Feliz como uma boba porque ele preferiu ficar com ela, quando ouviu:

— Ana, quanto tempo sem te ver. Como você está?

Virando-se, ficou paralisada. A impressionante Lydia com seu vestido de lycra estava ali mostrando o melhor dos seus sorrisos.

Maldita sorte! Depois de uma conversa entre elas, Ana decidiu acabar com aquele numerosinho e, olhando para o bombeiro disse:

— Rodrigo, te apresento a Lydia. Lydia, Rodrigo.

Quando aqueles dois se cumprimentaram e começaram a falar, Ana olhou para Rodrigo por cima do ombro, pronta para sair do meio.

— Desculpe-me, mas acredito que Esmeralda me chama. — E dito isso desapareceu.

Sem olhar para trás caminhou até o outro lado do local e, se apoiando no balcão, chamou o garçom e pediu uma água sem gás. Nesse momento, Nekane chegou até ela.

— Está bem?

— Sim... Maravilhosamente bem. — respondeu ela como se quisesse ganhar o premio de melhor atriz. Uma vez já havia sido humilhante demais, era uma idiota profunda. — Deus, Neka! Mataria por um bom bacardi com coca-cola. Estou só de suquinhos. Além disso, Gisela me disse que Mario é bonito, para não dizer quão atraente, estará na Alemanha em setembro. Certo?

Nekane olha com surpresa sua amiga e, sorrindo, acrescentou:

— Ponto um: se Mario for à Alemanha, certeza que virá buscá-la; sempre faz! Ponto dois: em setembro já não estará mais grávida, ao que poderá acabar sua abstinência sexual. E ponto três: de bacardi agora, nada de nada, juro que rompo contigo.

— Eu sei sua boba... eu sei. Mas te juro que no dia que eu puder, vou beber tudo que não tenho bebido durante a gravidez.

Nesse momento, Nekane viu Rodrigo conversando animadamente com Lydia.

— Viu com quem Rodrigo está?

Ana assentiu, e sem mudar o sorriso, olha até onde está o bombeiro.

— Sim, com Lydia. Acabo de apresentar-lhes.

— Você que os apresentou? — Diz Nekane com espanto.

— Sim, conheço Rodrigo, e ela é seu tipo.

— Sim, mas essa tem mais cara de pau do que o que ele tem entre suas pernas.

— Sim, mas você também é bonita, estilosa, loira, e o mais importante tem grandes peitos. E isso a nosso amigo Rodrigo...

A frieza que Ana mostrava diante aquela situação, chamou a atenção de Nekane, que pensou investigar o tema para saber se realmente a sua amiga já não se importava mais com o que ele faz.

— Ei... estou morrendo de sono. Me odiaria se eu for para casa?

— Mas se vamos cantar novamente no karaokê, como você vai embora?

— Neka... estou morta, acredite em mim.

Neka se fixa nas olheiras de Ana e assentiu.

— Direi a Rodrigo que te acompanhe.

Agarrando-a com rapidez, Ana a deteve e, com um sorriso murmurou:

— Não atrapalhe o lance deles. Não vê que ele está com a Lydia! Por tanto cala a boca cheia de dentes que você tem e não diga nada, entendido?

Popov, de braços dados com sua garota, se aproximou delas.

— Que está acontecendo? — Ele perguntou a elas.

— A grávida aqui, quer ir embora. — Respondeu Nekane. Doente porque sua amiga queria ir embora tão cedo da festa.

— Normal, falou Esmeralda. — Tem uma carinha de cansada.

Ana assentiu com olhos de cachorro pidão.

Aquela era sua chance de fugir dali.

— Venha... nós a levaremos para casa. — Se ofereceu Popov. E como viu que Nekane iria protestar, acrescentou: — Olha, eu te amo, mas esses seus amigos... são tão roqueiros e isso me dar nos nervos!

Dois minutos depois, se despediu unicamente de Nekane, os três saíram do pub. Ana com um sorriso pré-fabricado no rosto e uma dor no coração

por deixar Rodrigo ali. Entrou no carro de Popov e, quando chegou a sua casa, depois de saudar a Miau e a Pío, adormeceu. Não queria pensar.

Capítulo 14

Em 11 de maio, e as pessoas se amontoavam nas entradas do Palacio de los Deportes de Madrid, esperando sua vez para entrar no recinto e desfrutar do concerto de Luis Miguel.

— Aqui, chegaram Popov e Esmeralda! — Gritou Ana, dando pulos de alegria. Quando eles a viram, se aproximaram de onde estava — Menina, para, senão vai ter a criança agora. — Aconselhou Esmeralda depois de beija-la.

— Achei que você não viria Calvin. Não perde uma, não é? — Diz Popov ao ver o cara com as muletas.

— E não deveria estar aqui. — Protestou Nekane. — Mas como é um teimoso, aqui está.

O jovem depois de cumprimentar Popov e sua esposa, sorriu.

— Por nada no mundo perderia o show do meu amigo. Ainda mais depois de convencer minha princesa de me acompanhar.

— Pois, você poderia ter dito ao seu amigo para nos deixar entrar pela porta vip. — Zombou Popov.

Calvin puxou o celular do bolso com um sorriso nos lábios.

— Quer que eu telefone para ele? Tenho o seu telefone, mas talvez agora não seja um bom momento para chamá-lo.

O gesto pareceu engraçado.

— Deixe-o.... certeza que vai estar no chuveiro ou algo assim. — Comentou Popov com sarcasmo.

Nekane soprou, agoniada.

— Quem iria me dizer que estaria aqui? Além disso o que estou fazendo aqui?

— Já te digo. — Disse Popov.

Aquilo era algo, inédito.

— Vamos lá, então... bobo. Brincou Esmeralda. — Você vai ver o bom momento que nós vamos passar. O Luismi é muito Luismi, e você vai adorar.

Ana, que estava bebendo água, sorriu. Se tivessem dito meses atrás que

sua amiga Nekane, viria assistir Luis Miguel, teria rido em voz alta. Mas ali estava de mãos dadas com seu namorado e feliz.

— Lá vem Julio e Rodrigo, com Rocio e Alicia.

Ana e Nekane se olharam.

O que Rodrigo estava fazendo lá? Ana logo reconheceu Alicia. Era a menina loira que lhe dera o cachorrinho no portal e com a que Rodrigo tinha ficado em várias ocasiões. Com um sorriso encantador, Rocío se aproximou delas e, depois de cumprimentar, comentou no olvido de Ana:

— Não sei como você pode estar tão bem.

— o que?

Rocío, com pretensão fingida, apontou a jovem, que de mão dada com Rodrigo sorria encantada.

— Que ela esteja aqui. — Apontou, abraçando-a. — Ah! Eu sinto muito. Em seu estado e ter que aguentar isso, deve ser muito embaraçoso. E nunca melhor dito.

— Rocío. — Esclarecendo Ana, cansada do que pensaram o que não era. — O bebê não é de Rodrigo. Ele e eu somos apenas bons amigos.

— Mas. O que está me dizendo? — Ele disse espantado. — Mas... mas nós pensávamos que...

— Sim, eu sei o que pensava, mas ele e eu somos só amigos, nada mais.

Nesse momento, Rodrigo se aproximou dela a beijou no rosto e perguntou, tocando-a na barriga com toda naturalidade:

— Oi preciosa, como estão?

— Bem. — Respondeu brevemente. Sem olhar a nada que não fosse a loira que tinha ao seu lado, Rodrigo diz:

— Ana, te apresento a Alicia.

— Encantada. — Disse, fabricando um maravilhoso sorriso.

— Digo o mesmo. — Respondeu a jovem, observando sua proeminente barriga.

Rocio se agarrou em seu marido e suspirou; não podia entender a estranha relação que havia entre aqueles dois. As pessoas da fila começaram a entrar e Rodrigo virou-se para pegar a mão de sua acompanhante. A partir daquele momento não voltaram a trocar mais nenhum comentário. Rodrigo estava totalmente comprometido com a

causa de beijar de novo e de novo a jovem loira.

Depois de se acomodar nos assentos que Calvin havia se encarregado de comprar para todos no Palacio de los Deportes, o espetáculo começou e a loucura tomou conta do lugar. Luis Miguel sabia como ganhar o público e até Nekane parecia aproveitar. A única que não desfrutava era Ana. Escutar as românticas músicas de Luis Miguel e ter Rodrigo a menos de um metro beijando outra e sorrindo como um bobo, estava estragando o show. Nekane se aproximou do seu olvido e murmurou:

— Você não me engana com a sua frieza, bonita, e lhe digo uma coisa: se você olhar para ele de novo, te juro que te pego e.... — Mas, ao ver o novo gesto de sua amiga, olha e sussurra. — Foda-se! Mas você já viu como ele está metendo a língua nessa metida?

— Até o final, vou vomitar.

— Que não aconteça. — Protestou Nekane. — Hoje você não vomitou

e... Foda-se! Mas essa é uma loba. Onde está sua mão agora?

— Na frente das suas calças, sem dúvidas.

Assim as duas amigas se olharam. A situação era tão surreal que ao final caíram na gargalhada. Rodrigo as olhou e sorriu. O encantava ouvir a Ana rir. Ao final, Nekane abraçou a Ana e se colocou no seu campo de visão e lhe animou:

— Que tal você aproveitar a atuação e deixar esse sapo para lá? Senta com Popov, canta, grita e desfruta. Luis Miguel vai gostar. Você está com seus amigos e, finalmente eu vim a um show desse cara. Foda-se! Olhe como algo positivo; não pense como uma tortura porque eles estão aqui.

Ana pensou por um momento no que sua amiga dizia. E o certo é que ela tinha razão. A partir daquele momento, não voltaria a olhar e aproveitaria o show. Junto com Popov, Esmeralda e Rocío, gritou e desabafou.

Quando o show já tinha aproximadamente de uma hora e as primeiras notas da música *O tú o ninguna'7b6'7d* foram tocadas, todas as mulheres e alguns homens que lotavam o Palacio de los Deportes, começaram a gritar, e então aconteceu algo que deixou todos sem palavras. Luis Miguel antes de cantar a música disse:

— Esta música, meu bom amigo Calvin quer dedicar a sua menina. — E sorrindo, acrescentou quando feixe de luz se ascendeu focando em Calvin e Nekane. — Calvin, agarrou sua princesa, e dançou coladinho com ela, embora esteja com a perna quebrada. Essa vai para você Nekane.

Dito isto, o Palacio de los Deportes eclodiu em aplausos.

Nekane boquiaberta e deslumbrada, não sabia onde se esconder, e Calvin feliz, sorria orgulhoso. Rodrigo e Ana se olharam e aplaudiram. Realmente Calvin conhecia o cantor Luis Miguel? Quando o feixe luz se apagou, todos os amigos olharam o jovem acidentado, e este, levantando a mão, gritou:

— Lhes disse que ele era meu amigo!

Ainda atônita Nekane o beijou, e Calvin a segurou pela cintura.

— Ainda não posso dançar princesa, mas sim posso te beijar, te abraçar e te amar como você merece.

— Oh Deus, Calvin! Te amoooooo.

Nesse momento, Luis Miguel começou a cantar aquela bonita e romântica canção, e diante do olhar emocionado de Ana, Nekane se rendeu definitivamente o homem com nome de cuecas.

Capítulo 15

26 de maio chegou, o dia tão temido por Ana. O casamento de sua irmã. Voltaria a ver os rostos das pessoas que havia anos que não via, era a última coisa que ela queria. Mas estava ali, em juízo, sentada ao lado de um belo Rodrigo, com uma barriga enorme enquanto via sua irmã e seu recém marido, trocar anéis.

Foi uma cerimônia breve, nada a ver com a celebração, que por sinal ocorreu no melhor hotel de Londres a qual assistiram, nada mais nada menos que uma multidão de oitocentos e sessenta e duas pessoas. Teresa, a mãe da noiva, estava elegantíssima com seu vestido azul escuro Armani, de braço dado com Rodrigo que estava lindíssimo em seu terno preto, cumprimentava os convidados. Enquanto Ana, com um vestido verde império que a favorecia uma barbaridade e seu curto cabelo preto penteado para trás, ia de braço dado com seu pai.

Rodrigo estava sobrecarregado. Não parava de se surpreender cada vez que a mãe de Ana o apresentava a alguém; o último, o primeiro ministro, David Cameron. Ao seu lado Ana falava com total tranquilidade com os atores como Colin Firth e Hugh Grant, e logo se juntou a Kate Winslet, que resultou em ser uma mulher muito risonha. Durante horas Rodrigo cumprimentou com um grato sorriso a todos, e quando finalmente se sentaram à mesa para jantar que cuidadosamente a namorada e sua mãe haviam acomodado, ficou em estado de choque ao ver David Beckham em sua frente.

— O que está acontecendo? — Perguntou Ana se aproximando dele.

— Estou tão sobrecarregado por tudo que vejo ao meu redor, que não sei se vou conseguir jantar.

Divertida pelo comentário dele, Ana sorriu e se aproximou mais.

— Como sua mãe se sentiria sentada aqui?

— Abismada.

Ambos sorriram, quando ouviram alguém chamar.

— Ana Elizabeth, é você?

O sobressalto que aquela voz causou em Ana foi perceptível até para Rodrigo, que, levantando seu olhar, se encontrou com um homem mais ou

menos da sua idade e muito inglês. Com o coração a mil, Ana se levantou e, cravando o olhar no recém chegado, sorriu e exclamou:

— Warren, que bom te ver.

O homem a examinou com um olhar e, ao ver sua proeminente barriga, murmurou:

— Digo o mesmo. Quantos anos se passaram? Cinco? Seis?

— Sete. — Esclareceu Ana.

Rodrigo se levantou. Não sabia porque, mais havia notado Ana incomodada, e a segurando pela cintura, beijou sua cabeça. Então estendeu a mão para aquele estranho.

— Sou Rodrigo Samaro.

— Nos conhecemos? — Perguntou o engomadinho, enquanto o observava e concluía que nunca havia visto aquele tipo e não havia escutado falar dele.

— É.... é meu namorado. — Murmurou Ana, tocando sua orelha. O intruso o olhou e com um gesto pegou a mão de Rodrigo que não gostou, mas apertando sua mão disse:

— Warren Follen. Sou um velho amigo.

Ana, ao perceber que Rodrigo ficou parado depois de ouvir o nome do homem, sorriu. Lembraria-se do que havia lhe contado? Mas disposta que aquele encontro terminasse logo, acrescentou:

— Foi um prazer te ver, Warren. Agora se não se importa, irão servir o primeiro prato e acredito que é melhor nos sentarmos antes que minha mãe dê um ataque de nervos. Já a conhece.

O homem concordou, depois deu-lhe dois beijos na bochecha, e se afastou.

Uma vez que se sentaram, Rodrigo, com um sorriso, murmurou para fazê-la rir:

— Deve se controlar em tocar a orelha toda vez que mente. Te delata. — Mas ao ver a expressão confusa dela, segurou sua mão para atrair sua atenção. — O que foi?

— Nada.

— Balbuciou, depois de se abanar com o guardanapo. — Não se preocupe, não foi nada.

De repente, Rodrigo, vendo como ela olhou de soslaio para o homem, que estava sentado duas mesas a sua direita, sentiu algo.

— Como ele disse que se chamava?

— Warren... Warren Follen.

E finalmente, ao escutar de novo o sobrenome, entendeu. Aquele deveria ser o ex-namorado de Ana, do qual não guardava boas recordações.

— Ele é quem acredito que é?

— Warren é um amigo. Só isso.

— Não brinca, sussurrou. — Agora vamos disfrutar da comida. Mamãe contratou os melhores para que tudo seja elegante, e eu estou como a toalha da mesa. Mas Rodrigo não estava disposto em abandonar a conversa.

— É ele, não é?

Ela não respondeu, de modo que se aproximando de seu rosto, perguntou baixinho para que ninguém ouvisse:

— Este imbecil foi quem...?

Irritada com aquela pergunta, fixou em seus bonitos olhos verdes e sussurrou:

— Shiiii... quieto.

— Puta que pariu... eu vou a....

— Não, por favor. — Suplicou Ana, segurando-o com força. — É o casamento de Nana.

Algo dentro de Rodrigo queimou. Saber que aquele imbecil engomadinho com ar de galã, havia maltratado Ana o incomodou.

Desejou se levantar e quebrar a cara dele, mas ao ver o gesto assustado dela, segurou-lhe a mão e beijou seus dedos.

— Sinto muito. Perdoe-me...

— Não acontece nada... mas vamos deixá-lo para lá. Por favor.

A comida foi requintada, canapés de salmão com beterraba, tortilhas de queijo e aspargo, bolo de abadejo e vitela assada com finas lâminas de champignon. Tudo isso era um deleite para o estômago de Ana. E quando veio a sobremesa, trufas de chocolate branco, geleia de laranjas vermelhas e os cupcakes de framboesa, queria morrer, de tão gostoso. Tudo estava bom. Rodrigo ao ver que ela voltou a sorrir, relaxou. Por nada no mundo queria tirar um segundo da felicidade dela. E muito menos por causa

daquele indesejável.

— Agora tragam o bolo!

— Aplaudiu Ana como uma criança.

— Você ainda é capaz de comer mais?

— Já te disse. O bebê pede e pede. E eu como sou uma mãe muito boa e dedicada à causa, dou.

Nesse momento, Lucy, a noiva, se aproximou de sua irmã e a beijou com carinho.

— Pato... eu falei com a orquestra que vai animar a festa, e disse que logo você se juntará a ele para cantar a música dos papais.

— De jeito nenhum. — Negou. — Como você pode pensar tal absurdo?

Sua irmã, depois de piscar um olhou, alisou a toalha da mesa.

— Por favor, por favor, por favor! Faça por papai e mamãe. Sabe que eles amam essa música e mais ainda quando é você quem canta. Por favorrrrrrrrrrrr.

— Não. Já disse que não. — Rodrigo ao ver que a noiva o olhava em busca de ajuda, se aproximou de Ana, e sussurrou:

— Vamos, pêssego louco. Sabe que cantará maravilhosamente, e se seus pais gostam, por que não?

Os olhou boquiaberta. Não acredita que aqueles dois estavam colocando-a em uma situação constrangedora.

— Mas, vamos ver. Que tipo de alucinógeno você tomou? Não... aqui há muita gente, e que não deseja que eu passe o ridículo.

Mas sua irmã lhe deu um beijo no rosto e antes de ir diz:

— Não importa o que diga, já está tudo pronto, e quando te chamar, subirá ao palco e irá cantar.

Ana se levantou, irritada com sua irmã, quando Teresa, sua mãe, se aproximou deles e, depois de beijar sua filha, se inclinou com intimidade nos ombros de Rodrigo para que todos a vissem.

— Tudo bem por aqui?

— Sim, mamãe.

— Perfeito. — Afirmou Rodrigo.

— Minha menina comeu bem?

Aquela pergunta surpreendeu Rodrigo, que com um sorriso fez Ana gargalhar, e respondeu:

— Teresa, melhor perguntar o que ela não comeu.

Encantada com a familiaridade que aquele rapaz a tratava, a mulher sorriu, e ao ver sair pela porta o enorme bolo, disse em voz alta para que todos os convidados da mesa ouvissem:

— Agora amigos, vamos nos deliciar com o incrível bolo de casamento, de sete andares. Só lhes direi que a responsável por ele foi a maravilhosa Fiona Cairns. — E antes ir, sussurrou a sua filha. — Ana Elizabeth, não deixe de comer o bolo. É a mesma boleira que fez o do casamento de Willian e Kate.

Contente, Ana viu sua mãe cumprimentar os outros convidados. Só vendo e conhecendo-a para saber que estava desfrutando como uma louca.

— Quem é essa Fiona não sei o quê?

— É quem fez o bolo de Willian e Kate.

— E quem são Willian e Kate?

Voltou a perguntar Rodrigo.

Com humor, Ana levou as mãos ao coração e, aproximando-se de Rodrigo, murmurou:

— Pelo amor de Deus! Se minha descobre que você não sabe quem é Willian e Kate, ela nos deserda. — E enquanto ele ria em voz alta, o informou quem era aqueles.

Depois de terminar o jantar, os convidados passaram para uma grande sala decorada com centenas de cristal no teto. Na parte inferior um grande grupo de músicos vestidos com calças pretas e blazer branco começou a tocar a valsa nupcial.

— Ana Elizabeth. — Diz sua mãe empurrando-a. — Lembre-se que tem que dançar com Rodrigo quando eu e seu pai sairmos da pista de dança.

— Sim mamãe. — Suspirou apressada. Tantas regras a deixavam louca, mas não querendo contraria-la, aproximou-se de Rodrigo e perguntou:

— Você sabe dançar valsa?

— Você enlouqueceu? — Ele perguntou rindo, as covinhas marcando seu rosto.

Transtornada por aquelas malditas covinhas, murmurou:

— Se não o fizermos, minha mãe nos matará. Você não a escutou?

Como Rodrigo não gostava, disse claramente:

— Eu disse que não.

Mas depois dos noivos sair da pista, e em seguida os pais dos noivos, Ana puxou-o e, finalmente Rodrigo dançou.

— Se vou ter que cantar diante de todos, você também vai ter dançar. — Ela sussurrou.

— Você sabe que é uma grande encrenqueira? — Ele disse sorrindo.

— Eu sei. É parte do meu charme.

Estar junto dele, aproveitando sua companhia, fazia com que Ana iluminasse o rosto, algo que não passou despercebido, especialmente para seu pai. Que durante aqueles três dias, Rodrigo só tivera olhos para ela. Ana estava nas nuvens, embora ele não tivesse se dado conta. Como se dizia: a um homem tinha que se dar tudo mastigadinho, se não, ele não perceberia.

Uma hora mais tarde, depois de ter sido avisada por um dos músicos da orquestra, Ana, com seu vestido verde, subiu ao palco e pegou o microfone. Diante cara de felicidade da sua irmã, a de brincadeira de Rodrigo e a de desconcerto de seus pais, disse:

— Oláááá!

— Todo a olharam e ela continuou: — Hoje é um dia muito especial para minha família, e quero agradecer a todos por terem vindo. Mas a razão que eu estou aqui ao lado desta maravilhosa orquestra, é porque quero dedicar uma música aos meus pais, por serem para mim e minha irmã, os melhores.

Frank e Teresa sorriram. — Por tanto, papai... mamãe... os quero no meio da pista de dança, porque eu vou cantar “When a Man Loves a Woman”'7b7'7d a música de vocês.

Todos aplaudiram, enquanto Frank e Teresa, emocionados foram até a pista de dança, a canção começou, e Ana cantava a música. Enquanto seguia o ritmo da banda que tocava, foi relaxando.

Cantar era algo que sempre gostou muito, e durante vários anos quase não havia praticado, sabia que tinha uma excelente voz. Por isso, após os primeiros sons, simplesmente se dedicou a desfrutar do que estava fazendo e esqueceu o que a rodeava, exceto de Rodrigo. Isso era impossível de ignorar. Tentou não olhar para ele, mas seus olhos o procuravam continuamente enquanto ele sorria. Aquela música dizia coisas que ela

sentia em silêncio por ele, e isso a incomodou. Quando terminou a música todos aplaudiram, enquanto Teresa e Frank se aproximavam dela e a beijavam, Rodrigo os seguiu.

— Minha vida... quanto tempo sem te ouvir cantar. Que lindo! Obrigada tesouro. — Disse gemendo, Teresa, comovida.

— Venha mãe... venha. Se não finalmente me fará chorar, e ultimamente choro muito fácil, disse Ana, sentindo a mão de Rodrigo se enroscar com a sua em sinal de apoio.

Frank emocionado tanto quanto sua esposa, mas contido, abraçou sua filha.

— Eu te amo, querida. — Ele sussurrou.

O resto da noite foi fantástica. Ana dançou e se divertiu com Rodrigo, até que Warren, o qual ela não queria nem se lembrar, se aproximou para convida-la a dançar. Rodrigo se manteve a margem. Não deveria interceder em sua vida, e Ana agradeceu. Em princípio quis recusar a oferta, mas Teresa que tinha aparecido de braços dados com Warren, incentivou, e ela não teve como escapar.

— Como vai a vida, linda? — Perguntou ele, uma vez que estava na pista de dança, em seus braços.

— Bem, maravilhosamente bem. Você não vê?

— Você ainda canta muito bem. Tem uma voz linda. — A elogiou com um trapaceiro sorriso.

— Obrigado.

— Confesso que me surpreendi. — Disse Warren, depois de um tenso silêncio.

— Ah sim! Por quê?

E então, ele se aproximou do seu olvido com um humor sinuoso, que ela não gostou.

— Você é a primeira mulher grávida que conheço, que acho extremamente sexy.

Ana sorriu friamente. Gostaria de chutar a bunda dele ali mesmo, mas disposta a ser prudente e educada por causa de seus pais, e ao ver que Rodrigo conversava com sua mãe, mas não tirava os olhos dela, respondeu:

— Fico feliz em ouvir isso, embora tenho certeza que meu namorado

pode não gostar da sua sinceridade.

— O bombeiro? — Ele zombou. — Sua mãe já me contou do trabalho do seu namorado, um trabalho, que com certeza, deixa as mulheres loucas. Foi assim que ele te conquistou?

Separando-se dele, sem nenhuma contemplação, soltou em voz baixa para que ninguém ouvisse:

— Como ele me conquistou, não é da sua conta. Mas só te direi que ele nunca me bateu. — Dito isso, parou de dançar, e furiosa, caminhou até a lateral do salão. Necessitava de ar fresco e ficar longe daquele homem que causava más recordações.

Rodrigo, que estava a observando, foi atrás dela, e quando a alcançou, a abraçou. Observando que ela respirava para conter as lágrimas. A embalava, enquanto um estranho sentimento de proteção o enchia.

— Shiii..., querida! Estou aqui. Esse desgraçado não vai voltar a te tocar.

A festa acabou por volta da meia noite e meia. Warren não voltou a se aproximar dela, o que a relaxou. Além disso, seu humor mudou, pela proximidade de Rodrigo, que a tranquilizava. Ele tinha o poder disso só com seu olhar e fazê-la sorrir. No carro, Ana tirou os sapatos. Já não aguentava mais. E ao chegar em casa, Rodrigo a segurou em seus braços para que não pisasse no chão da rua, e se queixou do muito que pesava, seus pais riram ruidosamente.

Frank gostava da espontaneidade da sua filha e seu namorado. Esses detalhes amorosos e como ambos riam por tudo, era o sinal de que estavam em harmonia. Uma vez que entraram na casa, Rodrigo a colocou no chão.

— Querida, se continuar comendo nesse ritmo, você vai me matar.

— Vai passear! — Zombou Ana. Batendo-lhe na cabeça com a bolsa.

Teresa, a quem as brincadeiras dos jovens as divertiam, depois de tocar os cabelos, disse:

— Eu estou indo dormir pessoal. — E olhando sua filha, acrescentou: — E você Ana Elizabeth, deveria descansar também. Aliás, pedi para Josef, que mudasse a sua antiga cama por uma de casal, para que você e Rodrigo possam dormir juntos. — Ao ver o gesto da sua filha, sorriu e tocou sua barriga. — Vamos lá filha, acredito que não faz mais sentido que durmam em camas separadas.

Ana queria morrer. Por que tinha que dormir com ele? Rodrigo ao ver a

confusão no rosto de Ana, sorriu.

— Obrigado Teresa, te agradeço que seja tão compreensiva.

— Ah filho! Eu que quero que estejam felizes.

— Você já é da família Rodrigo. — Concordou Frank categoricamente.

Consciente de que tudo se enrolava mais. Ana suspirou.

— Bem, eu não falo mais nada. — Disse ao ver seu pai e Rodrigo conversando. — Te espero lá em cima querido.

Rodrigo a segurou pelo braço para detê-la e a puxou para ele.

Confusa, Ana levantou a cabeça olhando para ele, e então ele deulhe um doce beijo nos seus lábios e sussurrou sob o atento olhar dos pais dela:

— Boa noite, céu. Daqui a pouco eu subo.

Chocada pela aquela abordagem, Ana concordou e em modo automático, começou a subir as escadas com sua mãe.

— Gostaria de um whisky? — Perguntou Frank.

O jovem concordou, e ambos caminharam até a sala de estar. Ali o pai de Ana, abriu um armário bar, pegou dois copos e serviu o whisky.

— Obrigado Frank.

Os dos homens se sentaram no confortável sofá de couro marrom e começaram a conversar. Frank aproveitou o tempo para conhecer mais a Rodrigo; saber pouco sobre ele, e o que encontrou, gostou. Saber que tinha a carreira de Direito agradava-o, mas especialmente o carinho que ele mostrava ao falar de sua filha.

O realismo do jovem diante a certos assuntos da vida, fez Frank ver Rodrigo um homem com os pés no chão.

Para Rodrigo foi fácil conversar com ele. No inicio se preocupou quando viu como Frank perguntava da sua vida e seus passatempos, mas logo o compreendeu.

Frank era um pai preocupado com a sua filha, e queria saber tudo do homem que supostamente era seu parceiro. Depois de falar sobre política, esportes e Ana, Rodrigo disse:

— Frank, eu quero te perguntar sobre Warren Follen.

Surpreso, Frank apoiou a cabeça no sofá.

— O que quer saber sobre ele?

Rodrigo sorriu.

— A verdadeira pergunta é, o que você pode me dizer sobre ele.

Frank balançou a cabeça, e antes de começar a falar deu um gole em sua bebida.

— Imagino que você quer saber o que houve entre Ana e ele, certo?

Rodrigo concordou.

— Teresa e eu somos amigos dos pais de Warren há anos. Desde pequenos, Ana e Warren se davam muito bem. Lucy era a prevenida e Ana o terremoto cantante. — Ambos sorriram. — Portanto, quando soubemos da relação entre Warren e ela, ficamos surpresos. Durante quase quatro anos estiveram juntos, mas algo aconteceu no último ano de seu namoro e romperam dias antes do primeiro noivado de Lucy.

— Você não perguntou o porque do rompimento?

— Sim, mas ela simplesmente nos disse que ela havia deixado de gostar dele.

— Tenho certeza que ela tocou na orelha. — Disse Rodrigo.

— Na orelha? — Perguntou Frank surpreso.

— Para saber se sua filha está mentindo, é só observar se ela toca a orelha. Não sabia?

— Não, não sabia. — admitiu Frank divertido por aquela confidência.

— Pois não diga a ela que eu te disse, senão irá me cortar o pescoço.

Ambos riram, e Frank perguntou curioso:

— A você, ela contou porque terminou com Warren?

— Não. — Mentiu Rodrigo.

Frank balançou a cabeça e continuou.

— Quando ela decidiu ir morar na Espanha e ter um oceano no meio, eu sabia que algo tinha ocorrido, mas fui incapaz de saber o quê. Ana é muito reservada quando quer, você sabe, não é? — Rodrigo concordou. — Mas, quer saber? Essa decisão que ela tomou, foi a melhor que poderia ter feito. Meses depois voltou a ser a menina alegre de sempre, e de repente, minha menina se tornou uma mulher independente e segura de si mesma.

E ao ver o gesto de Rodrigo, acrescentou:

— Portanto menino, se acalme, não precisa se preocupar com Warren.

Ele já não é nada para ela.

— Isso não me preocupa Frank. Só queria saber mais sobre ele.

— Ele é um bom rapaz. Orgulhoso às vezes, mas não é uma má pessoa. De qualquer forma, amanhã poderá conhecê-lo um pouco mais.

— Amanhã? — Rodrigo perguntou surpreso. Ana não tinha dito nada.

— Teresa organizou uma refeição em casa, com os amigos mais íntimos, e Warren virá com seus pais. Tenho certeza que quando você o conhecer melhor, irá gostar um pouco mais dele.

Rodrigo duvidava. Sabia o suficiente para não gostar dele.

Vinte minutos mais tarde, depois de terminar suas bebidas, ambos subiram para descansar.

Quando Rodrigo entrou no quarto, uma fraca luz brilhou a distância. Olhou para Ana e viu que ela estava quieta, imaginou que devia estar dormindo. Mas ele não estava com sono. Beber antes de dormir nunca o deixava relaxado, mas não podia dizer que não ao pai dela. Ele tirou a jaqueta preta, foi até a janela e se apoiou sobre ela. Durante mais de dez minutos ficou olhando as luzes da noite desse elegante bairro de Londres. Com a cabeça entorpecida, decidiu ir para a cama. Lentamente, desabotoou a camisa branca e depois de removê-la a colocou em uma cadeira, tirou os sapatos e depois as calças. Nesse momento percebeu que os olhos fechados dela, pareciam sorrir.

Ana estava acordada com as pálpebras semicerradas, não havia tirado o olho desde que ele entrou no quarto. Sabia que dormir ao lado Rodrigo era uma tentação, e isso, apesar de cansada, tinha a tirado o sono. Com o coração batendo a mil, viu como ele tirou a roupa, e quando estava só de boxers preto, ela suspirou.

“Meus Deus! Mesmo com um bebê, e gorda feito um barril, me deixas a mil.

Sem dizer nada, Rodrigo foi até o lado esquerdo da cama e cuidadosamente se deitou e se cobriu com os cobertores. Assim ficaram um bom tempo, até que ele aproximou a boca no olvido dela, e perguntou:

— Você sabia que amanhã, Warren vem a casa de seus pais para almoçar?

Como se alguém tivesse colocado um foguete na sua bunda, se sentou na cama, e com cara de horror, ascendeu a lâmpada do criado mudo:

— O que disse?

— Seu pai acaba de me dizer. Aparentemente sua mãe organizou um almoço para os amigos mais próximos.

Ana, sem poder evitar, pulou da cama, vestida com um pijama de enormes morangos, começou a andar de um lado para o outro. Aquela noticia a deixou alterada. Como poderia estar novamente com Warren na mesma casa?

— Ana, venha para a cama.

Escutar aquela ordem, a deixou de boca seca. Ficou feliz em voltar a esse lugar para fazer coisas que não devia, nem podia fazer com ele, mas olhando-o, respondeu:

— Durma você. Eu perdi o sono. Foda-se minha mãe! Porque organizou coisas sem me consultar. Nunca mudará.

— Ana, venha para a cama. — Repetiu.

E ao ver que ela continuava reclamando e xingando, se levantou, aproximou-se dela e a levou nos braços.

— O que você tá fazendo?

— Você precisa descansar. Está grávida, e...

— Isso não significa que eu estou doente seu imbecil.

Surpreso com aquela resposta, a deixou no chão e sem dizer mais nada, foi para cama.

Ana imediatamente se sentiu culpada. Estava descontando o que sua mãe e Warren fizeram, na pessoa que menos merecia. Por isso, foi até a cama, e deitou-se. Ficou de lado, olhando Rodrigo, que estava de costas para ela, e quando viu que ele não iria virar, o tocou no ombro para chamar sua atenção.

— O que você quer, Ana?

— Que você olhe para mim.

— Agora não quero olhar para você. Me deixe dormir.

— Vamos homem. Que me desculpar. — Insistiu.

— Ana Elizabeth, vai dormir. — Ele zombou irritado.

Incapaz de deixar as coisas desse jeito, procurou como chamar sua atenção, ficou de costas e começou a cantar baixinho. *No puedo pedir que el invierno perdone a un rosal no puedo pedir a los olmos que entreguen peras*

no puedo pedirle lo eterno a un simple mortal y andar arrojando a los cerdos miles de perlasssssssssss

Atordoado, por ouvir Ana cantarolando. Rodrigo virou e a olhou.

— Posso saber o que você ta fazendo?

— Cantando “La Tortura”'7b8'7d.

— “La Tortura”?

— Sim, a música de Alejandro Sanz e Shakira. Você não conhece?

Rodrigo estava impressionado. Ana voltou a cantar a música, enquanto mexia os ombros ao compasso do que cantava. Assim finalmente ele sorriu.

Ela ao perceber que finalmente havia conseguido o que pretendia, parou de cantar, e murmurou:

— Me perdoa por ter sido pior que a bruxa má?

— Claro que sim.

— Eu sinto muito, de verdade, mas quando me contou sobre amanhã, passou um calafrio pelo meu corpo que... Uhh... Deus! — E sorrindo disse, deixando de lado. — Agora que nenhum de nós dois está com sono. O que acha se fofocarmos sobre o casamento? Vamos me conte o que você achou?

— Um casamento ostentoso, com pessoas demais. — Respondeu ele com sinceridade. — Exatamente o que eu não quero para mim. Odeio esses grandes eventos tão apreciados pela minha mãe.

— Já te disse que minha mãe também os fazia.

Os dois riram, ao lembrar a cara de Teresa ao ver, que o vestido deixava a tatuagem que tinha no ombro descoberta.

— E as pessoas? O que você achou do círculo social dos meus pais?

— Isso eu tenho que dizer, que me deixou assustado. Nunca pensei que comeria na mesma mesa que Beckham. Com certeza fiquei surpreso. Ele é um cara muito simpático. E brindar com David Camerom me deixou sem palavras.

— Quando voltarmos a Madrid, nem uma palavra sobre isso, ok? — Lembrou-lhe apontando o dedo para ele, ao vê-lo tão impressionado.

— Quantas vezes você vai repetir isso?

— Muitas. Lembre-se, sou barra pesada.

— Eu sei... eu sei. — Ele zombou. — Mas, espero que algum dia me

dedique uma música. Você canta maravilhosamente bem.

— Obrigado. Prometo que vou. — E retomando a conversa, ela perguntou:

— E as mulheres? Alguma chamou sua atenção?

— Sim. — Respondeu ele, sem perceber o gesto dela.

— Sério?

— Ah! — Colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e continuou:

— Havia um par, que me parecia autenticamente bonitas. E te confesso que se não fosse o futuro marido da filha do pai da noiva, teria gostado de conhecê-las.

"Por quê tenho que falar demais? E por quê fui perguntar isso? Eu e meu puro masoquismo."

— E você, viu algum que te chamou a atenção?

Surpresa por aquela pergunta, Ana sorriu e balançou a cabeça.

— Sim. Há um par de amigos da minha irmã que são muito bonitos de se ver. Acho que quando eu tiver o bebê, farei algumas pequenas viagens para conhecê-los.

Divertindo-se com o que ela dizia, Rodrigo pegou sua mão e exclamou:

— Ei, não exageres!

Gostando daquela demonstração que parecia como algo do tipo ciúme, em meio a sorrisos, Ana assentiu. Tocou o ventre. Fazendo-o rir de novo, disse:

— Ah, só porque eu to de regime, não quer dizer que eu não posso olhar e imaginar. — E ao ver seu gesto enfatizou: — Mas enquanto seguir o regime sinto te dizer que tanto você como eu, aos olhos da minha família, deveremos continuar exercendo o perfeito papel de namorados maravilhosos e apaixonados.

— Não sinta. — Respondeu ele, deixando-a sem palavras.

— Agora estou na cama com um bombom, algo recheado, mas um louco bombom com cheiro de pêssego, do começo ao fim.

Por um momento, os dois se olharam nos olhos, e quando Ana estava a ponto de cometer a loucura de se jogar em cima dele, pegou uma das almofadas e jogou nele para quebrar a tensão.

— Você acabou de me chamar de gorda?

Se divertindo, deixou ela bater, e sendo incapaz de ver mais além de seu nariz, a abraçou e deu-lhe um beijo na cabeça.

— Vamos, tortura... vamos dormir. — Disse antes de desligar a luz do criado mudo.

Ana o deixou abraçar, e por nada queria se soltar de seus fortes braços. Estar enrolada na cama junto dele, abriu todo apetite sexual do mundo, e com um sorriso, repreendeu a si mesma:

“Pare de pensar no que não deve, e vai dormir. Gorda!”

Ao final dormiu. Estava esgotada e não queria pensar. Só queria desfrutar do momento. Só isso.

No dia seguinte, Ana e Rodrigo madrugaram e foram até uma escola de equitação, onde Frank possuía vários cavalos. Uma vez que chegaram, Ana viu um homem de cabelos grisalhos e foi até ele.

— Samuel?

O homem se virou, e a olhou de cima a baixo. Ao reconhece-la, sorriu e abriu os braços.

— Senhorita Ana, mas que maravilhosa visita. — Ana o abraçou.

— Que alegria te ver por aqui. Pensei que já não estavas mais.

— Isso é minha vida. Onde mais eu poderia estar?

Ambos riram.

— Onde está Maria? — Perguntou Ana. — Continua trabalhando aqui também?

De repente os olhos do homem ficaram tristes.

— Maria morreu há dois anos.

Chocada com aquela noticia, Ana o abraçou novamente.

— Desculpe Samuel... eu sinto muito.

— Eu sei, senhorita Ana.

— Por favor. — Rogou ela. — Nos conhecemos a vida toda. Por que não me chamas apenas de Ana? Eu me lembro da última que nos vimos que já havia te dito isto.

— Eu sei, senhori... — Depois de uma pequena pausa, ele se corrigiu. — É a força do costume Ana. Não leve a mal.

Rodrigo os havia observado em silêncio.

— Rodrigo, ele é Samuel, a pessoa que sempre cuidou de tudo o que você está vendo ao seu redor.

— Prazer, Samuel.

— Digo o mesmo, senhor. — Disse sorrindo o homem.

— Rodrigo. — Insistiu ele, e Samuel concordou e sorriu de novo.

Durante um tempo, os três passearam juntos por aquele bonito e bem cuidado lugar. Samuel falou das melhorias que havia sido incluído nos estábulos.

— Terminaram o lago artificial? — Perguntou Ana.

— Sim, há dois anos... ainda me lembro de como sua mãe corria atrás de você para te tirar do lago.

Essa memória fez Ana rir, e olhando para um sorridente Rodrigo, explicou:

— Apesar das broncas da minha mãe, eu sempre gostei de entrar no lago que havia aqui, ele estava cheio de rãs. Segundo ela, uma senhora não devia ser tão moleca.

— Lembra-se de quando você colocou os quatro cavalos do seu pai no lago? — Recordou Samuel risonho.

— Oh, simmm! Meus pais me castigaram, fiquei sem ver meu cavalo durante um mês. Que história!

— O que foi que você fez? — Perguntou Rodrigo, aos velos rir tanto.

— Era verão, fazia muito calor e pensei que os cavalos de papai mereciam dar um mergulho.

— E sem se importar que estivesse cheio de gente. — Continuou Samuel. — Ela puxou sozinha os quatro cavalos do seu pai, e colocoos no lago. E o pior não foi isso. Ela os ensaboou inteiros, e o lago ficou cheio de espuma.

Mais uma vez os dois caíram na risada.

— Bem... pelo visto, desde pequenininha já prometia. — Comentou Rodrigo.

— Oh sim! — Concordou Samuel diante da alegria da jovem. — Ana, ao contrario da sua irmã Lucy, sempre teve uma personalidade muito definida e foi uma pequena diabinha. — E apontando para a barriga, olhou para Rodrigo, e acrescentou: — Espero que o bebê que esperam seja mais tranquilo que a mãe, e te garanto que não vai se cansar nunca.

Este comentário, fez Ana colocar o rosto nas circunstâncias.

— Te asseguro Samuel, que com Ana, não fico entediado nunca. — Afirmou Rodrigo.

Depois de uma agradável conversa com aquele homem encantador, Rodrigo e Ana se despediram dele, e continuaram seu caminho.

— Este era meu lugar preferido quando eu era criança. — Contou a ele. — Lembro-me que a mamãe adora nos vestir com vestidos pomposos e grandes laços para vir aqui. Minha irmã nunca se sujava, mas você deveria ter me visto.

Enquanto Rodrigo estava rindo, Ana acrescentou. — Ao final, mamãe desistiu, e deixou-me vir vestida para a ocasião.

Chegaram ao estábulo e entraram. Parando em frente a uma porta de cor verde musgo, Ana disse:

— Rodrigo te apresento a...

— Não me diga. — O interrompeu com tom zombeteiro.

— Quer saber como se chama?

— Quem?

Rodrigo apontou o animal, e Ana colocando as mãos na cintura, perguntou:

— Ok esperteza. Como se chama?

— Se teu pássaro se chama Pio, teu gato Miau e o cachorro do meu irmão você batizou de Guau, não tenho a menor dúvida que esta preciosidade se chama Jiiiu.

Ana, morrendo de rir, negou.

— Não.

— Cavalo? — Insistiu ele.

— Não.

— Então, Crinas?

— Bem, não.

— Desisto. Como se chama? — Perguntou curioso.

— Caramelo de chocolate.

— Como?

— Caramelo de chocolate.

— Mas que nome é esse para um cavalo? — Disse ele, atordoado e divertido.

— Ok, é brega, mas eu coloquei esse nome quando eu tinha doze anos. E então, naquele momento, Caramelo de Chocolate me pareceu um nome lindo.

A cada momento mais feliz por como ela o surpreendia continuamente, disse olhando o cavalo que se movia dentro do estábulo.

— Caramelo de Chocolate, prazer em conhecer!

Naquele momento, um cavalo castanho escuro, espiou por cima da porta verde e Ana segurou a enorme cabeça e começou a beija-lo. Durante uns segundos, Rodrigo permaneceu calado, enquanto ela sussurrava coisas ao animal, que parecia reconhecê-la.

De repente, o celular de Ana começou a tocar, ela leu a mensagem, e falou com resignação:

— Temos que voltar para casa. A super comida, nos espera.

Uma hora depois, eles já estavam de volta a casa dos pais de Ana. Em pouco tempo, chegaram Nana e o seu recém marido, justo no momento em que Ana discutia com sua mãe por aquele almoço inesperado. Finalmente a jovem resolveu relaxar e passar por aquilo. Não havia outra alternativa.

No total eram doze pessoas, e quando chegou a hora de sentar-se a mesa, Ana se alegrou que Warren ficou longe dela.

Rodrigo consciente do quanto que estava custando a amiga passar por isso, se prendeu a ela e não se separou um só minuto.

Enquanto isso, Frank ficou surpreso, ao observar que o namorado de sua filha olhava Warren com receio. O que acontecia entre eles?

Após o almoço, todos foram a sala para tomar café e beber licor, e como Ana estava exausta, decidiu ir descansar. Assim, depois de dar um beijo na boca do seu suposto namorado, desapareceu.

— Vem Rodrigo. — O chamou Frank.

Sem hesitar o jovem se aproximou dele, que estava conversando com mais dois homens; um deles era Warren. Durante mais de meia hora falaram de política e trabalho. Finalmente o grupo diminuiu, e só ficaram Frank, Warren e Rodrigo.

— Já me disseram com o que você trabalha. Profissão perigosa. — Disse Warren.

— Para mim é admirável. — Acrescentou Frank. — Arriscam sua vida para salvar outras, é algo excepcional, e de certo modo, uma forma de ser um herói.

Rodrigo, bebeu de seu copo, e sorriu.

— Salvar uma vida Frank, é o mais gratificante do meu trabalho. Alguém que te sorrir porque a tirou do perigo, te faz feliz. Te preenche.

Durante uns minutos, Frank e Rodrigo, falaram da importância do seu trabalho, até que Warren interveio:

— Por seu trabalho, deve estar acostumado com as mulheres vibrarem ao seu redor, certo?

— O que você quer dizer? — Perguntou Rodrigo, olhando-o.

— É que os bombeiros são ícones sexys para as mulheres de todo o mundo.

Rodrigo, sorrindo, tentou ser cortês.

— Isso é um mito.

— Você conheceu a nossa Ana em algum incêndio?

Rodrigo não gostou desse "nossa" na boca daquele homem. Na realidade, pelo o que sabia dele, deseja pega-lo e dar uma boa surra, mas por respeito a Frank, respondeu:

— Você poderia dizer que sim, mas deixo essas histórias para as mulheres.

Teresa, voltando-se para o marido, chamou-o, depois de se desculpar, afastou-se, deixando apenas Warren e Rodrigo.

— Então, nossa Ana te conheceu assim? A pequena sempre gostou da ação.

Aquele tom de voz e o sorriso malicioso, deixou Rodrigo irritado, e ficou na defensiva, ansioso para pular em seus dentes.

— O que você está tentando dizer?

Warren pegou uma garrafa de whisky e encheu o copo.

— Ela te contou que fomos um casal durante quatro anos?

— Sim.

Depois de dar um gole no whisky, Warren murmurou:

— Eu ainda me lembro, era tão...

— Você está passando dos limites. — Assobiou Rodrigo, soltando o copo com força em cima da mesa que tinha ao lado.

Feliz com a reação que tinha provocado em Rodrigo, Warren acostumado a sempre ganhar, disse:

— Talvez o que aconteceu, foi bom para você. No fim, você tem ela grávida, e sejamos honestos, será muito bom para a sua economia, casar-se com ela. Ou será que eu estou dizendo alguma mentira?

— Se você continuar a fazer esse tipo de comentário, no final conseguirá me deixar zangado. — Advertiu Rodrigo, a cada momento mais furioso.

Mas Warren, que parecia estar se divertindo, continuou:

— Claro que a nossa Ana, gosta de um homem forte como você, com a mão dura, certo?

Incapaz de conter um segundo mais a sua fúria, e sem se importar onde estava e em especial quem estava presente. Rodrigo se lançou precipitadamente até ele, sem chegar a toca-lo e o olhou com ódio.

— Se você voltar a chegar perto dela, terá que se ver comigo. Você me entendeu?

— Isto é inédito. — Berrou Warren. — Quem você pensa que é para falar assim comigo?

Rodrigo endureceu a expressão, e se aproximou do rosto de Warren. Disposto a deixar claro certas coisas.

— Para você, eu sou o namorado de Ana, e não vou deixar que chegue perto dela, e muito menos que fale dela desse jeito. Entendeu?

Frank ao ouvi-los discutir, deixou sua mulher escandalizada, observando a cena junto ao resto dos convidados, e se colocou entre eles.

— Rapazes, o que está acontecendo?

Warren, suavizando o tom, olhou o pai de Ana.

— Pergunta a ele, Frank. De repente começou a me ameaçar e dizer para eu não chegar perto de Ana ou...

“Filho da puta mentiroso” pensou Rodrigo. E sem dar-lhe tempo para terminar a frase, deu-lhe um murro na bochecha que o fez cair de costas contra o chão.

Todos gritaram horrorizados, e Teresa, é lógico, desmaiou. Os pais de Warren foram ajudar o filho. O que tinha feito aquela fera?

Enquanto isso, Lucy e seu recém marido, pegaram os sais para Teresa. Frank segurou Rodrigo, que apertava a mandíbula furioso.

— O que aconteceu? Ao que se deve isto, rapaz?

Ao ficar consciente do que havia feito, Rodrigo blasfemou.

Como ele podia ter falado assim de Ana? Mas já não podia voltar atrás, assim que olhou Frank no rosto, e antes de sair, se desculpou.

— Sinto muito, Frank. Mas se quer saber o porque de tudo, fala com Ana, e pergunta como ela conseguiu a cicatriz que tem na sobrancelha. Depois talvez, você me compreenda melhor.

Em seguida, Rodrigo terrivelmente zangado, saiu, deixando Frank atordoado. Logo a mente do homem começou a fluir, e uma raiva extrema se apoderou dele. Sem necessidade de falar com sua filha e obviamente o gesto de horror de sua mulher, se aproximou de Warren, e deu-lhe um murro que o fez voltar a cair no chão, gritou para o horror de todos:

— Espero que não seja verdade, o que eu estou imaginando, porque se for, eu te mato. Se você colocou a mão em cima da minha filha, eu te mato.

Rodrigo furioso, subiu para o quarto onde Ana descansava. Ela, ao ouvir o barulho da porta, acordou, e com o olhar sonolento, o seguiu pelo quarto, até que o viu sentar junto a janela. Durante alguns segundos o observou. Ela se divertia ao ver seu perfil sério e concentrado, até que ele a olhou e disse:

— Ana, me desculpe. Eu meti os pés pelas mãos.

Ana se sentou na cama angustiada.

— Oh Deus! Você disse a meus pais que não é o pai do bebê?

— Não.

— Então, que você disse que não era meu namorado?

— Isso também não.

Ao perceber, qual era a única alternativa que restava, Ana colocou as mãos na boca.

— Os disse que War...

— Não... mas eu acho que depois que eu o soquei deixei claro o que aconteceu.

Ana, caindo na cama, cobriu o rosto com o travesseiro para abafar um grito. Rodrigo comovido com a cena se levantou e sentou junto dela na cama. Ao sentir sua aproximação, Ana se sentou e perguntou-lhe sobre o que aconteceu. Finalmente ao vê-la tão agitada, para silencia-la colou a mão sobre a boca dela.

— Sinto muito, fui incapaz de me conter. Esse cara, começou a dizer coisas horríveis sobre você, e eu não aguentei.

— Você bateu em Warren?

— Sim... não... bem, foi só um soco, mas...

— Você bateu forte?

Confuso pela pergunta, Rodrigo concordou, e Ana, mudando a sua atitude de segundos antes, sorriu.

— Fico feliz. Ele merecia. Pena que eu não pude ver.

Ele ficou boquiaberto pelo o que ela dizia, pois havia esperado que ela ficasse com raiva dele.

— Seu pai... olhando para ela, começou a dizer.

— Não se preocupe. — O tranquilizou ela, que sorriu e tocou-lhe o pescoço com serenidade. — Não há um mal que não venha para um bem, e quem sabe já não seja a hora de saberem o que se passou e que tipo de homem maravilhoso é Warren.

Nesse momento, escutaram umas batidas na porta. Os dois se olharam, e Ana disse:

— Entre.

Com o rosto sério, Frank entrou, e depois fechou a porta, não se mexeu. Tinha ido em busca de explicações e não pensava sair até consegui-las.

Rodrigo ao ver-se entre pai e filha, que se olhavam intensamente, decidiu sair, mas Ana segurou sua mão.

— Fica comigo. — Ela pediu.

Naquela tarde Frank confirmou algo que nunca tinha imaginado. Horrorizado, ele ouviu a confissão da sua filha, e por fim soube o motivo dela ir embora para Espanha. Morto de dor por não ter se dado conta do aconteceu, Frank chorou, pedindo perdão por não ter sabido protegê-la. Ela agradecida pela reação do seu pai, o mimou. Ele não tinha culpa de nada. Ele é o melhor pai do mundo.

— Pai, não conte nada a mamãe e a Nana. É desnecessário que mais pessoas sofram por algo que já passou e que eu já esqueci.

— Filha... isso é impossível. — Disse tocando o punho direito.

— Ao se dar conta do que devia ter acontecido, fiquei furioso, e como Rodrigo, dei um soco em Warren.

— Pai!

Rodrigo sorriu e bateu as mãos com Frank. Enquanto Ana ficava pasma com aquela amizade entre eles.

— O que acontece com vocês dois? São os vingadores?

Eles se olharam, e Frank deu de ombros.

— Filha, o homem que bate em uma mulher, ele não é um homem, ele não é nada. E você tem que entender que tanto para mim e como para seu namorado fazer justiça, foi importante.

— Meu Deus! Mamãe deve estar morrendo.

— Ela está tranquila, céu. Sua mãe ao ouvir o que eu disse a esse bastardo, pegou uma cadeira, e se eu não a paro, teria matado Warren. E sua irmã arrematou jogando uma garrafa de conhaque na cabeça dele.

— Você perdeu de ver, céu!

— Papai! — Ela gritou, alarmada com o tanto que Rodrigo sorria.

— Calma, querida. — Murmurou Frank. — Todos estamos bem, embora a amizade com os Follen acabou hoje. E por conta do que devem, tenho certeza de que não comentarão nada do que aconteceu aqui. — Ao ver a confusão no rosto da sua filha morena, acrescentou:

— Por sua mãe e irmã, não se preocupe, estão lá em baixo e mais tarde falarão com você.

— Ai meu Deus! — Exclamou desconcertada.

E Frank, encantado com a força da sua filha, pegou-a no queixo para olha-la e se arrepiando, disse:

— Nunca mais me esconda algo assim.

— Não se preocupe papai, nunca mais voltará acontecer algo assim.

Rodrigo que ouvia em silêncio sorriu.

— Poderíamos ter resolvido isso anos atrás, e você nunca mais teria que voltar a ver esse indesejado. — Disse Frank.

Depois o homem trocou um olhar com Rodrigo, e se aproximou dele estendendo a mão.

— Obrigado, Rodrigo. Agora sei que contigo minha filha e meu neto estarão protegidos e cuidados.

Ana fechou os olhos ao escutar esse comentário. A cada instante a mentira aumentava mais.

Rodrigo aceitou aquela mão, e respondeu:

— Frank, só fiz o que tinha que ser feito. Eu sempre faço.

— Filho, diante isso, eu só posso dizer que o homem que trata a sua mulher como uma princesa é porque antes foi criado por uma rainha.

Ana sufocou. Se seu pai tivesse conhecido Úrsula, a bruxa que a fez se sentir como a sereia. Mudaria de opinião. Mas como não queria estragar aquele lindo momento, ficou calada.

Frank saiu, deixando os dois sozinhos no quarto.

Emocionada por ter visto seu pai chorar, olhou o homem que naqueles delicados momentos havia estado ao seu lado, e sem puder evitar disse:

— Você é incrível, e a cada dia estou mais feliz em te ter em minha vida.

Ele por nada queria quebrar a magia daquele momento.

— Eu digo o mesmo, pêssego louco.

— Obrigado por ser como é.

E antes de pensar coisas estranhas e que a assustava, tinha que dizer que o amava muito por tanto que a cuidava. Deste modo me faria saber que no fundo também me quer.

Com um sorriso arrebatador, que emocionou Ana, Rodrigo a abraçou, e enquanto respirava aquele perfume que tanto gostava, falou em seu olvido:

— É para isso que servem os amigos, para ajudar e amar uns aos outros.

Capítulo 16

No final de maio, Ana se sentia como um vulcão, prestes a entrar em erupção. O bebê se mexia como um verdadeiro jogador de futebol e os chutes que recebia as vezes a deixava sem respirar. Naquele mês trabalhou incansavelmente nos projetos que devia terminar e, sentindo-se exausta dormia sempre que podia.

Uma tarde, enquanto estava comprando umas camisetas para o bebê, seu celular tocou.

— Sim, pode falar.

— Ana... sou eu Carol.

Imediatamente reconheceu a irmã de Rodrigo e ficou surpresa com a voz entrecortada da garota.

— Céus, o que está acontecendo?

A jovem começou tão rápido, que Ana, incapaz de entender o que ela dizia, a deteve:

— Eu não estou te entendendo. Para... para. Onde você está?

— Em casa. Estou em casa, preciso da sua ajuda. Mas por favor, não diga a Rodrigo.

— Em vinte minutos estarei aí. Não se mexa.

Angustiada e sem entender o que tava acontecendo e porque não queria que seu irmão soubesse, pagou as camisetinhas e saiu em busca do carro. Quando chegou na porta da casa, chamou, e Caroline abriu de imediato e se jogou em seus braços. Quando estava dentro de casa, separando-se dela, Ana perguntou:

— O que aconteceu?

— É mamãe.

— Não me assuste. O que está acontecendo? — Disse histericamente.

Puxando-a pela mão, Caroline a levou até a sala. Ao entrar, Ana se alterou ainda mais, ao ver a bagunça que estava ali: vasos quebrados por todo o chão, cortinas retiradas, quadros caídos, e Úrsula jogada no sofá com o corpo desmaiado.

— Quando cheguei da universidade, mamãe estava como uma louca. Ela

discutiu com Ernesto, e quando brigam, ela... ela bebe, e eu no final consegui tranquilizá-la...

Ana não a deixou terminar e a abraçou. O desgosto e a angústia que estava sofrendo aquela garota sozinha, não desejava ao seu pior inimigo.

— Onde está Alex? — Perguntou, ao logo pensar no outro irmão.

— Ontem, ele foi passar uns dias com o papai. Menos mal que o pobre não estava aqui. A ultima que mamãe fez algo assim, Alex se assustou muito e ficou chorando durante um mês. — Gemeu, e olhando-a nos olhos, implorou:

— Por favor, não diga a Rodrigo. Eu não sabia a quem chamar e...

e... se ele souber que mamãe fez isso outra vez, ele vai ficar muito irritado, e eu não quero que ele fique com mais raiva do que ele já está.

— Essas manchinhas de sangue que está no tapete, de quem é?

— De Guau. — Respondeu a jovem. — Com os vidros, ele cortou uma pata, mas não se preocupe, eu o tranquei na cozinha. Logo ele vai curar.

Comovida pela dor da garota e sem poder tirar o olhar da mulher de feições duras que dormia no sofá, Ana se propôs a ajudar Caroline. Tirou o casaco, e deixando as sacolas de compras em uma cadeira, disse:

— Não se preocupe, querida. Eu vou te ajudar. Mas a primeira coisa que vamos fazer, é levar a tua mãe para seu quarto. Mas terá que me ajudar, com essa barriga não poderei fazer sozinha.

— Oh Ana, se acontecer algo com você, eu...

— Não vai acontecer nada comigo. Claro que, se sua mãe acordar e me ver aqui, eu não sei o que ela vai fazer. Você sabe que eu não sou objeto de sua devoção.

Úrsula, bêbada, era um peso morto. As duas a levantaram e foram para o quarto do primeiro andar. Uma vez que a colocaram na cama.

Carolina puxou debaixo de um travesseiro uma camisola de renda e, sem hesitação, Ana começou a tirar a roupa da mulher. Ver que a menina chorava e chorava, a angustiou.

— Eu posso fazer isso sozinha, Carol. Basta ir olhar como está Guau. Você pode ir cuidando da pata dele com um pouco de remédio? — A jovem assentiu, e Ana sorriu.

— Vai cuidar dele, enquanto eu coloco a camisola da tua mãe. Logo

desço e vamos limpar a sala.

A garota concordou novamente e, depois de dar um beijo na sua mãe, que nem se mexeu, foi embora. Ao se ver só naquele quarto com Úrsula, Ana suspirou. Não queria pensar em quem era aquela mulher, assim que tirou-lhe os brincos de pérolas e o colar, e os deixou sobre a mesa, e depois a saia, as meias e a camisa. Com cuidado passou a camisola pela cabeça, e quando estava passando um dos braços em uma manga, se fixou nas manchas que Úrsula tinha na parte superior do braço e no antebraço. Ao vê-los ficou paralisada; com a boca seca olhou o outro braço, onde encontrou as mesmas marcas. De repente os olhos dela se encheram de lágrimas. Aqueles sinais nos braço a fez recordar de algo, e isso fez se arrepiar. — O que é isso Úrsula? — Se perguntou ela, horrorizada.

Depois que se recuperou, terminou de colocar a camisola e a cobriu com o edredom. Quando fechou a porta atrás dela, suspirou, aliviada, embora só por um breve instante, porque o peso que produzia aquela horrorosa ideia que rondava sua mente, a atanazou. Estaria sendo abusada? Um pequeno ruído a fez voltar a realidade e, segurando-se com força o corrimão, desceu para cozinha, onde Caroline se dedicava a curar o cachorrinho. Quando comprovaram que o filhote estava bem, o deixaram trancado na cozinha enquanto elas limpavam a sala. Pegaram a vasoura, a pá de lixo, o aspirador e começaram a colocar ordem naquela bagunça e recolocar no lugar tudo o que havia sido derrubado. Assim foram até as dez da noite, quando ambas se sentaram esgotadas no sofá.

— Obrigado, Ana... muito obrigado por me ajudar. Não sabia a quem chamar e...

— Você fez bem em me chamar. — Disse sentando-se exausta e mesmo assim sendo incapaz de não perguntar o que vinha rondando em sua cabeça.

— Carol, como é a relação entre sua mãe e Ernesto?

A menina suspirou e tirou o cabelo dos olhos.

— As vezes parecem que se adoram e outras se detestam. Já não falam, discutem. Inclusive mamãe deixou de convidar suas amigas para casa, Ernesto não gosta e, se chega e elas estão, ele a ridiculariza continuamente. — Explicou gemendo. — Eu não sei o que se passa, mas há alguns anos é como se não fosse ela. Se tornou agressiva, pouco permissiva com nós e submissa a ele. Tudo que Ernesto faz, ela perdoa. É como se dependesse dele até para respirar. Rodrigo tentou falar com ela, mas tudo foi inútil, ela

não entra em razão. E agora, depois do que ocorreu com Candela, ele e ela não se falam, e eu... eu não sei o que fazer.

Enquanto Carol dizia aquilo, Ana se arrepiava toda.

O que descrevia, dava a entender que Úrsula, a mulher que diante dela se mostrava como uma autêntica bruxa, estava sendo maltratava psicologicamente pelo seu marido. E ao pensar nas manchas dos braços, ficou horrorizada.

Dez minutos depois, enquanto as jovens tomavam um copo de leite com biscoitos na cozinha, a porta da frente se abriu, e as duas se olharam. Momentos depois, Ernesto tão impecável como sempre, apareceu na cozinha.

— Algo errado? — Perguntou, ao ver Ana ali.

Carol mudou seu jeito, e apertando a mão de Ana, explicou:

— Ana está me ajudando a fazer um trabalho da universidade.

Sem dúvida, surpreso porque a jovem estava ali, Ernesto olhou ao seu redor.

— Onde está Úrsula?

— Dormindo. — Respondeu Ana.

— Licença por um momento. — Murmurou Carol, assustada como os dois se olhavam. — Eu vou vê-la.

Quando a jovem saiu da cozinha, Ernesto sorriu, fazendo com que as veias de Ana queimassem. Esse sorriso e a superioridade que viu naquele olhar, a incentivou a dizer sem medo:

— Você sabe muito bem como estava Úrsula esta tarde e não fez nada para detê-la. O que você está jogando?

Ernesto confuso, olhou a jovem grávida.

— Do que está falando?

— Você sabe perfeitamente. — Sussurrou incapaz de conter a raiva.

— Não, explique-me. — Disse ele com presunção, tirando o casaco azul de lã. — A que você se refere?

Ansiosa para apagar aquela superioridade do rosto dele, se aproximou sem nenhum medo de Ernesto, e antes que Caroline voltasse, retrucou:

— Úrsula hoje não teve um dia bom, você sabe, não é? Inclusive poderia ter feito uma loucura, e isso só se deve a você. — Ao ver que ele não

respondia, que se limitava a olha-la, continuou: — Eu vi as marcas que ela tem na parte superior dos braços, esses sinais unicamente só pode ter si...

— Prove-o.

Aquele desafio e o sorriso mal, confirmaram a verdade a Ana, e desejou chuta-lo na bunda. Mas nesse momento, Caroline voltou.

— Caroline, vai até seu quarto, pega o trabalho da universidade e um pijama, porque você vai dormir na minha casa, terminaremos lá.

Ernesto olhou a jovem e se dirigiu a ela com um gesto que Ana não gostou nada.

— Carolina, você pediu permissão a sua mãe? — Vendo que ela não respondia, acrescentou: — Não posso deixar você ir sem o consentimento dela.

— É maior de idade e pode decidir por ela mesma. — Replicou Ana, irritada.

Caroline retorceu as mãos, nervosa. Finalmente disse a Ana:

— Ele tem razão. É melhor que eu fique em casa no caso de mamãe precisar de algo. Terminaremos o trabalho outro dia.

— Sabia escolha. — Cantarolou Ernesto. E antes de se virar para ir para o seu quarto, ele disse:

— Carolina, quando essa jovem for embora, tranque a porta com chave. Não queremos que nenhum indesejável entre.

“Que idiota” pensou Ana, mas Carolina ficou em silêncio.

— Você tem certeza? — Perguntou Ana, uma vez que as duas ficaram sós na cozinha.

— Não gosto nada desse cara. Não confio nele, e olha o que eu te digo, Carol, não me admira que Rodrigo não fala com ele. Como você pode aguentar um homem assim?

— Mamãe o quer e...

— Mas não ver que esse ser absurdo e egoísta está destruindo sua mãe?

— Eu vejo, Ana, mas é ela que tem que ver isso. — Respondeu Carolina, com toda dor do mundo. — E diante do gesto de Ana, falou: — Fique tranquila, estaremos bem. E por favor, me prometa que não dirá nada a Rodrigo.

— Mas Carol, eu não pos...

— Me promete, por favor. — insistiu a jovem.

— Eu prometo.

Com o coração pesado, Ana colocou o casaco, pegou as sacolas com as roupas do seu bebê e depois deu um beijo na garota, e disse para ela ligar se precisasse de qualquer coisa, e foi embora. No entanto havia ficado com um gosto amargo na boca depois de prometer que não diria nada.

Dois dias depois, Nekane teve uma grande surpresa. Calvin a presenteou com uma viagem ao México. Era o aniversário da sua mãe, e aquele era um bom momento para presentear a sua princesa.

— Eu disse a Calvin, que isso era loucura. — Protestou Nekane. — Não posso ir. Falta menos de um mês para que o bebê venha ao mundo e eu...

— Neka. — Cortou Ana, olhando-a. — Quero que você vá e que aproveite essa viagem. Você merece. Você já cuidou bastante de mim, e se você voltar a dizer que não vai, te juro que ficarei brava com você e....

— Oh Deus! Mas como eu vou não ver como você está?

Alegre, Ana tocou a barriga.

— Sim. — Afirmou. — Estou gorda e gravidíssima, mas isso não tem que atrapalhar a sua viagem.

— Além disso, não se preocupe com o bebê. Com o quão bem eu o cuido na barriga, acho que vai passar do tempo.

— Mas você ficaria só. Teus pais estão em Londres. — E apontando um dedo, disse: — Se quer que eu vá, chamarei sua mãe para que venha ficar aqui com você.

— Como fará isso? — Ameaçou Ana. — Te juro, se você fizer isso, nunca mais na minha vida eu volto a falar com você. Você quer que eu fique louca, ou o que?

Nekane sorriu e sentou-se junto a sua amiga.

— É brincadeira, boba, mas vamos ver. Pensa! Se você estiver só e acontecer alguma coisa, quem vai te ajudar?

— Neka, por Deus! Tenho a Encarna, Popov, Esmeralda e até Rodrigo. Tenho certeza de que qualquer um deles me acudiria rapidamente a um telefonema meu. Não me faça sentir mal, por estragar sua viagem. Vai embora.

Não muito convencida, Nekane olhou a Ana e concordou. Não achava

graça, mas ela tinha razão.

— Ok, eu vou, mas antes vou me certificar de que estejam todos, em volta de ti, vinte quatro horas por dia, e quando eu voltar, juro que vou cobrar um a um.

— Por Deus! Que merda.

— Se quer que eu vá, será sob essas condições. Certo?

— Certo, princesinha, de acordo.

Dois dias depois, ambas as amigas se despediam, entre beijos e abraços, no aeroporto de Barajas, diante da cara de felicidade de Calvin. Quando Ana chegou em casa, atendeu varias chamadas do trabalho, antes de tocar a campainha da porta.

— Oi, minha linda! — cumprimentou a vizinha. — Você está sozinha?

— Sim, mas não se preocupe, estamos bem. — Diz, tocando a barriga.

— Eu estou indo ao supermercado, to indo comprar o pão. Quer que eu compre algo para você?

Ana pensou, mas no final disse:

— Eu tenho pão congelado, Encarna. Para hoje é o suficiente.

— Ok. — Concordou a vizinha. — Mas se você precisar de alguma coisa, me chame.

Ana assentiu alegremente, fechando a porta. Justo nesse momento, seu celular tocou. Eram Popov e Esmeralda.

— Tudo bem por ai, Plum Cake?

— Sim, tudo maravilhosamente bem.

— Está sozinha?

— Claro. — Respondeu. — Neka já se foi.

— Você precisa de alguma coisa?

— Nãooooo.

— Tudo bem. — Respondeu Popov, rindo. — Mais tarde te ligamos novamente.

— Tá certo. — Respondeu Ana. — Mais ainda assim, não é preciso que me ligue vinte vezes. Se eu precisar, eu ligo pra você.

Depois de desligar, sorriu. Nekane os fez aprender bem a lição e os fez perceber o que esperar daquelas semanas. Cerca das três da tarde, depois

de ter revisado umas fotos, Ana ia preparar alguma coisa para comer, quando a campainha tocou. “Encarna”, pensou, mas ficou boquiaberta ao abrir a porta.

— O que você tá fazendo aqui?

Rodrigo deu-lhe um beijo na bochecha e entrou com várias sacolas nas mãos.

— Prometi a Nekane e a Calvin que cuidaria de você e a melhor maneira de fazê-lo é ficar aqui contigo enquanto Nekane não está. — Ao ver seu rosto surpreso, disse: — Eu comprei um frango para comer e agora só falta você me dizer que eu posso me instalar no quarto de hospedes.

— Você ficou louco? — Perguntou, espantada.

— Não. Só pretendo ficar perto de você, caso precise de ajuda. Já sabe, aura dourada, protetor! — Ele brincou. Vendo como ela o olhava, ele disse: — Vamos lá, nosso dia continuará igual. Você com seu trabalho, e eu com o meu. A única diferença será que estarei aqui contigo quando não tiver trabalhando e...

— Mas você tem sua vida. Tem seus compromissos, suas coisas, e você estando aqui comigo, vou atrapalhar seus rolos, e...

— Fique tranquila. — A interrompeu, aproximando-se dela. — Não ter encontros durante uns dias, é superável. Tomarei de volta quando os amantes voltarem.

Ana não sabia se estava com raiva ou agradecida. Por um lado ter Rodrigo tão perto, era um deleite, mas por outro, era uma tortura. No final sorriu e decidiu aproveitar o momento. Embora quando Neka voltasse diria umas coisas a ela. Uma vez que Rodrigo deixou suas coisas no quarto de hospedes, foi até cozinha e pegou o pacote que tinha levado.

— O que você prefere coxa ou peito?

— Peito. Tem batatas?

— Sim. Em dobro, pois te conheço. — Assentiu divertido.

— Pois quero peito, batatas e anchovas, mas só se estiver crocantes.

— Você pode comer os dois, eu não gosto muito.

— Ótimo!

Ana se movendo pela pequena cozinha, pegou dois copos limpos.

— O que você quer beber?

— Água.

— Só água?

— Só. Mas agora você senta e deixa que eu me ocupe de você. — Disse, lavando-a até o sofá.

Quando já estava sentada, Rodrigo se aproximou do balcão, pegou a toalha de mesa, uma garrafa de água e dois copos e colocou sobre a mesa.

— Para. — Gritou Ana.

— O que foi? — Perguntou olhando-a surpreendido.

Ela se levantou do sofá, pegou uns porta copos e colocou sobre a mesa.

— Sou uma maníaca. Odeio que fiquem as marcas dos copos. Portanto... aí, estão os porta-copos. E sempre que quiser tomar algo, use-os.

— Certoooo.

De bom humor, Rodrigo voltou para cozinha e encheu os pratos de comida, em seguida se aproximou dela, e deixou sobre a mesa.

— Desfrute da sua refeição! — Disse.

Ao olhar o prato de Rodrigo e ver o outro peito, as duas coxas e as batatas, Ana perguntou:

— Você vai comer tudo isso?

— Sim!

— Uau, você come bem.

— Eu gosto de comer. — Sorriu ele, alcançando sua comida.

— Então, se você come muito. — Falou, depois de comer um pedaço de frango. — Terá que trabalhar muito na academia, para manter o corpaço que você tem. Certo?

— Você acha que eu tenho um corpaço? — Perguntou ele sorrindo.

Vermelha como um tomate, ela não sabia para onde olhar, mas ele esperava por uma resposta, assim assentiu.

— Sim... acho que tem um bom físico.

— Os bombeiros, geralmente, fazem bastantes esportes para se manter em forma. Você não sabia?

— Sim.

Como ela se calou, Rodrigo não voltou mais a perguntar sobre aquele

assunto, mas se fixo em uns CD´s que estavam em cima da mesa.

— O que é isso?

— Alguns dos meus filmes favoritos.

— Quais são? — Perguntou com curiosidade, antes de colocar uma grande porção de frango na boca.

— Outono em Nova York e Doce Novembro. — E ao ver como ele a olhava, acrescentou: — E antes que me diga, que não gosta desses filmes e eu gosto de assisti-los, ainda que... bem... os finais são fortinhos.

— Fortinhos? Do que se trata?

Ao vê-lo tão interessado, olho-o e acrescentou antes de colocar a batata na boca, disse:

— Ah, não vou te dizer. Se você quiser saber terá que assisti-los.

Naquela noite, justos no sofá, assistiram Doce Novembro, e Rodrigo com o coração pesado pelo tema do filme, viu Ana chorar inconsoladamente, enquanto ele em algumas ocasiões fazia esforço para controlar as lágrimas. Ele não chorou, e tentou consola-la, mas rejeitou suas palavras com grunhidos. Ele perguntou mil vezes se parava ou tirava o filme, mas ela com a voz fraca negava com a cabeça, e chorava e chorava.

Uma vez que terminou o filme, ao vê-la soluçando ao seu lado pergunto-a:

— Mas, como você pode assistir isso? É deprimente!

Assoando o nariz, engoliu o nó de emoções que aquele filme lhe causava sempre que o via, e murmurou congestionada:

— Não é deprimente.

— Mas pêssego louco, você não parou de chorar.

— Esse filme, é uma bela história de amor, em que duas pessoas se conhecem, se apaixonam, e uma... uma maldita doença os separa, você não viu? — Se levantou gemendo perante o gesto de desconcerto dele. — Você não viu que merda às vezes é a vida?

Quando finalmente eles são felizes, quando finalmente encontram a pessoa que os complementa e que os faz sorrir em qualquer momento. Bam! Uma desgraça rouba tudoooo, e.... e nada se pode fazer, exceto aceitar que tem que continuar vivendo sem essa pessoa que te ilumina e que com a sua inocência te ama, e.... e.... Oh Deusssss!

— Venha, venha, não fique assim, é só um filme.

— Sim... é só um filme. — Repetiu entre soluços. — Mas esse filme é uma história, e eu tenho certeza, que infelizmente, há no mundo casos como esse, e eu...eu...

Assustado com o choro de Ana, estava prestes a responder, quando ela se levantou do sofá com o cabelo emaranhado e o nariz vermelho como um tomate e disse sem deixar que ele falasse:

— É verdadeiramente deprimente escutar e sentir, que você não tem coração. Você terá todo o sexo que quiser, terá centenas de coisas banais e absurdas, mas nunca, nunca! Chegará a amar, nem ser amado, como acontece nessa bonita, comovente e alucinante filme, porque nunca saberá o que é viver e alimentar-se de amor.

E então, se virando e deixando Rodrigo totalmente deslocado, foi dormir.

Durante aqueles dias que passaram juntos, compartilharam risadas, confidências e momentos de tranquilidade. Ana descobriu que Rodrigo gostava de ler sobre motociclismo, odiava geleia de framboesa e era louco por purê de batatas. Ele descobriu que Ana gostava de tomar leite com chocolate antes de ir dormir, que acordava todos os dias de excelente humor e que adorava chorar assistindo filmes tristes.

Uma tarde que Rodrigo tinha chegado do trabalho e havia ido diretamente para o banho enquanto Ana terminava um trabalho no laptop, chamaram na porta da casa e ela se levantou e foi abrir.

— Olá, bonita! — Cumprimentou Encarna. — Você está bem?

— Perfeita.

— Te trouxe um pouquinho de lentilhas. — Cochichou apontando para um enorme pote azul. — Elas têm muito ferro.

— Um pouquinho? — Zombou Ana ao ver o tamanho do recipiente.

— Bem, tá certo, fiz uma boa quantidade e aproveitei para colocar uns punhadinhos a mais para você e o bombeiro bonito. Por certo tem algo para contar?

— Encarna... quanto mais penso, mais quente eu fico.

— Uhh, filha! Como pode não ficar, com um homem desse ao lado.

As duas riram.

— Ele só está aqui para caso eu precisar. Nada mais. — Declarou Ana. —

Mas, isso acontece. Não fique aí parada na porta.

A jovem deixou o enorme recipiente sobre o balcão da cozinha.

— Quer um cafezinho?

— Não querida, já passa das sete, e se eu tomo, não prego o olho toda a noite e fico pensando besteiras. O que você tá fazendo?

— Terminando um trabalho.

— Ah, então já vou, você está ocupada.

Nesse momento a porta do banheiro se abriu e saiu um deslumbrante Rodrigo, vestido unicamente com uma toalha ao redor da cintura e o cabelo molhado.

— Ohhh! — Murmurou a mulher, olhando-o.

Ana sorriu, e Rodrigo, ao ver ali a vizinha que gostava tanto, sem se importar com sua aparência foi até ela para cumprimentá-la.

— Encarna, que bom te ver por aqui!

A mulher corada pela presença e a nudez de Rodrigo, estendeu a mão e segurando o recipiente de plástico, disse com a voz baixa:

— Eu trouxe lentilhas!

— Hummm, que delícia! — Assentiu Rodrigo, percebendo o constrangimento de Encarna e o rosto de zombaria de Ana. — Melhor eu ir me vestir, se não pegarei um resfriado.

Disse isso, virou-se e desapareceu pelo corredor. Quando Ana ouviu a porta do quarto se fechar, pegou o pote de lentilhas das mãos de Encarna e o deixou de novo no balcão.

— Terra chamando Encarna... terra chamando encarna.

Voltando a si, a mulher, ainda chocada pelo o que havia visto, olhou para jovem.

— *Que caralho*! — Murmurou abanando-se com a mão. — Nunca tinha visto um homem em tão pouco pano. — Ana riu, e a outra disse: — Anda, me dá um copo com água, que fiquei com a boca seca.

Ana encheu um copo e deu-lhe. Achou a reação de Encarna muito divertida.

— Isso não é impressionante?

— Sim, sim, sim. Embora seja ruim, que eu com a idade que tenho, o

diga: se eu tivesse trinta anos menos, mas hoje não sou mais mocinha. — Boquiaberta por aquela revelação, Ana começou a dizer algo, quando ela acrescentou:

— Sim filha, sim... eu vou morrer sem provar de um homem.

As duas riram.

— Você viu que braços tem esse menino? — Sussurrou Encarna.

— Oh, sim! Claro que os vi.

— E essas pernas grandes e musculosas. — Continuou a mulher totalmente alucinada. — Não me admira que perdesse o senso comum. Tirou a mim que poderia ser sua avó. E me pergunto, você continua gostando, não é?

— Não... — Mentiu. — Hoje o vejo apenas como amigo.

— Filha... Você está bem da vista?

— Perfeitamente... embromou Ana.

— Pelo amor de Deus! Você tem esse pedaço de homem todas as noites em casa e não pensa em coisas sensuais e pecaminosas?

— Encarna!

— E anda sempre assim pela casa? Desnudo?

— Não. — Negou Ana rindo e olhando sua deslocada vizinha.

— Ele estava tomando banho e havia saído do banheiro.

— Pois me diga que horas ele toma banho todos os dias, para trazer-lhes um tupperware.

Nesse momento a porta se abriu e, dois segundos depois, Rodrigo apareceu na sala, vestindo bermudas cor de caqui e camisa marrom.

Consciente que a mulher estava mais calma se aproximou dela.

— Quando você vai nos fazer donuts? Tenho certeza Encarna, que são os melhores donuts que eu já comi em toda minha vida. Sem falar nas panquecas. Deliciosas!

Com uma vaidade que até agora a mulher nunca havia mostrado, tocou o cabelo e, virando-se para sair, disse:

— Se quiser, amanhã mesmo faço. Só tem que me pedir.

Dito isto, a vizinha saiu, e Ana com um sorriso provocador, sussurrou, fazendo-o rir:

— Quero saiba que a partir de hoje, teremos um fornecimento de donuts e panquecas para a vida toda.

Os dias se passaram e a conexão entre eles foi se consolidando. Encarna, com bem disse Ana, se encarregou de que nunca os faltasse comida, e ele encantado, as devorava. Não era raro ver aquela mulher e Rodrigo chegarem juntos do supermercado conversando e rindo.

Uma tarde que estava sozinha em casa, Ana escutou um zumbido. Surpresa com aquele beep, olhou ao seu redor, até que encontrou o celular de Rodrigo caído no sofá. Tocou durante uns segundos, mas ela não o pegou. Quando parou o som de aviso, sorriu e voltou ao seu trabalho, mas segundos depois começou a tocar de novo. Dessa vez o pegou e na tela leu "Colégio Alex". Naquele instante, sem hesitação, atendeu a chamada.

— Olá, boa tarde! — Disse a voz de um homem que perguntava por Rodrigo Samaro. — Confusa e sem saber o que realmente dizer, respondeu:

— Sim, este é o seu celular, mais não pode atender nesse momento.

— Temos urgência em falar com ele. — Insistiu o homem. — Sou do conselho do colégio do seu irmão, Alejandro Samaro.

— Tem alguma coisa errada com Alex? — Perguntou preocupada.

O homem que estava do outro lado da linha, ao escutar aquela pergunta, respondeu com outra:

— Com quem eu falo? Desculpe a pergunta, mas você não for um familiar, não posso dar informações.

— Sou Carolina Samaro, irmã de Rodrigo e Alex. — Mentiu.

— Oh! É um prazer senhorita. Olha temos um problema. Estamos ligando para sua casa e ninguém atende. Seu irmão Alex está esperando que sua mãe venha busca-lo a cerca de duas horas, e o menino está bastante angustiado. O colégio fechou já faz uma hora e como seu irmão Rodrigo nos deixou ordem para que quaisquer coisas o telefonassem, pois esse é o motivo da ligação.

Com rapidez Ana pensou em uma solução.

— Não se preocupe, meu irmão e eu passaremos para busca-lo no colégio. Deve ter acontecido algum imprevisto para mamãe. Aliás você poderia me recordar o endereço?

Ana anotou em um papel, os dados que o homem disse e desligou. Rapidamente ligou para o batalhão dos bombeiros para falar com Rodrigo,

mas disseram que ele havia saído para atender um aviso. Então, telefonou para Carolina, mas o telefone estava fora de área ou desligado, deixou uma mensagem no correio de voz. Pensou em localizar o pai de Rodrigo, mas não tinha seu telefone e não queria bisbilhotar no celular de Rodrigo. Finalmente pegou o carro, e dirigiu ao endereço que havia anotado.

Ao chegar, como bem disse o conselheiro, o colégio estava fechado. Seguindo os cartazes que viu, deu com uma pequena recepção, encontrou lá, um senhor lendo um jornal.

— Olá! Boa tarde. — Cumprimentou Ana. — Vim pegar Alex.

O conselheiro que não a conhecia, assentiu, e abrindo a porta disse:

— Alex... já vieram te buscar.

Quando Ana viu o rosto assustado do jovem, uma ternura irreprimível a fez correr até ele e o abraçasse. Ele olhou assustado, e Ana, com cuidado, sussurrou depois de beija-lo.

— Calma querido. Eu te levarei para casa.

Alex não falou, só balançou a cabeça.

Uma vez que saíram do colégio, entraram no carro de Ana, e ela tentou brincar para arrancar um sorriso dele e dirigiu até a sua casa.

Quando chegaram, Alex pulou do carro e correu pela escada até a porta. Chamou mais ninguém abriu.

— Mamãe... talvez esteja dormindo.

— Claro, querido. — Murmurou Ana, olhando ao redor.

— Deve ter tirado uma soneca, e não se deu conta da hora que é.

Nesse momento, o celular de Ana tocou. Era Carolina. Depois de contar o ocorrido, a jovem, apressada, disse-lhe que estava a caminho, em dez minutos estaria lá. Quando desligou o telefone, Alex estava a olhando e mostrava-lhe uma chave.

— De onde você tirou isso?

— Daqui. — Disse ele, colocando a mão em umas plantas secas.

— Po... podemos entrar. Esta é a chave de e.... emergências.

Pegando-lhe as chaves das mãos, Ana abriu e, ao entrar, disse com rapidez:

— Alex, me traz um copo de água?

Quando o menino foi para a cozinha, Ana entrou rápido na sala e ao ver que o lugar estava intacto. Ao se virar, se encontrou com o jovem, e bebeu em um gole o copo de água que ele a oferecia.

— Senta-se na sala. Vou ver se sua mãe está tirando uma soneca.

Alex obedeceu, e ela subiu a escada. Uma vez que estava em frente a porta do quarto de Úrsula, bateu, mas ninguém respondeu. Assim abriu a porta, e ao colocar a cabeça para olhar, não se surpreendeu ao encontrar a mulher deitada na cama. Rapidamente se aproximou dela, verificando seu pulso, respirou. Estava viva, mas bêbada. Dois segundos depois, abriu a porta do quarto e entrou Carolina, que ao ver sua mãe daquela maneira, começou a chorar.

— Não... não... não. — Disse rapidamente Ana, abraçando-a. — Agora você não pode chorar. Alex está lá em baixo, e se vir sua mãe assim, se assustará muito. Vem. Vamos coloca-la no chuveiro. Isso e litros de café a despertará.

As duas a levaram para o banheiro, e com roupa e tudo, a colocaram na banheira e com cuidado ligaram o chuveiro. Minutos depois, Úrsula reagiu. Durante duas horas, elas tentaram que ela deixasse de ser uma inútil para que fosse uma nova mulher. Nesse intervalo de tempo o celular de Ana tocou mais de uma vez. Era o número de trabalho de Rodrigo, mas ela não atendeu. Não saberia o que dizer. Finalmente, as nove e meia da noite, conseguiram descer com Úrsula para a sala. Alex ao ver sua mãe, sorriu e a abraçou.

— Mamãe! Estava ti... tirando um pequeno cochilo.

A mulher envergonhada, assentiu e o abraçou. Depois se sentou no sofá. Carolina ao ver o olhar da sua mãe, pegou a mão do seu irmão, e disse:

— Vem, vamos fazer algo para jantar.

Quando Úrsula e Ana ficaram sós, a mulher fixou seus impactantes olhos azuis na jovem.

— Te agradeço pelo que fez. — Murmurou — Estou envergonhada que...

Comovida por aquela mulher que havia encontrado em estado embriagado dizia, se aproximou dela e, sem pensar, se sentou ao seu lado.

— Talvez eu esteja me metendo onde não devia, mas eu só posso te dizer para fazer algo para mudar essa situação, ou isso os destruirá a você e a sua família.

— Não sei do que você está falando. — Balbuciou a mulher.

— Olha, senhora, sou a última pessoa que tem de falar disso com você, mas entendo pelo o que tá passando, e antes que me diga um monte de insulto, quero que saiba que conheço a espiral em que se move. Só você pode sair dessa espiral, porque se continuar, a levará a destruição. Isso não é benéfico nem para você e nem para os seus filhos. Eles não são bobos, cedo ou tarde, vão se dar conta do que está acontecendo. Hoje teve sorte em não ter nenhuma marca em seu corpo, mas pode ser que da próxima vez, Carolina as veja e...

Sentindo-se completamente deslocada, a mulher colocou as mãos no rosto e começou a soluçar. Não queria a jovem lhe perguntasse o evidente, mas ao sentir a mão dela no seu braço, secou as lágrimas e sussurrou:

— Por favor... não quero que Rodrigo saiba disso.

— Pode ficar tranquila, guardarei seu segredo, mas se não solucionar o problema, no final terei que contar a ele. Entenda o meu lado, de souber que sei; não quero que ocorra algo e eu me sinta culpada o resto da minha vida por não haver dito nada. Pense em seus filhos. Em especial, Carol e Alex. Eles vivem com você. E não se esqueça de Rodrigo, ele, sem saber a verdade do que está acontecendo, cada dia está mais perto de descobrir, e se ele souber o que eu sei, asseguro a senhora que...

— Eu sei... eu sei...

O celular de Ana voltou a tocar. Era o número da sua casa, e com certeza era Rodrigo. Dessa vez ela atendeu.

— Foda-se Ana! Te telefonei mil vezes. Fiquei preocupado. Onde você se meteu? Você está bem?

Distanciando alguns metros de Úrsula, que a observava, tirou o cabelo do rosto e tocou a orelha.

— Ah, eu sinto muito! Acabo de ver suas chamadas perdidas. Estava com uma amiga tomando algo em um local e não devia ter cobertura. Eu estou com seu celular. Você esqueceu no sofá.

— Brilhante! Pensei que havia perdido. — E então se lembrou de algo. — Me disseram que você telefonou ao batalhão, perguntando por mim. Aconteceu alguma coisa?

A jovem rapidamente olhou para Úrsula, e convencida que não devia dizer nada, respondeu:

— Era para dizer-te... que havia ficado com essa amiga e não se assustasse quando chegasse em casa. Mas estou bem, e dentro de um tempinho chego aí.

— Quere que eu vá te buscar?

— Não... não Rodrigo... não venha, tenho meu carro. Prepara algo para a jantar, que vou chegar com uma fome voraz.

— Que estranho! — Exclamou ele rindo. E antes de desligar, disse: — Tenha cuidado ao dirigir. — Sorrindo, Ana desligou o celular.

— Era meu filho? — Perguntou Úrsula.

Não estava disposta a mentir, assim a olhou e assentiu. Enquanto, pegou o celular de Rodrigo do seu bolso e apagou as chamadas de entrada e saída. Apagou todas as provas do ocorrido, não querendo que ele soubesse.

— É um bom rapaz... muito bom. — Ana sorriu.

— Sim senhora, é maravilhoso. — Uma vez que tinha apagado as chamadas, voltou a guardar o celular no bolso. — Esses dias que minha companheira de casa não está, ele se preocupa que eu esteja bem. Mas fique tranquila, não se alarme, entre seu filho e eu não há nada mais que amizade.

Úrsula assentiu.

— Rodrigo sempre foi especial, atento e maravilhoso com todos nós, e eu... eu o decepcionei como mãe.

Ana não quis entrar nesse assunto porque sabia que o que dizia Úrsula estava certo. Ele havia contado a ela.

— Deveria sentir-se orgulhosa dele por quem é. Sabe o que disse meu pai, quando Rodrigo me defendeu diante um problema? — Úrsula negou com a cabeça, e Ana prosseguiu: — Que agradecia-lhe por me tratar como uma princesa porque isso significava que havia sido criado por uma rainha. E eu, acredito que foi assim, só que essa rainha perdeu a direção da sua vida e tem que voltar a recuperar. Você já sabe por que tem que voltar a recuperá-la. Porque na vida tropeçar é permitido e levantar é obrigatório.

Aquelas palavras emocionaram Úrsula, ainda mais vindo da garota que ela tinha tratado com tanto desprezo. Foi responder, mas nesse momento entrou Carol e, olhando sua mãe, duvidosa perguntou:

— Se importa se eu convidar Ana para jantar?

A jovem não esperou a resposta, se adiantou e pegou o celular.

— Obrigado, mas não. É tarde e estou desejando chegar em casa.

Então com a mão disse adeus a Úrsula, e Carol a acompanhou até a porta. Quando a mulher ficou sozinha na sala, emocionada pelas palavras que Ana havia dito, chorou. A coerência daquela jovem, que a havia comparado com uma rainha quando se sentia uma merda, era um sopro de ar fresco que pensava em aproveitar.

Capítulo 17

Nas noites em que Rodrigo não trabalhava; ele adorava preparar algo para o jantar com Ana para depois sentar e ver a série favorita dela <<Grey's Anatomy'7b9'7d>. Como de costume Ana chorava durante o capítulo, ele ria e ela dava cotovelada para que parasse de rir. A jovem tinha omitido o que havia ocorrido dias antes com Úrsula. Não queria levantar mais bolhas.

Quarta-feira, Rodrigo chegou às nove da manhã do trabalho. Tinha tido um turno complicado e depois de descansar por algumas horas e comer, fez uma revisão. No hospital, ficou sem palavras quandofizeram um ultrassome viu o rosto do bebê; e quando a passaram a uma sala para monitorá-la e ela lhe explicou que aquilo que parecia o trote de um cavalo era o coração do pequeno, ele ficou petrificado. Aquele mundo era novo para ele e tudo lhe surpreendia como a um pai de primeira viagem. Uma vez que a doutora lhes disse que tudo estava sob controle e o bebê em perfeito estado, decidiram ir passear pelo Retiro. Sedentos, compraram umas bebidas e se jogaram na grama para tomar sol.

Tudo o que Rodrigo fazia com Ana era para ele novo e divertido. Sempre, sua prioridade era simplesmente estar com ela, e isso, de certo modo, o assustava. O que acontecia? Por que preferia ficar no sofá vendo um filme com ela a estar com outras mulheres? Mas, disposto a não pensar nisso, se deixava levar e disfrutava do momento.

Aquela noite, enquanto estavam jogados no sofá, ele lendo uma revista de motos e ela um livro, Ana deu um sobressalto de repente.

— Que foi? — Perguntou, olhando-a.

— Aiii!!! Que chutão! — falou levantando. — Acho que ele tem fome.

Rodrigo sorriu, mas ao vê-la aparecer com os potes de nutella e picles levou as mãos à cabeça.

— Por favor, Ana, como pode comer isso?

— Eu adoro! Quer?

— Nem louco. — Aquela mistura lhe parecia repugnante.

— Pois você está perdendo. Sobra mais pra mim. Por certo, me prepara um copo de cola cao'7b10'7d.

— Mas não vê que vai te fazer mal? — Comentou ele, assustado por ela misturar comida desse modo.

— Que nada... Sentando junto dele, começou a rir. — Vamos ver. Sei que é uma sujeira, mas fico louca com o sabor que tem. Imagino que são coisas dos hormônios.

— Por que joga toda a culpa nos hormônios?

— Porque sim. — E ensinando o livro que lia, intitulado Por que me sinto estranha estando grávida?Acrescentou: — Aqui falam que os hormônios são...

— Sim, os culpados de tudo — se engraçou ele.

— Ok. Calarei. Não quero discutir.

Ele bagunçou o cabelo alegremente.

— Pêssego louco, eu também não quero discutir.

— Ok. Pois me deixa ler e maldizer os malditos hormônios enquanto como picles com nutella.

Sem dizer mais nada, cada um continuou com o que fazia, até que ela, levantando, murmurou enquanto caminhava para o banheiro:

— Já estou mijando outra vez. Por Deus, vou me desidratar de tanto mijar.

Rodrigo riu. Ana era tão divertida em seus comentários que era impossível não rir.

Aquela noite, como todas as anteriores, cada um se foi para sua cama, mas perto das quatro da manhã Ana notou que as pernas estavam molhadas. Acordou sobressaltada e pensou: Deus! Estou mijando na cama. Rapidamente se levantou e, horrorizada por ver que não podia conter-se, correu para o banho. Mas uma vez dentro soube que tinha sujado a água. Assustada, se sentou no vaso e esteve um bom tempo sem saber o que fazer. Segundo o previsto, faltavam três semanas para que o bebê nascesse.

— Deus! Isto não acaba — Murmurou ao ver que o mijinho parecia não ter fim.

Olhou-se no camisolão, que estava olhado, e tirou a calcinha. Estavam

empapadas. De repente, uma contração lhe fez arregalar os olhos. Quando aquela dor parou, sem importar com seu aspecto, se levantou do banheiro e entrou no quarto de Rodrigo, que com o barulho acordou.

— Ai, Deus!

— Que aconteceu?

— Acredito... Acredito que o bebê quer sair.

— Como?! — Gritou, desconcertado, e acendeu a luz.

— Deve ter rompido a bola porque o mijinho não parae...., e...Oh! Deusssss, que dorrrrr!

Levantou rapidamente, atordoado, e ao ver que ela contraía o rosto, a agarrou e fez com que se sentasse na cama.

— O que sente?

— Acho..., acho que estou tendo contrações. Temos que ir ao hospital.

Rodrigo se vestiu depressa, com os batimentos a mil. Depois de por os sapatos, olhou Ana e lhe deu a mão.

— Vamos.

— Não pensa que vou sair de casa desse jeito — Contestou ela, retirando a mão.

— Mas não me disse que temos que ir ao hospital?

— Sim, mas desse jeito?

— Falou.

Nervoso por ver-la de repente tão relaxada em um momento assim, sussurrou:

— Ana..., está em trabalho de parto! Vamos.

— Não grita comigo.

— Não estou gritando — Se defendeu ele. — Só te digo que temos que ir ao hospital.

— Me parece perfeito — grunhiu, recomposta da contração. — Mas não penso em ir com um camisolão mijado e sem calcinha, me ouviu?

— Ok, ok... Que quer que eu faça?

— Ajuda-me a chegar ao meu quarto.

Com cuidado, ambos caminharam até o quarto dela e, ao chegar, uma

nova contração cruzou o corpo de Ana, paralisando-a.

— Estou ficando histérico. — Resmungou, olhando-a.

— Pois relaxa porque tenho que me vestir — respondeu quando a dor aguda tinha passado. Mas incapaz de levantar-se, disse, mostrando o criado mudo: — Abre a gaveta e me dá uma calcinha.

Ele fez o que ela mandava, e ao pegar uma calcinha de corações, que desdobrar-se se converteram em uma calçola de cós alto, perguntou com ironia:

— Chama isto de calcinhas?

Arrancando-a das suas mãos, lhe olhou com cara de poucos amigos enquanto a vestia.

— Se te ocorre dizer mais uma bobagem se cale!

Ele, tentando não rir, assentiu.

— Agora me dê do armário uma camiseta e a calça jeans que está pendurada na direita.

De imediato, Rodrigo fez o que ela dizia.

— Merda..., acabei de empapar a calcinha de novo! — Exclamou ela quando ele já estava lhe dando a roupa. — Mas o que tem aí, as Cataratas do Niágara?

Sem querer olhar-la foi ao banheiro dela e depois de mexer entre suas coisas saiu com um pacote de absorvente. Depois, abriu de novo a gaveta de calcinhas e, depois de ver a faixa de vaquinhas e rir disse:

— Toma uma calcinha seca.

— Menos sacanagem, fofo!

Sem fazer caso, disse:

— Também te trouxe absorvente caso queira utilizar.

— E quem te pediu, absorvente?

Desejoso de matá-la por seu mau humor e pela contenção que via nela apesar de seu aparente susto no rosto murmurou:

— Quer por isso de uma fodida vez para que eu possamos ir ao hospital?

— Conversa direito, eh? Que aqui a prestes a dar a luz sou eu! — Gritou histérica.

— Ok... — resfolegou, e consciente do medo que via em seu rosto,

repetiu: — Por favor, Ana, se apresse para que possamos ir ao hospital.

A jovem tentou tirar o camisolão, mas estava tão nervosa e bloqueada que apenas tinha força para tirar dele. Rodrigo a ajudou, e quando ficou totalmente pelada diante dele e viu como este cravava a vista em seus grandes peitos, gritou:

— Para de olhar meus bicos! Já sei que estão horrorosos escuros e enormes, masé algo da gravidez.

— Vá se foder, Ana! Quer deixar de grunhir e terminar de vestir-se?

— E você quer deixar de olhar-me com essa cara de oh Deus, que gorda!

Sem responder continuou vestindo-a, e quando conseguiu levá-la ao corredor, uma nova contração lhe fez encolher o rosto.

— Pega a bolsa do bebê — disse Ana justo antes de sair.

Rapidamente, Rodrigo a pegou e saíram de casa. No carro, Rodrigo ia alterado. Acelerava cada vez que ela contraía o gesto de dor e avançava os semáforos vermelhos.

— Que saiba que não penso em pagar por essas multas — protestou Ana.

— Quer fechar o bico?

Quando chegaram ao hospital a Milagrosa parou na emergência e ajudou-a a sair. O guardaque assumiuo convidou parasair paraestacionar o carro. A principio, Rodrigo se negou; não queria deixar-la sozinha sob nenhum motivo. Mas diante da insistência dela, ao final, por não ouví-la, e saiu.

— Efetivamente rompeu a bolsa e dilatou quase três centímetros — lhe disse a médica de guarda ao reconhece-la.

— Mas..., mas... — sussurrou, desconcertada. — Ainda faltam três semanas para a data em que o bebê tinha que nascer e...

— Não se preocupe. Tenho certeza eu seu bebê nasce com saúde e com força. Se faltasse mais tempo me preocuparia, mas três semanas não é algo para se assustar. — E dando a volta, a ginecologista disse a uma jovem enfermeira: — Interne-a e lhe preparem para o parto porque pelo que vejo este bebê tem vontade de nascer. Veio sozinha?

— Não— Conseguiu balbuciar.

— Melhor. — E entregando uns papeis, lhe explicou: — Seu acompanhante deve passar pela recepção para preencher a ficha. E vamos,

ânimo que vai ter um bebê precioso.

Com o susto estampado no rosto, Ana se deixou guiar pela enfermeira, enquanto que por sua cabeça passavam centenas de perguntas; por exemplo, se já devia chamar seus pais. Mudou-se de roupa e se pôs um camisão, e quando chegou Rodrigo a enfermeira que lhe acompanhava lhe indicou que devia descer para fazer a ficha. Ele voltou a andar. Quando subiu, em torno depois 20 minutos, Ana ofegava e suava como um frango.

— Como está?

— Feito uma merda — murmurou entre fôlegos. E com os olhos cheios de lágrimas, disse, desconsolada: — E ainda me disseram que não podem me aplicar peridural.

— Por quê?

— A médica disse que como a dilatação está sendo rápida não vou precisar.

Rodrigo assentiu. Não sabia nada sobre partos, peridurais nem essas coisas, por isso pegou sua mão e sorriu.

— Vamos..., sorri.

— Isso é muito fácil dizer. Queria ver você no meu lugar — protestou Ana enquanto retorcia a mão.

Convencido pelo seu gesto de que aquilo tinha que doer bastante, tentou acalmá-la.

— Pensa positivo. Hoje vai conhecer o bebê.

— Simmmmmm — respirou, retorcendo-se de dor.

Segundos depois, a dor diminuiu, mas o susto no rosto dela continuava. Rodrigo, disposto a ajudá-la em tudo o que ele pudesse, lhe passou um pano úmido pelo rosto.

— Já escolheu seu nome?

— Não... Não tive tempo!

E agarrando a mão com força lhe mostrou que sua dor voltava — Aiiiiiii, que dorrrrrr!

Nesse instante, ao ver como ela respirava e se contorcia apavorado chamou a enfermeira, e esta, ao comprovar a dilatação, lhe disse:

— Vamos querida..., te levo para a sala de cirurgia. — E depois fala por telefone e pede dois enfermeiros para o quarto 323, olhou Rodrigo e lhe

perguntou: — É o marido, não é?

Ana e Rodrigo se olharam, e este, sem deixar dúvidas, respondeu:

— Sim.

— Pois vem comigo que vou te disfarçar de verde.

Dois minutos depois chegaram dois enfermeiros, tiraram a cama do quarto e levaram para o elevador. Ali, Ana, ainda segurando a mão de Rodrigo, deu um puxão e murmurou:

— Você é masoquista puro e duro. Por que me acompanha?

Ele sorriu e, depois de dar-lhe um beijo na ponta do nariz, tocou a sua orelha, um gesto que a fez rir, e disse na frente de todos os enfermeiros:

— Já sabe carinho, como dizemos diante da saúde, e da doença, no bom e no mau.

Quatro horas e meia depois, depois de animá-la com entusiasmo para que empurrasse e ela obedecer, protestar, rir e chorar, chegou ao mundo um bebê precioso de dois quilos oitocentos e setenta gramas. Rodrigo seguia pasmado. Aquele pequeno que berrava nos braços da enfermeira enquanto ela o lavava e vestia acabava de nascer, e ele havia sido testemunha direta. Inclusive a médica o tinha animado a cortar o cordão umbilical.

Ana estava meio adormecida na cama e ele não tirava o olho a tudo que acontecia a seu redor. Ela tinha estado fantástica, e o ocorrido ali lhe tinha tirado a razão. Sem poder evitar voltou a olhar e ao segurar com mimo seu cansado e bonito gesto algo em seu interior se removeu. Aquela preciosa moça e suas particulares circunstâncias estavam lhe derretendo seu coração. De repente, seu mais primitivo instinto protetor o embargou e desejou com todas suas forças cuidar de Ana e o bebê. O coração se acelerou e sentiu mil borboletas voando em sua barriga pelo estômago. Continuava em estado de choque quando a enfermeira que o tinha vestido de verde chegou diante dele e lhe entregou o pequeno nos braços.

— Até que enfim, papai. Aqui tem seu filho. Como vai chamá-lo?

— Não sei — foi capaz de balbuciar. E ao ver como a enfermeira o olhava, acrescentou: — ela, minha..., minha mulher escolhe o nome.

Quando a enfermeira se afastou, estatelado, vestido de verde e com o bebê nos braços, Rodrigo olhou a criança. Aquele pequeno menino de pele suave e cheiro doce movia os bracinhos e lhe fazia caretas enquanto que

uns ruídos estranhos saíam de seu interior. Com mimo se aproximou do rosto para lhe dar um beijo naquela pequena cabecinha, e ao levantar o olhar, vio que Ana os observava. Depois de trocar com ela um olhar de verdadeira adoração, enternecido pelo momento, se aproximou dela.

— Ana..., te apresento ao bebê. — E sorrindo, murmurou: — Bebê, esta menina morena tão bonita que chora é sua mamãe. Mas que não se engane, é uma autêntica bruxa crítica.

Emocionada como nunca em sua vida, a Ana escorria as lágrimas pelas bochechas. Aquele pequenino era o bebê mais bonito do mundo, e abrindo a mão, lhe tocou a bochecha e sussurou:

— É precioso, mesmo que pareça com esse gorro que te puseram na cabeça uma ponta de presunto.

Rodrigo sorriu pelas ocorrências de Ana, e aproximando-se de novo o bebê, murmurou:

— Te disse. Já começa a criticar-te.

Rindo do comentário, Ana aproximou a boca da testa do pequeno e, depois fechou os olhos, aspirou seu cheiro e o beijou.

— Oi, Dani! Sou sua mamãe.

Ambos sorriram ao escutar pela primeira vez quele nome, e Rodrigo, sem querer evitar, se aproximou mais dela e, agachando, lhe deu um doce e terno beijo nos lábios. O choque que ele sentiu diante daquele contato o deixou extasiado e somente saiu do transe quando ela, tocando o seu rosto com carinho, lhe disse:

— Obrigada, Rodrigo. Obrigada por estar aqui.

A loucura se apoderou de todos quando, horas depois, um Rodrigo orgulhoso os chamou para dizer que o pequeno Daniel tinha nascido antes do esperado. Estava emocionado como poucas vezes em sua vida. Sentirse parte importante do que tinha acontecido naquela sala de cirurgia o marcou. Nunca imaginou que num momento tão tenso e doce ao mesmo tempo seus sentimentos se despertariam e lhe surpreenderiam.

Era tal a forma que a observava que Ana extranhou.

Sempre soube que Rodrigo tinha sido amável com ela e atento, mas ali, naquele momento, sentiu uma conexão especial com ele que atéassustou. Sem poder evitá-lo, quando deixou de falar com Esmeralda pelo telefone, pegou sua mão.

— Está bem?

A olhou surpreso e se sentou junto dela na cama.

— Claro! — E retirando-lhe o cabelo em um gesto intímo e muito possessivo, lhe perguntou: — E você, está bem?

— Sim, não vou te negar que estou esgotada — respondeu pestanejando, confusa ao sentir aquele indescritível olhar.

Sem deixar de tocar-lhe o cabelo e, posteriormente, a curva do rosto, Rodrigo sussurrou:

— Está preciosa, Ana. Mais bonita que nunca.

Ela limpou a garganta. O que te aconteceu?

— Estou dopada e sou presa fácil — disse sorrindo ao ver que ele sorria também. — A que devo tanto elogio?

Levando em conta de repente de como está se comportando, Rodrigo se levantou da cama e, enrrugando a testa, desconcertado, conseguiu dizer:

— Venha, vamos ligar para Nekane e Calvin para dar a noticia.

Como ambos já sabiam, quando ligaram no México, Nekane gritou e blasfemou por não ter estado presente no momento tão crucial. Mas ao final chorou como uma possessa na mão de Calvin ao saber que tudo tinha saído bem. Aquela tarde, depois de receber as visitas de vários amigos, apareceu no hospital, recém-chegados do aeroporto, uns orgulhosos avós, Frank e Teresa.

Ao entrar e ver a sua filha com o pequeno nos braços, Teresa levou as mãos a boca e enrrugando o queixo, começou a chorar. Frank, ao ver a emoção no rosto de sua mulher, a abraçou.

— Agora não, carinho. Ou quer que a primeira imagem que seu neto tenha de ti seja chorando.

— Mamãe, por favor, não chore.

— Isso, Teresa, não chore — a animou rindo Rodrigo depois de beijá-la e apertar a mão de Frank, — que sua filha ja chorou muito por ti, por mim e por todo mundo.

Enternecida, a mulher se aproximou da cama da sua filha e lhe deu um emocionado beijo na bochecha. Ao ver o pequeno, murmurou emocionada:

— Ai, meuuuuuuu Deus! Ai, meuuuuuuu Deus!

— Que foi, mamãe? — Perguntou Ana, assustada.

— Pelo amor de Deus, Ana Elizabeth! Este menino é igualzinho ao pai. Rodrigo, filho, é igualzinho você!

— Mamãe! — Protestou Ana. Como pode dizer essa bobagem?

— Mas, Ana Elizabeth, filha, não vê?

— Pois não, mamãe, não vejo.

— Olhe o bigodinho e o ângulo do rosto — Insistiu a emocionada avó. — É igualzinha ao de Rodrigo. Tem olhos azuis?

— Parece que vai ser sim. — Assentiu Rodrigo, ganhando um olhar de Ana.

Encantado, sorriu diante do gesto de incômodo da Ana e, forçando o olhar,lhe pediu que sorrise. Teresa, com mimo, pegou o pequento entre seus braços e o beijou. E aproximando do emocionado Frank, disse:

— Olha avô, que neto precioso você tem.

— É lindíssimo — respondeu ele, rindo com prazer.

— Não é igualzinho a Rodrigo? — Insistiu Teresa.

O homem olhou o pequeno e se encolheu de ombros.

— Teresa, mulher, eu dessas coisas não entendo. — E antes que ela pudesse dizer nada, perguntou: — Por certo, posso já saber como se chama meu neto?

— Daniel — responderam mesmo tempo Ana e Rodrigo.

— Oh...Mas que bonito nome te colocaram, meu carinho! — murmurou Teresa, beijando o bebê.

Depois de um longo e cansativo dia em que vários amigos tinham ido verla no hospital, Ana acenou com a mão para Rodrigo e, enquanto seus pais ficavam cuidando do pequeno, lhe disse:

— Vai descansar. Está esgotado.

— Pensava ficar aqui contigo — comentou, encarando-a.

— Nem fala — falou ela. — Minha mãe ficará aqui. Se não permito, me odiará o resto dos meus dias. Além do mais, acredito que você já fez tudo o que tinha que fazer por Dani e por mim.

Ambos sorriram, mas o sorriso de Rodrigo não podia ser pleno. Desejava ficar ali com ela para mimá-la. Contudo, ao ver seu olhar, se deu por vencido.

— Tem coisas minhas em sua casa. Importa-se se passo para buscar?

— Como me pergunta isso?

Respondeu ela rindo e dando um tapa na coxa. — Pois claro que pode passar. E mas, fica lá para dormir. Amanhã trabalha, não é?

— Sim, tenho turno de manhã.

— Mas como vai trabalhar amanhã? — Protestou Teresa ao ouvirlos. — É pai e tem que tirar no mínimo dois dias livres para...

— Mamãe — Cortou Ana, — Rodrigo não pode faltar a seu trabalho.

— Mas...

Frank, ao ver a cara da sua filha e o gesto de Rodrigo, se metou na conversa:

— Teresa, quando o rapaz trabalha, por algo será. Portanto, deixemos o em paz, de acordo?

— Mamãe, por que não desce com papai para jantar algo antes que Rodrigo vai? Por certo, papai, quer dormir em minha casa?

— Te agradeço, céu — respondeu Frank, - mas temos um quarto no hotel Villa Magna. Quando Rodrigo nos ligou e disse que estava neste hospital, minha secretária buscou um hotel perto.

— Ok, papai. Vá..., vá, desce para comer algo.

— De acordo — Assentiram, e depois de deixar o bebê em seu berço se foram.

Quando ficaram sozinhos no quarto o celular de Rodrigo tocou. Ana, que o tinha no criado junto ao seu, o entregou, mas antes viu que era Alicia. Ao pegá-lo e ver o nome, Rodrigo desligou e, sentando-se na cama, falou, tocando a mãozinha do bebê:

— Vá, vá..., Dani se parece comigo.

— Nem vem! — Falou Ana, rindo. — Mamãe e suas bobagens. Olha, sério, fica lá em casa o tempo que precisar. Minha casa é sua casa, ainda mais depois de tudo o que tem feito por nós. — E olhando o bebê, falou emocionada: Ainda não acredito que o bebê está aqui. Se você não estivesse em casa, uf! Deus! Não sei o que teria sido de nós.

— Já basta de choros — Disse ele alegremente ao ver que ela ia começar de novo. E tirando com o polegar uma lágriama da bochecha, acrescentou: — Tudo saiu bem e é isso que conta. Por certo, tentarei montar o berço

ainda sem montar.

— Nossa, é verdade. Sabe onde está?

Recorrendo com seu olhar azul a carinha cansada dela, assentiu.

— Sim, não te preocupe. Tentarei decifrar o que fala as instruções e ter pronto para quando chegar a casa.

Ana, de repende, se angustiou e pegou suas mãos.

— Quanto aos meus pais, te prometo que....

— Agora não. — Cortou ele. — Agora não é o momento de contar absolutamente nada. Deixa passar um tempo e, quando estiver mais forte, conta. Eu não tenho pressa na vida, entendeu?

— Por quê é tão bom comigo? Se continuar assim no final fará com que eu não possa me largar de você e...

— E por quê tem que me largar? Perguntou surpreso. — Por acaso não somos amigos?

Nesse momento, queria ser sincera com ele, mas tive medo da sua reação, assim que me dispus a esquecê-lo por completo.

— Vamos ver — respondeu, e conseguiu sorrir, — se tanto gostou da experiencia que viveu, já sabe, o parto, o histerismo e o bebê, porquê não pensa em conhecer uma garota e dá a ela uma oportunidade para chegar no seu coração? Não acredita que poderia ser bonito namorar alguém e...?

— Não. — Interrompeu ele, — uma coisa é o que vivi contigo como amigos e outra muito diferente o que você pensa.

— Quer ser um solteirão a vida toda? Um garanhão?

— Talvez sim — Disse ele, risonho.

— Pois é uma pena, a verdade. — Com carinho, passou a mão pelo cabelo e sussurrou, contendo a vontade de beijá-lo: — Seria um bom companheiro e acredito que um excelente pai. Somente por como cuidou de mim estes dias e o carinho com que olha para Dani sei que seria maravilhoso. — E sendo incapaz de ficar quieta, continuou: — é terno, protetor, responsável, e sem falar da intimidade, acredito lembrar um homem apaixonado e um excelente amante...

— Suas últimas palavras são as que mais gosto.

Ela sorri, mas tentando não deixar aflorar seus sentimentos, muda de assunto.

— Ao te entregar o celular eu vi que era Alicia. Por quê não liga amanhã e sai para jantar com ela?

— Agora vai de cupido? — Falou divertido.

— Digamos que vou de amiga. — E engolindo o nó de emoções que em sua garganta lutava para sair, acrescentou: — e por certo, agora que tive o bebê e que dentro de pouco voltarei a ter cintura, é possível que tenha você que fazer de cupido para mim.

— Que seja seu cupido? — Zombou ele.

Ana retirou a franja do rosto e o olhou.

— Como aquele que sempre diz que me conheceu grávida e incapaz de flertar com um homem para ter uma noite louca. Mas isso acabou. Por fim, minha abstinencia sexual terminou. Voltarei a retomar minha vida quando perder alguns kilos, e espero ressarcirme por todos esses meses.

Rodrigo a olhou, chateado. Por que tinha que ter encontro com outros? Mas sem querer entender o que acontecia e muito menos pensar nisso, replicou:

— Bom, não pense nisso agora. O importante é que...

— Rodrigo, quero pensar nisso. Preciso pensar nisso. Quero sair, divertir, conhecer algum homem, ter sexo e sexo bom. Tem cinco meses que ninguém me beija, sem que ninguém me toque, com exceção da ginecologista, e olha, cá entre nós, estou desejando sentir isso que um homem me faz sentir quando me beija e me toca. Entendo que para um homem seja dificil escutar isso de uma mulher, e mais recentemente dado a luz como eu estou, mas sabe? As mulheres e os homens têm necessidades muito parecidas, e o sexo é uma delas.

Durante um tempo a escutou falar de coisas qe nunca uma mulher lhe havia contado, e ele, apático, apenas falou. Ana era direta e franca, e isso era algo que sempre tinha gostado nela; mas nesse momento aquela franqueza o estava deixando o agoniado. A conversa ou melhor dito o monólogo, acabou quando os pais dela voltaram ao quarto.

— Já jantamos — disse Teresa, passando a beijar sua filha.

Confuso, Rodrigo se levantou da cama e foi ao banheiro. Uma vez dentro, fechou. Se apoiou na pia e, olhando-se no espelho, sussurou:

— Que demônio se passa babaca! Fica esperto!

Jogou água na nuca e se secou com a toalha, e com o melhor dos seus

sorrisos saiu do banho e se aproximou da cama onde Ana e seus pais ninavam o bebê. Seu coração bateu, fugitivo ao ouvir Ana rir. Sempre gostou do seu sorriso, mas... O que acontecia? Sem afastar o olhar dela quis passar a mão pelo cabelo e retirar da cara. Estava preciosa. Finalmente, reuniu força e disse:

— Bom, eu vou descansar. Frank quer que te deixe no Hotel?

— Não se preocupe rapaz. Ficarei mais um tempo com elas.

Incapaz de deixar de olhar Ana, que sorria encantada com seu bebê nos braços, se aproximou dela e pegou sua mão para atrair sua atenção.

— Carinho, te ligo pela manhã para ver como está e, quando terminar o trabalho, passarei para ver-los.

Então, abaixou a cabeça até a dela e a beijou nos lábios.

De repente, aquele beijo se demorou mais que outros, e se surpreendeu ao deixá-lo ansioso. O que estava acontecendo? Uma vez que conseguiu separse dela, sorriu e, depois piscou o olho, sem olhar pra traz, se foi.

Quando aquela noite Rodrigo chegou à casa de Ana, o primeiro que fez foi pegar o berço e passar horas montando, e se surpreendeu quando ao tomar uma cerveja pôs o porta-copos na mesa para não deixar marca. Isso o fez sorrir. Depois, arrumou a confusão de roupa que tinham deixado quando tinham ido de madrugada, e finalmente, dormiu na cama dela. De repente, precisava senti-la perto, e o lençol tem seu doce cheiro de pêssego.

Capítulo 18

Quando Ana saiu do hospital, sua mãe forçou que eles tinham que ir para Londres para recuperar forças. Durante uma semana, Teresa repetiu em resasltar o importante que era para ela que voltassem juntas para casa. Queria apresentar a todas as suas amigas seu precioso neto e, sobre tudo, cuidar da sua filha. Mas Ana se negou. Não queria estar em outro lugar que não fosse sua casa, e seus pais depois de vinte dias, regressaram a seu lar. Ana prometeu que em breve os visitaria com o pequeno.

Nesse tempo, Rodrigo estava mais atento do que nunca com ela e com o bebê. Os acompanhava ao pediatra, cuidava dela e mimava Dani. Aparecia em casa a cada dois por três dias carregado de coisas para o bebê, ou com seus irmãos Alex e Carolina para visitá-la. Inclusive Úrsula enviou um presentinho. De repente, Rodrigo estava em suas vidas em cem por cento, e isso foi o que abriu seus olhos. Por muito que ela adorasse aquele homem, e imaginasse mórbidas cenas de amor com ele, não podia fazer aquilo com

Dani. Não queria que o pequeno crescesse amando-o como alguém especial e que de repente, um dia desapareceria em busca de sua própria família.

Uma noite que o celular dele tocou, ante de que desligasse a chamada como costumava fazer sempre que estava com ela , Ana agarrou o celular e o entregou.

— Toma! Atende a Sofía.

Com o bebê em seus braços, a olhou e disse:

— Depois ligo.

Ver como dava com mimo a mamadeira a seu pequeno lhe aqueceu o coração, mas algo nela se rebelou, e tirando primeiro a mamadeira e depois o pequeno, disse diante da cara de assombro dele, enquanto o deixava no berço:

— Vamos ver, quero que ligue para a tal Sofia e saia com ela para jantar, dançar ou ao que te der vontade. Precisa!

— Preciso? — Zombou. E surpreso, a olhou e perguntou: — Mas o que está se passando agora? Continua com os hormônios revolucionados?

— Não. Nem meus hormônios estão revolucionados nem me passa nada. Somente quero que retome sua vida. Somente isso. — E num rompante de sinceridade, apontou: — Pode me dizer o que faz hoje, uma sexta-feira à noite que não trabalha metido na minha casa dando mamadeira ao meu filho?

— Que tem de mal nisso? Preocupo-me com vocês.

— Mas é que não quero que se preocupe com nós — insistiu. — Quero que nossas vidas retomem a normalidade de sempre e, para isso, preciso que ligue para Sofia, fique com ela e sai da minha casa.

— Está me mandando embora?

— Sim... Bom..., não... Somente quero normalidade, e com você ao meu redor continuamente não posso normalizar minha vida. E agora me perguntará por que, verdade? — Ele assentiu e confessou: — De verdade que os caras precisam de um manual de instruções para se relacionar com as mulheres. Vamos ver Rodrigo, hoje eu não sou nada pra você, mas te ter por perto me faz afastar uns tontos e imbecis sentimentos de possessão que não quero ter e muito menos quero que Dani tenha. Portanto, pega o maldito celular, liga para Sofia, Alicia ou a quem te de vontade, fica com ela

e retoma sua vida de garanhão para que eu possa centrar na minha própria vida.

Assustado pelo discurso se levantou do sofá.

— Entendi tudo, exceto uma coisa. — Ao ver que ela levantava as sobrancelhas, perguntou: — O que significada não ser nada para mim?

— Vai se foder, Rodrigo! Não ser nada para você significa que não gosta de mim, entende assim?

Assentiu, sem tranquilidade, mas não estava disposto a afastar-se dela até compreender o que era que se passava na realidade. Se aproximou para deixar imponente sua altura e a encurralou no sofá.

— Tão chato sou em sua vida?

Quis dizer que não, que sua presença era como uma brisa fresca cada vez que aparecia e lhe sorria que ter ele próximo era o que melhor lhe sentava, mas com toda a dor de seu coração, murmurou:

— Sabe que gosto muito de você e sempre te agradecerei como cuidou de Dani e de mim, mas acredito...

— Disse que éramos amigos.

— E somos. Eu quero continuar sendo sua amiga, mas a uma distância prudente.

Rodrigo quis protestar, mas aproximando sua boca do ouvido dela, sussurrou, arrepiando todos os seus pêlos:

— Fique tranquila pequena. Retomarei minha vida e continuaremos com nossa amizade a uma distância prudente. Parece-te bem assim?

— Sim, sim... Parece-me genial.

Enlouquecido por seu cheiro doce de pêssego, a agarrou com delicadeza no pescço e pôs sua testa contra a dela, mas quando estava a ponto de beijar-la tocou de novo o celular.

— Voltam a te ligar. — Sussurrou ela.

Olhando a 5 centimetros dos olhos um do outro, pegou o celular e, sem moverse de sua posição nem deixá-la que se afastasse dele, abriu o celular e respondeu.

— Oi, Sofia!

Ana, com o coração ao ponto do infarto, escutou a conversa. Aquela mulher, a tal de Sofia, propunha jantar com ele, e ele aceitou. Uma vez que

fechou o celular, Rodrigo o guardou no bolso da camisa.

— Contente agora?

Como uma automata, assentiu, e ele, dando um passo atraz, se afastou dela. Caminhou até a bancada da cozinha e pegou as chaves do carro. Depois, a olhou e, antes de desaparecer pela porta, disse alto e claro:

— Boa noite, Ana. Toma seu chupito de Cola cao antes de ir dormir.

Quando ficou sozinha na sala, Ana respirou e, depois foi a cozinha e fez o que ele tinha dito, abriu o congelador, tirou um enorme pote de sorvete de chocolate belga e, olhando seu gato, murmurou:

— Miau..., ou acabo com isto de uma vez, ou vou me acabar como uma vaca.

Depois daquele episódio entre eles, Rodrigo decidiu distanciar um pouco suas aparições na casa de Ana, mas era difícil não ver ela e o pequeno, e se passava o dia inteiro pensando na mulher com cheiro de pêssego que de repente se tinha convertido em algo indispensável para viver. Contudo, não estava disposto a deixar seus sentimentos ao alcance de qualquer, asim que decidiu fazer caso. Distanciar-se era o melhor.

Nekane, quando Dani cumpriu seu segundo mês, animou Ana para que regressasse ao ginásio. Um pouco de movimento, junto ao regime que tinha começado ia bem para perder os cinco quilos que sobravam. Em setembro, muita gente nova começava a ir e, no sexto dia que estava ali, um dos monitores a convidou para uma festa. Aquilo a surpreendeu. Voltavam a olhar a ela como mulher! Mas depois de sorrir não aceitou. No momento, devia cuidar de um bebê.

Na noite de seu aniversário organizou um jantar em sua casa com Neka e Calvin, Rocío e Julio, Esmerlada e Popov, Encarna e Rodrigo, que apareceu na última hora com Sônia, sua nova ficante. Entre risos, degustavam a sobremesa quando Ana, ao se lembrar do ocorrido no ginásio, comentou. Todos riram, exceto Rodrigo, que olhando-a muito seriamente disse:

— O que é que esse cara é um aproveitador. Disse que não, verdade?

Calvin olhou a seu amigo. Por que fica assim? E Encarna que estava mais calada do que o normal observava as jovens, riu. O que há tempos pressupunha era verdade.

— Valente babaca! — Acrescentou Julio.

Surpresas, as mulheres se olharam e Ana perguntou:

— Pois claro que disse que não. — E ao ver as caras das meninas, acrescentou enquanto dava a mamadeira a Dani: — Não gostei. Mas se me chega a perguntar sobre o outro monitor, o loiro, teria cantado!

— Fala sério? — perguntou Calvin, divertido.

— Já te digo. É tão sério que disse — Interveio Esmeralda, rindo.

— Não posso acreditar — murmurou Rodrigo, sorrindo, mas irritado.

Sentir que Ana se distanciava dele dia a dia não estava sendo algo fácil de digerir, e menos, ouvir que falava de outros homens de forma insinuante.

— O outro monitor, o loiro,é gostoso? — Perguntou Rocío.

Com o bebê nos braços, Ana, gesticulando, as fez rir.

— Bom não, do seguinte modo. No outro dia o vi sair do vestuário meninos sem camiseta e, oh Deus, oh Deusssssssss! Tem uma barriga de tanque para lavar roupa! Eu que o diga! Que vontade me deu de dizer: Vamos para a fonte que tem muita roupa para lavar.

— Que bom! Exclamou Sônia.

— Que sem vergonha que é,foda! — Disse a galega.

— Concordo com tudo que disse — apontou Nekane. — Arturo tem um abdômen escandaloso, entre outras coisas.

— Pode ser gay.

— Mas bommmmmm — protestou Rocío ao escutar seu marido, — por que quando um homem se destaca em seguida diz isso de será gay?

— Pelo mesmo motivo, pelo que quando uma mulher destaca vocês dizem que é uma galinha! E isso... Falando finamente.

— Ponto para Julio — comemorou Popov, divertido.

Mortas de rir, as mulheres continuaram falando diante do gesto de enfado dos homens.

— Arturo tem tudo — acrescentou Ana — Bonito, sexy, corpão, simpático. Vamos, acho que estou pensando em propor fazer uma sessão privada de fotos.

Os homens se olhavam boquiabertos quando Rocío aplaudiu e disse:

— Estou dentro!

— E eu — soltou Sônia.

— Pois eu peço para fazer o pedido — zombou Nekane.

— Eu cuido da câmera — acrescentou Esmeralda.

— E eu levo umas rosquinhas — apontou Encarna.

Sem dúvida, aquela conversa os pegou de surpresa e se olharam atônitos. Desde quando as mulheres são tão descaradas?

— E em que academia vai?

— E a ti o que importa em que academia vai? — Protestou Julio.

— Não fique assim, céu, sempre é bom saber qual escola é boa e qual não.

— A mãe que te pariu — disse Calvin gargalhando, ao vê-las rindo descontroladas.

— Isto é incrível — murmurou Rodrigo com os olhos arregalados. — Quando se juntam, são piores que os homens!

— Você não sabe de nada. — Ana deu uma piscadela e, levantando-se, olhou Nekane e lhe indicou: mostrando as meninas às fotos da sessão que fizemos na Alemanha no ano passado para Vodka Pruset. Eu tenho que ir trocar a fralda desse futuro macho man.

— Aninha, se quiser eu vou.

— Não, Encarna — negou Ana. — Você olha as fotos que Neka vai te mostrar e depois bebe água, que te conhecendo, vai se ressecar até a alma.

Quando chegou ao quarto e pôs o bebê sobre o trocador ouviu as gargalhadas que vinham da sala e sorriu. Adorava se reunir com os amigos e sentir sua felicidade. Mas esquecendo-se do resto do mundo se concentrou em seu pequeno. Com mimo mudou a fralda enquanto lhe cantava:

Tú, y tú, y tú y solamente tú…

Haces que mi alma se

Despierte con tu luz…

Y tú…, y tú…, y tú…

De repente, percebeu uma presença depois que ela identificou pela fragrância da colônia.

— Agora é espião?

Ao ver-se descoberto, Rodrigo ficou ao seu lado e perguntou sorrindo:

— O que canta?

Com mimo, Ana beijou seu bebê e respondeu:

— Sua canção preferida, verdade, smurf? Sempre que a canto sorri, e eu adoro vê-lo sorrir.

Paralisado pelo que sentia quando estava com ela e o menino, Rodrigo não sabia o que fazer. Nunca tinha se encontrado em uma situação parecida e tinha dúvida sobre como deveria proceder. Sentia-se ridículo e tonto. Ele era um homem que controlava em todo momento as situações, ainda quecom Ana de repente tudo era descontrole. Não podia parar de pensar nela, e isso o estava machucando. Não rendia no trabalho, não descansava e não desfrutava das mulheres que estendiam seus encantos para tentar fazê-lo feliz. Sua vida estava se convertendo em um caos e não sabia como parar o desastre. E enquanto ela superava pôr fim a dependência de Rodrigo, sem que ele se desse conta, para ele tinha acontecido tudo ao contrário.

— O campeão já vai dormir?

— Sim, já tá na hora.

— Posso pegá-lo? — Pediu, olhando com seus olhos desconcertados.

— Claro que sim.

Com cuidado e com um jeito que não tinha meses atrás, Rodrigo agarrou entre seus braços o pequenino e, beijando sua testa, falou com doçura:

— Cheira como sua mãe, a pêssego.

Ana bufou. Não queria escutar, ou seria tola. Por isso colocou colônias nas mãos e, depois de esfregá-las energicamente, as passou no bebê encima do pijama. Então, se aproximou dele e lhe disse:

— Pois agora cheira como um bebê, a colônia Nenuco.

Durante uns minutos, Ana e Rodrigo estiveram fazendo brincadeiras com o pequeno, até que ela disse:

— Anda, vamos me dá ele e volta à sala. Sonia te espera.

Mas Rodrigo parecia não ter pressa e, ainda com o bebê nos braços, perguntou:

— O que você acha da Sônia?

Em outra época, aquela pergunta, ou somente a presença de Sônia, a

Ana teria destroçado o coração; depois o muro de indiferença que estava conseguindo levantar, o olhou com tranquilidade e indicou com um sorriso:

— É bonita e sexy. Vamos, o que sempre você gostou.

— E como sabe o que sempre gostei?

Com astúcia, moveu a cabeça de uma forma tão rápida que deixou Rodrigo sem respiração e aproximando dele, cochichou:

— Vamos ver, amigo Rodrigo, acredite ou não, te conheço o suficiente para saber que tipo de mulher você gosta.

— Ah, é?

— Sim, filho, sim. Às vezes os homens são muito previsíveis.

— E que tipo de mulher acredita que eu gosto? — Perguntou um pouco confuso.

Decidida a sair daquele interrogatório absurdo em que ela sozinha tinha se metido, pôs as mãos na cintura e, segura de si mesma, respondeu:

— Altas. Magras. Cabelo longo. A cor tanto faz, para isso não é muito exigente. — Ele levantou uma sobrancelha. — Prefere que sejam piriguetes no jeito de vestir, e algo que não falha nunca é que tenham seios grandes. Assim são as garotas que você gosta.

Ficou atônito pela descrição que ela tinha feito; tinha acertado tudo.

— Pois sim me conhece bem.

— Já tinha te dito. É previsível para mim.

Rodrigo se sentiu algo magoado pelo pouco que ele a conhecia naquele aspecto tão íntimo.

— Posso te perguntar algo?

— Claro.

— Como você gosta dos homens? Como os da academia?

Surpresa por aquela pergunta sorriu.

— Uf!, Arturo é tremendo!Mas a verdade é que não tenho um tipo fixo de homem, ainda que não vou te negar que me atraem os altos, musculosos, com alguma tatuagem e...

— Vamos, como eu.

Ao dar-se conta de que, de certo modo, o tinha descrito, se encolheu de ombros, tentando não reviver algo que tinha arquivado com dificuldade em suas recordações.

— Pois agora que falou, tem razão. Mas deixa-me frisar antes que acredite. Meu friso é que eu gosto de todos os homens com essas características, exceto você.

— E isso por quê?

— Porque você é um bom amigo, somente isso. Mais alguma pergunta?

Durante uns segundos, ambos se olharam, e finalmente, Rodrigo, aproximando dela, lhe entregou o bebê.

— Ah! Não fique tão séria. Somente estou brincando contigo. — E dando um beijo na bochecha dela, falou mexendo seu cabelo curto: — Te espero na sala. Tem que soprar as velas do seu bolo.

Aturdido, maldito no silêncio, mas sem querer pensar mais nela, voltou à sala e se sentou junto da Sônia. Essa era sua nova conquista e nela tinha que centrar.

Quando Ana ficou sozinha com Dani nos braços, o beijou e, depois de colocá-lo no berço, falou:

— Nunca faça sofrer uma mulher, ou será um tonto.

Capítulo 19

Em outubro a vida laboral de Ana e Nekane retomou com força. Tinham conseguido várias campanhas para o natal e, sem demora, colocaram mãos à obra, mas primeiro decidiram fazer uma seleção para encontrar a babá perfeita para Dani. Despois de dois dias entrevistando várias jovens chegaram a uma conclusão: Encarna, a vizinha, era a mais sensata de todas. Depois de propor a ela, esta, encantada, aceitou, e todos os dias a partir das nove da manhã Encarna se encarregava do pequeno.

— Segunda-feira enviei um e-mail a todos os corpos de bombeiros da Espanha indicando as datas para o processo seletivo na sexta-feira para o calendário — disse Nekane. — E até o momento, já recebi setenta e duas confirmações. Já contratou as modelos?

— Sim.

— Com certeza, sabe que do Calvin irá se apresentarjunto com quatro outros bombeiros?

— Não me diga?

— Ahã! Meu Calvin, que com certeza tem plugue — soltou, e ambas riram, — Julio, Jesus e Rodrigo.

Encantada, Ana assentiu com um gesto divertido.

— Uau! O elenco vai ser antológico. E desde já te digo que esses quatro têm uma conexão total!

Neka tirou os óculos que usava e, fazendo rir sua amiga a gargalhadas, murmurou:

— Aiiii! Que dureza é essa ocasião de trabalho. Quanto esforço!

— Nem me diga, Neka... Nem me diga.

Aquela noite, depois das nove, Ana beliscava algo com Popov, Esmeralda e seu bebê em um terraço na Rua Arenal quando ficou olhando uma jovem que junto de um grupo escandaloso bebia litros de cerveja. De onde se lembrava daquela garota? Seu aspecto era como o do resto do grupo, mas quando a ouviu falar a reconheceu. Aquela era Carolina, a irmã de Rodrigo.

Incrédula, a observou. Onde tinha se escondido aquela jovem que ela tinha conhecido? Incapaz de tirar os olhos de cima, sorriu. Se sua mãe a visse sentada no chão com aquela calca vermelha de couro com pregos e bebendo a morrer teria um ataque. Mas o sorriso gelou quando viu que a menina, nem sem jeito nem com preguiça, começou a fazer um cigarro de maconha que depois fumou tranquilamente. Durante uns segundos pensou se devia chamar-lhe a atenção ou não. Finalmente, decidiu o segundo. Não se meteria onde não a chamavam.

— Mãe de Deus, como está à juventude — falou Esmeralda, olhando o grupo.

— Se um desses fosse meu filho — replicou Popov, — te juro que lhe dava dois safanões bem dados. Mas como podem beber assim?

Sem querer comentar que loira de cabelão era a irmã de Rodrigo, Ana deixou de olhar e disse:

— Olha..., como se vocês nunca tivessem sido jovens.

— Sim, Plum Cake, fomos sim — lembro Popov. — Mas posso te assegurar que apesar de ter tido vinte ou vinte e cinco anos, como eles tem, a ordem já reinava em minha cabeça. E sim fumei maconha como todo

Cristo nessa idade, mas uma coisa é isso e outra coisa é fazer o que eles estão fazendo.

Cinco minutos depois, aquele grupo que atraía olhares de todos os passantes levantou o acampamento e se foram. Carolina, alheios a tudo, se agarrou a um rapaz e, voltando a surpreender a Ana, se jogou nos seus braços e o beijou selvagemente. Foder a menina! Pensou, mas ao ver que estavam se afastando de esqueceu deles.

Durante duas horas, Ana, com seu bebê e seus amigos, desfrutou da estupenda noite madrilena, até que as onze decidiu voltar com Daniel para casa. Depois de se despedir dos outros caminhava feliz empurrando o carrinho do seu bebê quando ao cruzar a porta do Sol se fixo em uma jovem que estava sentada com maus modos junto da entrada do metrô. Pela calça soube de imediato que era Carolina. Onde estavam seus amigos? Olhou o relógio. Eram onze e quarenta da noite. Era muito tarde para deixála sozinha naquele lugar e, aproximando dela, se agachou e lhe disse:

— Carol, é a Ana. Está bem?

A jovem, ao ouvir sua voz, a olhou. Seu aspecto era deplorável. Devia ter chorado, pois tinha o rímel escorrido pela cara.

— Mas, céus, o que te aconteceu?

A ajudou a levantar do chão e soube por seus torpes movimentos que estava bêbada. Como pôde, empurrou o carrinho do seu filho com uma mão e, com a outra, carregou a jovem. Sua casa não estava longe para ir andando, mas só Carolina podia caminhar. Ao ver o ponto de taxis não teve dúvida e se encaminhou até lá. Depois de sentar Carolina no taxi, pegou seu bebê da cadeirinha, a fechou e o taxista a guardou no porta-malas. Já dentro do carro, Ana olhou o homem e disse sem deixá-lo falar:

— Vou pra Praça de Santa Ana. E antes que proteste, sei que a carreira é muito curta como para fazer que se mova, mas fique tranquilo, pagarei vinte euros se nos levar.

O taxista assentiu. Vinte euros para levá-la tão perto não iria desperdiçar. Cinco minutos depois, o taxi parou, e Ana, depois de soltar o carrinho de Dani e colocá-lo dentro, pagou o taxista, pegou a Carolina pela cintura e se encaminhou para sua casa.

Quando entraram, Ana sentou a jovem no sofá enquanto deitava Dani no berço. Ao voltar pra sala, Carolina, mais branca que papel, a olhou, e rapidamente sem falar a entendeu. A levou pro banheiro, onde ela vomitou

até o café da manhã. Meia hora depois, e ao ver o estado em que se encontrava a jovem, sem vacilar a colocou vestida e tudo debaixo do chuveiro. A água fria fez com que a reação fosse gritar, enquanto os borrões da maquiagem deixavam aquele bonito rosto e aparecia a Carolina que ela conhecia. Ana aguentou estoicamente aquele momento incômodo, até que a moça relaxou. Depois das duas da madrugada a colocou na cama do quarto de visitas e a agasalhou, e justo nesse instante Carolina pegou sua mão.

— Ana... Obrigada.

— O que aconteceu, céus?

A jovem como os olhos inchados de tanto chorar, a olhou e falou:

— Deixei o Rafa.

— E quem é Rafa?

— O garoto com quem estava saindo há oito meses — disse gemendo. E sentando-se na cama, acrescentou: — Eu gosto, gosto muito, mas eu não quero uma pessoa como ele em minha vida. Não quero que ninguém me magoe, e ele hoje me disse que se não íamos todo o grupo para minha casa me deixava, e então eu deixei ele, e aí ficou muito bravo e começou a gritar e a dizer que era... Era... Disse coisas horríveis diante de todos e...

Não pôde dizer mais. A jovem começou a chorar, e Ana a abraçou. Quando conseguiu tranquiliza-la, a tocou com carinho no rosto.

— Pelo que me conta esse garoto não te merece, e ainda que agora veja tudo escuro e pensa que fez mal, acredita em mim, fez muito bem. O garoto que gostar de você nunca fará algo horrível para humilhar-te porque será tão especial para ele que somente poderá querer-te e tentar te fazer feliz.

— Eu sei... e por isso o deixei. Não quero ao meu lado um homem como o marido de minha mãe. Eu... eu não quero que ninguém me trate assim.

Pelo que Carolina tinha dito, Ana se convenceu que ninguém sabia sobre sua mãe mais do que ela tinha acreditado.

— Muitas vezes, céu, na vida, mais vale estar sozinha do que mal acompanhada. Mas tem pessoas que não sabem ficar sozinhas.

— Mamãe é uma delas — assegurou à jovem. — Sua relação com

Ernesto a está destruindo, mas não posso fazer nada. Ela não quer que faça nada. Nega o que vejo e quando falo com ela fica brava comigo, e...

— Chiiiii! Fique tranquila, céu — sussurrou Ana, abraçando-a

A pena que tinha da moça a afogava e não quis aprofundar mais no tema.

— Quer que eu ligue pra sua mãe para dizer que você está aqui?

— Mamãe, Ernesto e Alex estão na casa de uma amiga. Não tem ninguém em casa.

— Certo. Então descansa. Mas escuta, vou chamar o Rodrigo para que saiba que está aqui, de acordo?

A jovem assentiu, e Ana, sem saber se Rodrigo estava em casa ou no corpo de bombeiros, dormindo ou acordado, pegoucelular e teclou: Quando puder, me liga.

Um minuto depois, tocou o telefone.

— Ana, é Rodrigo. O que aconteceu?

Ouviu risos e música de fundo.

— Olha, sinto incomodar, mas...

— O que aconteceu? — Insistiu, preocupado.

— Fica tranquilo, não aconteceu nada grave.

— Tudo bem com você e com Dani? — Perguntou, separando-se da mulher que estava junto dele.

— Sim, sim... Escuta, sua irmã está aqui e...

— Minha irmã está aí?

— Sim, mas, tranquilo, que não aconteceu nada.

— Ana, o que aconteceu? — Insistiu.

— Estava com uns amigos, se embebedou e eu a encontrei.

Levantando-se do sofá do Pub onde estava sentada com a bonita Branda e uns amigos, se despediu deles e, enquanto caminhava até o carro, disse antes de desligar:

Em meia hora estou na sua casa.

Demorou vinte minutos. Às duas e meia, Rodrigo entrava pela porta, e Ana o esperava morta de sono. Foi até o quarto de visitas, onde Carolina dormia placidamente. Depois de comprovar que sua irmã estava bem, a beijou na cabeça e saiu. Ao passar pelo quarto de Ana entrou para ver Dani e sorriu ao encontrá-lo dormindo junto ao ursinho vestido de bombeiro

que ele tinha comprado pra ele.

Olhá-lo e sentir a paz que irradiava era algo muito relaxante, mas convencido de que não podia continuar naquele quarto saiu. Quando chegou à sala, Ana estava sentada, no escuro, diante do televisor, e sorriu ao darse conta de que estava vendo o musical de Luis Miguel, posto que ele entre risos tinha lhe presenteado o CD no dia de seu aniversário. Sentando-se junto dela, suspirou e apoiou a cabeça no sofá.

— Obrigada por trazê-la aqui.

Ana se preveniu da angustia que transluzia do seu olhar.

— De nada, e relaxa, que te vejo vir.

Tocando o cabelo e franzindo o cenho, o bombeiro a olhou.

— Mas, vamos ver, esta menina está tonta? Como conseguiu fazer o que fez? Por acaso não sabe que isso somente pode trazer problemas? Foder, minha família me deixa louco.

— O vê? Te via vindo. — E subindo no respaldo do sofá, colocou as mãos no pescoço e murmurou: — Ana deixa-me te dar uma massagem.

Relaxe-te.

— Não, Ana. Agora não.

— Sim, Rodrigo. Agora sim. — Insistiu com segurança.

Tenso por tudo tirou a polo branca que estava vestido e jogou ao um lado com descuido. Ana, ao encontrarem-se de repente com aquelas poderosas costas morena e a visão da tatuagem, suspirou.

— Porque tudo é tão difícil tratando-se de minha família?

— Fica tranquilo, Rodrigo... É jovem e ao seu redor as coisas não são fáceis. Ela me contou...

— Te contou o que? — Perguntou, voltando-se para olhá-la.

Esteve tentada a contar tudo o que sabia, mas preferiu calar. Soltar bombas informativas em um momento assim somente deixaria as coisas mais tensas.

— Me contou que terminou com o garoto que saía.

— Que saía com um garoto?

— Sim.

— Com que idiota saía à louca da minha irmã?

Ana se divertiu com o instinto de proteção que deixavam ver aquelas palavras.

— Disso não vou mais falar. Ela amanhã te contará o que achar conveniente. Agora cala, fecha os olhos, relaxa e deixa-me fazer a massagem.

Sem querer pensar em nada mais que não fosse dar a massagem, Ana começou a tocar o pescoço com carinho enquanto tocava a varonil voz de Luis Miguel.

No sé tu

Pero yo te busco en cada

Amanecer

Mis deseos no los puedo

Contener

En las noches cuando duermo

Si de insomnio yo me enfermo

Me haces falta, mucha falta

No sé tú.

Foda, foda, fodaaaaaa!

Tinha que ter tirado o Luis Mi, pensou Ana ao ficarem calado os dois.

Rodrigo fez caso ao que pedia, mas o silêncio da noite e a quietude o fizeram captar sem querer a letra da canção. Tê-la ao seu lado e sentir suas suaves mãos sobre ele era algo que o reconfortava mais do que nenhum dos dois podia imaginar. Durante dez minutos, Ana massageou com delicadeza os ombros e o pescoço de Rodrigo, enquanto tocavam os boleros doces e românticos de Luis Miguel. Mas cada vez que passava suas mãos por cima da tatuagem que terminava no pescoço, algo no interior da jovem se desfazia. Desejava aquele homem com todo seu ser, mas a prudência lhe gritava para conter, e quando já não pôde mais, lhe deu umtapinha nas costas.

— Pispás, acabou o dinheiro e com ele a esfregação.

Relaxado pela massagem, excitado pela proximidade do seu corpo e arrebatado pelas letras das músicas que estavam escutando, aproximou os olhos e, quando ela se sentou ao seu lado, murmurou:

— Agora a massagem eu vou te dar.

— Não Rodrigo, não precisa. — Respondeu, assustada. Já tinha sido suficiente a tortura de tocá-lo como para agora ele a tocar.

Mas disposto a fazer o que tinha proposto, sem deixar-lhe falar, a pegou pela cintura e a sentou entre suas pernas enquanto lhe sussurrava perto do seu ouvido:

— Sim, Ana, sim faz falta.

Aquelas palavras perto do seu ouvido e o som do seu riso a alertaram. Ainda assim, não se moveu, e ele pôs suas mãos sobre ela. Sentir o tato de Rodrigo em seu pescoço e ombros a fez fechar os olhos e suspirar. A sonora expiração provocou um sorriso em Rodrigo, enquanto de novo Luis Miguel cantava:

Te extraño, cuando caminho, Cuando lloro, cuando río. Cuando el sol brilla, cuando Hace mucho frío. Porque te siento como algo

Muy mío.

Isto é surrealista… e não pode estar acontecendo comigo, pensou Ana, assustada ao escutar a música e sentir cada vez mais próxima da respiração dele.

Por sua parte, Rodrigo desfrutava daquela pequena intimidade entre os dois enquanto tocava aquela melodiosa canção. Ana era suave, doce e delicada, muito mais suave e apetitosa que as mulheres com as que se deitava nas noites em que se propunha. E quando a tentação escureceu a razão, aproximou seu nariz do pescoço de Ana e se tornando o galinha, sussurrou:

— Continua cheirando a pêssego.

Ana não pode responder. Não pôde falar. De repente os lábios quentes e carnudos de Rodrigo pousaram no seu pescoço e somente foi capaz de desfrutar daquela perturbadora sensação enquanto sentia que a pele ardia e milhões de borboletas voavam descontroladas por todo seu corpo. Segundos depois, aqueles lábios quentes passearam com carinho pela sua nuca e pescoço até chegar ao ombro direito. Aturdida como estava, unicamente pôde sorrir. As mãos de Rodrigo abaixaram com lentidão e um par de braços, para logo subir, e então, ela, incapaz de permanecer parada, olhou para a direita, e seus olhos se encontraram durante um longo e intenso momento.

— Dizemos que... — murmurou Ana.

— Dizemos muitas coisas — replicou ele, enfeitiçado pelo que essa jovem sem querer o fazia sentir.

Ana tentou lutar contra aquela tempestade, mas o furacão Rodrigo era assolador, e seu próprio corpo se rebelou. O queria. Necessitava dele. A boca dele a fez sua, lhe exigiu beijos vorazes e famintos, e ela os deu. Uma voz no interior de ambos lhes gritava para pararem, que não deviam continuar, mas suas mentes ficaram nulas apesar daquelas vozes e seus corpos carregados de desejo se apropriaram da situação.

Sem pressa, mas sem pausa, Rodrigo tirou a camiseta de alças verde que ela vestia, deixando livres seus peitos para poder desfrutar deles. Abraçando-a, a tombou sobre o sofá e, disposto a prosseguir com o ato de possessão, se tombou sobre ela e apertou as cadeiras. Nesse momento, Ana gemeu. O odiava pelo que estava fazendo, mas seu desejo por ele era tão forte que nada, absolutamente nada, podia fazer pará-lo.

— Rodrigo não pod...

— Chisss! — Sussurrou ele, delirante, contra os lábios femininos enquanto lhe fazia amor com a boca.

Rodrigo ardia de desejo e, agarrando-a pela cintura, voltou a apertar sua ereção contra ela enquanto Ana se arqueava em busca de prazer. Durante uns minutos, ambos lutaram para render. Tentavam-se um ao outro. Queriam mais. Ana o atraiu para ela e, com avide, o beijou no pescoço, e ao final, lhe mordeu com suavidade no ombro ao sentir como ele lhe chupava um dos seus peitos. A ansiedade, a impaciência e a agitação que sentiam um pelo outro estava convertendo aquilo em um contato quase selvagem. Mas de repente, pelo interfone, se ouviu o choro de Dani, e ambos, como movidos por uma mola, regressaram a realidade.

Ao fazer evidente a situação em que se encontravam, Rodrigo maldito, e depois de ver o olhar desconcertado dela e sentir sua própria respiração entrecortada, saiu de cima. Ana, por sua parte, atormentada pela necessidade do momento, pegou a camiseta verde, que estava jogada no chão, a vestiu, e sem dizer nada, foi ver seu filho. Quando chegou ao quarto, Dani tinha voltado a dormir placidamente. Com as pernas tremendo pelo que tinha estado a ponto de acontecer, se sentou na cama e se apoiou no berço. O que tinha estado a um triz de fazer? Como podia ter perdido seu autocontrole? Com a mão se abanou. Precisava de ar ou sufocaria. E quando se sentiu mais tranquila, voltou pra sala onde continuava tocando a música de Luis Miguel. Rodrigo a esperava de pé e carrancudo no meio daquilo, de

novo vestido com a pólo branca.

— Sinto muito... Falou. — Não sei o que aconteceu.

Ana o viu desconcertado e decidiu tomar as rédeas da situação.

— Fica tranquilo — cochichou brincando. — Colocaremos a culpa nos meus hormônios e em Luis Miguel.

A pesar de estar transtornado, sorriu; ainda sentia desejo de retomar o que não tinham acabado.

— Não..., desta vez fui eu. — E sem deixar dizer nada, se aproximou dela e lhe deu um beijo na bochecha. — Vou pra casa. Voltarei depois das onze para buscar a Carolina, tudo bem?

Ana assentiu, e ele sensato, se foi. Na manhã seguinte, pontual, foi buscar sua irmã, e ninguém falou do que tinha acontecido na noite anterior.

Três dias depois do acontecido com Rodrigo, Ana foi pra Londres. Tinha que viajar a trabalho e não podia ocupar se como ela queria do seu filho. Por isso, com o coração partido, decidiu separar-se dele e leva-lo para seus pais. Dani ficaria com eles quinze dias, e não tinha a menor dúvida de que o pequeno estaria uma maravilha.

— Frank, pelo amor de Deus, segura a cabecinha — se queixou Teresa ao ver seu marido como o pequenino.

— OK..., OK, mulher, não fica assim.

— Mamãe, não te agonie — advertiu Ana rindo.

— Filha, por Deus..., estamos tão destreinados que estou até assustada.

Frank sorriu pra sua mulher e, sentando junto dela na sala da casa, com o bebê nos baços, lhe disse:

— Tranquila, tesouro. Se conseguirmos criar Ana e Lucy, com certeza que podemos cuidar de Dani por quinze dias.

Teresa assentiu, emocionada, e olhou o pequenino com ternura.

— Mas que bonito é nosso menino!

— É sim — afirmou Ana, encantada.

— E puxou os olhos azuis do seu pai, que maravilha! Espero que puxe também sua altura. Porque com esses olhos e essa altura meu menino vai dar trabalho.

— Será..., será — assegurou rindo Frank.

Contente pela felicidade que Teresa via em seu marido, perguntou:

— Ana Elizabeth, quando Rodrigo voltará para nos visitar?

— Não sei, mamãe. Está muito ocupado com seu trabalho.

— Tenho que dizer que estou encantada por ele ter aparecido na sua vida. Com o pouco que o conheço me dei conta de que esse rapaz gosta muito de você e de Dani, cuida de vocês, e isso, minha vida, é muito importante para mim. — Nesse momento, se emocionou ao pensar em como Rodrigo tinha feito por merecer. Ah! E saiba que minha amiga Molly ficou impressionada pelo quão atraente é quando o viu no casamento. Rodrigo é muito mais bonito que seu genro George Sinclair. — Frank sorriu, e Teresa continuou: — Sinceramente, carinho, acredito que vai ter filhos preciosos. Somente olhando pra Dani para saber que os que vão vir depois, se vierem, serão maravilhosos.

Ana suspirou. Desde que tinha chegado, seus pais — em especial, sua mãe — não paravam de referir-se a Rodrigo uma e outra vez, e isso a tinha esgotado.

Depois do ocorrido dias antes em sua casa, aquela noite, o estado de confusão de Ana era enorme, e não sabia o que pensar. Por que a tinha beijado assim? Como durante aqueles dias não tinha feito contato com ela para nada, deduziu que aquilo tinha sido por Dani, teria feito amor, para no dia seguinte esquecer se dela. Assim, convencida de que tinha que acabar com aquela grande mentira e com aquela confusão de uma vez por todas, se sentou reta e limpou a garganta.

— Agora que estamos os três aqui tranquilos, tenho algo para dizer. — Seus pais a olharam, e ela prosseguiu: — Sei que não vão gostar nada do que vou dizer, e com certeza ficarão com raiva de mim, mas o feito, feito está antes diante disso nada se pode fazer. Além do mais, o resultado de tudo é Dani, e por ele voltaria a fazer mil vezes.

— Ai, filha, está me assustando! Qualquer um que te escute vai pensar que comprou Dani no mercado negro.

O comentário da sua mãe a fez sorrir.

— Não, mamãe. Isso te asseguro que não.

E de repente, Teresa, a grande rainha do drama, tirou o lenço de linho que tinha no bolso e, colocando na boca, choramingou:

— Ah Deus! Ah, meu Deus, que estou imaginando!

Frank, vendo sua mulher, intuiu o que ia passar.

— Teresa, não comecemos com o drama.

Mas a mulher, enrugando o queixo, perguntou com um fio de voz?

— Não me diga. Terminou com Rodrigo, verdade?

Confirmar aquela versão suavizaria o que tinha que dizer, mas seria uma nova mentira, e não queria isso. Eles conheciam Rodrigo em pessoa e se sentia na necessidade de dizer a verdade. Por isso, tomando ar, negou com a cabeça.

— Não, mamãe. Não é isso.

— Ana Elizabeth, pelo amor de Deus, o que aconteceu então?

A essas alturas estava já plenamente convencida de que o melhor era ser sincera cem por cento.

— Quando soube que estava grávida pensei em abortar e...

— Ai, meu menino! — Gritou Teresa, tocando a mãozinha do seu neto.

Ana, incapaz já de calar o que tinha que dizer, prosseguiu:

— Mamãe, que ia fazer eu com um menino? Meu trabalho requer tempo e...E... Não pude pensar em outra coisa. Mas quando vim aqui no Natal e você começou a chorar porque não tinha netos, eu... Eu... Não sei o que me passou que mudei de ideia e os disse... Os disse que estava grávida. Depois, me perguntaram quem era o pai, e eu... Eu... Estava tão confusa que... Que... — Ao ver a cara de seus pais, finalmente admitiu: — Rodrigo não é o pai de Dani.

Como era de se esperar, Teresa ficou com os olhos brancos e caiu descadeirada no sofá.

— Pelo amor de Deus! Esta mulher sempre igual — Se queixou Frank, que, sem tempo que perder, deixou Dani no bercinho enquanto Ana abria a caixa de sais.

Uma vez eu passei aquele frasquinho embaixo do nariz de Teresa, e ela abriu os olhos, Ana falou:

— Me perdoa, mamãe.

Teresa se sentou no sofá sob o atento olhar de seu marido e sua filha com os olhos cheios de lágrimas.

— Mas... Mas como pode ser. Rodrigo é uma pessoa tão encantadora e cuida tão bem de você... Somente vendo como te olha para ver que esse

rapaz te adora. E quer a Dani e...

— Uma coisa é adorar, e outra muito diferente é querer, mamãe.

— Mas, filha — Insistiu Teresa — Rodrigo é um homem que...

— Mamãe, Rodrigo é um amigo que coloquei numa enrascada quando menti pra vocês. Ele foi o primeiro surpreendido em tudo isso e...E... Quando fiquei grávida ele somente me ajudou representando o papel que eu o tinha pedido. E por favor, não fiquem com raiva dele. Ele somente tentou fazer com que minha gravidez fosse melhor e...

— Mas filha, Dani se parece tanto com ele. Inclusive tem seus olhos azuis! — Insistiu Teresa.

Com um triste sorriso e diante do atento olhar do seu pai, Ana, assentiu, e retirando seu cabelo escuro do rosto, falou:

— Mamãe, o pai de Dani também tem os olhos azuis.

— Mas então quem é o pai de Dani? — Perguntou Teresa com o queixo tremendo.

Sem dúvida, estava convencida que não queria seguir mentindo, mas lhe custava muito revelar os segredos da sua vida íntima, assim suspirou e respondeu:

— Um suíço que conheci e...

— Um suíço?

— Sim, mamãe, um suíço chamado Orson. Mas a relação acabou, perdemos o contato e...

— E não sabe que Dani existe, verdade? — Terminou Frank a frase.

— Exato, papai — assentiu, algo envergonhada.

Nesse instante precioso, o pequeno começou a chorar, e Teresa, esquecendo-se de tudo, se levantou para pegar seu neto. Aquele pequeno era o único que importava nesse momento.

— Tá querendo mamadeira — disse Ana depois de olhar o relógio.

— Eu dou — se ofereceu Teresa e, beijando a cabecinha do pequeno, foi até a porta — vou à cozinha pra ele.

Quando a porta se fechou, Ana olhou seu pai. Frank, que até então tinha ficado calado, ao ver a confusão no rosto da sua filha, falou:

— Sinto que tenha se sentido obrigada a nos mentir de novo.

— Papai, se alguém sente algo sou eu. Mas temi a reação da mamãe, e por isso menti e inventei tudo. Sinto-me mal. Fatal. Mas nesse momento não fui capaz de dizê-los a verdade, e eu... Eu... Oh Deus! Porque tive que mentir? Por que tive que enrolar Rodrigo nisso tudo?

— Às vezes, na vida, tudo tem seu porque — sussurrou Frank.

— Sim, papai — assentiu, disposta a não chorar, — mas não quero pensar no passado nem nos porquês das coisas. Somente quero continuar com minha vida, e agora que sabe toda a verdade talvez eu possa fazer.

Depois de um silencio incômodo, o homem se levantou, foi até o bar e, depois de servisse de um whisky, olhou sua filha.

— Sente algo por Rodrigo?

Nervosa por aquela pergunta tirou o cabelo do rosto e, pegando na orelha, respondeu:

— Não. Ele e eu tivemos algo, mas nunca foi nada sério.

Frank sorriu ao observar aquele gesto delator que Rodrigo tinha revelado de sua filha.

— Mas houve algo entre vocês?

— Ai, papai,pois sim. Houve algo entre nós, mas não funcionou. Ao contrário, como amigo, reconheço que tinha sido colossal. O melhor.

— Esse rapaz merece todo o meu respeito pelo modo como cuidou e protegeu você durante todo este tempo. — E cravando os olhos pardos nela, acrescentou: — Mas acredito que...

— Papai, ele somente me ajudava; portanto, não te aborreças com ele. Aborreça comigo se quiser, mas com ele não.

— Tranquila, não vou me aborrecer com ele. Ao contrário, tenho muito que agradecer a esse rapaz.

Ana sorriu.

— Enquanto a você insistiu seu pai. — Não volta atrás?

— Papaiiiiiiiii! — Protestou ela.

— Vamos ver, filha, se te digo isto é porque igual que as mulheres têm um sexto sentido para muitas coisas, os homens têm uma linguagem corporal que dá a entender outras muitas coisas, e te asseguro que esse

homem é...

— Papai, não!

Frank quis maldizer pela cabeça dura que era sua filha, mas se conteve.

— Ok... Ok... Filha, mas que saibas que Rodrigo é um homem da cabeça aos pés. Pelo pouco que pude ver quando esteve aqui, ou por como cuidou de você no hospital e fora dele, demonstrou que é um home com princípios, e ainda que não seja o pai biológico de Dani...

— Mas, papai — o cortou, — Desde quando é tão bajulador? Parece mais minha mãe falando...

— É que esse rapaz me parece um bom partido para você — afirmou, e deixou escapar um sorriso ao ver a reação da sua filha.

— Ente ele e eu não temos nada nem terá — acrescentou, angustiada. — Ele gosta de outro tipo de mulher mais voluptuosa, de pernas compridas e cabelos longos, e eu sou outra coisa — disse, mostrando seu cabelo curto. — Acredita-me, não entro nas suas expectativas.

Nesse instante, entrou Teresa com o pequeno em seus braços, e Frank, antes de levantar-se e dar por concluído de momento aquela conversação, olhou sua filha e apostou:

— Ana... Nesta vida, as expectativas podem variar quando se trata de amor.

Ana voltou a Madrid dois dias depois. Ao entrar no quarto e ver o berço de Dani, se pôs a chorar como uma tonta, enquanto Nekane a consolava. Aquele pequeno menino, em somente três meses, já tinha deslocado sua vida e já não podia viver sem ele. Essa noite Rodrigo ligou, mas Ana, ao ver seu nome, desligou o celular. As onze, enquanto se preparava um chupito de Cola Cão com o nariz vermelho como uma pimenta de tanto sentir saudades de seu menino, tocou o porteiro eletrônico. Sem perguntar, abriu. Imaginou que era Nekane, mais uma vez tinha esquecido as chaves. Mas sua surpresa foi grande ao ver entrar Rodrigo. Durante alguns segundos, ambos se olharam, até que ele foi incapaz de seguir calado.

— Onde se meteu?

— Estava em Londres.

Rodrigo assentiu, e ao olhar para perto do sofá e não ver o carrinho do bebê percebeu os olhos chorosos e o nariz vermelho como um tomate de Ana.

— Onde está Dani?

Aquela pergunta foi à gota d'água para que Ana se apoiasse na bancada e começasse de novo a chorar. Rodrigo, assustado ao vê-la naquele estado, se aproximou dela.

— Aconteceu alguma coisa com o menino?

Ela negou com a cabeça e soou o nariz.

— Está em Londres com meus pais. Amanhã vou viajar para a Alemanha e não podia levá-locom...Comigo.

Foi dizer aquilo e se desmanchou e começou de novo a chorar. Sentia muita saudade de seu menino e estar sem ele durante quinze dias ia ser uma tortura. Rodrigo, abraçando-a, a levou até o sofá e, depois de senta La, viu o CD do filme Doce Novembro sobre a mesinha. O pegou e colocou.

— Nem fudendo vou ver isso outra vez. Mas como é tão masoquista?

Ela sorriu, e ele, secando as lagrimas que corriam pelo seu rosto, retirou o cabelo do rosto e com carinho falou:

— Vamos ver, super mamãe, deixa de chorar. Estou certo de que Frank e Teresa vão cuidar dele como um rei. O vão mimar, e quando for buscar, estará gordinho e feliz.

— Eu sei... Mas eu... Tenho saudades...

Pegando um lenço da caixa que costumava ter encima da mesinha em frente ao televisor, Rodrigo sorriu.

— Sei que eles vão cuidar melhor que eu — disse ela, — mas... É tão pequenino que me deu pânico Le valo comigo para a Alemanha. Neka vai comigo e deixá-lo tantos dias com Encarna me dá medo, e...

— Podia ter deixado comigo. Eu cuidava na sua ausência.

— Sim, homem, quinze dias a seu cargo. E quando trabalharias?

— Ana... Tudo isso é solucionável. Portanto, conta comigo da próxima vez, de acordo? Ao fim, me considero parte da vida de Dani.

Aquele comentário a faz voltar a chorar como uma possessa, e quando Rodrigo a acalmou, ela soou o nariz e, olhando-o, confessou:

— Já disse a meus pais que não é o pai de Dani. Portanto, já não tem que seguir fingindo.

— Ana...

— Ok... — Digo, pondo a mão na boca. — Sei que me disse que não tinha

pressa. Que adora Dani. Mas devia ser sincera com eles e não deixar que seguissem com ilusão da gente. Assim que, a partir de hoje, já pode sentir se liberado de ser pai de meu filho e meu namorado. E tranquilo, aceitaram muito bem. Tanto mamãe como papai têm grande apreço pelo muito que me ajudou nesse tempo.

Emocionado por verse relegado de algo que em princípio não tinha gostado, se sentiu esquisito. Que diabos aconteceu com ele? Porque ultimamente comparava todas as mulheres com Ana? Porque olhava a todos os meninos e sorria ao pensar em Dani?

— Sei que agora posso tomar um banho de uma hora em vez de uma ducha rápida — prosseguiu Ana, — que posso sair e embebedar-me sem pensar em preparar mamadeiras de madrugada, mas... Mas é que não posso... — reconheceu gemendo. — Sinto falta desse pequeno cagão e seu cheiro de pêssego.

Rodrigo desenhou um sorriso diante do seu último comentário.

— Ana, temos que falar do que passou outro dia.

O olhou assustada e com os olhos chorosos.

— Não passou nadaaaaaaaaaaa. Somente foi um calor e...

— Não, não foi isso — cortou ele.

Nesse momento, a porta da rua se abriu e apareceram Nekane e Calvin com uma bolsa. Alegraram-se em encontrar Rodrigo ali, ao ver a sua amiga de novo com os olhos chorosos, jogou uma bolsa para faze La rir.

— Se deixar de chorar cinco minutos, te dou o que trouxe.

Calvin se aproximou para cumprimentar Rodrigo.

— Não tem encontro essa noite?

— Cancelei — respondeu, de cara fechada. Precisava ver Ana, e encontra La naquele estado era a última coisa que queria. Ela era tão risonha e cheia de vida que vela desse modo o tinha destroçado o coração.

Seu amigo Calvin estava surpreso, mas preferiu calar e não perguntou mais. No entanto, acabava de confirmar o que vinha pensando há meses: Rodrigo sentia algo por Ana.

Longe dos olhares de todos, a chorosa mãe sorriu ao ver a bolsa de Starbucks.

— Genial! — Exclamou Nekane. — Somente por esse sorriso tão bonito

que me deu, acaba de ganhar um frapuchinode chocolate branco.

Ana, pegando o que sua amiga lhe entregava, deu um gole.

— Obrigada, Neka. — E de repente, o queixo começou a tremer e falou: — Te amoooooo.

Ao vela chorar de novo, sua amiga sorriu e, sentando a no sofá, disse olhando os desconcertados rapazes:

— Coloca o sorvete no congelador, acredito que esta noite vai ser longa.

Na manhã seguinte, muito cedo, as duas mulheres se foram para a Alemanha. Tinham um trabalho para fazer.

Rodrigo, há doze dias sem saber nada de Ana, se encontrava deslocado. Calvin falava com Nekane todos os dias, mas Ana não parecia querer falar com ele. De repente, escutar sua voz tinha se convertido em uma necessidade, e isso o estava começando a amargar. Sair com outras mulheres se converteu em algo aborrecido e sem sentido, edesejava que ela voltasse para ver seu rosto moreno e seus olhinhos risonhos. Queria rir com suas loucuras e mimar La quando chorasse. E se isso a isso somasse a saudade que sentia pelo menino, era para voltasse louco.

Aquela tarde, no ginásio, Rodrigo pegava a esteira quando Calvin se aproximou dele. Não quis perguntar Le. Sabia que acabava de falar com Nekane, mas resistia em perguntar. Calvin, no entanto, que tinha observado vários dias se sentou na frente dele.

— Acabo de falar com minha princesa.

— Tudo bem? — Perguntou Rodrigo.

— Sim.

Durante dez minutos os dois ficaram calados. Rodrigo corria, e Calvin exercitava com os pesos, até que tocou o celular de Rodrigo e ele atendeu. Uma vez que desligou, Calvin perguntou:

— Vai sair esta noite?

— Sim.

— Com quem marcou?

— Com Katrina.

Ficou surpreso por aquele nome que nunca tinha escutado.

— Quem é Katrina?

Chateado por ter que dar tantas explicações, Rodrigo retomou seu caminho sobre a esteira.

— Uma aeromoça que Javi me apresentou outra noite.

— Está boa?

— Sim — assentiu Rodrigo com a testa franzida.

De novo se produziu um silencio entre os dois. Somente se ouvia o som mecânico da esteira e a respiração de ambos. Cinco minutos depois, Calvin, cansado de que o outro não falasse se aproximou dele e parou a máquina.

— Quando vai assumir que gosta de Ana e fazer algo?

— Não diga bobagens.

— Não digo bobagens, Rodrigo. Por acaso pensa que estou cego e não dou conta das coisas? Morre de vontade de falar com ela, morre para ver ela, e esta aí correndo como um imbecil deixando escapar a única mulher que verdadeiramente te importa alguma coisa, enquanto sai com outras para divertir e não consegue. Assume que ela e Dani são importantes para você. Assume de uma fodida vez, e será feliz.

O olhou, atônito, e pondo de novo a máquina em funcionamento, começou a correr. Mas seu amigo, não disposto a deixar aquela conversa pendente, parou outra vez à esteira.

— Vamos ver, amigo, eu...

— Quer calar de uma vez e me deixar correr? — Grunhiu Rodrigo, ofuscado.

—

Calvin, vendo-o naquele estado, deu o botão da máquina, e quando esta começou a funcionar, disse:

— Ok, amigo... Mas eu se fosse você faria algo. Porque está claro que ela não pensa fazer. — ao ver que o outro o olhava, se sentou junto aos pesos e falou: — a final, minha princesa vai ter a razão e vai resultar que ela por fim se afasta de você.

Ao escutar aquela curiosa palavra, algo apertou no peito de Rodrigo e parou a máquina de um pulo.

— O que disse?

— O que ouviu, amigo — e tombando para continuar com os pesos, acrescentou: — E agora, se não se importa, quem não quer falar sou eu.

Abobado como poucas vezes em sua vida, Rodrigo se abaixou da esteira e, ficando de frente a Calvin, tirou os pesos das mãos.

— Ela está gostando de mim?

— Sim.

— De verdade?

— Sim, seu chato.

— Ela me disse tem meses que gostava de você e...

— Não vê? Estou te dizendo. Mas não tem mais surdo o que não quer ouvir nem mais cego que o que não quer ver.

Boquiaberto e atordoado, Rodrigo se sentou no chão. Como não tinha se dado conta? Calvin, surpreendido pela forma com que Rodrigo o olhava, disse, dando com os nós da mão na cabeça:

— Toc, toc... Tem alguém aí?

— Acabou de me deixar sem palavras. Eu pensava que ela somente tinha cismado comigo e...

— Mas vamos ver, Rodrigo, por acaso não se deu conta de como essa linda moça te olhava ou como sorri quando você chega? — Ele não respondeu, e Calvin prosseguiu: ok... Eu também não me dei conta, mas minha princesa me confirmou um dia em que bebeu uma cervejinha a mais. Inclusive me disse que Ana, faz tempo, em um dos seus ataques de sinceridade, confessou que gostava de você, mas você diretamente a disse que entre vocês nunca existiria nada porque ela não cumpria o que você buscava em uma mulher. E isso é afirmar sua sentença de morte.

— Foda!

— Sim, Foda! — Repetiu Calvin. — Mas isso, quero amigo, disse você, e você, e você, e somente você.

Rodrigo sorriu ao ouvir aquilo e tocou sua cabeça.

— Isso que disse é parte de uma música de Pablo Alborán que Dani e ela gostam muito.

— Ui! Homem... Está fisgado. — Rodrigo riu, e Calvin seguiu dizendo: — Será um top tem no que se refere a namorar a tias, mas enquanto a conhecê-las e seus sentimentos é um autêntico desastre.

— Tens razão.

— E antes que comece a compadecer por ser um absoluto babaca, te direi que continuo intuindo o que se passava desde faz alguns meses. Mas estes dias já é exagerado, homem. Muitas vezes fica com raiva porque não te liga, não me engano? — Rodrigo não respondeu. — Olha, em quatro dias, elas voltam de Madrid. No sábado! Se gostar de verdade dessa menina reconquiste-a porque vale à pena. Mas se não quer nada a sério com ela, esqueça-a. Ana merece um tio que a queira a seu lado.

Confuso pelo que Calvin lhe dizia, o olhou.

— Porque não me disse antes?

— Como diria minha princesa, primeiro ponto, porque não sou indiscreto nem fofoqueiro, e segundo ponto, porque nunca pensei que algum dia chegaria a apaixonar se.

Ambos riram diante daquela palavra, e Rodrigo, tocando a mão com a do seu amigo, comentou:

— Sabe que acabamos de ter uma terapia de açúcar?

No sábado às seis e vinte da tarde o avião procedente da Alemanha chegou a T-4 de Barajas. Ana y Nekane, cansadas, desembarcaram do avião junto a outros companheiros. As sessões de fotos na Selva Negra com as modelos não tinham sido fáceis, mas regressavam com um trabalho impressionante e que sabiam que o cliente ia gostar.

Quando as portas de saída dos passageiros se abriram, Nekane gritou e se separou do grupo. Ali estava seu Calvin com um precioso ramo de flores silvestres. Quinze dias tinham sido muitos dias sem se ver, e ao velo tão bonito e sorridente, não teve dúvidas e se jogou nos seus braços.

— Vai, volte fogosa! — Zombou Calvin ao sentir seus ardorosos beijos.

Ana, depois de despedir se de dois companheiros que tinham viajado com elas, olhou os pombinhos e sorriu. A sorte de Nekane a fazia feliz, ainda que sentisse uma pequena pontada de tristeza ao ver que a ela ninguém esperava. Uma vez que os pombinhos deixaram de lambuzar se e falar mimos, Calvin cumprimentou Ana, e os três começaram a andar.

— Como vai tudo?

— Perfeito — respondeu sorrindo Nekane. — As modelos um fardo, os alemães sérios e profissionais, e nós esgotadas. Mas, tirando isso, genial!

Ana assentiu, sorridente. Desejosa de chegar à casa, tomar um banho, ligar para seu menino, dormir e que chegasse o dia seguinte para pegar um

voo e ir ficar ao lado de Dani.

Calvin pagou o ticket do estacionamento e disse, agarrando sua menina pela cintura para beijar La:

— Ana, o carro está ali mesmo. À direita.

Ao intuir que desejavam um segundo a sós, Ana assentiu e caminhou para onde seu amigo tinha dito. Ia viajando em seus pensamentos quando ao virar à direita ficou sem fala: apoiado no capô do carro de Calvin estava um sorridente Rodrigo com Dani em seus braços. A emoção lhe embargou ao ver seu pequeno ali e, depois de dar um chiado como o que Nekane tinha dado anteriormente, soltou o carrinho que levava para correr para ele. Como uma tromba chegou até Rodrigo e, sem tirar o pequeno dos seus braços, o abraçou enquanto umas grandes lagrimas corriam pelo seu rosto. Quando deixou de tremer, olhou o pequeno, que a olhava com seu bico na boca e sussurrou enquanto Rodrigo o entregava:

— Oi, meu menino! Mas que bonito está, meu amor, e como cresceu!

Nekane e Calvin, que tinham observado a cena a poucos metros, se olhavam emocionados. Rodrigo, que tinha permanecido calado todo esse tempo, desejou abraçá-la, mas se conteve. Entendia que as atenções naquele instante eram todas para Dani, e decidiu esperar seu momento.

— Mas... Mas que faz Dani aqui? Porque você está com ele? Aconteceu alguma coisa? Aconteceu alguma coisa com meus pais? A Nana?

Rodrigo, ao escutar todas aquelas perguntas e ver sua preocupação, sorriu e, dando um beijo na bochecha, a tranquilizou:

— Ana, tudo está bem. Simplesmente, Dani queria vir para recebertee...

— Mas, desde quando está em Madrid?

— Desde ontem.

— Desde ontem? Mas... Se eu pensava amanhã ir pegá-lo em Londres e...

Pondo um dedo na sua boca, Rodrigo a calou.

— Falei como seus pais, os pedi que me trouxessem, e eles o deixaram ontem na minha casa.

— Em sua casa? Por quê?

Rodrigo queria dizer tudo que sentia, mas sabia que ia assustar; por isso, depois de olhar Calvin, que chegava junto de Nekane nesse momento, disse:

— Porque eu pedi. Estava com saudades de Dani e imaginei o quanto feliz ficaria encontrar com ele hoje. O resto já pode imaginar.

Confusa por ter seu filho em seus braços e, sobretudo, porque seus pais tiveram colaborado com aquele pedido, perguntou, assustada:

— Meus pais te deixaram com o menino e se foram?

— Sua mãe custou a ir — respondeu Rodrigo, a fazendo sorrir. — Não sei se me perdoará algum dia por ter tirado seu bebê uns dias antes, mas seu pai a convenceu de que comigo estaria bem. E posso assegurar que temos estado um luxo na minha casa. Tem dormido de uma vez, tem tomado banho com gel que sua mãe me disse, tomado sem reclamar todas suas mamadeiras e, para sorrir, cantei sua música.

Ana, o olhou, boquiaberta, tinha dito que tinha cantado sua música? A de Pablo Alborán?

Calvin, divertido com a parte que seu amigo estava dando, se meteu na conversa.

— Não esquece o passeio que demos ontem pelo parque. O tio foi fenomenal, e nós paqueramos com as mamães uma barbaridade.

— Caraduras... — Comentou Nekane, rindo.

— Usando meu menino para maus fins. — Interveio Ana, gargalhando.

Encantada, emocionada e iludida por ter seu pequeno entre seus braços, Ana começou a apertado enquanto seu menino sorria. Nekane, que já não podia aguentar nem um segundo mais, tirou o menino dos braços dela para começar a beijá-lo. Ana, ao se ver livre do seu filho, se voltou até Rodrigo e o abraçou.

— Obrigada, Rodrigo... Nunca deixará de me surpreender.

Deus, como senti sua falta, pensou ele ao aspirar seu cheiro doce.

— Isso espero... Seguir surpreendendo-te.

Ana não quis pensar me mais nada. Vê-lo tão imponente como sempre tirava sua respiração, mas ocultando, sorriu. Aquela surpresa tinha sido a mais bonita eu tinha dado em sua vida e estava feliz com seu pequeno nos braços. Cinco minutos depois, os quatro e o bebê subiram no carro de Calvin e se dirigiram para a casa das meninas.

Capítulo 20

Tinham se passado dois dias desde o encontro no aeroporto quando Rodrigo ligou na casa da Ana uma manhã para dar a notícia de que Júlio e Rocio tinham sido pais. Emocionada, lhe fez uma centena de perguntas que ele respondeu como pode, e ficou de passar para buscá-la à tarde para ir com ela e o pequeno Dani ao hospital.

À tarde, quando chegaram ao hospital cheios de balões e flores, o recente papai se emocionou. Isso fez Rodrigo rir, abraçando, o levou a cafeteria para tomar alguma coisa. Tinha algo bonito para celebrar. Uma vez que ficaram sozinhas, Rocio e Ana, com seus respectivos filhos, se olharam, encantadas.

— Que maravilha! São especiais! — Exclamou Rocio.

— Sim, somos afortunadas.

Tivemos meninos sãos e muito bonitos.

— Pode acreditar que Júlio não para de chorar? — Disse rindo Rocio. — Se espera que a chorona seja eu e não ele, por minha revolução de hormônios. Mas nada... É olhar pra mim ou a pequena, e o machão se transforma em Madaleno.

— Acredito. Tinha que ver Rodrigo com Dani... É que o tio fica babando nele, e se vê Calvin, já nem te conto!

— E bom..., ao final, entre vocês tem alguma coisa ou não?

— Entre quem? — Perguntou Ana, apesar de ter entendido a pergunta.

— Ai, Ana...! Entre Rodrigo e você.

— Não..., não. Entre nós somente tem uma boa amizade. Somente isso.

— Pois que pena, menina. Formam um bom casal e Rodrigo está tão iludido com Dani que da peninha pensar que entre vocês não tenha amor.

— É uma romântica — zombou Ana,

Ambas riram, e Ana, com rapidez, olhou seu filho em busca de força. Precisava quando se tratava de Rodrigo. A visita durou até que chegaram outros familiares de Rocio, e Ana e Rodrigo decidiram ir. Durante horas, caminharam pelas ruas de Madrid com o pequeno sentado em seu carrinho. Qualquer pessoa que os olhassem pensaria que era um casalzinho apaixonado. Riam a todo o momento, e a cumplicidade entre eles era evidente. Cerca de nove horas, chegaram à casa da Ana, e esta deu banho no pequeno enquanto Rodrigo preparava uma torta de batatas com cebola. Uma vez terminado, lhe deu a mamadeira e depois de dar um milhão de

beijos, o colocou no berço, onde o pequeno dormiu.

— Porque não come mais torta?

— Tenho que perder dois quilos ainda e...

— Mas está fantástica — opinou Rodrigo, rindo.

Ana assentiu e aproximou dele.

— Você que me vê com bons olhos. Mas, venha, me dá mais um pedaço que amanhã como de novo a ir ao ginásio, e estou certa que Arturo vai me fazer pagar.

Ao ouvir as palavras ginásio e Arturo, o estômago de Rodrigo se revirou, mas sem querer acabar com o bonito dia que tinham juntos, lhe serviu outro pedaço de torta e se recostou no sofá para observar como Ana comia. De repente, o celular dela tocou, e ao ver de quem se tratava, piscou um olho para Rodrigo e, com uma voz melosa que ele não gostou, disse:

— Oi, Mario! Como vai?

Mario? Quem é Mário? Pensou Rodrigo, mas continuou sentado, sem mover se um centímetro de sua posição.

— Sério?! Levantou Ana do sofá. — Quando diz que vem? — E ao escutar a resposta, concretizou: — Nossa, esse dia Neka me disse tem um compromisso, mas não se preocupe, encontrarei uma babá para Dani e sairemos para jantar. O combinado não é caro.

Durante quinze minutos, ouviu Ana rir e falar com o tal Mario enquanto ela se movia de um lado a outro da sala. Parecia encantada com aquela ligação, justo ao contrário de como se sentia Rodrigo. Quando finalmente se despediu e desligou, se sentou de novo no sofá e, com gesto divertido, explicou:

— Era Mario. — Ele levantou as sobrancelhas. — Um amigo fotógrafo que conheci estes dias na Alemanha e tenho levado muito bem.

Rodrigo, ainda que desejasse interrogá-la em relação a esse tema, não quis parecer desesperado, assim disse:

— Ouvi que vai jantar com ele.

— Sim.

— Se quiser, eu fico com Dani — acrescentou, ocultando sua fúria.

Ana o olhou.

— É sério? — Perguntou, feliz. — Ficaria?

— Claro.

Encantada pela proposta se jogou sobre ele e o abraçou.

— Genial! Genial! De agradeço de montão. Se Dani está contigo, fico mais tranquila que se o deixou com outra pessoa.

Como a ter em seus braços lhe deixava confuso, se desfez do seu abraço.

— Esse Mario, é alguém especial? — Perguntou uma vez que se sentaram no sofá.

— Pode.

— Pode?!

Ana assentiu e, depois de pegar uma banana da mesa, colocou os pés no sofá. Sentou-se como um índio e começou a descascar a fruta enquanto dizia:

— Mario é um fotógrafo do National Geographic. Conhecemo-nos tem quatro anos e sempre que coincidimos em algum lugar nos divertimos um montão. Nos vimos na Alemanha e, oh, Deus! Cada dia está melhor. — Deixou a casca sobre a mesa e deu uma mordida na banana. — É alto, moreno, tem uma tatuagem nas costas e, uf! Me completa muito!

Incomodado pelo que estava escutando, mas enfeitiçado por como ela comia a banana, apenas podia respirar.

— E vocês..., esse Mario e você tiveram algo? — Perguntou sem que pudesse evitá-lo.

Com a banana na boca, Ana assentiu.

— Hummm, sim! E somente posso dizer colossal!

Aqueles barulhinhos que fazia e ver ela com aquela fruta na boca lhe deu uma ereção entre as pernas. Ana era sexy, direta e encantadora. Como não tinha se dado conta disso antes?

— Te apresento ele na noite que saímos. Certamente, é quarta-feira; pode?

Rodrigo assentiu enquanto que ela passeava a banana pela boca. Dava a sensação que o estava provocando, mas Ana não era assim, ou ao menos nunca tinha sido. Finalmente ao sentir que suas respirações estavam mais profundas, se levantou.

— Vou ao banheiro.

Ela assentiu e continuou comendo a banana. Uma vez no banheiro, Rodrigo jogou água no seu cabelo. Tinha que esfriar sua cabeça e sua virilha, ou se jogaria sobre ela e lhe faria apaixonadamente o amor. Quando saiu do banheiro, encontrou Ana tirando a mesa e, sentindo-se incapaz de continuar um segundo mais junto dela sem beijá-la, disse:

— Já vou. Amanhã começo cedo.

— Muito bem — assentiu ela, guardando as coisas no lava-louças.

Ele se aproximou para despedir-se, e a jovem, dando a volta, ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo na ponta do nariz.

— Obrigada pela torta. Estava um escândalo!

Assentiu aturdido e, depois de sorrir, pegou as chaves do seu carro da bancada e saiu. Aquilo não era bom para a saúde.

Quarta-feira, tal como tinha dito, Rodrigo se apresentou na casa de Ana as sete para fazer de babá. Estava incomodado com a situação, mas, tentando demonstrar normalidade, sorriu quando ela lhe deu o menino porque ia se arrumar. Uma hora depois, enquanto ele via televisão e o pequeno dormia entre seus braços, Ana saiu do seu quarto.

— Seja sincero. Como estou para meu encontro?

Ao olhar, as pernas de Rodrigo tremeram e a boca ficou seca. Ana estava preciosa. Sexy e encantadora. Aquele vestido preto justo que deixava descoberto seus preciosos ombros e aqueles sapatos de salto ficava muito bem. Muito bem. Boquiaberto, permaneceu sentado.

— Está preciosa — murmurou.

Ela sorriu, e olhando em um espelhinho que tinha na sala de jantar, perguntou mais nervosa do que o normal:

— Que faço com o cabelo? Deixou a franja no rosto, a mulher fatal, ou ponho uma presilha?

Atônito, observou como ela prendia o cabelo e o soltava, e finalmente somente pôde balbuciar como um imbecil.

— Tanto faz. Esta muito bonita.

— Obrigadaaaaaaaaaa!

Nesse momento, chamou o porteiro eletrônico da casa, e Ana rapidamente atendeu.

— É Mario — anunciou entrando na sala de jantar.

Dois minutos depois, um tipo tão alto como Rodrigo e, para seu gosto, muito atraente, entrou na sala. Ana sorriu ao vê-lo e lhe deu dois beijos na bochecha.

— Mario, te apresento Rodrigo, um bom amigo. Ele ficará de babá com Dani.

Apresentaram-se com cordialidade, e Ana, tirando o bebê dos braços de Rodrigo, disse:

— E esta coisinha tão bonita é meu filho Dani. Não é precioso?

Mario observou o pequeno e sorriu, e tocando a gorducha bochecha, respondeu para desagrado de Rodrigo:

— É tão bonito como sua mãe.

A maneira como se olharam desagradou Rodrigo. O que tinha aquele babaca tocando a bochecha de Dani e sorrindo pra Ana dessa forma? E incapaz de permanecer impassível, disse:

— Ana..., vem um momento no quarto. Tenho que perguntar algo antes que se vá.

A jovem olhou Mario e, depois de pedir um segundo mediante um sinal, o seguiu. Uma vez que chegaram ao quarto, Rodrigo fechou a porta.

— Está louca?

— Por quê?

— Esse babaca tem escrito na cara, que bonito eu sou!

— É que é muito bonito — sorriu encantada.

— Ana..., esse não gosto desse tipo. Absolutamente nada.

— Normal. Você só gosta das tipas. Estranho seria se gostasse dele — falou, molestada. Quem era ele para dizer tudo aquilo?

— Mas não se deu conta de que classe de homem é e do único que quer?

Ao entender o que dizia, Ana mudou o peso do seu corpo de um pé para outro e, com profundidade, respondeu:

— Simplesmente é a mesma classe de homem que você. E em quanto ao que quer, me parece muito bom. E sabes por quê? Porque é justo o que eu quero.

E sem vontade de dizer nem escutar nada mais, Ana abriu a porta e saiu do quarto. Rodrigo a seguiu. Uma vez na sala de jantar, sem olhá-lo nos olhos, lhe entregou o pequeno, a quem beijou na testa. Então, agarrou a bolsa e uma pashmina, e olhando Rodrigo com uma seriedade que não conhecia nela, disse antes de sair pela porta:

— Diante de qualquer coisa sobre Dani, me liga!

Quando a porta se fechou, a fúria de Rodrigo era trovejante, e depois de deixar o bebê dormindo em seu bercinho, amaldiçoado desesperado. Mas olhando-se no espelho onde minutos antes tinha olhado ela, assobiou:

— Foda-se, seu idiota.

A partir desse dia, a vida de Rodrigo se transformou num inferno. Durante uma semana, suportou a presença de Mario ao seu entorno e apenas se pode protestar. Fosse à hora que fosse a casa dela, lá estava àquele imbecil. E o pior não era aquilo. O pior eram os sorrisos que Ana lhe dedicava e ver como o tipo brincava com Dani. Não o suportava! Porque tinha que pegar o menino? E, sobre tudo, porque tinha que estar na casa da Ana constantemente? Por isso, o dia em que chegou à casa da jovem e Encarna lhe disse que Ana estava no aeroporto despedindo do seu amigo, suspirou aliviado. E depois de pegar Dani e sentar-se no sofá para beijá-lo de montão, teve certeza que aquilo tinha que solucionar.

Encarna, que tinha sido testemunha muda durante aqueles dias de como Rodrigo olhava o fotógrafo, sentando-se ao seu lado e oferecendo rosquinhas. Rapidamente, ele atacou o prato.

— Estão boníssimas, Encarna. Encantam-me.

— Acredita que são as melhores rosquinhas que já comi?

Surpreendido por aquela pergunta, Rodrigo respondeu?

— Acredito que sim.

A galega se levantou movendo as mãos e cochichou enquanto se afastava:

— Acredito... Acredito..., acredito... Esse acreditar seu não vale.

Aturdido e sem entender nado do que a mulher dizia, e menos do que lhe passava, deixou Dani na cadeirinha e se aproximou dela.

— O que você tem Encarna?

Depois de secar as mãos com um paninho, a vizinha de Ana o olhou.

— Sabe que está perdendo o tempo?

— como?

— Sim, está perdendo o tempo nesta casa. Sei que você gosta da Ana, o sei pelo modo como olha pra ela e pelo mal que passou estes dias em que Mario estava aqui. Sou velha, mas não tonta. Mas, acredita em mim, você já não tem nada que fazer. Portanto, como você disse, acredito que deveria dar um beijo em Dani e ir para que Aninha seja feliz. Porque, rapaz, como a tudo que você gosta faça o mesmo por ela, vamos! Resmungou ela.

Surpreso por aquela contestação, Rodrigo olhou a mulher e perguntou:

— Porque disse isso?

— Por nada..., por nada. — Mas incapaz de calar, acrescentou, enfadada: Como pode ser tão tonto? Por acaso não vê que como não fica esperto chegará outro mais espertinho que você e ficará sem este pequeno e sua mãe? — E dando um pescoção, a mulher anotou: — Tonto..., tem tido tudo para conquistá-la, mas sua torpeza está te deixando sem nada.

Estupefato por aquelas palavras, somente pôde gaguejar:

— Vou falar com ela e...

— Pois desperta, caralho, desperta. Porque isto é como as rosquinhas, se continua provando e degustando, nunca saberá se realmente você gosta de alguma de verdade. Porque, filho, ainda que seja mocinha e não provei homem, sei que para que algo lhe goste tem que pôr empenho em degustálo, observá-lo, cuidá-lo, conhecê-lo, desfrutá-lo e mil coisas mais. E isso, justo isso, é o que você faz. E o dia em que pensar aquela rosquinha que provei eu gostei, pode que outro á se tenha comido e fique com cara de tonto completo.

— Está comparando uma relação com uma rosquinha? — zombou, divertido.

A galega, retirando um anelado da têmpora, olhou aquele homenzarrão que tanto lhe gostava para sua Aninha e sussurrou:

— Sim. E a bom entendedor, meias palavras bastam.

E já não puderam falar mais. A porta abriu, e Ana, com um de seus espetaculares sorrisos, apareceu com um dos seus tantos amigos. E como era de esperar, a tortura de Rodrigo continuou.

Capítulo 21

O casting para eleger os bombeiros que fotografaria para o calendário de Intimissimi despertou grande expectativa.

Bombeiros vindos de toda Espanha se reuniram no hotel NH da Ciudad de la Imargen, onde Nekane e Ana, em uma sala equipada, pediam o necessário para ver a sensualidade deles. Fizeram com que posassem para câmera vestidos com seus uniformes e nus da cintura pra cima.

— Mãe de Deus! Você está vendo o que vejo? — Sussurrou Nekane.

— Sim..., eu vejo, eu vejo. Em momentos como esse entendo porque adoro meu trabalho.

— Eu também. — Respondeu Nekane rindo com um pote de óleo nas mãos.

Todos os bombeiros o fizeram realmente fácil. Todos eram simpáticos e, de certo modo, parecia que se conheciam por toda vida. Acostumados a outro tipo de trabalho, aquele dia foi para eles uma jornada divertida e até mesmo original.

Em um certo momento Ana viu que Rodrigo chegava junto com Calvin, Julio e Jesús. Depois do que aconteceu na noite em que ela saiu com Mario e o fez de babá, não haviam voltado a falar sobre o tema, e a verdade é que agradecia. Quanto menos lembrarem melhor.

Na hora do almoço já haviam fotografado e tomado dados de mais de cem daqueles impressionantes bombeiros, e faltava apenas alguns antes de finalizar.

— Incrível! — Exclamou sorrindo Nekane. — Mas, Ana você viu o material de primeira que temos aqui?

— Sim. E nem sabíamos.

As duas sorriam quando Calvin, com seu sorriso de sempre, se aproximou delas.

— Olá lindas. Como está indo isso?

As duas se olharam e Nekane respondeu:

— Só posso dizer que: que exaustivo!

Seu gesto travesso e forma como muitos de seus companheiros olhavam

para ela, fizeram com que Calvin a levantasse da cadeira e a puxasse pela cintura trazendo-a para ele de forma possesiva e a beijando. Quando se separou dela, Nekane o olhou firmemente.

— Calvin, porque você fez isso?

— É a minha maneira de deixar claro a todos os lobos ferozes que a olha com desejo que você minha princesa.

O olhar de Nekane o fez acreditar que ela não diria nada de bom, mas surpreendentemente soltou:

— Que bobo! Para mim você é o melhor.

Atordoado, Calvin mordiscou seu pescoço.

Ana revirou os olhos e rindo lhes disse:

— Vão, vão, exalar essa luxuria longe de mim e da minha comida por favor.

Quando se afastaram sorrindo, Ana colocou um pouco de arroz na boca. Em seguida alguém reivindicou sua atenção.

— Ana? — Ela assentiu — Meu nome é David. Posso sentar?

— Sim... Sim, por favor. — Respondeu assim que engoliu o arroz.

O homem que sentou ao lado dela era impressionante. Devia ter uns trinta e cinco anos. Ele era alto e atraente e por sua forma de sorrir parecia simpático.

— Pois não? — Disse Ana.

— Só queria que você soubesse que estamos muito agradecidos por esta iniciativa. Essa porcentagem que a marca de roupa vai doar aos bombeiros durante um ano, acredito que vai nos ajudar muito a comprar coisas que necessitamos para nosso trabalho.

— Obrigada. — olhando para ele perguntou — Você passou pelo casting?

Ele sorriu e se aproximando dela, fez um gesto negativo.

— Não.

— Mas vai passar, certo?

Nesse momento chegaram Rodrigo e Julio, e se sentaram junto com eles.

Depois de se cumprimentarem com um aceno de cabeça, David se voltou novamente para Ana.

— Não.

Se divertindo e sem querer ver a seriedade de Rodrigo, voltou a olhar para o bombeiro.

— E porque não? — perguntou

— Porque esse cara é muito feio e queimaria a tua câmera. — zombou Julio, ganhando um sorriso do homem.

— Ana — acrescentou David— eu só vim acompanhar uns amigos e ver do que se trata isso.

A jovem sorriu, e sem se importar que os outros dois estavam atentos a sua conversa seguiu perguntando.

— De onde você é?

— Sou do parque quatro de Madrid de Tetuán.

— Muito bem, David do parque quatro de Tetuán, quero te fotografar. Quero te ter na frente da minha lente.

Rodrigo bufou, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, David levantou e puxando um cartão do bolso, colou sob a mesa. Olhando a jovem, disse antes de sair:

— Só farei se antes você me ligar e aceitar jantar comigo esta noite.

Quando ficaram só os três, Ana pegou o cartão e o olhou. Rodrigo irritado com o descaramento de David puxou o cartão de suas mãos.

— Não se atreva a liga para ele. — A advertiu para seu desgosto.

— Isso de novo? — Protestou, olhando-o seriamente — Porque não posso ligar para ele? Você também não gosta desse?

Julio olhou surpreso para eles. O que estava acontecendo entre eles? Mas continuou sentado no mesmo lugar, disposto a se inteirar para depois contar a sua mulher. Rodrigo implacável se inclinou sobre a mesa e aproximou-se dela.

— Simplesmente porque eu estou te dizendo.

Sua arrogância irritou Ana que o olhou com raiva:

— Me dê o cartão. — Exigiu.

Julio desconfortável com o duelo de titãs, optou por levantar e ir embora. Não entendia o jogo deles, mas decidiu afastar-se para que eles esclarecessem sozinhos.

— Rodrigo..., você está passando.

— Esse cara...

— Lalalalala... Não quero te escutar. — Soltou Ana para seu desespero.

— Droga, Ana, me ouça! Só estou te protegendo.

— E quem te pediu proteção?

— Você me nomeou seu cupido particular? Esqueceu? E por isso não quero que jante com ele.

— O que acontece? Ele é um beija-flor como você e Mário?

— Pior — assobiou irritado — E por isso não serve pra você.

Vendo que Rodrigo guardava o cartão no bolso da camisa, rosnou com raiva:

— Você é burro ou o que? Eu lhe pedi opinião?

— Não e não. Mas eu sou seu amigo e não quero...

— Me dê de uma vez por toda o maldito cartão, se você não quiser que pegue eu mesma e façamos um espetáculo digno de ser lembrado.

— Nem sonhe. — E com um sorriso, ele murmurou, abrindo abraços — Mas se quer, vamos, vem pegá-lo. Deixo você me tocar se estás tão necessitada de sexo assim.

— Mas, você é louco?

— Talvez. — Ele respondeu, consciente da estupidez que acabou dizendo.

Nervosa, mexeu os pés debaixo da mesa, e olhando com um sorriso para ele, diabólica, chutou sua canela.

— Ai! Sua bruta. — Protestou dolorido.

— Como você não quer me devolver o cartão, não voltarei a falar com você na minha vida.

— Vamos ver, Ana, se quer sair para jantar vou te convidar.

— Vamos, cara, não me importune. Não é o mesmo. — Protestou Ana.

— E por que não é o mesmo?

— Rodrigo, por favor. Sério? Por acaso, você vai me dizer que jantar com David é o mesmo que comer com você no Burger King?

— Que eu saiba você adora o Whopper com queijo, batatas fritas e Coca

— Cola. Ah, e de sobremesa um sundae de chocolate. Isso não pode faltar! — Zombou Rodrigo.

Ana foi incapaz de conter o riso. Suspirou e se aproximou dele.

— Claro que eu gosto, eu adoro. Mas o meu jantar com David, terá uma sobremesa que com você não vou ter. — Ao ver como soava, acrescentou— Olha, Rodrigo, um cara sexy acaba de me convidar para jantar e quero aceitar esse convite. Eu não sei o que está acontecendo com você ultimamente, mas você está levando nossa amizade muito a sério.

Confuso, ele não respondeu.

— Vamos ver, — Ela continuou — quero retomar minha vida. Meu filho é saudável, bem cuidado e é uma criança feliz. Por acaso eu não mereço um pouco de diversão?

— Com ele não.

— Bom.

E sem pensar, diz, deixando-a atordoada:

— Se você quer se divertir da maneira que imagino...

— Sexo — Ela cortou — Se chama sexo.

Impaciente pela maneira como ela expôs claramente as coisas, finalmente soltou:

— Se você quer sexo, eu posso te dar. É claro que você e eu, quando no propomos, passamos bem.

Ela ficou chocada com tal oferta, piscando, tentou ofendê-lo:

— Você disse, quando nós propomos. Mas é que contigo não quero propor nada. Absolutamente nada.

Incapaz de segurar a raiva pelo que ela disse, decidiu ser claro de uma vez por todas.

— Tenho que falar com você — ele sussurrou perto dela — Eu preciso te dizer...

— Lalalalala. Eu não quero te escutaaaar! — Voltou a cantar.

— Eu não consigo deixar de pensar em você porque acho que estou apaixonado, e ver você sair com outros e não me considerar está me matando.

Ana deixou de cantar e tapou a boca de Rodrigo com as mãos. Depois levantou-se lentamente da cadeira, e disse em um sussurro:

— Vou fingir que não ouvi o que você disse. Não me irrite Rodrigo. Isso não pode ser. Agora, demorou muito para eu me esquecer de você, e você vem som essa. Portanto, tirarei minha mão de sua boca lentamente, irei embora e continuarei com meu trabalho. E aqui paz e depois glória, entendido?

Rodrigo não disse nada. Ficou contemplando enquanto ela se afastava, e vendo que ela se virava para olha-lo, pensou: <<Mas você já ouviu, Ana, eu sei que você me ouviu>>.

Emocionada e entorpecida, Ana seguiu com seu trabalho. Mas sua cabeça estava dando mil voltas. Rodrigo apaixonado por ela?

Foram passando diferentes bombeiros pela sua câmera, até que vendo sua amiga, ao vê-la tão dispersa, perguntou:

— Posso saber o que está errado com você?

— Nada.

— Ah sim, claro que tem algo errado! Me conte agora mesmo. O que ocorreu?

Ana baixou a câmera e, depois de pedir um segundo ao bombeiro esperando para ser fotografado, aproximou-se da sua amiga. Olhou ao redor e viu que Rodrigo falava com outros longe delas.

— Ai, Neka! O que se passa comigo não passa com mais ninguém.

— Depende, comigo também acontece coisas estranhas. — Disse sua amiga rindo, mas vendo sua cara perplexa, mudou de atitude. — Vamos lá, comece pelo começo.

Ana sugou o ar.

— Um bombeiro desses me deu seu cartão para que eu ligasse. Quer me convidar para jantar, e o cara é muito bonito.

— Não me diga. E quem é?

Ana olhou ao seu redor para procurar, mas primeiro achou Rodrigo, que a observava.

Rapidamente, deixou de olha-lo e encontrou David, que falava com outros homens.

— É aquele de jeans e camisa caqui.

— Foda-se, que pedaço! — Exclamou Nekane, sorrindo. — Perfeito!

— Não. Perfeito não!

— Porque? O que aconteceu? O cara é bonito, você gosta. Onde está o problema? E se você diz pelo Dani, tranquila, que aqui está sua tia Neka para cuidar dele.

— Rodrigo pegou o cartão para que eu não possa ligar.

— E porque não pega o cartão de volta desse estraga festas?

— Segundo ele, David, não serve pra mim, e o imbecil me disse para não jantar com ele.

Nekane sem entender nada, viu que Rodrigo as olhava e com o cenho franzido, perguntou:

— Vamos ver... o que importa para ele com quem você janta?

— Neka, ele me disse que não podia deixar de pensar em mim e que acha que está apaixonado, e que não suporta que eu saia com outros e não olhe para ele.

— O que te disse? O que?

Ao ver Ana assentir, olhou para Rodrigo, e este sorriu. Quis gritar um palavrão para ele, mas finalmente disse:

— A puta que pariu! Mas, como pode ser tão... tão...? — E olhando para sua amiga perguntou-: E o que você disse a ele?

— Disse que não queria escuta-lo, que... que... Foda-se, quase tive um ataque cardíaco! O que você acha que eu ia dizer? Não, não pode estar acontecendo isso. Agora não.

— É para você dar com a mão aberta aonde mais lhe dói. Como são egoístas os homens. Nem comem, nem deixam que comam. — afirmou Neka, que decidiu tomar as rédeas da situação. — Vamos ver, você quer jantar com o outro?

Olhou sua amiga desconcertada.

— Não Seeeei!

— Certo, não fique em pânico. Eu tenho um plano. Eu peço o número de telefone a David, digo que sou sua ajudante e que você perdeu o cartão, e...

— Ai Neka, não sei.

— Sim mulher, sim... O que você acha?

— Uma loucura.

— Vai ser uma loucura divina pra você. Você quer divertir?

— Sim. Eu preciso disso.

— Bem, então não fale mais.

Ana buscou Rodrigo com os olhos, que continuava a observa-la, e de imediato se sentiu malvada e levada.

— Vá em frente com o plano — disse, voltando-se para a amiga.

Depois da conversa continuaram trabalhando. Rodrigo olhando para ela de onde estava, se sentia satisfeito. A conhecia muito bem e sabia que estava nervosa por causa dele.

Quando foi a hora de fotografa Rodrigo, Ana ficou entorpecida, e isso o fez sorrir amplamente. Mas seu sorriso desapareceu abruptamente, quando depois dele David ficou de frente a câmera e Ana retomando sua habilidade o fotografou. O que queria dizer isso? Dez minutos mais tarde ele ficou sabendo ao receber um sms que dizia:

<< Troquei Whopper por Bife>>.

O jantar com David foi maravilhoso. O homem era encantador e se comportou durante toda a noite como um cavalheiro. O celular de Ana tocou uma dezena de vezes. Era Rodrigo. Como decidiu não atender, colocou o celular em silencioso. Não ia estragar seu encontro. Após o jantar foram tomar algo em um pub de Argüelles, e então foi quando David a beijou. Sentir aqueles lábios quentes e sensuais a agradou. Aceitou sua boca uma e outra vez, mas quando ele propôs que fossem a um hotel, algo a bloqueou e a fez dizer não.

Apenas não podia deixar de pensar em Rodrigo e no que disse naquela tarde, o que lhe agradaria agora era dormir com outro em um hotel.

As três e quinze da madrugada, David parou o carro próximo a porta, e depois deu um rápido beijo em seus lábios e Ana desceu. Vendo o carro afastar-se, caminhou em direção a porta, mas seu coração quase saltou do seu peito quando viu Rodrigo se aproximar pela sua direita. A diferença das outras vezes era que não estava sorrindo. Estava com raiva e deixou ela saber assim que se aproximou.

— Como você pôde sair com ele? Está louca?

Irritada por seu tom de voz e especialmente por aquela intromissão em sua vida particular, olhou para ele com cara de poucos amigos.

— Desde quando tenho que te dar explicações do que faço ou deixo de fazer?

— Te liguei mil vezes. Você não viu?

— Ai Deus! Que chato. Claro que vi, mas estava ocupada.

Não diferente, e sempre que ele estava por perto, um calor gostoso e excitante se instalou no estomago de Ana. Ver ele ali tão bonito e sexy, e sentir seus ciúmes por ela, a estavam excitando cada segundo mais. Mas não estava disposta a dar um passo para trás.

— Que Diabos você está fazendo aqui uma hora dessas?

— Esperando por você para saber se tinha tido um bom tempo com o seu bife.

— Sim — respondeu sorrindo e levantando o queixo — Eu passei muito bem. David é um homem muito agradável e...

— Você vai dizer idiota.

— Na verdade não, apenas não usaria essa descrição para defini-lo. Agora, se você não se importa, estou cansada e quero dormir.

Não esperava ouvir mais nada, assim que colocou a chave na fechadura.

— Acredite em mim, Ana. — sussurrou atrás dela — Ele é um idiota. Ele disse que é casado?

Aquela revelação fez com que derrubasse as chaves no chão. Casado? Ela não saia com homens casados.

Rapidamente Rodrigo se abaixou e pegou as chaves. Sem dúvida alguma, aquela informação tinha apanhado Ana de surpresa. Só precisava ver cara dela para saber que ela não sabia de nada. E antes que ela pudesse dizer alguma coisa, levantou seu queixo para olhar em seus olhos e disse:

— Eu tentei te avisar.

— Casado?

— Sim, e com três filhos.

Chocada por não ter se dado conta ou ter tido uma intuição, se apoiou na porta e fechou os olhos.

— Sou uma idiota, completamente idiota. Porque não percebi quando disse sobre o hotel?

— Aquele babaca queria levar você para um hotel? — Ele rosnou. Só de imaginar Ana entre seus braços deixava-o doente.

— Devia ter imaginado. — murmurou Ana, sem escuta-lo. — Como pude ser tão tonta?

Imaginar Ana junto com David passando pela porta de um quarto fez seu sangue queimar, mas como não queria agonia-la mais, entregou suas chaves.

— Não se martirize mais.

— Porque você não me disse?

— Ana, eu tentei, mas...

— Não — Cortou ela. — Precisamente eu me recordo de outras coisas que você me disse. — E ao ver seu olhar azul sobre ela, levantou um dedo e indicou — Quanto a isso que você e eu sabemos, esqueça. Não estou disposta a...

Mas não disse nada mais. Rodrigo a agarrou pela cintura e puxando ela para mais perto a beijou possesivamente. Apertou ela contra si para que soubesse do seu desejo e de sua enorme ereção.

Aquele simples beijo provocou em Ana o que ela não conseguiu sentir com os beijos de David. Desejo. Um desejo desenfreado de estar com ele e aproveitar o momento de paixão. Incapaz de repelir um ataque direto do tsunami Rodrigo, Ana soltou a bolsa e se agarrou em seu pescoço, se deixando levantar até ser apoiada na porta. As três da manhã poucas pessoas passavam por ali, mas um ruído fez com que Ana abrisse um olho. O caminhão de lixo dobrava a esquina e em breves segundos estaria de frente a eles. Com a pulsação a mil e o desejo totalmente descontrolado enquanto Rodrigo mordiscava sua orelha, murmurou sem convicção:

— Me solte... — Ao ver que ele não dava nenhuma atenção, se separou um pouco olhando-o nos olhos e sussurrou, enquanto aquelas covinhas que a deixava louca começaram a aparecer em um sorriso-: não devemos continuar com isso. Me solte.

— Não.

— Não?

— Te desejo tanto quanto você me deseja.

— Você está mentindo.

— Não, céus, eu não minto. Você sabe que é certo o que digo, mas não quer reconhecer, porque precisa me castigar por todo o dano que te fiz. — Ana não falou e ele sussurrou perto da sua boca — Não sei quando e nem como ocorreu, mas não posso deixar de pensar em você e...

— Escuta, Rodrigo, eu não sou o tipo de mulher que você gosta,

portanto, me esqueça, certo?

— Você é perfeita do jeito que é. O imbecil aqui tem sido eu em não ter dado conta antes do quão bonita, preciosa, encantadora e maravilhosa você é.

Lisonjeada pelas coisas que Rodrigo disse e que sempre quis ouvir, mas assustada pela determinação que via em seus olhos inclinou-se para trás e disse:

— Desculpe, mas é tarde. Eu...

— Ana, o que sinto por você me fez compreender que o bonito na vida é ter alguém ao seu lado que te queira e saiba seus gostos, e não uma mulher diferente a cada noite que não te conhece e nem te entende.

— As pessoas não mudam, Rodrigo...

— Está enganada. Em algumas ocasiões as pessoas mudam por amor.

Aquela frase chamou sua atenção. Tinha o mesmo sentido que outra parecida que seu pai tinha lhe dito, quando havia ido a Londres para deixar Dani com eles. Mas não estava disposta a dar o braço a torcer.

— Não, não me engano, e não penso...

— Eu te convencerei. Sei que já sentiu algo por mim, e...

— Quem te disse essa besteira? Na pior das hipóteses, eu gostei de você, nada mais. Seu convencido!

Rodrigo não respondeu a acusação. Só disse, utilizando a linguagem dela:

— Estou disposto a esperar que se apaixone por mim novamente, tanto quanto estou por você.

Cada vez mais espantada com as coisas que ele estava dizendo e sentindo que as forças começaram a acabar, murmurei, encantada com aqueles belos olhos azuis:

— Nem sonhe. Não gosto de segundas chances e ...

— Seria nossa primeira oportunidade. — Vendo que ela não negava o que dizia, clareou em sua mente:

— Você e eu nunca nos demos uma oportunidade. Nunca fomos um casal. Nossos encontros anteriores foram apenas sexo. Depois, nos tornamos apenas amigos porque foi o que você sugeriu e eu aceitei. Mas agora deixe-me te convidar para jantar para podemos...

— Não é uma boa ideia, acredite em mim, e não insista mais.

Aquele protesto pareceu tão divertido como tentador, assim como a perturbação que via em seu olhar.

— Ana, quero jantar com você. Só te peço isso.

— Nem pense.

Por como ela o olhava, percebeu que algo do passado continuava vivo em seu interior. Mas aquela pequena cabeçuda ia resistir, e isso o excitava cada vez mais e mais. Por isso, decidiu mudar de tática e sussurrou perto da sua boca:

— Abra a porta se não quiser que tire sua roupa aqui mesmo.

Assustada pela determinação que viu nos olhos de Rodrigo, e com o caminhão de lixo cada vez mais próximo, com as mãos tremendo colocou a chave na porta, e dois segundos depois estavam no interior. Sem deixar que falasse, Rodrigo voltou a beijá-la e apertou o botão do elevador. Quando chegaram no andar saíram do elevador, ele pegou a chave de sua mão e abriu a porta.

Sem olhar nada, Rodrigo foi direto para o quarto de Ana e não vendo o berço de Dani ali sorriu e a deitou na cama.

— Rodrigo, isto é uma loucura.

— Não, céu, não é.

Extasiada pelo momento e por tudo que voltava a sentir por ele, deixou que ele fizesse. Primeiro, tirou sua roupa, tirando o fino vestido de algodão laranja, e uma vez que a tinha como queria tirou sua calça e se deitou sobre ela.

Sua exigente boca foi direta aos seus seios, fazendo círculos com a língua nos mamilos. Aquilo fez com que Ana gemesse e o pelo de todo o seu corpo arrepiasse. Sentir como ele mordiscava seus mamilos a estava deixando acelerada e gemeu.

— Sim, Ana, sim.

O som eletrizante de sua voz a fazia perder a razão. Tinha todos os sentidos a flor da pele, e cada carícia dele, algo em seu interior explodia de satisfação. Rodrigo incapaz de parar o que tinha começado, tirou sua camisa e atirou para o lado. Ansiava desfrutar de Ana, e ao sentir emaranhava os dedos em seus cabelos para atraí-lo até ela, um calafrio passou da sua cabeça aos pés. Seu cheiro de pêssego o deixava louco.

Compreendendo que exigia que a beijasse, não teve dúvidas. Introduziu a língua entre aqueles doces lábios e com possessão tomou sua boca. Desejando penetrá-la, separou suas pernas com os joelhos.

— Escuta, eu...— murmurou ela— desde que tive Dani eu não...

Ao entender o que ela queria dizer, assentiu, se sentindo feliz ao saber que nenhum dos tipos que saíram com ela haviam chegado a onde ele estava disposto a chegar. Depois de lhe dar um ardente beijo na boca, sussurrou enquanto com o dedo direito fazia círculos em seu clitóris:

— Tranquila, querida, serei cuidadoso. Quer que eu continue?

Ela fez um gesto afirmativo, e ele levantando-se, tirou com maestria e rapidez a cueca. Estar de joelhos na cama com ela diante dele, nua e totalmente entregue, fez com que seu membro bombeasse com autentica excitação. Tirou um preservativo de sua carteira, rasgou a embalagem com os dentes e colocou-o. Deitandose sobre ela e abrindo suas pernas, colocou o pênis na entrada de seu desejo, devagar foi introduzindo.

— Se doer, me diga e eu paro.

Ana assentiu, mas, ao contrário do que tinha imaginado, não doeu, e foi ela que inquieta e desejosa dele, empurrou mais. Desejava senti-lo dentro para que a possuísse. Uma vez que Rodrigo esteve totalmente dentro dela, suspirou, e ao sentir que ela movia os quadris, murmurou:

— Tranquila, anjo...

No entanto a tranquilidade de Ana havia desaparecido e não queria ternura, só queria luxuria e libertinagem, e sem parar de mover os quadris, sussurrou:

— Mova-se. Não está me causando danos e eu quero que continue.

A partir desse instante a noite se tornou louca e tórrida para os dois. Fizeram amor na cama três vezes, e Ana queria explodir de felicidade. De repente Rodrigo, o homem com quem havia se obcecado no passado estava ali disposto a fazer tudo que ela quisesse. Com um ardor desenfreado, esqueceu seus medos e rendeu-se a ele e a paixão dos dois se desatou e inundou o quarto de loucura e descontrole.

As 7:10h da manhã, Rodrigo olhou para o relógio. Devia ir embora. Entrava no trabalho as 8:30h. Depois de tomar um café, beijou-a e disse, deixando o relógio na bancada da cozinha:

— Vou tomar banho.

Ana assentiu e o seguiu com os olhos. Vestido apenas com uns boxers brancos, Rodrigo era a imagem do que toda mulher deseja disfrutar ao menos uma vez na sua vida, e sorriu. Mas por trás desse sorriso, a amargura novamente a fez blasfemar. O que estava fazendo? Porque havia permitido que ele entrasse novamente como um tsunami em sua vida, em especial, no seu coração? Depois de pensar que não tinha remédio, foi para o quarto e esperou por ele. Ele sem fazer barulho, saio do banho e se vestiu.

— Tenho que ir.

— Sim, ou chegará atrasado. — assentiu ela.

— Eu teria adorado ver o Dani.

— Você vai vê-lo em outro momento. Agora deve estar dormindo.

Sem se tocarem se dirigiram para a porta da casa. Abriram com cuidado, para não acordar Nekane. Quando o elevador chegou, Ana, com um sorriso venenoso, sem pensar no que devia ou não fazer, o beijou. Rodrigo encantado ao ver aquela iniciativa por parte dela, propôs:

— Ligo amanhã para você e conversamos. Ok?

— Não tem nada para se conversar. — E entrando no elevador com ele, murmurou com um sorriso e ele não conseguiu decifrar-: Te acompanho até a entrada.

Irritado com sua recusa e disposto a conseguir o que queria, entrou no elevador com ela. Quando ela apertou o botão para descer, ele disse:

— Quanto a David, acho que...

— Tranquilo. — Interrompeu ele, franzindo a testa — vou dizer três coisinhas quando ele ligar.

— Você não tem que falar com ele. Não ligue para ele. Eu farei isso — protestou descontente.

Surpreendida por aquela ordem, Ana o olhou.

— Escuta, garoto bonito, eu sei muito bem o que tenho que fazer. Eu não preciso que você venha agora dizer o que eu tenho, ou não que fazer a um cara.

De repente, Rodrigo bateu um botão e o elevador parou. Confusa com essa ação, olhou e perguntou:

— O que você está fazendo?

— Parando o elevado para falar com você.

— Não me chateie, Rodrigo. — protestou, incrédula — Tenho vizinhos que estão a ponto de sair para trabalhar.

Sem querer escutá-la, puxou ela para mais perto e, levantando a sua fina camisa que chegava em suas coxas, apoiou suas mãos na bunda, agarrou seus braços e a apoiou contra o vidro do elevador, respondeu:

— Te desejo tanto que...

— Rodrigo, nós estamos no elevador — recordou.

Se divertindo ao perceber o incomodo em seu rosto, a beijou.

— Você nunca fez no elevador?

— Claro que não. Tenho uma casa e uma ótima cama para isso.

— Não seja antiquada — sorriu ele, recordando o dia que ela falou o mesmo no carro.

E sem mais desabotoou a calça e tirou seu membro para fora. Então, com segurança, ordenou suavemente:

— Agarre-se em meus ombros e olhe para mim.

Arrebatada pelo momento, obedeceu enquanto ele acariciava suas nádegas com uma mão e com a outra dirigia seu pênis ao centro úmido do seu desejo. Quando ela sentiu aquele grande e duro a penetrando, gemeu, e ele se aproximando da sua boca disse:

— Não ligue para David.

— Oh! Sim. — sussurrou, cravando os dedos nos ombros dele.

Introduzindo dentro dela uns centímetros, Rodrigo acrescentou:

— Nem a David, nem a Mario, nem a ninguém que não seja eu.

Ana, apoiada no vidro do elevador, fechou os olhos enquanto gemia. Mas sem se dar por vencida, respondeu:

— Ligarei para quem eu quiser.

Beijando-a nos lábios com possessão introduziu seu pau um pouco mais.

— Não, você não ligará. Amanhã ficará comigo e ...

No entanto, Ana não queria se dar por vencida.

— Não.

Enraivado pela teimosia e excitado, se mexeu um pouco, buscando mais espaço dentro dela.

— Ana, não faça.

— Chamarei quem eu quiser, como você faz. — sussurrou, enquanto sentia ele entrar um pouco mais — Somos livres para...

— Te desejo — cortou ele, que louco de prazer, empurrou-se completamente para dentro dela enquanto a apertava com seu corpo e a beijava.

Rodrigo começou a empurrar seus quadris rapidamente, entrando e saindo dela e o elevador se mexia com cada sacudida. Enlouquecido ao ver como o interior de Ana pulsava acolhendo seu membro, gemeu enquanto ela se apoiava no vidro e em seus ombros para recebe-lo melhor.

Inflamada pelo momento, depois de várias estocadas que pareceram eletrizantes, se seguiu um orgasmo arrebatador, enquanto Rodrigo próximo a sua boca murmurava:

— Quero ser o único a cuidar de você e do seu corpo.

— Sei me cuidar sozinha.

— Ana! Você está de sacanagem.

Depois de sentir ele sair de dentro dela rapidamente para não derramar seu sémen em seu interior, Ana o beijou e, entre espasmos excitados, o elevador deixou de mexer. Em silencio, ele a baixou e ambos ajeitaram suas roupas. Sem querer olha-lo, Ana apertou o botão para que o elevador continuasse o seu caminho. Uma vez que chegaram ao térreo parou, Rodrigo abriu a porta e, puto por sua teimosia, saiu.

Ao chegar no portão da rua, ambos se olharam. Finalmente, Rodrigo virou-se disposto a ir embora, mas Ana o agarrou pela camisa e o puxou mais pra perto dela.

— Você estava muito bem — Disse em voz baixa. — Ligarei pra você se eu voltar a necessitar.

Rodrigo ficou boquiaberto, e quando ia dizer alguma coisa ela bateu a porta na sua cara. Então, sorriu com maldade, e dando tchau com a mão, entrou dentro do elevador, enquanto ele mal-humorado a observava.

Uma vez que chegou em seu andar e entrou no apartamento, Nekane, que saia do quarto com o pequeno Dani nos braços, a olhou com um sorriso nos lábios.

— Tudo bem, Mata Hari?

Ana assentiu e pegou seu filho nos braços.

— Melhor que bem. Superior.

Nekane, ao vê-la tão feliz, aplaudiu. Logo, no entanto viu um relógio em cima da bancada da cozinha e o reconheceu.

— Não pode ser o que eu estou pensando.

Olhando o relógio, Ana deu um sorriso que deixou Nekane confusa.

— Pense mal e vai estar certa.

Capítulo 22

As coisas não foram tão fáceis como Rodrigo acreditava que seria no início. Ana não tornou fácil, e apesar daquela noite cheia de paixão e sexo do bom, ela não dava seu braço a torcer, mas também não o deixava de lado definitivamente. Nekane e Calvin sem dizerem nada, observavam a situação e cochichavam entre eles.

Calvin propôs fazer algo para ajudar seu amigo, mas Nekane se negou. Se Ana queria seguir em frente, e o tinha esquecido, estava totalmente em seu direito. Já era hora de que fosse ela a passar bem. De repente, as coisas deram voltas, e era Rodrigo quem sofria e Ana que se divertia.

Encarna observava em silencio sem entender nada. O que se passava com essa juventude?

Uma tarde, quando Ana saia do banho, o telefone tocou. Depois de comprovar que não era Rodrigo, atendeu e sorriu ao ouvir a voz da sua irmã.

— Patooooo! Como está anjo?

— Bem.

— E meu gordo?

Com carinho, Ana olhou o berço onde Dani dormia.

— Seu gordo está lindo e dormindo.

— Ai, meu bebê, que vontade que eu tenho de vê-lo. Nem te conto a necessidade que eu tenho de te ver. Quando você vem? Preciso que venha o quanto antes.

Imediatamente Ana supôs que algo ia mal. Sua irmã era bastante desapegada, e apesar de se gostarem muito, Lucy só necessitava de Ana quando acontecia algo. Por isso, sem dúvida, perguntou enquanto se sentava na cama:

— Desembucha. O que está acontecendo?

Instantes depois, sua irmã, entre gritos, choro e histerismos, cada vez mais parecidos com a sua mãe, contou a ela que não suportava que seu marido flertava com todas as mulheres que cruzavam seu caminho. Enquanto a escutava, Ana levou as mãos à cabeça. Aquilo seria mais um desgosto para sua mãe.

— Vamos ver, Nana. Por acaso, você não viu como ele era antes do casamento?

— Sim.

— E então?

— Mas eu pensei que ele mudaria e se daria conta de que eu valho mais do que qualquer uma das mulheres que ele olha. Ai, Ana... você tinha que ver a forma que ele olha para Sybila Thomson! É tão grande o descaramento com que ele a olha, que até minhas amigas começaram a murmurar e ... e acredito que estão juntos. E isso eu não consinto. Não, não, não. Eu sou uma mulher que posso conseguir o homem que quiser. Sou bonita, estilosa e ... e ...

Durante vários minutos, Ana escutou todas as virtudes da sua irmã, e quando não aguentava mais, a cortou:

— Basta, Nana, por favor! Por Deus, como você é superficial.

— Eu, superficial?

— Sim.

— Mas, como você pode me dizer isso em um momento como esse? — Choramingou.

— Simplesmente porque me deixa doente ouvir você dizer que é preciosa, divina e todas as besteiras que disse. Você não se dá conta de que está estragando sua vida? Não percebe que dizendo essas bobagens, o seu problema perde credibilidade? Droga, Nana! Porque você se casou? Por acaso, não é melhor ter todos os romances que quiser, sem a necessidade de organizar um casamento e depois de poucos meses compreender que nem você o queria e nem ele te queria, e acima de tudo, dá um novo desgosto a mamãe. Com razão te chama de Lady Escândalo. Como você quer que eu não te chame disso?

Sua irmã desmoronou de novo e começou a chorar.

Finalmente, quando Ana conseguiu acalmá-la, Nana disse:

— Quero me divorciar.

— Como?

— Eu tenho isso claro. Quero o divórcio! E não me importo com o que pensa você, mamãe, papai e o resto do mundo.

— Puta que pariu, Nana, que desgosto você vai dar a mamãe.

— Eu sei, mas o que quer que eu faça?

— O que quero que faça é que pense mais nas coisas antes de fazêlas e deixe de agir por impulso e sentimentos, porque assim logo passará o que está te acontecendo.

— Você vai vir a casa dos nossos pais para me ajudar a contar?

— Não, isto quem vai dizer é você sozinha. Já estou cansada de apoiar as suas loucuras.

— Patoooooo!

— Nem pato, nem nada. — Depois de dizer isso, se deu conta que soou como Nekane. E quanto a mamãe, certifique-se que ela esteja sentada, enquanto você conta para que ela não caia no chão.

Dez minutos mais tarde, e com a cabeça como um tambor, Ana se despediu de sua irmã e se convenceu de que Lucy nunca mudaria.

Se vestiu e, perdida em seus pensamentos, pegou seu bebê e saiu com ele para a sala. Durante a janta, contou a Nekane sobre a ligação da sua irmã, e a navarra só pôde rir do que ouvia. Quando por fim naquela noite Ana colocou o pequeno para dormir, voltou para a sala. Estava mais calada do que o normal, e Nekane sabia o porquê. Conhecia ela muito bem, e apesar da aparente frieza que queria demonstrar, algo não a deixava sorrir. Se sentou junto de Ana no sofá.

— Conversamos?

— Você diz.

— Não, bonita. Você diz. Vamos ver, qual o seu jogo?

— A que você se refere?

Nekane se surpreendeu pela cara de espanto de Ana, e pegou o pote de creme para as mãos que esta tinha nas mãos.

— Ao seu primo de Cuenca, Droga! Ao que vou me referir? Sobre Rodrigo é claro.

— Nem venha Nekane, não comece você também com isso, já tenho bastante em que pensar com os problemas da minha irmã.

— Ana Elisabeth — zombou Nekane — não venha com isso pra mim. Mesmo que você queira ser Cruella Cruel com o bombeiro, eu te conheço e sei que debaixo dessa fachada de frieza que você demonstra ter, bate um coraçãozinho terno e bobo que morre para abrir os bracinhos e se

escarranchar contra ele. Por tanto, tire sua máscara caseira e diga-me o que ocorre, antes que eu tenha que te amordaçar e atirar em cima de um formigueiro de formigas vermelhas.

A cena de Nekane era sem dúvida divertida e Ana a olhou com a cara alegre. Por outra parte, sabia que aquela conversa ia chegar um dia ou outro.

— Simplesmente, decidi desfrutar a vida e deixar de paixões bobas com um homem que nunca me dará nada além de um bom sexo. O que há de mal nisso?

— Você não está apaixonada pelo Rodrigo?

— Não diga bobagens, por favor, Neka — Mentiu ela — Você sabe perfeitamente, que hoje, a única coisa que sinto por ele é luxuria e selvageria. É maravilhoso na cama e ponto.

— Sim, ok! E agora vai me dizer de marmita de luxuria e a puta que pariu. — zombou a navarra.

— Neka...

— Nem Neka, nem nada. — Grunhiu— Sou uma menina grande do Norte e você sabe que eu gosto de chamar as coisas por seus nomes. E acredito em sua santa mãe, porque no final vão a canonizar em Roma, não há como ter tido duas filhas tão diferentes. Sua irmã dá oportunidade a Deus e o mundo, e você é o oposto. Mas vamos ver, o que te fizeram no passado, que você não me contou, para que seu coração seja tão blindado?

— Por favor, agora não.

A navarra, ao ver que essa tática não era a apropriada para aquele momento, se calou.

Necessitava saber se Ana sentia algo por Rodrigo e clarear suas ideias. Durante dez minutos, permaneceram em silencio, vendo a televisão.

— Você vai assistir alguma coisa na TV? — perguntou finalmente Nekane.

— Não, hoje não tem nada de interessante.

Nekane assentiu, e levantando-se procurou entre os DVDs de filmes e escolheu um.

— Você se importa se eu colocar um filme?

— Não, claro que não.

Mas em cinco minutos Ana amaldiçoou ao ver que se tratava do filme Doce Novembro. Pensou em levantar-se e não assistir. Aquele filme provocava muitas lembranças e o pior era que a abrandava muito. No entanto, depois que começou foi incapaz de parar de assistir e se esparramou no sofá. Meia hora depois, as amigas sabendo o que ia acontecer, começaram a chorar, e quando já passava os créditos, uma hora e meia mais tarde, as duas choravam no sofá como bezerros desmamados. Nesse momento, Nekane se levantou e foi para a cozinha. Regressou com um pote de sorvete nas mãos.

— Terapia de açúcar?

Ana assentiu, e pegou a colher que sua amiga oferecia para pegar uma porção sorvete e meter na boca.

— Porque agora o Rodrigo me persegue dia e noite? Por que quer me martirizar outra vez? Por que me disse que sente minha falta e que está apaixonado por mim? — Nekane ia responder, mas Ana prosseguiu. — Lutei contra o vento e a maré para não me deprimir: primeiro porque estava grávida e meu bebê podia sentir, e agora, que estou melhor, que parece que começo a ver uma luz no fim do túnel, não sei que mosca o picou para que me diga as coisas mais bonitas e maravilhosas que nunca pensei escutar da sua boca. Mas nãaao! — soluçou— Isso não pode ser. Ele me disse que eu não era o seu tipo de mulher. E o que eu não quero é dar a ele uma oportunidade, apaixonar-me loucamente por ele e fazer com que Dani o ame, para logo que cruzar em nosso caminho com uma peituda com menos neurônios de macarrão, e deixe eu e Dani com cara de bobos. Não, eu me nego. Por mais que me diga coisas bonitas, me nego a tropeçar outra vez na mesma pedra. Tenho pânico de causar danos ao Dani e ...

— Eu sabia. Você gosta dele. Assume — disse rindo Nekane.

— Neka, é claro que eu gosto do Rodrigo. Mas, você viu como está? Outra coisa, é sentir o que sentia há muito tempo atrás por ele — mentiu, dessa vez não ia revelar seus sentimentos — Eu amo meus encontros com ele, mas me agonia ouvi-lo falar de amor e todas essas coisas que eu sei que ele não sente. Mas sim, eu admito: continuo achando Rodrigo impressionante.

Vendo que a tática de sua amiga havia funcionado, fez uma pausa e, ao final concluiu:

— Você é a pior das piores. Sabia?

Depois de meter uma colher de sorvete na boca, a navarra sorriu. Então,

sua amiga não estava mais apaixonada por Rodrigo?

— Sim, reconheço que sou uma cadela do Norte que conhece teus pontos fracos tão bem, como você conhece os meus. Em relação a Rodrigo, o que posso dizer que já não saiba? Você tem razão, em parte. É um beija-flor, mas em você ele encontrou a sua doce florzinha selvagem ou, como ele diz, seu pêssego louco. Quem disse que vocês não podem funcionar?

— Eu digo, e isso me basta.

— Ok, mas eu acho que sem querer ele se apaixonou por você como um idiota, com a diferença que ele parece Don Juan De Marco te dizendo centenas de coisas bonitas, e você, a bruxa Lola colocando velas pretas. Mas Ana, você viu como ele cuida de Dani e como o menino sorri para ele? É o que me deixa sem palavras quando Rodrigo pega Dani e começa a falar com ele. De verdade, eu não poderia imaginar isso de Rodrigo. Mas inclusive Calvin comentou que na estação dos bombeiros, sempre que tem tempo, passa o dia com Julio falando sobre fraldas, mamadeiras e bicos. Você acredita?

— Sério? — Perguntou, boquiaberta.

— Sério. Aparentemente, outro dia Julio e Rodrigo, com seus celulares, estavam como idiotas mostrando fotos um ao outro de Rocío e Dani. Se um dizia minha menina disse alho, o outro dizia meu menino faz os cinco lobinhos. Vamos, patetico!

Aquilo divertiu Ana.

Ela era a primeira que via como seu filho de quase quatro meses sorria para Rodrigo e este ficava louco. Mas isso era o que lhe dava medo, que um dia aqueles sorrisos acabassem e quem sofresse fosse o pequeno.

Rodrigo tentou ficar novamente com Ana, mas foi impossível. Fazia malabarismos com seu horario nos bombeiros para folgar e estar com ela, mas nem assim conseguia vê-la. Quando não estava em viajem, tinha uma sessão ou não queria ver niguém. De repente, Ana começou a sair com amigos que Rodrigo não conhecia, e isso o levava para o inferno. Mas nada podia fazer, além de ver como a cada dia de distanciava da sua vida.

Uma tarde, ao chegar de Toledo, de uma sessão de fotos para o

catalogo Amichi, as jovens se surpreenderam ao encontrar o pai de Ana sentado no sofá com o pequeno Dani nos braços e Encarna ao lado.

— Papai, o que você faz aqui? Aconteceu algo? — perguntou, assustada ao vê-lo.

Ao escutar a voz de sua filha, Frank virou a cabeça e sorriu. Lavantando-se com o pequeno no braços, cumprimentou as garotas, e logo, escutando sua filha, respondeu:

— Não aconteceu nada, tesouro. Só vim para ver você e meu neto.

Ficou atonita. Quando ia dizer algo, Nekane agarrou o braço de Encarna.

— Nós já vamos. Acabo de me lembra que estamos precisando de açucar e leite.

Encarna assentiu ao entender que precisavam sair do caminho. O pequeno Dani, ao ouvir a voz da sua mãe, sorriu e levantou os bracinhos para chamar sua atenção. Ana, com ternura, o pegou e beijou com amor, olhou para seu pai.

— Vamos ver, papai, não me diga que não aconteceu nada porque não acredito. O que faz aqui?

Frank se sentou e indicou a sua filha que se sentasse.

— Tenho que falar com você muito seriamente.

— Ai, papai! Você está me assustando.

— Ana, você tem algo para me contar? — perguntou, cravando seus olhos nela.

A jovem não podia saber aonde ele queria chegar, então deu de ombros.

— Papai..., eu acho que não. Mas...

— Pense, Ana, pense em algo que você sabe e não contou para mim e sua mãe.

— Na verdade, papai, eu não sei.

— Pensa, filha, pensa.

Ana revirou os olhos quando, de repente, imaginou do que podia se tratar.

— Certo, papai, eu confesso. Sei de Nana. Ela me ligou para dizer que queria se divorciar, e eu disse a ela que era uma loucura, mas...

— Sua irmã quer se divorciar? — gritou Frank.

Nesse instante, Ana supôs que havia se precipitado, e seu pai, desconcertado com o que acabou de ouvir, passou a mão pelos cabelos.

— Pelo amor de Deus, o que ocorre com tua irmã em relação aos homens? Mas essa garota nunca vai parar? Não quero nem pensar o que vai

acontecer quando sua mãe souber. — e olhando para ela, murmurou — Espero que a louca da sua irmã tenha juízo e não fale nada a sua mãe até que eu chegue.

Comovida pela preocupação que viu nos olhos de seu pai, foi falar quando este continuou:

— Quando você nasceu, primeiro você e logo depois sua irmã, lembro que meu pai disse: “Frank, filho, se prepare porque com três mulheres em sua vida, e em sua casa, você nunca irá descansar”. E quanta razão tinha! Entre as três vou ficar louco. Sua mãe com seus dramas, sua irmã com seu escândalos e você com essa cabeça dura de não dar uma chance a um bom rapaz como o Rodrigo.

Agora a surpreendida era ela. O que sabia seu pai sobre Rodrigo?

Furiosa e incapaz de se calar, deixou Dani que havia dormido, e se pôs diante de seu pai.

— Papai, o que você tem para falar de Rodrigo?

— Tenho falado com ele e...

— Você tem falado com ele?

— Sim.

— Papaaai!

— Escuta, Ana, desde que me ligou pedindo para que eu trouxesse Dani para Espanha para te fazer uma surpresa quando regressase Alemanha, falei com ele em varias ocasiões. O rapaz é prudente e nunca me fala sobre seus sentimentos, mas pela forma que fala de você e de Dani, eu sei que...

— Mas, bem, você tem que falar com o Rodrigo? Sua filha, sou eu e não ele.

— Eu sei, tesouro, eu sei. Mas...

— Deus! Isto está se convertendo em um pesadelo. — murmurou Ana, tapando o rosto com as mãos — Todos me pressionam e...

— Talvez porque todos queremos que você seja feliz, e eu mais que niguém. Você é minha filha e preciso que um homem dos pés a cebeça cuide de ti, te trate como uma rainha e te proteja. Vou ser antiquado, mas sei diferenciar um homem de verdade de um problematico como os que sua irmã gosta.

— Papai...

— Mas não quero te sobrecarregar, só quero que saibas que deveria abrir seu coração e dar uma oportunidade a um homem que te ama por ti mesma e que, sem me dizer nada, me fez perceber que está louco por você e por meu neto.

Ana queria fugir. Escutar aquilo era bom, mas dificil de acreditar.

Quando tentou levanta-se, Frank agarrou seu braço.

— Ana, não fuja. Temos que conversar.

Depois da visita do seu pai e sua longa conversa com ele, algo no coração de Ana tremulava sem que pudesse evitar. Saber que o que Rodrigo sentia por ela era verdadeiro a emocionava. Era o que sempre quis, mas nesses momentos um extranho medo a paralisava e não deixava que ela desfrutasse.

Naqueles dias, Rodrigo telefonou para saber sobre ela e o bebê, mas Ana não mencionou a visita do seu pai e o que conversou com ele. Nunca gostou que as pessoas se metessem em sua vida, e nessa época, todos os que a rodeavam estavam fazendo.

Um dia Rocío ligou para seu celular para convidá-la e ao seu bebê para um jantar em sua casa. Encantada, aceitou.

O impacto que Rodrigo sentiu ao encontrar com ela foi brutal. Ana estava mais linda do que nunca e vê-la com Dani em seus braços provocava nele um amor, uma ternura e uma ansiedade até então desconhecidos. Mas ao cumprimentá-la sentiu sua frieza, e isso devorou suas entranhas. O que acontecia? Porque era incapaz de fazer com que ela se apaixonasse outra vez?

O jantar foi perfeito e as companhias maravilhosas. Rodrigo, sem inquietar Ana, desfrutou dela, e riu muito ao ver como havia enganado a todos dizendo que não sabia jogar pôquer. Quanto mais confiantes estavam, deu uma surra neles que os deixou tremendo. Assim era o seu pêssego louco. Genial e surpreendente. Por volta da uma da madrugada, as mulheres foram a cozinha para preparar algumas bebidas.

— Que alegria que você veio — disse Rocío, enquato guardava a carne que havia sobrado.— Estou desejando organizado ou algo assim. Desde que nasceu a pequena vivo incomunicável para o mundo exterior, submersa em panelas mamadeiras, e necessitava de um pouco de diversão.

— Pois aqui nos tem — respondeu Nekane rindo — eu estou disposta a me divertir muito e Ana disposta a nos derrotar no pôquer.

Rocío guardou o que tinha nas mãos na geladeira, e tirou um lenço do bolso do seu jeans e, olhando para elas, murmurou com os olhos cheios de lágrimas:

— Não sei o que de passa, mas agora choro mais do que quando estava grávida e eu... eu...

Ana sorriu. Ao vê-la tão angustiada com a pequena, recordou como havia se sentido quando Dani nasceu, e a abraçou.

— Chore tudo o que quiser e puder. E fique tranquila, vai passar. Te digo por experiência. Os hormônios se tranquilizarão e você voltará a ser quem sempre foi.

Nesse momento, Rodrigo abriu a porta da cozinha com Dani nos braços. Ana sentiu o coração encolher ao tentar mentir o que ele a fazia sentir. Rodrigo estava impressionante com uma camisa branca e calças jeans.

— O campeão fez caca. Você se importa que eu troque sua fralda? — se ofereceu ele.

— Não, claro que não — respondeu Ana com segurança — Todo seu.

— Pode ir no quarto da bebê — disse Rocío — Lá está o trocador e é mais confortável.

— A bolsa com as fraldas — informou Nekane — deixei na entrada. É a...

— Azul com o urso fotofráfo — cortou Rodrigo. E olhando para o bebê que agarrava o seu rosto, sem prestar atenção a niguém mais, murmurou — Vamos te trocar, campeão, ou você vai intoxicar a todos nós.

Sem dizer mais, o homem marchou para fora da cozinha, deixando Ana desconcertada. Não queria pensar nele e nem no que ocorreu dias antes em sua cama, no entanto, era inevitável.

— Não entendo — confessou Rocío, gemendo.

— O quê? — perguntou Ana.

Nekane que compreendeu ao que se referia Rocío se aproximou da mamãe chorona:

— Guardo o molho na geladeira também? — interviu, tentando mudar de tema.

Mas Rocío, ignorando a pergunta, olhou para Ana.

— Não entendo porque Rodrigo e você não estão juntos. Julio me disse que...

— Ui, ui, ui! — cochichou Nekane ao ver o gesto de sua amiga, e tentando chamar a atenção de Rocío — Pelo teu bem e o de todos, deixa esse tema antes que se queime.

— Mas...

— Não, Rocío — assobiou Ana, chateada — Nada de mas. Já basta! Por que todos tem que opinar sobre a minha relação?

— Talvez porque vemos que você está dando uma de boba? — perguntou Nekane.

A furia de Ana cresceu e cresceu, e quando Rocío foi falar, indignada bufou:

— Estou farta de todas malditas opniões de vocês! Querem fazer o favor de me deixar em paz para que eu possa continuar a minha vida?

Zangada, Ana saiu da cozinha para ir diretamente ao quarto onde sabia que Rodrigo estaria trocando o seu filho. Ao chegar teve que se apoiar na porta ao encontrar o rapaz com duas meias nas mãos, fazendo palhaçadas para Dani, e este se divertindo, rindo a gargalhadas.

Durante uns instantes disfrutou contemplando aquele íntimo momento entre os dois. Rodrigo olhava tonto para o pequeno e este, com suas mãozinhas, agarrava o seu rosto e sorria. Tudo era perfeito. Excelente. Mas sua fúria era enorme.

— Acabou Rodrigo. A partir desse instante toda essa absurda bobagem acabou. Acabou!

Ele ficou surpreendido ao vê-la tão zangada.

— Mas, que bicho te mordeu agora?

Empurrando ele para o lado, guardou as fraldas e talco na bolsa do bebê.

— Não sei como dizer que entre eu e você não vai haver nada. Droga, até o meu pai veio de Londres para me dizer que eu deveria me deixar apaixonar por você.

— Seu pai?

— Sim.

— Frank te disse isso?

— Sim. Não sei o que você andou falando com ele por trás das minhas costas.

— Eu falo pelas tuas costas? — repetiu, surpreso.

— Sim.

— Não, nada disso. Tudo o que tenho...

— Sabe? — Cortou ela — A sua jogada não foi bem sucedida. Portanto, lide com isso. Posso viver sem você. Não tenho peitões que parem o tráfego, nem sou uma daquelas modelos que você gosta, mas tenho algo que elas não tem, senso comum e cabeça para pensar que você não convém para mim e nem para meu filho, porque cedo ou tarde nós te aborreceriamos e nos deixaria para seguir vivendo tua vida de beija-flor.

— Mas, do que você está falando? — estava realmente surpreso e não conseguia entender nada.

— Você sabe muito bem. Todo mundo fala de nós dois pelas minhas costas. E o último que esperava era que você e meu pai fizessem também. E não, não quero que faça isso, pois parece desprezível e degradante, e...

Colocando a mão na boca de Ana, Rodrigo a fez se calar, e falou chateado:

— Eu não telefono para o seu pai. É ele que me liga e te asseguro que apenas tento ser agradável com ele, pois me parece uma boa pessoa. Vamos ver, o que está acontecendo com você Ana? Por acaso não te falei que estou louco por você, que eu te amo e amo o Dani também. É ele que desencadeia esse comportamento? Por acaso você é incapaz de perceber que as pessoas mudam por amor? Porque acha que isso pode acontecer nos filmes e com você não? Adimito que tenho sido, como você diz, um beija-flor, porque nunca nenhuma mulher, preencheu minha vida como você. — Ela não respondeu, e ele prosseguiu — Agora sei que no passado te fiz sofrer, mas eu não sabia. Nunca imaginei que você estava apaixonada por mim. E, eu quero que você saiba que o que mais me deixa triste na vida é que eu sei que você me quer, você pensa de mim, mas a porra do seu medo e sua teimosia se recusam a me dar uma maldita oportunidade. Não entendo o que acontece com você. Você chora como uma louca vendo filmes de romance frustrados por mil coisas, e agora, quando eu te ofereço meu amor, quando quero te fazer feliz, está se comportando como a pessoa mais fria e insensível do mundo. — ao ver como ela o olhava, continuou — Não sei o que tenho que fazer para que confie em mim e me dê um maldita droga de oportunidade para poder te mostrar que é verdade tudo o que sinto por você. Não sei, Ana, quando se comporta dessa forma, me faz ter a sensação de que precisa que eu seja uma pessoa malvada contigo, e que te maltrate para que você me queira.

— Você é um idiota — assobiou Ana e, segurando seu filho e a bolsa nos braços, saiu.

Nesse momento, Rodrigo soube que errou.

Capítulo 23

Uma semana depois, a sessão de fotos para o calendário de Intimissimi, começou em uma sexta-feira ás cinco da manhã em um hangar inutilizado do aeroporto de Madrid. As modelos e os bombeiros desfrutavam da experiência enquanto Ana, Nekane e um grupo de estilistas se preocupavam para que tudo estivesse pronto.

Com frustração, Ana observou como Rodrigo e vários dos bombeiros faziam flexões nus da cintura para cima para marcar seus músculos. Desde o dia do jantar na casa de Rocío não havia voltado a falar com ele, mesmo que ele tivesse tentado. Mas tudo havia sido inútil. Ana tinha negado. Ela estava com raiva e não pensava dar o braço a torcer.

— Eu acredito, que hoje pela primeira vez na minha vida não estou me comportando como profissional. — Queixou— se Nekane ao ver como uma das estilistas dava cor com óleo ao corpo de Calvin. — Eu juro que estou preste a ir lá e arrancar os olhos dela e tirar aquele sorriso bobo do rosto dela.

Ana concordou. Entendia o que Nekane lhe dizia. Já havia observado em como as estilistas se esforçavam para passar óleo em Rodrigo. Mas como não queria mostrar o que sentia, soltou:

— Neka, deixa de dizer besteiras. Estamos trabalhando. Neka sorriu e sentou-se ao seu lado.

— Ok, eu confesso, estou terrivelmente ciumenta. Por que me pareceu uma boa ideia que Calvin participasse desse trabalho?

— Porque você sabe que vai ser perfeito para o que precisamos, e no fundo, você gosta de ter ele por perto. — murmurou Ana, olhando de rabo de olho para Rodrigo.

As seis, a luz era perfeita para o que Ana queria conseguir em algumas das fotos, e começou a sessão. Depois de dar o play e

começar a tocar a música de Aerosmith, Ana surpreendeu a todos disse-lhes que nas fotos queria capturar a sensualidade e a atração em seus olhares. Eles deveriam ser viris e bárbaros, e elas selvagens e sexy. Queria apoderar-se da essência do momento e iria conseguir naquela sessão. Minutos depois, as modelos se colocaram em seus papeis, algo que estavam mais preparadas do que eles, aos quais demoraram um pouco mais para se

concentrarem. Não era fácil para aqueles homens, terem aquelas bonitas mulheres em pouco pano ao redor deles, insinuando-se com olhares selvagens e posturas provocantes.

Em certos momentos, Ana e toda a equipe paravam o trabalho, enquanto riam e gargalhavam. Os comentários dos bombeiros e o que acontecia a muitos depois de se roçarem com as modelos era para morrer de rir. Mas quando pararam para comer, viu que o resultado era surpreendente. Todos observavam as fotos no computador de Ana, e ficaram boquiabertos ao ver o que ela havia capturado.

Uma vez que retomaram a sessão, era a vez de Rodrigo e seus companheiros. Depois de colocar um divan de veludo escuro e indicar as modelos o que queria que fizessem, Ana falou com Calvin, Julio e Jesus para colocá-los em suas posições e, em seguida virou-se para Rodrigo que a observava.

— Deite-se no divan. A modelo dixará cair o corpo sobre o seu, e então você deve se conectar. Quero que você me dê olhares de sensualidade. Venha, deite-se.

Ele assentiu. Passou o dia todo olhando-a, apesar que em nenhum momento havia se aproximado dela. Estava desfrutando como um louco de sua proximidade, mesmo que não falasse com ele.

Sem dizer nada, Rodrigo só vestido com a parte de baixo do equipamento de bombeiro e o torso ao ar livre como os seus companheiros, fez o que ela queria. Quando a modelo se colocou sobre ele, Ana repetiu:

— Agora, olhem-se. Ingrid você deve deixar cair os quadris sobre ele e ligeiramente torcer a cintura para que apareça o conjunto de lingerie. E você, Rodrigo, coloca a mão direita em sua cintura e a outra em seu cabelo.

Sem hesitar, ele fez tudo o que ela disse, enquanto as estilistas e maquiadoras aplicavam-lhe um pó brilhante em certas partes do abdômen e do bíceps para que ressaltassem mais. Nesse momento Nekane se aproximou deles.

— Um momento. Ingrid troque a meia direita, está desfiada.

A modelo se levantou e saiu correndo atrás de uma meia nova. E nesse momento, Rodrigo sem poder conter a necessidade que sentia de tê-la perto, mesmo com o risco de levar uma tapa diante de todos, agarrou sua cintura e deito-a em cima dele.

— Então, eu coloco minha mão direita assim, correto? — Perguntoulhe

diante de todos os que assistiam.

Ana desejou mata-lo. Como ele podia fazer aquilo? Mas ao ver que dezenas de olhos os observavam a poucos centímetros, se comportou como uma boa profissional.

— Exato. Ela deixará cair seus quadris assim e rodará a cintura enquanto você põe esta mão na cintura com os dedos abertos e enredas a outra no cabelo. — E cravando seus olhos nele, murmurou:

— Uma vez que você estiver na posição correta, quero que a olhe com desejo e ela olhe a ti. Depois ela colocará os lábios em sua boca e preciso que você tencione os bíceps para marca-los. La câmera e eu devemos captar a atração do momento.

Aquela roçar erótico com ele que Ana estava o martirizando, fez crescer em sua virilha em décimos de segundos, mas feliz por tê-la tão perto depois dos horríveis dias que ansiava por ela, sussurrou junto ao olvido enredando-a o cabelo:

— Queres que eu a olhe assim?

— Sim. — Concordou a jovem com o coração a mil, enquanto sentia sua ereção entre as pernas no meio do hangar do aeroporto de Barajas.

— Acredito que isso será impossível. — Murmurou ele.

— Por quê? — Perguntou ela, com a voz baixa.

— Porque eu só desejo você.

Atordoada pelo o que sentia, de relance, olhou se alguém podia está escutando. Mas a música e todo mundo estava para si mesmo deram-lhe a garantia de que ninguém havia escutado a conversa.

— Eu me desespero com as sua besteiras, Rodrigo. — Assobiou.

— E você me enlouquece, querida. — E sem perder um segundo, acrescentou:

— Nós precisamos conversar.

— Não.

— Ana...

Com a garganta seca a jovem ia responder quando a modelo chegou correndo e gritou:

— Já estou pronta!

Durante alguns instantes mais, Rodrigo e Ana se olharam, e então ele

afrouxou a tensão em seus braços e a soltou. Ana atordoada se levantou como pôde e pegou a câmera que Nekane, com um sorriso a entregava. Afastando-se alguns metros foi a sua mesa para beber água. Acalorada, ao voltar observou como as estilistas trabalhavam sobre os corpos dos que posavam.

— O que está acontecendo? — Perguntou a sua amiga. — Por que me olhas assim?

— Por nadaaaaaaa. — Respondeu Nekane. — Só te direi que te fiz um par de fotos muito boas. Creio que seriam as melhores do calendário.

Soltando a garrafa de água, Ana olhou a sua câmera, e ao ver as fotos que Nekane havia feito deitados sobre o divan enquanto se olhavam, resmungou. A mistura de química, o desejo e a sensualidade que via naquelas imagens era o que ela buscava para a foto.

— São boas, hein?

— Neka... as vezes tenho vontade de te matar. — E voltando-se até os que a esperava deitados sobre o divan, se aproximou deles e começou a fazer as fotos.

Naquela noite quando Ana e Nekane chegaram a casa e comprovaram o resultado de seu duro dia de trabalho, sorriram abertamente. O calendário seria um sucesso. Mas quando Ana se meteu na cama, suspirou ao sentir que sua vida pessoal era um fracasso.

Capítulo 24

Depois de dois dias, de uma jornada exaustiva de trabalho com Raul e outros fotógrafos para uma empresa de Bucarestiang, quando Ana chegou em casa a única coisa que desejava era tomar um banho, colocar o pijama, e desfrutar de seu bebê. Dani estava maravilhoso.

— Ah, eu vou pegar... eu vou pegarrrrrrr esse menino! — Gritou Encarna, olhando o pequeno.

Feliz, Ana viu seu filho rir diante dos gritos agudos de sua vizinha, e aplaudindo para chamar sua atenção, disse:

— Que bom e lindoooo é meu filho!

— Como foi o dia, bonita? Muito trabalho?

— Uhg, Encarna, muito exaustivo. Eu tive que fotografar duzentos e trinta e sete garotas, para eleger os melhores rostos angelicais para um trabalho de uma marca de cosméticos.

— Bendito o teu trabalho. — Zombou a mulher. — Por certo, já vi as fotos que fez dos bombeiros e queria te pedir algo. Se possível, me diz que sim, e se não, me diz que não. Entendido?

— Claro, diga-me. — disse Ana, surpresa.

A mulher, tocando seu cabelo, olhou em volta e se aproximou dela.

— Isso é só entre você e eu, ok?

— Claro, Encarna. — Confirmou Ana animadamente.

— O fato é que no outro dia pensei que eu gostaria de ter uma foto de Calvin e Rodrigo para colocá-las em uns bonitos porta-retratos que eu vi na loja do chinês Juancho, juntamente com a sua foto e a de Dani. Vocês são tão bons comigo que eu quero tê-los presentes.

— O que você está me dizendo é sério?

— Mas é claro. Por um acaso me vê com cara de brincadeira? — E ao ver o jeito de dela, perguntou: — Ah! Você acha que eles não vão gostar?

— Nãoooooo. — Respondeu rapidamente. — De modo algum. Tenho certeza que ficarão encantados. Não se preocupe, você terá.

— Ai, caralho, que excitante!

Nekane parou ao passar junto delas e vê-las sussurrando.

— Vamos lá, vamos lá... corrigir isso, que hoje a noite as doses não serão de leite com chocolate. — Disse a navarra.

— Você realmente não se importa em ficar de novo com Dani? — Ana perguntou a Encarna pela décima oitava vez.

— Não minha filha, não. Eu ficaria com esse menino por toda a vida. — Encarna, não quero abusar de você. — Disse Ana com tristeza.

— Você não abusa. Eu faço isso feliz da vida, é maravilhoso não me canso dele. Meu bebê é tão lindoooo.

— Genial! — Aplaudiu Nekane, que olhou para a sua amiga. — E você, anime essa cara, que essa noite será um escândalo.

— Você vai jantar com Rodrigo? — Perguntou Encarna, que ficou surpresa como as duas a olhavam. — O que foi? Disse algo errado?

— Não é nada, Encarna. Mas não, eu não jantarei com Rodrigo.

Encarna, sabendo dos sentimentos que Ana sempre teve pelo bombeiro, e mais claro ainda era o que ele sentia por ela, a olhou com perplexidade.

— E se não é com ele, com quem caralho você tem um encontro?

Ana foi responder, mas Nekane se adiantou.

— Com um pedaço de modelo iraniano chamado Amir, que como diria Macarena, a fruteira "tira o sentido". Com certeza Amir em persa significa "príncipe!"... imagina como ele é bom, Encarna, para comêlo!.

Ana ao pensar em Amir, murmurou:

— Oh, Neka! Agora estou me arrependendo. Quase prefiro ficar com Dani.

— Um caralho. Agora mesmo você vai colocar o vestido branco no qual fica muito bonita nele, e calçar os saltos roxos de dez centímetros e vamos sair de casa dispostas a ter um bom tempo. Dême Dani, e vamos te arrumar!

— Escuta o que ela está dizendo... — Protestou Encarna. — Se a menina não quer, por que tem que ir?

— Porque eu estou dizendo, e ponto. Me encarreguei de fazer a reserva no restaurante de Esmeralda e estou disposta que seja tudo maravilhoso. Portanto... vá ficar pronta!

— Mas que mandona é a fodida navarra. — Murmurou Encarna. E pressionando-as disse:

— Vamos, dê-me o menino e façam o quem tem a fazer.

Quando a mulher as deixou sós, Ana olhou para sua amiga e pensou:

— Mas, Neka...

— Não... hoje você vai sair com a gente, porque eu estou dizendo, e ponto.

Uma hora depois, Ana saiu do seu quarto com o passo firme, e ao chegar na sala se encontrou com Calvin que já havia chegado. O homem ao vê-la, soltou um assobio.

— Mas de onde veio essa belezura?

— Deussss, Ana! — Gritou sua amiga ao vê-la. — Você vai triunfar!

— Ah minha filha, mas que bonita está. — Aplaudiu Encarna.

Ana sorriu. Sempre havia triunfado com aquele vestido curto branco de Ibiza; ela gostava muito. Ressaltava sua pele morena e seu cabelo escuro.

— Você gosta como estou? — Perguntou a sua amiga, apontando os sapatos roxos combinando com a bolsa.

— Ficou ideal.

— Você também ficou muito bonita com esse novo vestido que está usando. — Afirmou Ana. — Ele é da coleção de Fred Perry?

Nekane deu uma volta e assentiu. Ela amava aquela coleção de Fred Perry inspirada em Amy Winehouse.

— Minha princesa é linda até com uma alface na cabeça. — Falou Calvin.

Encarna sorriu, e Nekane, depois de jogar um beijo com a mão, se aproximou de sua amiga.

— Estive tanto tempo te vendo de jeans, macacão e pijama, que ver você vestida assim, tão bonita, me emociona. Droga garota! Quando você coloca seu plano gostosa em ação, me deixa sem palavras.

— Sem palavras deixou a mim. — Disse Calvin ainda surpreso.

Dez minutos mais tarde, depois de beijar com carinho David, os três amigos se foram. Ana tinha um encontro.

Quando eles chegaram ao restaurante, um lugar minimalista onde arte e cultura se juntavam a gastronomia, sua amiga Esmeralda, dona e chef do estabelecimento, saiu para cumprimentá-los.

Dez minutos depois, enquanto tomavam um coquetel, chegou Amir, um

lindíssimo, moreno, extraordinário modelo, que fez Ana sorrir como uma idiota.

Estava ótimo! Enquanto tomavam algo, conversavam animadamente, até que um jovem se aproximou deles para avisá-los que a mesa já estava pronta. Mas ao chegar nela se surpreenderam.

— Uma mesa para oito? — Perguntou Nekane. — Mas se somos quatro.

— Não, somos oito. — Replicou imediatamente Rodrigo, se aproximando deles, juntamente com Julio, Rocío e uma jovem loira.

— Oi, garotasssssssssssss. — Acenou Rocío, encantada. — Fiquei tão alegre, em saber que nos veríamos hoje a noite.

Amir cumprimentou os recém-chegados, alegremente. Quanto mais pessoas fossem, melhor.

Ana surpresa por ver Rodrigo ali, de braço dado com aquela mulher, quis sair correndo, mas depois de sentir a mão de sua amiga a sustentando, suspirou. Sem mudar sua expressão, Rodrigo os cumprimentou e apresentou sua acompanhante. Chamava-se Katrina. Depois bateu a mão com Calvin, que piscou o olho. Reparando no gesto, Nekane se aproximou do seu namorado.

— Desde o início, Calvin — Sussurrou — Por que você disse a ele onde estávamos?

Ele a olhou atordoado.

— Eu juro princesa, que eu não disse nada a ele.

— Sim, claro, e eu vou acreditar. — Protestou Nekane, sentando-se enquanto Calvin sorria.

O jantar começou como deveria. Divertido e agradável. Os quatro casais riam e falavam sobre qualquer coisa, e os pratos preparados especialmente por Esmeralda, eram deliciosos e abundantes. Durante o jantar Rodrigo e Ana não trocaram uma única palavra entre eles que não estivesse relacionada com o que o grupo comentava, mas a nenhum dos dois escapava o mínimo movimento do outro.

Por volta de meia noite, chegou Popov e, depois de falar com sua mulher, combinaram com Esmeralda para se encontrarem no Clapsia, um Pub que estava na moda. Ao chegarem no local, as garotas foram todas juntas ao banheiro, e enquanto Katrina fazia suas coisas, as outras três se olharam e sussurraram:

— De onde saiu essa? — Perguntou Nekane.

— Não tenho nem ideia meninas. — Murmurou Rocío. — Fui a primeira a ficar surpresa ao vê-la. Mas a menina parece simpática.

— O furacão katrina. — Assobiou Ana irritada.

Rocio, ao ver que Nekane indicava-lhe que ainda não havia resposta, disse:

— Tudo o que eu sei é que é uma aeromoça. Viram que corpaço ela tem?

— Vou te dizer... a garota é muito "boa". — Sussurrou Nekane. — E que conste que eu gosto é dos caras. Mas vamos dar a César o que é de César.

— Que gostoso é esse Amir. — Disse Rocío. — De onde saiu esse bombom?

— É um amigo de um amigo. — Respondeu Nekane rindo. — Digamos que é um bombonzinho para alegrar a noite de Ana.

Enquanto isso, Ana ficou calada, se limitou a olhar no espelho enquanto aquelas cochichavam sobre o modelo iraniano.

Cinco minutos depois, as quatro mulheres voltaram até onde estavam seus acompanhantes. Ana ao passar por Rodrigo, nem o olhou, mas ele colocou um pé para ela tropeçar, e um segundo depois a tinha em seus braços.

— Algum dia, você terá que me dizer qual o perfume que usa para que sempre tenha esse cheiro de pêssego.

— Você é estúpido ou se faz? — Rosnou enquanto observava a cara de Katrina.

— Lembre-se, eu sou um idiota. Isso foi o que você me disse da última vez, entre outras pérolas linguísticas suas. — Declarou ele sem soltá-la e sem se importar quem os observa.

— Tira suas patas de mim se não quiser que eu te faça algo pior.

— Algo pior do que já está me fazendo? — Grunhiu consumido pelo ciúme. — Acaso acredita que é fácil para mim, ver como esse cara baba por você, quando eu te disse que estou louco por você e te pedi uma oportunidade?

— Isso não é nada do que deve suportar. Nada!

— Ana... eu não sabia que você estava sofrendo por mim. Se você tivesse me dito que...

— Solte-me! — Ela o interrompeu irritada.

Relutantemente, ele a soltou. Desejava tirá-la dali e levá-la a qualquer lugar onde estivessem a sós para conversarem. Mas ele não iria ser fácil. Uma vez que se viu livre de seus braços, o olhou desafiante, e perguntou:

— Eu posso saber o que faz aqui?

— Estou me divertindo, como você. — E sem querer que ela se esquivasse, perguntou: — E você o que faz com aquele idiota?

— Por um acaso eu pareço sua companheira? Não, certo? Pois faça o favor de se calar e deixar de se meter em minha vida, ou no final conseguirá que eu fique zangada e te diga o que me parece suas conquistas.

Com isso, deu a volta e caminhou até Amir, que conversava com Julio. Nekane que havia sido testemunha de tudo, olhou para Rodrigo, mas quando ele levantou uma sobrancelha em modo de pergunta, não falou, apenas passou a mão pelo pescoço, e Rodrigo bufou de forma irônica ao ver a incredulidade de seu amigo Calvin.

Por volta das duas da madrugada, as meninas que tinham bebido um pouco a mais, especialmente Ana, que estava encantada em poder beber algo mais forte que um suco de abacaxi, decidiu dar-se uma pequena homenagem. Ela merecia e, sobre tudo o necessitava, para não pensar continuamente que Rodrigo, o objeto de seus mais obscuros desejos, estava ali. A medida que a noite avançava, Amir se mostrava a cada instante mais atencioso e próximo a ela, e isso incomodava profundamente a Rodrigo. E quando viu que ele a beijou, estava a ponto de chutar o seu pescoço, mas um olhar de advertência de Calvin o obrigou a controlar seus instintos e não se moveu do seu lugar.

Ver como esse indivíduo a beijava, o fez entender o que ela havia aguentado meses atrás, e lhe doeu. Katrina, a jovem aeromoça, tratava de atrair sua atenção, mas Rodrigo não fazia-lhe caso; Tentando fazer-lhe ciúmes, começou a conversar com um cara no bar, mas o bombeiro nem percebeu. Por volta das três da manhã, os alto-falantes animaram as pessoas a cantarem no karaokê. E as meninas excitadas pela noite e a bebida, em exceção a aeromoça que não quis se juntar ao grupo, subiram no palco e cantavam enlouquecidas a canção do momento de Michel Teló.

Nossa, Nossa, Assim você me mata... Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego

Delícia, delícia, assim você me mata... Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego...

As pessoas que enchiam o local rapidamente, se juntaram aquela música

e todos começaram a dançar com as mãos e o corpo, entre risos e aplausos. Rodrigo, em sua posição, olhava para Ana e não sabia se ria ou ficava com raiva. Estava muito bêbada, embora fosse graciosa e bonita, dançando desinibida sobre o palco. Não gostava de vê-la assim, e muito menos como seu acompanhante Amir, a olhava.

Quando a música terminou, entre aplausos do público, desceram do palco. Ana, morta de sede foi até Amir e ainda tremendo de como estava feliz, agarrou-lhe e deu-lhe um tórrido beijo, o que fez modelo prever a perfeita noite que tinha pela frente, e isso matou Rodrigo.

Sem se mover de seu lugar, Rodrigo a olhou com reprovação, e ela sem se importar com seu olhar, caminhou até ele com arrogância, e aproximando-se, fez que tropeçava, de modo que o liquido que estava no copo derramou em cima dele.

— Ahhhhhhh... que desajeitada eu sou! — Zombou Ana ao ver que tinha encharcado a camisa e parte das calças dele.

Mas ele não se mexeu. Ele se limitou em segurá-la pelo braço e, puxando-a para ele, murmurou:

— Pare de beber, ou amanhã sua cabeça vai explodir.

— Tem certezaaaaa? — Zombou ela.

— Claro. O que você está tomando não é leite com chocolate.

— Vamos ver Rodri. Por que não tira o foco de mim, e concentra no furacão Katrina?

— FU RA CÂO Katrina? — Exclamou ele, rindo.

Ao ver que não conseguia irritá-lo, deu a volta, e olhando para Amir, que não entendia o ocorria entre aqueles dois, disse alto e claro:

— Lindíssimo, pede outros destesss, que esse sem querer atirei todo neste beija-flor.

Em seguida, pegou a cerveja que Rodrigo tinha ao seu lado, e a bebeu, dando saltos começou a dançar ao som das vozes de umas meninas que cantavam no karaokê *La chica yeyé*.

Rocio, que havia visto o ocorrido, pegou vários guardanapos no bar, e levou com urgência para Rodrigo. Ele estava ensopado e aquela louca nem havia se preocupado.

— Mas o que está acontecendo com Ana? — Se interessou Esmeralda ao vê-la tão fora de si.

— Eu não sei querida, mas acho que o álcool hoje lhe caiu mal. — Murmurou Popov.

— Mãe de Deus! Você está bêbada. Mas o que você bebeu? — Perguntou Nekane ao vê-la naquele estado.

— Eu acho que de tudo. — Respondeu Calvin, sorrindo ao ver testa franzida de Rodrigo.

Nekane não gostava de ver sua amiga assim. Aquilo era o resultado do que tinha em sua cabeça em Rodrigo. Por isso disse a Popov:

— Vamos tirá-la daqui antes que faça algo de que possa se arrepender.

Esmeralda olhando Amir, aquele poderoso modelo iraniano, sussurrou:

— Eu acho que ela vai ficar bem quando se for com esse pedaço de homem com quem chegou. Meu Deus que sexy! Ele vai acabar com a bebedeira a ... a ... — Mas ao ver que Popov a observava, mudou de opinião. — Acredito que sim... vamos tirá-la daqui para que possa tomar um ar fresco.

Mas de repente, umas batidas irritantes no microfone do karaokê, fizeram que todos olhassem para o palco, e ficaram de boca aberta ao verem Ana ali, sorrindo.

— Foda-se! — exclamou Popov.

— Eu vou matá-laaaaaaaaaaa... — Murmurou Nekane, que estava a sua procura. Mas que chegasse até ela, Ana começou a falar.

— Oláaaaaaa! Me chamo Ana, e esta canção vou dedicar a um homem que está fantástico.

Amir sorriu orgulhoso, mas o sorriso congelou, quando ela disse: — É um bombeiro sexy e lindo que cumpre perfeitamente as mais obscuras fantasias de toda mulher. Sim, sim Rodrigo, não se esconda. Essa vai para você! - E apontando com o dedo, continuou com seu discurso.

— Para sua informação meninasssssss, Rodrigo é aquele de camisa preta, ensopada de bebida, cabelos pretos e olhos azuisssssssss que está apoiado no balcão.

— Fabuloso? — Soou um clamor geral das fêmeas do local, e Ana prosseguiu: — Mas cuidado... cuidado... esse cara o que tem de forte, tem de idiota, e garanto que com certeza ele irá quebrar seus corações.

— Ohhhhhhhhhh! — Se ouviu em todo o local.

— Plum Cake! Desça daí agora mesmo. — Gritou Popov, tentando pará-la. Mas era impossível. Ana se movia pelo palco enquanto falava e falava.

— Vejam... nossaaaaa história — Continuou Ana: — Como a música, vou cantá-la em inglês, quero que saibam que nela vou dizerrr a esse fantástico corpo com mais atrativo sexual que um regimento de bombeiros juntos, chamado Rodrigo que é um merda e um egoísta por ter feito me sentirrr como a mulher menos desejável do mundo, do mundo mundiallll.

As mulheres que estavam no local, começaram a vaiar e alguns homens o repreendiam, mas Rodrigo não se mexeu. Aguentou a chuva de insultos como um campeão.

— Por Deus, tirem-na do microfone. — Gritou Nekane, mas ninguém a escutou.

— Aiiii... coitado! — Murmurou Rocío ao ver como vaiavam Rodrigo.

— Ele é... — Continuou Ana. — Ele é o típico cara que depois de transar, cai fora, se te vi não me lembro. Ele é típico bombeiro sexy que apaga teus fogos maravilhosamente bem, e ... e ... esse amigas, é Rodrigo!

As pessoas, olhando para ele, os hostilizaram. Mas ele não se mexeu.

— E hoje... hoje quero dizer-lhe o muito que me fez sofrer, estando eu grávida. Sim ... sim, grávida e gorda como um bujão! E agora esse idiotaaaaa quer me convencer a voltar a confiar nele. Vocês confiariam?

As mulheres do local gritaram “Nãoooooooooooo”, e Ana balançando a cabeça, finalizou:

— Exatamente meninassss, isso é o que eu disse a ele. Portanto, bombeirão, essa música vai para você. Vá merda!

O lugar inteiro assobiava e os gritos contra ele eram cada vez mais persistentes. Seus amigos se olharam conscientes de que tinham que tirar Rodrigo dali, ou o linchamento seria geral, mas ele, depois de escutar e acalmar Calvin e Julio se negou a sair. De lá não se mexia se não tirasse da frente dele aquela que falava com disparato ao microfone.

— Ana... desce daí agora mesmo. — Pediu Nekane agarrando-a o pé.

Bêbada, sorriu e, olhando a sua amiga, murmurou depois de jogalhe um beijo com a mão.

— Sim, eu estou indo cantarrrrrrrr...

As narinas de Rodrigo se abriam e fechavam, enquanto se sentia observado por centenas de olhos. Em sua vida nunca havia sofrido uma

humilhação assim, e desejou subir ao palco, pegá-la pelo pescoço e matá-la. Por que estava fazendo aquilo?

Amir, que acabava de confirmar o que suspeitou a noite toda, se aproximou dele e perguntou:

— É verdade o que ela disse?

Depois de dar um gole na sua cerveja e olhar um cara que o insultava, Rodrigo o respondeu:

— Se ela diz, assim é.

— Grávida? — Amir perguntou deslocado.

— Ah, gravidíssima! — Assentiu Rodrigo, disposto a não revelar mais nada.

Katrina, muito zangada, andou diretamente até ele, mas Rodrigo não se mexeu. Não se importava que ela fosse embora, nem que alguns homens o amaldiçoavam. Apenas se interessava em falar com aquela morena que estava bêbada animando o lugar.

— E aqui está uma situação comprometedora. — Murmurou Calvin.

— Sim... acredito que sim. — Disse Julio, divertido.

Amir, que não queria se intrometer em problemas que não lhe interessava, deu um último gole em sua bebida e foi atrás de Katrina. Não queria problemas.

— Ana está louca. — Murmurou Rocío. Mas ao ver seu marido morrendo de rir, perguntou-lhe: — E você, por que está rindo agora?

— Isso é a coisa mais engraçada que eu já vi na minha vida. Você viu a cara de imbecil que tem Rodrigo? — Então, viu seu amigo que tirava um cara de cima dele que queria problema, mudou seu gesto e acrescentou:

— Querida... fique atenta, acredito que vamos ter que sair daqui correndo.

Logo escutaram as primeiras notas da música ”Me and Mr. Jones” na versão de Amy Winehouse, e Ana começou a cantar com uma voz e uma arrogância que deixou todos desarmados. *Nobody stands in between me and my man, it’s me and Mr. Jones*.

What kind of fuckery is this?

You made me miss the

Slick Rick gig.

You thought I didn't love you when I did. Can't believe you played me out like that.

No you aint worth guest list. Plus one of all them girls you kiss.

You can't keep lying to yourself like this. Can't believe you played yourself out like this.

...

Nada se interpõe entre meu homem e eu, e aqueles somos eu e ele Sr. Jones.

Que merda estamos jogando?

Me fizestes perder o show de

Slick Rick.

Você pensou que eu não te amava

Quando eu realmente fiz. Não

Posso acreditar que estavas

Jogando comigo dessa maneira.

Você não tem méritos para estar na lista De convidados, nem todas essas meninas que você beija.

Você não pode continuar mentindo

Dessa maneira, não posso acreditar

Que estava jogando Comigo dessa maneira.

...

Encorajada pela bebida e pelo momento, Ana se movia pelo palco como uma autêntica diva do soul, inclusive a bebida. Enquanto cantava a música, Rodrigo cada vez mais irritado pelo o que dizia, não podia tirar os olhos dela. Não escutava o que aqueles caras estavam gritando. Só tinha olhos e ouvidos para Ana. Embora cada vez que ela o insultava mediante a música, chamando-o de porcaria, e apontava-lhe, e todo o lugar repetia olhando para ele, sentia vontade de degolá-la pela humilhação, seus pés não se mexiam. Só podia estar ali, encharcado de bebida, aguentando os insultos e escutando como o maltratava aquela pequena morena de olhar sem vergonha.

Quando terminou a música, o local animado por como ela havia cantado, explodiu em aplausos, enquanto Ana, comicamente, saudava, feliz da vida, sem se dar conta da hostilidade que havia alimentado em certos indivíduos.

Nekane e Popov, horrorizados pelo o que ela tinha acabado de fazer, a pegaram pelo braço, em meio aos aplausos, conseguiram tirá-la do palco antes que continuasse vociferando daquela maneira contra Rodrigo. Uma vez que a tinham em seu poder, Popov a olhou e, disse:

— Foda-se Plum Cake! Canta maravilhosamente bem, mas você está louca?

— Popov, fecha o bico e vamos sair todos daqui! — Disse Nekane. E vendo que sua amiga sorria para todos os que aplaudiam quando ela passava, sussurrou:

— Puta que pariu, Ana, como você pôde fazer isso?

— O quê? — E acrescentou, olhando o amigo que a sustentava pelo braço direito: — Popov gostouuuuu.

Quando chegaram onde Rodrigo estava, metade do lugar os observava, e ele muito sério, perguntou:

— Está contente?

— Acabo de te dedicarrrr uma música. Lembro-me que um dia você me pediu. Você gostou? — Balbuciou divertida.

— Minha paciência com você chegou ao limite. — Sussurrou irritado.

— Ohhh... que medoooo! — Zombou Ana, que se aproximou dele e murmurou, surpreendendo-o novamente: — Você é um imbecil, embora eu reconheça que é um imbecil muito sexy, com quem me senti muito bem na cama. Mas vamos combinar, para que tão pouco você acredite que seja um reiiii do universo inteiro.

Estava tão desconcertado e furioso pelo o que ela dizia que Rodrigo não viu aproximar um gigante de mal humor. E sem aviso prévio, o homem deu-lhe um soco no olho que o fez cair para trás. Calvin, ao ver aquilo, se colocou rapidamente no meio, em seguida Julio e Popov. Rocio ao ver que seu marido dava e recebia golpes, gritou e começou a dar bolsadas em qualquer um que se aproximasse. Esmeralda sem pensar fez o mesmo, enquanto Ana, ria em grandes gargalhadas, divertindo-se sem saber o que havia provocado, até que a empurraram, ela perdeu o equilíbrio e caiu no chão. Rodrigo enfurecido, começou a dar socos a torto e a direito, e Nekane assustada, se jogou em um cara que batia no seu Calvin e não parou de dar mordidas até que conseguiu tirá-lo de cima.

Instantes depois, diante a tal alvoroço, os seguranças do local vieram separar a briga. Nekane ao ver que Calvin estava bem, optou por levantar a

sua exultante amiga do chão e tirá-la daquele lugar.

— Você uma digna herdeira da máfia italiana! — Gritou furiosa a navarra quando já estava na rua. — Mas você viu o problema que causou?

— Isso é uma desgraça, quebrei meu salto! — Respondeu Ana com o sapato na mão.

— O que está quebrado é o seu cérebro. — Protestou Nekane angustiada.

Dois minutos depois, os seguranças do local, tiravam os machucados Rodrigo, Calvin, Popov e Julio, e a umas excitadas Esmeralda e Rocío. Ana ao ver como estavam, continuou a gargalhar, alheia a tudo, enquanto se dirigiam ao um bar próximo para beber algo e repor as forças. Meia hora depois, ao voltar para o estacionamento do pub, todos ficaram sem palavras, exceto Ana, que começou de novo a rir em gargalhadas ao ver o bonito carro de Rodrigo estraçalhado.

Capítulo 25

Quando Ana acordou na manhã seguinte, tudo estava girando. Foi se levantar da cama para ver seu filho, mas seu estômago deu uma sacudida que a fez correr para o banheiro.

— Veja... se não acordou a senhorita Winehouse Corleone. — Zombou Nekane, apoiada na porta do banheiro com um café nas mãos.

Olhando-a com olhos vidrados de como a forma que se encontrava, sentou-se no chão. — Neka... não estou para piadas. Onde está Dani?

— Com Encarna. Alimentado e limpo, saiu com ela para dar um passeio.

— Que hora são?

— Quatro e meia da tarde.

— Como?

— O que você ouviu.

A navarra, com a expressão de insulto, deu um gole no café que tinha nas mãos e se sentou com a intenção de falar, quando sua amiga se adiantou:

— Não me diga... não me diga o que fiz ontem.

— Oh, sim! Claro que vou te dizer. — E entregando-lhe o café para que bebesse, acrescentou:

— Além de beber o que não estava escrito e cantar como minha amada Winehouse, você conseguiu que Amir se mandasse com o furacão Katrina e que partissem a cara de Rodrigo, Calvin, Popov e Julio, e já quando não esperávamos mais nada, os caras do local, saíram e destruíram o carro de Rodrigo. O deixaram para desmanche. Te parece pouco?

— Como?

— O que você ouviu. Essa é a pequena fatia do que fez ontem.

— Não posso acreditarrrrrrrr.

— Pois sim, minha filha, sim. Acredite. E por certo, você tem mais perigo com um microfone na mão quando está bêbada que o Stevie Wonder pilotando um F-16. — E rindo, murmurou:

— Corleone... o que você pediu conseguiu com suas palavrinhas. Foi hostil!

— Mas o que aconteceu? — Perguntou, a cada instante mais alucinada,

sem entender nada.

— De tudo.

— Eu... eu só lembro que... Meu Deus! Estão todos bem?

— Sim, não se preocupe. — Assentiu Nekane. — As contusões...

— Contusões? — Gritou Ana.

— Sim, filha, sim... contusões, dores nas costelas, mandíbulas doloridas, e no caso de Rodrigo, se pode incluir um olho roxo e um lábio partido. Pobrezinho, nós não percebemos a besta que o cercou e pegou-lhe com toda sua força.

— Aiii Deus! — Gemeu tampando a cara.

— Mas vamos ver. Como você pôde dizer o que disse no palco? Mas você...

— Neka... não sei o que disse, nem o que aconteceu. É como se tivessem apagado meu cérebro, e só lembro de chegar ao local e ... e ... mas o que eu disse?

Quando sua amiga lhe reproduziu palavra por palavra das burradas que havia dito e como as pessoas reagiram contra Rodrigo, Ana não estava branca... estava transparente, e queria morrer.

Nekane consciente do susto que via em seus olhos, acrescentou:

— Mas fique tranquila, todos nós estamos vivos. Embora se os seguranças do local não tivessem tirado Rodrigo dalí, não sei o que poderia ter acontecido.

— Aiiiiiiii Deusssssssssssss!

— Exatamente. Aiiiiii Deusssssssss! — Repetiu Nekane.

— Tenho que telefonar para todos e pedir desculpas. — Disse gemendo, horrorizada. — E Rodrigo em primeiro lugar.

— Não, isso não. É melhor que não ligue para Rodrigo. Telefone para todos, mas precisamente não para Rodrigo.

— Por quê?

Nekane, deixando de sorrir, suspirou.

— Olha Ana, é melhor deixar passar um pouco de tempo. Deixa que respire e esqueça um pouco do que aconteceu. É o melhor, acredite em mim.

— Por que para ele não? — Exigiu novamente.

— Sem panos frios?

— Sim... clara e concisa. — pediu Ana.

— Muito bem. Lá vou eu. — Se animou a navarra. — Ontem à noite, enquanto você ria como uma louca de Rodrigo e seguia saindo por essa boquinha sua, centenas de pérolas e deboches, ele foi se acalmando, e quando chegamos em casa, me disse para te dizer que isso estava acabado, que se dava por vencido e que, por favor, não o procurasse porque ele não iria te procurar, e ...

— Mas preciso pedir desculpas para ele.

— Repito. — Insistiu a navarra: — Ele não quer falar com você.

— Me dá igual o que ele quer. Eu vou chamá-lo.

— Não deveria te dar igual, maldita cabeça dura. Você deveria entender a raiva que ele está e deixar que respire um pouco, se você chamá-lo, vai voltar a ficar com raiva.

— Mas Neka, como vou pedir-lhe desculpas? Estamos loucos ou o quê?

— Ana, me escuta, por favor. — Disse Nekane, tentando convencêla: — Ontem a noite vi algo em seus olhos e em sua maneira de olharte que me fez entender que estava muito zangado e que necessitava se desconectar um pouco de tudo.

Mas Ana, desobedecendo o que sua amiga lhe dizia, se levantou do chão, foi até seu quarto e discou o número do telefone de Rodrigo. Dois segundos depois, seu corpo se contraiu ao ouvi-lo dizer:

— Avisei que não queria falar contigo.

— Eu sei. Neka me disse, mas... Rodrigo eu sinto muito. Você está bem? É verdade que...

— Não Ana, não se desculpe e me escute de uma maldita vez, porque estou saturado! — Ele gritou com raiva. — Acabou tudo o que tinha entre você e eu. O sentirei toda minha vida por Dani, porque o amo, mas isto acabou! No tempo que nos conhecemos, você me fez humilhado, enganado, envenenado, abriu a cabeça utilizando-me como um idiota, e já por último me moeram a golpes e destruíram meu carro. E tudo isso por quê? Por eu não ter me apaixonado por você no mesmo instante que você supostamente se apaixonou por mim. Foda-se Ana. Aceita que nem todos vão ao seu ritmo. Aceita que às vezes as pessoas merecem segundas

chances, inclusive terceiras ou sextas, e quando aceitar isso, então, talvez, você possa se olhar no espelho e pensar que se equivocou comigo e com certeza com muitas outras pessoas.

— Mas, Rodrigo, escuta. Eu...

A linha ficou muda, e Ana assustada, fechou os olhos. A partir daquele dia, ele desapareceu da sua vida.

Capítulo 26

Os meses passaram e chegou o Natal. Naquele ano tudo era mágico e especial para o Dani, e ainda que se mostrasse como uma mulher forte ante os demais, Ana chorava em silêncio pela ausência de Rodrigo. Estar com Calvin e Nekane, Rocío e Júlio ou Popov e Esmeralda lhe partia o coração. Ver a cumplicidade naqueles casais, em seus olhares ou em seus sorrisos, a fez se dar conta de como estava sozinha e, sobretudo, do muito que sentia falta da presença e das atenções de Rodrigo. Ele era um especialista em fazê-la se sentir bem e em lhe facilitar a vida, e agora, devido ao seu orgulho tonto, não voltaria a vê-lo.

Como tinha feito no ano anterior, Nekane foi para Navarra para passar as festas com sua família, ainda que dessa vez foi acompanhada por um Calvin encantado. Ana, junto com o pequeno Dani, decidiu viajar para Londres. Mas no dia que estava no aeroporto sentada com seu pequeno na sala de embarque, o seu coração se encolheu quando logo escutou gritar:

— Anaaaaaaaa!

Ao voltar-se para olhar, o coração saltou quando se encontrou de frente com Alex, Carolina e Úrsula. Rapidamente se levantou para receber os carinhosos abraços dos meninos, que ao vê-la se atiraram em seus braços. Úrsula, diferente das outras vezes, lhe deu um dois beijos, e ao olhar para o pequeno, murmurou:

— Que menino mais bonito você tem! É lindíssimo!

— Muito obrigada.

— Para onde vai? — perguntou Carolina, observando-a com curiosidade. Não sabia o quê tinha acontecido entre seu irmão e ela, mas o que tinha claro era que já não se viam.

— Vou a Londres para passar o Natal com minha família.

— Sua família vive em Londres? — perguntou Úrsula, surpresa.

— Sim.

— Você... você deixa eu pegar o Da... Dani — pediu Alex.

— Claro que sim, carinho — disse Ana sorrindo.

— Alex, senta — lhe ordenou Úrsula. — Sentadinho vai segurá-lo melhor.

Quando Ana soltou o bebê nos braços de Alex, o pequeno sorriu, e este disse:

— Te... Tem os olhos... Iguais do Rodrigo e da mamãe. Azuis... Azuis.

— Mamãe, vou comprar umas revistas — murmurou Carolina ao ouvir o comentário, disposta a sair do meio.

Úrsula, ao ver o incômodo da jovem diante do que tinha falado seu filho, afirmou:

— É verdade, ele tem uns olhos azuis preciosos.

Ana não pôde responder. Ao escutar o nome de Rodrigo se bloqueava e era incapaz de dizer algo. Mas tirando forças de onde não sabia que existia, engoliu o nó de emoções e perguntou:

— E vocês, vão para onde?

— Para Disneylândia Francesa! — gritou emocionado, Alex.

— Mas, o que você está me dizendo? — aplaudiu, encantada — Sério?

— Sim. Mamãe, Carol, Rodrigo e eu... Va... Vamos a celebrar o Natal lá.

Ao ouvir de novo o nome de Rodrigo, se encolheu. Ele estaria ali? Sem poder evitar olhou a seu redor, e foi quando Úrsula, aproximando-se dela, lhe esclareceu:

— Não o procure, ele não está aqui. Ele vai se reunir conosco lá.

Tentando se recompor da impressão, respirou, aliviada. O último que iria querer era se encontrar com ele e sua família ali. Úrsula, ao notar que a jovem estava um pouco distraída, a pegou pelo braço e, separando-a um metro de Alex e o bebê, perguntou:

— Você está bem?

— Sim, sim, claro que sim — assentiu, e tentou mudar de assunto — E Ernesto?

— Segui seu conselho e... Me separei dele.

Aquela informação bombástica a fez voltar a si.

— Mas isso é fantástico, senhora... Me alegra tanto saber disso que...

— Por favor, Ana, me chame de Úrsula. — E pegando-a pelas mãos, murmurou emocionada — Nunca viverei o suficiente para te agradecer tudo o que fez por meus filhos e por mim sem dizer nada a ninguém. — Ao ter toda a atenção da jovem, Úrsula sussurrou — Carolina me contou várias coisas e diante disso só posso te dizer obrigada. Me sinto como uma

autêntica bruxa por ter te tratado como tratei. Mas graças a você e suas acertadas palavras, eu abri meus olhos e...

— Tranquila Úrsula. Não tem que dizer mais nada. O importante é que você soube tomar a decisão e que seus filhos estão bem. Isso é o importante.

— Estou fazendo terapia para solucionar todos os meus problemas, que não são poucos, mas estou segura que eu vou conseguir. Minha vida, por fim, volta a ser minha e voltei a tomar as rédeas como você me disse. Me sinto muito mal ao me dar conta de todo o dano que fiz aos meus filhos e envergonhada por todas as besteiras que disse a você...

— Escuta, Úrsula, dar o passo que você deu é muito importante para todos, especialmente para seus filhos. Eles sofriam muito e esta injeção de adrenalina positiva seguramente caiu muito bem a eles. Eles voltaram a recuperar sua mãe e agora só precisa demonstrar a eles que está com eles cem por cento, e eles devolverão a você mil vezes mais. E no que diz respeito a mim, não se preocupe. Está tudo esquecido.

— Ana, Rodrigo está me preocupando. Faz vários meses que ele está sempre aborrecido, e ainda que esteja feliz porque minha situação pessoal mudou, sinto que passa algo com ele, mas ele não me deixa chegar a seu coração. Você sabe o que está acontecendo com ele?

O quê poderia responder a essa pergunta? Só poderia dizer que ela, Ana, era a culpada. Porém, com o seu melhor sorriso, murmurou:

— Não sei Úrsula. Faz tempo que não falo com ele. Mas não se preocupe, já verá que logo ele estará bem.

— Já estou aqui! — disse Carolina, se aproximando delas.

Nesse momento, a porta do embarque do voo de Ana se abriu e, disposta a escapar das atormentadas perguntas, anunciou:

— Tenho que embarcar.

Depois de pegar Dani dos braços de Alex, e o rapaz se despediu com beijos carinhosos, beijou Carolina e Úrsula, e com seu pequeno nos braços e sem olhar para trás, embarcou.

Teresa era a avó mais feliz do mundo. Pode passear guiando o carrinho de seu neto pelas ruas daquela fantástica cidade era algo que a emocionava muito. Durante as duas semanas em que Ana esteve em Londres, esta descansou e um noite saiu com sua irmãs e seus amigos para se divertirem. Algo que a duras penas conseguiu.

Todos aparentavam estar felizes, mas apesar daquela suposta normalidade, Frank e Teresa, sem dizer nada, observavam sua filha, e a tristeza que destilava em seu olhar preocupava-os. Ana procurava estar alegre, mas seus olhos falavam por si sós. Lucy tentou conversar com ela, mas Ana se negou. A envergonhava contar o que tinha acontecido e recordar o mal que tinha feito a Rodrigo. Por isso, decidiu que trataria de esquecer-se de tudo enquanto estivesse em Londres. Mas era impossível. Cada vez que Dani fazia uma nova gracinha, se lembrava dele e se emocionava ao pensar que Rodrigo desfrutaria vendo isso.

Na noite de Reis, enquanto Ana sentada diante da lareira, observava na escuridão do salão a infinidade de presentinhos que tinha para o seu filho, seu pai entrou sem fazer ruído.

— Oi, pequena! — E sentando-se junto dela, murmurou — Você não sabe que se não dormir seus mágicos presentes nunca chegarão?

Ana sorriu, mas tinha os olhos cheios de lágrimas. Não podia falar. Acabava de receber em seu celular uma foto de Nekane junto com seus amigos de Madrid celebrando aquela noite, e entre eles tinha distinguido Rodrigo. E sem poder evitar, recordou o que tinha ocorrido durante essa mesma celebração no ano passado. Seu mundo veio abaixo naqueles meses e agora que nada tinha remédio se deu conta da idiota que tinha sido. Não querer aceitar o carinho e o amor que Rodrigo tinha lhe oferecido tinha sido seu maior erro e carregaria aquela dor pelo resto da sua vida.

Frank se levantou; não queria lhe perguntar diretamente o que estava acontecendo, mas intuía o motivo.

— Quer beber algo?

— Não.

— Quer conversar?

— Não, papai.

O homem foi até o bar-móvel, se serviu um whisky e se sentou de novo junto a sua pequena. Queria falar com ela, esclarecer muitas coisas, mas sabia que aquele não era o momento. Estiveram durante mais de meia hora em silêncio enquanto escutava o crepitar do lar. E quando Frank se levantou para ir dormir e se despediu com um beijo, Ana lhe disse, olhando-o:

— Obrigada, papai.

— Por que, filha?

— Por respeitar meu silêncio.

Comovido, Frank sorriu e apesar de que queria lhe perguntar muitas coisas, simplesmente balançou a cabeça e se foi.

Na manhã seguinte, o salão silencioso da noite passada era ruidoso e feliz. O pequeno Dani recebia seus presentes rodeado por seus avós, sua tia e sua mãe. Emocionada, Ana abria os pacotes e aplaudia ao ver os brinquedos.

— Ana Elizabeth, que horas é para dar o xarope de novo?

— Ainda falta horas, mamãe — respondeu sorrindo Ana, com seu filho nos braços.

Há um par de dias, Dani estava com catarro e com uns décimos de febre, mas o médico tinha diagnosticado um simples resfriado.

— Aiii, não gosto de ver meu menino assim.

— Mamãe — se queixou Lucy — não vê que o gordinho está ótimo? Além do mais, não é o primeiro menino no mundo que fica doentinho.

— Eu sei filha, mas eu me preocupo.

— Uma moto elétrica? — perguntou Ana animadamente ao abrir um enorme pacote.

— As loucuras de sua mãe — caçoou Frank.

— Aii filha! Quando eu a vi não pude resistir — assentiu Teresa, encantada. — Sei que ele é muito pequeninho ainda, mas meu menino merece esta moto e tudo que eu via. Saiba que o papai e eu estávamos vendo uns castelinhos infláveis pela internet maravilhosos. Pensei em comprar um para colocar na casa de campo. No verão que vem nosso Dani faz um aninho e terá seu próprio castelinho.

— Hummm. Inflável? O que vocês andam vendo, hein? — brincou Nana ao escutá-la.

— Olha, olha. — assentiu Ana, divertida.

Frank começou a rir, mas Teresa, mais conservadora, pôs cara de horror.

— Vocês são umas sem-vergonhas, sabiam? Como lhe ocorrem pensar semelhante absurdo? — E apontando para Lucy, que gargalhava, indicou — E saiba que sigo chateada com você. Fiquei sabendo que te viram jantando outra noite com o ator Ricardo Bestroniani.

— Mamãe! Ele é só um amigo! E eu sou uma mulher em caminho a um

divórcio.

Teresa torceu a cara e tirou um lenço do bolso, e quando todos pensaram que se colocaria a chorar, inclusive que desmaiaria, morrendo de rir, disse, deixando a todos abobalhados:

— Bestroniani é um bombom. Ah se eu pudesse ...

— Teresa!

— Mamãe! — gritaram ao uníssono Ana e Lucy enquanto Frank, atônito, a observava.

— Minhas filhas — explicou a mulher, rindo— um dia, depois de pensar em vocês e em suas vidas, decidi que tinha chegado o momento de me modernizar ou morrer. E eu optei pelo primeiro. Modernizar-me! Portanto, Lucy, desfruta do momento com Bestroniani ou com quem seja, e deixa casamento de fora. Seu pai e eu te agradeceremos.

Aquilo provocou uma gargalhada geral e mais quando Frank a beijou. Teresa, encantada com essa demonstração por parte de seu marido, o olhou fixamente.

— Por certo, Frank, se pode saber para onde levou Dani ontem à tarde?

Ao ver como as três mulheres se sua via o olhavam esperando uma resposta, o homem grasnou e respondeu:

— Levei para ver os cavalos.

Ana sorriu, e dirigindo-se a seu bebê de grandes olhos azuis, lhe perguntou:

— Conheceu o *Caramelo de Chocolate*?

O pequeno, que era o deleite de sua mãe, sorriu, e esta encantada brincou com ele. Segundos depois, Ana abriu um novo presente e ao ver um Jersey diminuto Dolce & Gabbana combinando com uma calça jeans e um gorro com strass, olhou para sua irmã e exclamou:

— Meu Deus, Nana, isso é puro glamour!

Sua irmã, com o pequeno nos braços, lhe colocou o gorro e, rindo, acrescentou:

— Meu gordinho está lindíssimo e sua titia vai se encarregar de que nunca lhe falte um closet abarrotado de glamour. Este menino vai ser um ícone da moda infantil.

Aqueles risos e aquele alvoroço eram uma terapia maravilhosa para Ana.

Capítulo 27

Em 10 de janeiro, quando voltavam de apagar um incêndio em uma habitação de Madrid e enquanto Rodrigo falava com um companheiro, chegou para Calvin uma mensagem no celular, e ao vêla, este sorriu.

Durante toda tarde, Calvin esteve pensando se devia ou não mostrar aquela mensagem para Rodrigo, e finalmente, depois de falar sobre isso com Júlio, decidiram mostrar. Se aproximaram dele quando saía da academia e o chamaram.

— Faz um par de horas que Ana chegou de Londres — lhe disse Calvin.

Rodrigo, sem mudar a cara, endureceu a voz e investigou:

— E por que você está me dizendo isso nesse momento?

— Olha a foto que a minha princesa acabou de enviar do Dani — insistiu Calvin, mostrando o celular — Não me diga que não está fofo.

O outro pegou o celular que o seu amigo estendia e observou a foto. Nela via-se um Dani gordinho e encantador sorrindo para câmera. Rodrigo, inexpressível, devolveu o celular a Calvin.

— Dani cresceu muito.

— Fiquei de ir jantar com minha princesa essa noite na casa dela, você está afim de ir? — sugeriu apesar de saber que sua garota se zangaria.

Segundo Nekane, sua amiga não queria saber nada de Rodrigo, mas ele não tinha certeza se Rodrigo não queria saber nada de Ana.

— Rocío, minha pequena e eu também iremos — insistiu Júlio. — Vamos! Se anima e venha! Vai ser ótimo estar todos juntos.

Ao ver suas intenções, Rodrigo franziu o cenho.

— Que merda estão pensando? — perguntou com cara de poucos amigos — Agora vão dar uma de cupidos?

— Antes que se zangue, me escuta — respondeu Calvin — Todos sabemos do que aconteceu, mas achamos que...

— Não me importa uma merda o que vocês sabem e acham — grunhiu Rodrigo.

— Por que você é tão cabeça dura? Acaso não se deu conta que...?

— Júlio — cortou Rodrigo — por que não se mete nos seus problemas e

esquece dos meus?

— Olha Rodrigo, é...

— Calvin, fecha o bico. — berrou — Não contem comigo para nada. Além do mais, essa noite tenho um encontro que não quero faltar.

— Vamos, homem — insistiu Júlio — não acho que esse encontro seja tão importante como...

— Por hoje ele é — interrompeu-o, aborrecido.

— Rodrigo — disse Calvin, sem perder os nervos — acho que deveria reconsiderar as coisas e pensar isso de "ano novo, vida nova".

Os dois bombeiros, ao vê-lo se afastar, se olharam, e Calvin, preocupado, comentou:

— Rodrigo não está bem, droga! E não sei o que fazer.

Júlio viu que Rodrigo bateu a porta com força ao sair.

— Não, não está, mas se chegasse a dizer que sim ao nosso convite, quem estaria ferrado essa noite teria sido você quando sua princesa e a própria Ana quando o vissem aparecer.

Naquela noite, quando Rodrigo saiu do trabalho, chovia muito. Depois de subir no carro, ligou o rádio e, enquanto dirigia, se surpreendeu ao se dar conta que tocava uma balada romântica dessas que Ana gostava tanto. O que ele estava fazendo escutando aquilo? Rapidamente mudou para o CD e a música de Aerosmith começou a tocar. Durantes os vinte minutos que durou a viagem, tentou não pensar na fotografia que o idiota do Calvin tinha lhe mostrado, mas era impossível. Os olhos de Dani pareciam lhe seguir.

Quando estacionou o carro, abriu o celular e olhou a foto que tinha como fundo de tela, de Ana e o pequeno sorrindo. Ainda recordava o instante em que tinha a tirado. Os três, se divertindo, rindo no sofá. E depois de observá-la durante uns segundos, frustrado, voltou a fechar o celular. Ela, durante aquele tempo, tinha tentado contatar com ele em várias ocasiões, mas ele nunca respondeu. Estava tão ferido e chateado com ela pelo que ela tinha lhe feito que era impossível para ele dar o braço a torcer. Quando conseguiu se tranquilizar um pouco, saiu e trancou o carro enquanto subia as escadas da casa da sua mãe. Ao entrar sorriu ao se encontrar com seu irmão Alex cantando diante da televisão.

— Menos mal que você veio, filho — disse Úrsula ao vê-lo entrar — Pelo

amor de Deus, tira algum cabo do karaokê para que o seu irmão deixe de cantar. Minha cabeça está dando voltas.

Bem-humorado, tentou convencer Alex para parar, mas como o garoto negou absolutamente, ele foi até a cozinha, onde sua mãe preparava algo para o jantar, e se desculpou:

— Eu sinto muito, mamãe. Agora quer ser cantor e disse que tem que ensaiar.

Úrsula revirou os olhos, mas ao ver a cara de seu filho mais velho, sorriu. Rodrigo se sentou no banco da cozinha, e ela pegou uma Coca— Cola do refrigerador, a abriu e a entregou. Rodrigo a pegou e deu um gole enquanto sua mãe o observava.

— O que foi? Por que está me olhando assim?

— Você está muito magro, filho, está comendo bem?

Ele suspirou com expressão brincalhona diante do que sua mãe acabou de dizer.

— Se deu conta, mamãe, que cada vez que me vê você diz a mesma coisa? — E ao vê-la rir, acrescentou — E para sua informação, peso exatamente o mesmo de três anos para cá, portanto, fique tranquila, que estou comendo bem.

Nesse momento, entrou Carolina na cozinha e, ao ver seu irmão ali, comentou caçoando:

— Olha! Que o menininho da mamãe chegou! — Rodrigo soltou uma gargalhada, e sua irmã acrescentou — Saiba que a mamãe organizou este jantarzinho familiar para preparar o seu assado preferido para você.

— A inveja está te corroendo, Carol?

Então, a jovem se lançou contra seu irmão e começaram a lutar enquanto Úrsula os observava e sorria. Ver seus filhos felizes e unidos ao seu lado era uma autêntica benção. Cinco minutos depois, a garota foi para a sala para berrar junto de Alex.

— Pelo amor de Deus, vão me deixar louca! — se lamentou a mãe. Não obstante, acrescentou, emocionada — Mas eu estou encantada. Adoro vê-los tão felizes em sua casa e me sinto tão culpada por todo o ocorrido que eu...

— Mamãe — respondeu, abraçando-a - combinamos que partiríamos do zero. O passado, passado está, e queremos voltar a ser felizes. Alex, Carol e

eu somos se você for; portanto, ponha isso em prática e sorria. — Comovida pelas palavras de Rodrigo, assentiu — Vamos, mamãe, seu médico disse que você tem que ser positiva e não pensar em coisas que possam te fazer dano.

— Eu sei, filho, eu sei. Mas penso em todos esses anos perdidos e em todo o dano que fiz que ...

Pegando-a nos braços para que se calasse, fez o único que poderia fazer sua mãe mudar de assunto: girou com ela ali mesmo.

— Para, para... Sem-vergonha — gritou ela — que eu vou enjoar.

A soltou alegremente, e vendo-a sorrir, se sentou de novo no banco. Então, ela disse algo que o desconcertou.

— Essa garota, Ana, tinha razão quando me disse que era mais má e sombria que Úrsula, a bruxa da A Pequena Sereia. — Estava tão surpreso que não soube o que dizer, e sua mãe acrescentou — Naquele momento eu não a entendi, mas um dia desses eu assisti com teu irmão o filme da pobre Ariel e, ao conhecer a pérfida bruxa, compreendi o que essa jovenzinha queria me dizer.

Aquele comentário o fez sorri e recordou certas coisas com amargura.

— Ana, e seus comentários afiados. Só ela seria capaz de dizer algo assim.

Logo, Úrsula soube. Como poderia ter sido tão tonta? E pegandolhe nas mãos, perguntou, já sabendo a resposta:

— Filho, você está bem?

— Sim.

Isso não era verdade e, disposta a exercer seu papel de mãe com seu maravilhoso filho, tocando-lhe no rosto, agregou:

— Sei que te aconteceu algo, mas que você não quer me contar. E ainda que eu desconfie de algumas coisas, tão pouco quero falar dela com você e nem perguntar nada, porque com o gênio que você está ultimamente com qualquer um que diga algo.

Perturbado com o que ela falava, a agarrou pelos ombros e lhe disse, ainda balançado por ter escutado o nome de Ana.

— Vai, mamãe, prometo não me aborrecer. O quer me perguntar?

Depois de encará-lo durante uns segundos com aqueles olhos azuis tão

parecido com os dele, Úrsula suspirou.

— Falei com sua irmã e ela me confessou que ainda que entre Ana e você aparentemente nunca houve nada, ela sempre imaginou que entre você havia mais do que vocês falavam, e eu acabo de ver em sua cara o jeito que ficou quando mencionou o nome dela e isso me fez pensar... — Ao ver que ele soltava a coca— Cola sobre a mesa e mudava a expressão, lhe recordou apontando com o dedo — Rodrigo, você disse que não se aborreceria. Portanto, não me encha e responda o que estou te perguntando.

— Olha, mamãe...

— Uii! Eu não gosto desse "olha, mamãe" — o cortou — Sou sua mãe, jovenzinho, e quero a verdade. Assim nem pense em mentir para mim, ou te juro que vou te deserdar.

Ao ouvir aquilo teve que sorrir. Diante dele via que voltava a ter a mãe que sempre tinha adorado.

— Mamãe — respondeu, pois era incapaz de contradizê-la — entre Ana e eu não existiu nada. Só fomos amigos.

Mas ao ver como seu filho enrugava o cenho se aproximou dele e sussurrou:

— Rodrigo, você está mentindo para mim.

— Mas, como você pode dizer isso?

— Porque eu te conheço — sorriu ela — E quando você mente você enruga a testa de uma maneira especial. Talvez não me entenda, mas há jeitos em você que te delatam, e agora mesmo sei que entre você e essa moça houve todo o contrário do que me contou, e eu, tonta de mim, não o adverti. E olha o que vou te dizer, daqui você não levanta até me dizer a verdade.

— Mamãe... Não enche — se queixou ele.

— Eu te disse mami; te disse que eu desconfiava de algo entre Ana e ele, mas nunca pude confirmá-lo — apontou nesse momento Carolina, apoiada na porta.

— Não diga besteira, Carol — protestou Rodrigo.

— Ah, não! Não estou dizendo besteiras. Nós mulheres temos um sexto sentido e sempre pensei ver algo na relação de vocês, ainda que os dois ocultassem. Agora entendo muitas coisas — admitiu a garota, ganhando um olhar demolidor de seu irmão.

— Ana... É minha... Minha Amiga — disse Alex, entrando na cozinha seguido de Guau. — E ... Eu quero que seja a namorada de Rodri para trazer o Dani.

Estupefato pelos comentários de sua família na cozinha, foi se levantar quando sua mãe, agarrando-o pela mão, o olhou com firmeza.

— Senta e nos conte o que acontece com a Ana e com esse precioso menino de olhos azuis.

Capítulo 28

Para Ana foi pôr os pés na Espanha e trabalho absorvê-la completamente. Tinha que cumprir os prazos de vários contratos já firmados e, por vezes, essas sessões demandavam um carro para ir e voltar do Valência ou Sevilha no mesmo dia e dormir à noite com o seu filho em Madrid. Com o passar dos dias, tudo se tornou cansativo. Não descansava o suficiente e mal tinha tempo de reunir forças. Os dentinhos de Dani estavam nascendo e, por vezes, passava a noite em claro com ele. E, embora Nekane ajudasse, ela era sua mãe e queria lidar com ele cem por cento.

Nestes dias, tentou resolver um problema que não a deixava viver. E armando-se de coragem, ligou para Rodrigo porque precisava falar com ele, mas ele não respondeu. Mandou centenas de e-mails pedindo desculpas, mas ele não respondeu a nenhum, e ela finalmente desistiu. Ficou claro que Rodrigo mudou de página, e gostasse ou não devia respeitar.

Uma tarde, em que estava imersa numa uma sessão de fotos para a empresa de celulares Marax, Encarna apareceu com o pequeno Dani nos braços. Ana sorriu ao vê-la, mas a perturbação da mulher a inquietou.

— O que houve?

— Oh!, Tomara que seja apenas uma bobeira, mas coloquei o termômetro de orelha e está com febre. Além disso, hoje ouvi uns ronronares estranhos no peito que não tinha ontem e não gostei nada.

— O que há de errado com meu passarinho? — Nekane perguntou, aproximando-se.

Alarmada, Ana deixou o que estava fazendo e pegou o filho. Colocou os lábios em sua testa e sentiu-a mais quente do que o normal.

— O que você tem, criaturinha? — Ana perguntou carinhosamente, e o menino sorriu. Mas, vendo que as modelos olhavam para ela, entregou a criança para Encarna e disse: ainda tenho que ficar duas horas aqui. Dê-lhe aspirina que está na cozinha. A quantidade está anotada em vermelho na caixa.

— Tudo bem, darei.

Quando Encarna saiu do estúdio com o bebê em seus braços, Nekane olhou para a amiga e a viu com a testa franzida.

— Vamos, mamãe — murmurou — Não se preocupe, tenho certeza que é um catarrinho sem importância.

— Eu sei, Neka, mas ultimamente, quando não é uma coisa é outra, e estou tão cansada que já não posso nem com a minha alma.

— Normal. Você é um cabeçuda e não dorme o suficiente — reclamou. Tem dias que digo para você descansar. Mas não ... "a Senhorita pode com tudo!"... E se recusa a me ouvir. E suas olheiras, queira saber ou não, estão ficando preocupantes. E você está ficando fraca e desnutrida!

— Olha — zombou — pela primeira vez isso não me importa. Perder peso sem me privar de nada.

— Você quer que esta noite eu leve o pequeno chorão para dormir na casa de Calvin e assim descansar?

— Bem, não, princesa.

— Mas seria genial. Pense nisso! — Insistiu — Uma noite inteira de sono sozinha. Amanhã é sábado, não trabalhamos e ...

— Nãoooooooo.

— Deus!, E depois dizem que os navarros são cabeças-duras.

Ana sorriu e deu-lhe um tapa na bunda.

— Como diz o ditado: "Quando for mãe, entenderá". Anda, vamos voltar ao trabalho. Quanto mais cedo acabarmos mais cedo poderei voltar para o pequeno chorão.

Nekane concordou e, sem dizer mais nada, se pôs a trabalhar. Como Ana, entendida que tinham que terminar aquela sessão com excelentes resultados ou o trabalho atrasaria. Mas a sessão durou mais tempo do que ela esperava, e quanto voltaram para casa, Encarna estava sentada no sofá.

— Dani está dormindo e as dez gotinhas que dei fizeram a febre baixar, mas Ana, você deve levá-lo ao médico.

— Ok ... concordou, esgotada — amanhã levarei.

— Vai levar, Encarna. Não percebe que ela é a senhorita faz tudo? — bufou Nekane, entrando em seu quarto.

Às dez, ela foi passar a noite com Calvin e Ana ficou sozinha. Relutantemente, preparou um sanduíche de peru, que comeu quando Dani permitiu. Finalmente conseguiu fazer o pequeno dormir e se jogou no sofá, com a intenção de ver um filme, mas estava tão cansada que segundos

depois dormiu.

Não soube quanto tempo dormiu até que, de repente, o choro de Dani a acordou. Nesse momento, a porta da frente abriu e Encarna entrou com bobes no cabelo e camisola.

— Aninha, não está ouvindo Dani chorar?

Ana pulou sobre a cadeira como se tivesse fogos de artifício na bunda e correu para o quarto. Ao entrar, viu Dani sem ar pelo tempo que estava chorando. Com o coração pesado, rapidamente o pegou no colo para acalmá-lo, mas ao posar seus lábios na testa quase gritou ao sentir a alta temperatura da criança. Sem parar para pensar em Encarna que a seguia, correu para a mesa de quarto e, pegando o termômetro, colocou na orelha até instrumento apitar.

— Trinta e nove e meio! — Gritou, assustada.

— Oh, meu menino! — disse Encarna, angustiada.

Sem dar atenção, pois estava com os nervos à flor da pele, olhou para o relógio. Eram quatro e doze da manhã. Então, olhou para a vizinha e, correndo para a porta, disse:

— Vou levá-lo para a emergência.

Encarna a abraçou enquanto passava ao seu lado.

— Sim, querida, nós duas vamos para a emergência. Mas primeiro se vista e coloque um casaco no menino. Ou vocês irão de pijama?

— Oh, Encarna! — exclamou: atemorizada — Ele tem mais de trinta e nove de febre.

A mulher, apesar de pequena, conseguiu fazer Ana sentar na cadeira e pegou a aspirina.

— Dê-lhe algumas gotas para que o pobre relaxe um pouco. Em seguida, se vista e, antes de terminar, e já estarei aqui vestida. Vou acompanhá-la ao hospital.

Sem duvidar, Ana fez tudo o que sua vizinha orientou enquanto Dani, apesar de sua tremenda febre, a olhava e inclusive sorria. E Encarna antes que ela terminasse de se vestir, já estava lá com seu casaco e um lenço na cabeça, escondendo seus bobes.

Assim que Ana chegou ao carro, deu o menino para Encarna, mas tal era o tremor de suas mãos que a mulher, sem dizer nada, chamou um táxi.

— Se quisermos chegar ao hospital, é melhor irmos de táxi. Em seu estado, nenhum dos três chegará.

O táxi, naquela hora, não pegou trânsito e 20 minutos depois, as duas, com o bebê, entraram na emergência do Hospital Milagrosa. Assustada, Ana viu como uma jovem médica despia Dani enquanto ele chorava, e depois de auscultá-lo e mandar tirar radiografias do peito, disse:

— Como está agora este menino, vou interná-lo.

— Interná-lo? — murmurou Ana com um fio de voz — Mas o que ele tem?

A médica, ao ver que ela poderia desmaiar a qualquer momento, sentou-a e depois de olhar para a mulher com rolinhos na cabeça que a acompanhava, acrescentou:

— Ele tem uma bronquiolite'7b11'7d muito grave para a idade que tem.

— Com razão chorava tanto meu garoto — assentiu Encarna.

— Mas o que é isso? — e sem deixar a médica responder, a nervosa mãe continuou: — O levei ao pediatra e ele disse que era uma simples gripe.

— Não tenho dúvida que começou assim, mas a gripe complicou um pouco — acrescentou a médica, quando a viu abalada — A bronquiolite é uma infecção que afeta o bronquíolos que são os pequenos condutores que existem no final dos brônquios, em contato com os pulmões. Dani tem esses pequenos dutos inflamados e é o que dificulta sua respiração. Por isso respira tão rápido e por isso é possível ouvir esses roncos ao respirar. Agora temos que monitorar, para que essa bronquiolite cure bem e para Dani não ficar propenso a ter asma no futuro.

Para Ana tudo o que a médica dizia parecia chinês. Na vida se preocupava com as doenças, mas com os olhos abertos ouvia tudo o que a médica estava dizendo.

— Portanto, mamãe — acrescentou com um sorriso — seu pequeno tem que ficar alguns dias internado no hospitalar. Mas fique calma, esta é uma sala especial, você vai poder vê-lo sempre que quiser, Ok?

Ana concordou, e estimulada por Encarna, levantou-se e pegou seu pequeno que reivindicava seus braços, e o abraçou.

Às sete da manhã, Ana convenceu Encarna a voltar para casa. A mulher, primeiramente resistiu, mas quando viu Nekane e Calvin chegar, e este oferecer para levá-la, ela cedeu. Às nove da manhã quando as jovens

estavam sozinhos no corredor hospitalar, Ana olhou para a amiga e com os olhos cheios de lágrimas, perguntou:

— Neka, você acha que cuido bem de Dani?

— Claro que sim. Que absurdo está dizendo?

Desesperada com o que estava acontecendo, tirou a franja do rosto.

— E como não me dei conta antes do que tinha?

— Porque você não é médica; apenas uma mãe de primeira viagem — disse Nekane, compreendendo o mal-estar de sua amiga.

Indo de um canto a outro, a jovem mãe sussurrou:

— Deveria tê-lo trazido ontem à noite ao médico, quando Encarna me falou sobre os roncos no peito e ...

— Vejamos — cortou a amiga — Dois dias antes seu pediatra disse que Dani estava gripado. Portanto, não se culpe, nada isso é culpa sua. Conheço você e sei onde você está indo. Estas coisas acontecem a muitas crianças, e com Dani não seria diferente — e com carinho, sussurrou, segurando as lágrimas: Venha, venha, pare de chorar, porque às vezes, é mais mole que um melão de março.

Então, Ana sorriu e Nekane pode afrouxar seu abraço, e as lágrimas corriam pelo seu bochechas.

— Agora, quem é a melão mole?

Por um momento, ambos ficaram em silêncio, até que Ana, ansiosa para contar uma coisa, soltou:

— Liguei várias vezes para Rodrigo.

— Você ligou? — Nekane perguntou, secando as lágrimas.

— Sim. Inclusive enviei e-mails, mas nada, não quer saber de mim. Me excluiu do Facebook. E honestamente, não me admira — suspirou — Fui a pessoa mais rancorosa do mundo com ele.

— Sim ... foi, não vou negar — E surpresa, sussurrou: — Ai, Ana!, Como você pode me esconder isso?

— Neka ...

— Por que você não me contou? Se tivéssemos conversado, Calvin e eu poderíamos ter tentado fazê-los ficar juntos. Calvin falou comigo, sugeriu fazer uma emboscada, mas eu pensei que ...

— Neka, estava tão vergonha pelo fiz ... — e tirando a franja da frente,

continuou depois de fazer uma pausa: — Meu orgulho me cegou e não me deixou ver a realidade do momento, e acredito que não vou encontrar alguém que nos queira, a mim e a Dani, como ele quis, nem ninguém que me entenda com um simples olhar como Rodrigo — dando de ombros, perguntou — Como pude ser tão estúpida?

— Nós, seres humanos somos assim. E como diz o ditado: O sábio é corrigir.

— Isso se deixarem — suspirou, triste — Quem dera ter a oportunidade de falar com ele, mas fechou tudo portas ...

— Não te resta mais nada do que entender a situação e aceitar — cortou Nekane.

— Fiz tão pouco caso que ...

— Tudo bem ... o martírio acabou. Te conheço e sei que agora ficará lamentando e, em dez minutos vai chorar transbordantemente, como diria Encarna. Então, basta! — insistiu a amiga.

— Neka, eu o quero e preciso dele. Sei que sou uma mulher forte e serei capaz de continuar minha carreira e conduzir meu filho sozinha, mas também preciso que alguém sorria pra mim e diga que sou uma brega porque gosto da música de Luis Miguel — ambas, sorriram — Ou que fique com raiva de mim porque chorei pela enésima vez por ver um dos nossos filmes. E nem te falo o que seria disso, porque me abraçaria e me diria que tenho cheiro de pêssego e ...

— Puta que pariu — É incrível o amor que sente! Como pôde não me contar? Na hora, Ana — protestou furiosamente — dá vontade de matá-la!

Depois de suspirar, a jovem convencida do que dizia, acrescentou:

— Acho que me apaixonei por ele no primeiro dia que o vi. O dia que salvou Encarna. Quando vi aproximando-se aquele pedaço de mal-caminho, vestido de bombeiro e sorriu com covinhas marcando seu rosto, juro que senti algo lindo e especial. Meu problema foi não saber aceitar que com ele não aconteceu o mesmo naquele instante, e agora, quando vejo as coisas com calma e a distância, percebo tudo que fiz de errado.

— Esqueça-o, Ana. É o melhor que pode fazer.

Ao ouvir aquela sugestão, Ana olhou para sua amiga e perguntou curiosa:

— Você o viu ultimamente, certo?

— Sim.

— E como está? Está bem?

— Irritada por aquela conversa, Nekane suspirou:

— Só o vi em duas ocasiões, e em ambas me pareceu normal. Como de costume. Calado e observador. Embora Calvin tenha me dito que está de mau humor de mil demônios recentemente.

— Está saindo com alguém?

— Olha, Ana — disse Nekane — você sabe que Rodrigo não é um monge enclausurado e as duas vezes que o vi estava muito bem acompanhado. Você quer continuar se torturando, ou com o que já disse é suficiente?

Com o coração destroçado Ana bufou.

— Tenho o suficiente.

Depois de informados por Ana, naquela tarde, Frank e Teresa chegaram com Lucy, vindos de Londres e só ficaram tranquilos quando puderam ver Dani. Teresa não conseguiu conter as lágrimas quando contemplou seu pequeno netinho dormindo, com o soro preso ao braço por talas e o aparelho da saturação de oxigênio preso no dedo. Ana tirou-a do quarto e em seu lugar entrou sua irmã, enquanto seu pai ficara com a chorosa avó.

— Teresa, pelo amor de Deus — Frank reclamou — Estamos aqui para apoiar Ana, não para que ela sofra por nós também.

— Oh, Frank! — Ela assentiu, enxugando os olhos — Eu sei, amor. Mas ao ver meu menino, tão pequenino, conectado a essas máquinas, eu ... eu ...

— Teresa — disse Nekane agarrando-se a Calvin — Dani é um menino forte e este é apenas um contratempo. Fique tranquila que em dois dias já o teremos em casa fazendo arruaça.

Frank, sabendo que sua mulher nunca foi forte para essas coisas, abraçou-a e beijou sua cabeça.

— Ouça, Teresa. Ana precisa de nós e devemos ser fortes por ela.

Quinze minutos mais tarde, Ana saiu do quarto onde Dani estava. Ela parecia cansada e abatida, mas ninguém conseguiu persuadi-la a ir para casa descansar. Depois se ser abraçada e mimada por seu pai, Calvin puxou-a pelo braço e disse:

— Vamos ao refeitório jantar alguma coisa. Você precisa disso.

— Não estou com fome.

— Você precisa comer, Ana — Nekane insistiu, preocupada.

Com um gesto infantil de teimosia que quebrou o coração de todos, ela murmurou:

— Prefiro ficar com Dani. Nana está dentro com ele e ...

— Ana — insistiu Calvin, agarrando-a pela mão. Você não comeu nada o dia todo e, se não cuidar de você, não poderá cuidar de Dani.

Portanto, vamos comer algo.

Teresa concordou e segurando o rosto de sua filha, murmurou depois de beijá-la:

— Eles têm razão, Ana Elizabeth. Você precisa comer alguma coisa, tesouro, ou vai ficar doente. Assim, vá com eles e jante. Papai e eu vamos ficar com o pequenino.

— Vá tranquila, querida — incentivou-a Frank depois de trocar um olhar com Calvin. Vá até a cafeteria e relaxe um pouco enquanto janta. Nós vamos ficar Dani.

Vendo que não poderia lutar contra todos, finalmente concordou, e Nekane, Calvin e ela desceram para o primeiro andar, onde sentaram no refeitório para comer alguma coisa. Meia hora depois, Ana viu Elisa, a mãe do bebê que estava ao lado do berço da Dani, entrar, acompanhada por vários parentes. A mulher se aproximou dela e sussurrou fazendo-a sorrir:

— Aqui estou. Disposta a comer algo para me deixarem em paz.

— É porque tem que comer algo — concordou Nekane com carinho.

— Tudo bem lá em cima? — perguntou Ana.

Elisa assentiu e saiu, mas antes de chegar a bancada, onde seus parentes estavam, virou e disse:

— Certamente o seu pai, é o senhor mais educado e amável cavalheiro. E hoje, não me assusta que Dani tenha aqueles grandes olhos. São iguais aos do pai.

Dito isso, a jovem se virou e saiu. Neste momento o coração de Ana congelou e olhando para Calvin, que mudou a expressão, perguntou num fio de voz:

— Rodrigo está aqui?

— Porra! Sussurrou o jovem tocando a cabeça.

— Puta que pariu, seu traidor — resmungou Nekane assobiou,

enfurecida.

— Calvin, por favor responda: Rodrigo está aqui? — Ana insistiu.

Ao se ver encurralado, finalmente balançou a cabeça, e quando viu que ela levantava da cadeira, agarrou-a pela mão e ordenou:

— Não suba. Ele só veio ver Dani.

Atordoada e confusa, Ana voltou a sentar, enquanto Nekane sussurrava:

— Calvin, quem disse para chamá-lo?

— Ninguém.

— E por que fez isso? — perguntou a mulher com os olhos vidrados na amiga.

— Princesa, me desculpe. Ana, me desculpe. Mas se não tivesse feito, não dormiria tranquilo o resto da minha vida. Sei o quanto Rodrigo ama Dani e não podia deixar de contar que o menino estava internado no hospital.

A cabeça de Ana funcionava a mil por hora. Rodrigo estava ali. Ela estava com seu filho no andar de cima, e ela queria vê-lo. Precisava vê-lo. Por isso, ignorando o que Calvin disse saltou sobre sua amiga e correu para as escadas, torcendo para pegar o elevador. Neka e Calvin foram atrás dela, mas não a alcançaram.

— Porra! — Calvin protestou, pegando o telefone. Rodrigo me vai te matar. Prometi que entreteria Ana para que ele pudesse ver o menino.

— Tenha certeza de que, se ele não matá-lo, eu vou. Traira! — Resmungou Nekane. Embora instantes depois, acrescentou com um sorriso: — Você é o melhor, querido. O melhor.

Atordoado, Calvin a olhou e satisfeito, beijou-a ao dizer:

— A você não há quem entenda, mas reconheço que cada dia gosto mais de você.

Quando o elevador parou no segundo andar, Ana, com o batimento a mil, saiu e correu pelo corredor. Precisava ver Rodrigo. Sua mãe e irmã a olharam, mas sem dizer nada Ana entrou apressada no quarto onde estava era seu filho. De longe, viu seu pai, mas quando se aproximou ficou sem palavras ao ver que só estavam ele e Dani. Frank, ao ver a cara de sua filha, e entender o que procurava, tentou dizer algo, mas ela, virou-se e saiu dali e passando em frente a sua mãe e irmã, que a olhavam horrorizadas, correu em direção às escadas. Rodrigo não podia estar longe e tinha que encontrá-lo. Desceu as escadas de cinco em cinco passadas e correu sem fôlego pelo

corredor até a saída do hospital. Quando chegou à rua, suando, olhou para os lados com pressa, procurando entre as pessoas. Mas minutos depois, não o encontrando, amaldiçoou silenciosamente e desistiu.

Esgotada pela corrida, apoiou as mãos sobre os joelhos, enquanto lágrimas de frustração por não vê-lo desciam pelas bochechas. Então ouviu a voz seu pai pelas costas.

— Ana... querida...

— Papai, por que ele não quer me ver? — Explodiu sem olhar para ele — Eu ... Eu preciso dizer-lhe que fui uma imbecil, uma idiota e que ele tinha razão quando disse que passado o tempo me daria conta do mal que havia feito a ele. Liguei. Escrevi. Procurei por ele. Mas nada papai, não quer saber de mim. E eu preciso dizer a ele que o amo e pedir para me perdoar. Estou morrendo porque ele faz parte da minha vida e de Dani, mas temo que isso já não possa ser verdade. Rodrigo definitivamente não quer saber nada de mim.

Frank, que estava atrás dela e estava comovido por aquilo que Ana disse, olhou para o homem emocionado que estava a sua direita e deu um aperto em seu ombro. Afastando-se da sua filha, sem dizer nada, virou-se e saiu. Exausta e com raiva por não encontrar Rodrigo, Ana, limpou as lágrimas quando de repente ouviu perto de seu ouvido:

— Sou louco pelo seu cheiro de pêssego.

Ao ouvir aquela voz, virou e encontrou diante dela o homem que ansiava ver. Sem pensar ou se importar que se os observavam, se lançou em seu pescoço e abraçou-o.

— Desculpe ... Me desculpe. Sei que sou uma bagunça e desde que me conheceu te aconteceram coisas que nunca aconteceriam se eu não estivesse no meio, mas perdoe-me — E sem deixá-lo falar, continuou: — Fui uma tola por não dar o braço a torcer e entendo que o que aconteceu naquela noite com aqueles idiotas do pub foi culpa minha. Eu não sabia o que fazia e nunca pensei que poderiam trocar golpes com você. Ai, Deusssssssss!, Estava com tanta raiva por tudo, que agi mal e disse coisas horríveis sobre você. Juro, Rodrigo, nunca imaginei que esses caras machucariam você nem os outros, ou que vandalizariam o carro, ou ...

— Ana ... cortou ele.

Mas ela continuou:

— E quando Neka me disse no dia seguinte, que havia feito uma

confusão com meus insultos, eu quis morrer. Bateram em você por minha culpa! Eu liguei, mas você estava tão irritado que ...

— Vamos esquecer tudo isso.

— Você tem que me perdoar — rogou com os olhos arregalados — Todos me perdoaram, exceto você e eu preciso que você me perdoe.

— Você sempre esteve perdoada, amor — murmurou louco de amor.

Ana franziu a testa e sem se separar dele, perguntou:

— Então por que ...?

Rodrigo, ao entender a pergunta sem necessidade de que ela acabasse de fazê-la, cobriu a boca com mãos e sussurrou:

— Meu orgulho estava ferido, e embora tenha tentado te odiar e te esquecer por tudo o que tinha acontecido comigo por sua causa desde o momento que te conheci, foi impossível porque sou louco por você — Ana sorriu — Você se tornou como diz a canção de seu amado Luis Miguel, uma parte da minha alma. Amo seu sorriso, o seu cheiro, seus olhos quando trama algo e seu rosto abafado quando chora depois de ver um de seus românticos filmes. Adoro te ver tocar a orelha quando mente e como cora quando me aproximo de você. E eu não posso ser feliz a menos que te veja fazer qualquer uma dessas coisas.

— Não esqueceu nada ...

— Não, quando se trata de você.

Emocionada, Ana não sabia o que dizer. Rodrigo estava dizendo as coisas mais maravilhosas do mundo e chocada, murmurou olhando aquelas covinhas que gostava:

— Pensei que me odiava e não queria saber nada sobre mim.

— Nunca poderia te odiar, preciosa. E sempre soube de você e Dani — E piscando um olho, murmurou: — Tenho informantes.

— Sério?

— Totalmente sério. Tenho três pessoas que sempre me mantiveram a par de todos os seus movimentos.

— Uma já posso imaginar — disse Ana ao pensar em Calvin. Mas os outros dois?

O bombeiro, feliz por senti-la tão perto e receptiva, emaranhou sua mão enorme naquele curto cabelo escuro que tanto você gostava.

— Uma galela maravilhosa que ...

— Encarna!

— Ahã! Exclamou sorrindo ele, recordando o exemplo da rosquinha — Ela me ligou esta manhã, depois de Calvin, para me dizer que Dani estava no hospital e deixar de ser um idiota, e que se realmente te quisesse que movesse a bunda rapidinho porque você precisava de mim.

— Porra! — zombou feliz ao pensar em sua vizinha.

— Não vim antes porque estava em Cadiz com a minha mãe e meus irmãos — ao ver que ela sorria, acrescentou: — Encarna sempre foi minha grande aliada na sombra. Graças a ela fiquei sabendo onde jantava aquela noite com o modelo iraniano. Então só tive que ligar para o restaurante e dizer a Esmeralda para colocar um jogo na mesa a mais.

Carinhosamente tocando o rosto lembrado-se daquela fatídica noite, a jovem sussurrou:

— Sinto muito, Céu; Desculpe pelo que aconteceu naquela noite.

Ouvir ela dizer o apelido Céu para se referir a ele era o que ele mais queria no mundo e deu-lhe um beijo doce.

— Eu sei, não se preocupe. Mas de agora em diante vou cuidar para que beba apenas Coca cola e especialmente, tentarei mantê-la longe de karaokês. — Ao vela sorrir, perguntou: — Tem ideia de quem é meu terceiro informante? — Ela negou cabeça, e ele, surpreendendo-a, respondeu: — Passei uma tarde em Londres, no Natal, com seu pai e Dani.

— Meu pai?

— Sim, amor.

— Em Londres? e ao lembrar de algo, perguntou: — esteve com eles vendo os cavalos?

Rodrigo concordou alegremente.

— Sim. Seu pai e eu tivemos uma conversa muito interessante, e depois, juntos, levamos Dani para conhecer Caramenlo de Chocolate. Certamente, ele adorou!

Tonta pelo que Rodrigo contava, mas agradecida, foi responder quando ele, cravando seus impressionantes olhos azuis sobre ela, disse:

— Ouça, amor. Já sabe que não sou homem de músicas românticas, mas preciso dizer que te amo e que amo Dani. E hoje, quando soube que meu

pequeno estava no hospital e eu não estava ao seu lado, quis morrer. E você sabe por quê? — Ela negou, balançando a cabeça, e ele sentenciou: — Porque você é meu amor e ele é meu filho — Ana, emocionada, não sabia se ria ou chorava. Optou por rir enquanto ele continuava: — E a minha vida sem vocês, de repente deixou de ter sentido e começou a ser irreal. Precisava tê-los perto para cuidar e mimar, e cada vez que te via sair com outro que não era eu, morria de ciúmes e ...

— Pelo que entendi, você esteve em muito bem acompanhado.

Sem tirar os olhos dela, acariciou seus cabelos e lábios. Sua doçura e aqueles olhos verdes o deixavam louco. Ela era seu mundo e precisava fazê-la saber. Por isso, depois de beijá-la possessivamente, murmurou na sua boca:

— Ana, precisava reinventar minha vida depois que você passou por ela. Mas o dia em que seu pai me disse que estava convencido de que você ainda tinha sentimentos por mim, tudo voltou a mudar. E, embora por meu orgulho, custei a dar um passo, aqui estou! Disposto a te amar e mimar como você merece, na esperança que me aceite e me dê uma oportunidade — Ao ver como ela o olhava, segurou seu rosto e disse: — Céu, se você quiser, desta vez vamos fazer as coisas direito. E, depois que Dani sair do hospital, você e eu teremos nosso primeiro encontro. Em seguida, o segundo, o terceiro e todos que quiser. Prometo ser um cavalheiro para fazer você se sentir como uma rainha e que, em um futuro não muito distante quero que venha morar comigo, porque se você não for — disse com convicção — eu vou morar com você e meu filho, goste ou não a louca da Nekane.

— Isso é uma proposta? — Perguntou Ana, alegre.

— Sim, uma proposta totalmente decente.

— Aceito todas as propostas — disse ela, suspirando e aproximandose dele — mas a decente vou devolvê-la totalmente indecente. Você sabe como meus hormônios ficam quando estou perto de você.

Rodrigo sorriu. Isso era o início de algo que queria muito e feliz pelo que supunha, voltou a beijá-la. Sentir novamente os lábios quentes e tudo mais era o que precisava. Ficaram um tempo entre carinhos, até o som vibrante de uma ambulância que chegava os fez perceber que estavam no meio da rua, e decidiram voltar juntos para o pequeno, abraçados.

Uma vez que entraram no hospital com a felicidade estampada na cara,

enquanto esperavam o elevador, Rodrigo se lembrou de algo e olhando-a, perguntou:

— É verdade que disse à minha mãe que era escura e sinistra como a Bruxa da Pequena Sereia?

Ana contraiu o rosto tentando encontrar uma resposta para aquilo. Sabia o quão importante Ursula era para Rodrigo, e a última coisa que queria era um novo mal-entendido. Não agora. Mas quando foi responder, o feliz bombeiro, enlouquecido pela ternura que aquela pequena morena o fazia sentir, a pegou nos braços e colocando os lábios sobre os dela, murmurou:

— Pêssego Louco, eu te amo tanto que nada pode estragar.

Epílogo

Londres, meses depois.

— Ana, se você não parar de se mexer não vou poder fechar o último botão - disse-lhe Rocío rindo.

— Neka... Ele vai cair! — gritou Ana ao ver seu filho se soltar da poltrona.

— Vamos, gatinho... Vamos — incentivou a navarra ao pequeno que começava a dar seus primeiros passos.

O menino, feliz, caminhou até Nekane, e Ana, emocionada, aplaudiu. O pequeno Dani nesse dia fazia um aninho, e estava eufórica e emocionada.

— Ai, como você é bonito, guerreiro! Vem aqui, que eu vou te comer a beijos! — gritou Encarna como uma possessa ao ver o pequeno caminhar com insegurança.

Carolina, a irmã de Rodrigo, estava com a menina de Rocío e olhavam pela janela.

— Acaba de chegar um carro impressionante na entrada.

Ana se aproximou e, ao ver o Rolls-royce de seu pai, disse, nervosa:

— Isso quer dizer que temos que nos apressar. — E olhando para sua amiga, acrescentou abanando o ar com a mão: — Neka... Acho que vou ter um troço...

— Mas não vai mesmo, linda — protestou a outra, aproximando-se dela. — Faça o favor de não ser a rainha do drama como a sua mãe e respirar, você já está ficando roxa.

Rocío, Encarna e Carolina se olharam, mas ao verem que Ana começava a rir a gargalhadas relaxaram. Então, Nekane perguntou:

— *Puta que o pariu*, Ana! De onde vem essa risada? Você bebeu algo?

Divertida, Ana foi responder quando a porta se abriu e diante dela apareceram as duas elegantes e cheias de joias, Teresa e Úrsula. As duas sogras, desde o momento que se viram, tinham se dado maravilhosamente bem e Ana desfrutava disso. Emocionada por ver a felicidade no rosto de sua filha, Teresa a abraçou.

— Ana Elizabeth, meu tesouro. Você está estonteante!

— Obrigada, mamãe. Você também está muito bonita.

Úrsula, satisfeita pela felicidade que via no rosto de seu filho e o maravilhoso dia que tinha pela frente, se aproximou da jovem e, pegando-a pelas mãos, declarou:

— Você está preciosa. Quando Rodrigo te ver, ficará sem palavras.

— Obrigada, Úrsula. Assim espero! Claro que você também está muito bonita — disse para elogiá-la.

Enquanto Teresa se dirigia até o seu neto com a intenção de lhe fazer mimos, Úrsula pegou a mão de Ana e chamou sua atenção.

— Rodrigo está impaciente para te ver. Eu só vim um segundinho para te entregar isto — . E colocando em sua mão uma fina pulseira de cristais brancos, acrescentou: - Esta pulseira quem me presenteou foi a mãe de Ángel quando me casei com seu filho e me fez prometer que algum dia eu a entregaria para minha nora como ela estava entregando para mim. Agora você tem que me prometer que o dia em que Dani se casar você fará o mesmo. É uma tradição familiar.

Emocionada por todo o carinho que aquela rígida mulher estava dando a ela e ao seu filho, Ana assentiu e a abraçou.

— Eu prometo.

Úrsula sorriu e, aproveitando o momento, lhe disse:

— Ana... Que lição de humildade você me deu! Ainda recordo quando me perguntou se eu achava que o dinheiro dava classe, e eu como uma tonta te disse que sim. Eu estava tão equivocada... Tão equivocada.

— Úrsula — contestou Ana, sorrindo com carinho, — eu sempre pensei que as pessoas precisam te amar por quem você é e não pelo que você tem. — E entregando-lhe a pulseira, lhe pediu: — Coloca em mim. Se for uma tradição familiar, não se pode perder o ritual.

A mulher assentiu, comovida, e enquanto a abotoava murmurou:

— O casamento e tudo o que vem com ele está sendo uma surpresa maravilhosa para mim.

— Pois se prepare Úrsula — brincou Ana ao pensar nos convidados que assistiriam o enlace — que te espera um dia cheio de novidades alucinantes.

A porta do quarto voltou a abrir e Lucy entrou com um estonteante vestido cor champanhe. Ao ver sua irmã, gritou:

— Patooooooo! Mas como ficou lindo esse vestido Gucci em você. Eu já sabia que você iria ficar perfeita. Quando esse bombeirão tão lindo que você tem como futuro marido te ver, seu queixo vai cair no chão. — Obrigada, Nana.

Ana, sorrindo, se olha no espelho e, alisando a saia de tule do seu bonito vestido de noiva suspira. Ali estava ela vestida com um caro e espetacular vestido de noiva, disposta a se casar com o homem que a fazia feliz cada segundo da sua vida.

De novo, a porta se abriu e apareceu Frank, que olhando para Úrsula, a fez saber:

— O carro te espera para te levar de volta ao hotel.

— Sim, querida — a animou Teresa — você deve ir pegar o noivo reluzente para levá-lo para igreja.

Úrsula sorriu.

— Te asseguro Teresa, que Rodrigo, ainda que eu não chegue, ele irá para igreja.

Então, a mulher deu um carinhoso beijo na bochecha de Ana, e de braço dado com sua filha Carolina, se foi. Deviam ir ao hotel em busca de Rodrigo para se dirigirem à catedral de São Paulo. Uma vez que se foram, Teresa olhou para sua filha e sussurrou:

— Que encanto de mulher, e a menina, Carolina, é um amor.

Nekane, Encarna e Ana se olharam, e calando sobre tudo o que sabiam, sorriram e assentiram. Úrsula estava mudando e merecia uma oportunidade. Meia hora depois, depois de fazer centenas de fotografias no salão, Frank olhou o relógio e disse:

— Garotas, é hora de ir!

Teresa, histérica, apressou o resto das mulheres para que subissem nos carros e juntas se encaminhassem até a catedral de São Paulo. Depois olhou para o seu marido, e disse:

— Vamos! Um casamento nos espera!

Quando chegaram à catedral, Ana saiu do carro de braços dado com seu pai feita uma pilha de nervos enquanto um estranho regozijo lhe percorria o corpo. Nunca na vida, tinha imaginando ter um casamento grandioso como aquele, mas ali estava caminhando junto ao seu pai e disposta a se casar com o homem que amava.

— É a noiva mais bonita que já vi em minha vida, minha querida, e sei que Rodrigo vai te fazer muito feliz — murmurou seu pai ao notar seu nervosismo.

Ana assentiu e, como sempre que ficava nervosa, punha-se distraída. Uma vez que entraram na catedral, ficou sem fala ao ver Rodrigo junto de sua mãe, a madrinha, mais lindo que nunca com aquele fraque escuro e hipnotizada por aquelas covinhas que lhe marcavam a bochecha, sorriu. Enquanto caminhava pelo corredor de braços dado com seu pai, seu olhar se encontrou com centenas de pessoas de certo modo desconhecidos para ela, e quando chegou às primeiras fileiras, seu sorriso se ampliou. Ali estava Calvin junto das emocionadas Nekane e Encarna, com o pequeno Dani. Ao seu lado e felizes como perdizes se encontravam Popov, Esmeralda, Julio, Rocío e sua pequena Rocito. No banco da frente, junto de sua mãe, estavam o pai de Rodrigo, Ángel e os entusiasmados Alex e Carol. E em seguida, viu sua irmã Nana com seu novo e recém-estreado namorado. Ali estavam todas as pessoas que sempre tinham estado ao seu lado, e isso a emocionou.

Quando seu pai soltou seu braço e entregou sua mão para Rodrigo, este a apertou com força e, depois de lhe dar um casto beijo na bochecha, lhe sussurrou:

— Você está mais bonita do que nunca.

Ana suspirou, e depois de lhe oferecer um sorriso esplendoroso, comentou:

— Estou tão nervosa que não consigo nem falar.

Rodrigo sorriu e piscou-lhe um olho, transmitindo segurança.

Quando acabou a bonita cerimônia, a felicidade rondava o ambiente. Os noivos estavam radiantes e posaram para centenas de fotos, até que por fim os convidados se encaminharam até a casa de verão que seus pais tinham em Wembley, a única condição que Ana tinha imposto. Uma vez ali, todos desfrutaram de um delicioso banquete que Teresa se encarregou de supervisionar, e Úrsula apenas podia comer ao ver-se rodeada de toda aquela gente tão importante.

Quando chegou a hora de abrir o baile no enorme e bem decorado jardim de Wembley, os noivos se olharam com resignação, mas saíram sorrindo e animados para a pista. Quando começou a soar os primeiros compassos de *Usted,* um precioso bolero que costumava cantar Luis Miguel,

Ana, assombrada, olhou para seu marido, e este com um sorriso, perguntou:

— Eu te surpreendi?

— Sim...

Encantado por ver o jeito dela e sentir que a tinha feito feliz com aquele tonto detalhe, sorriu, e aproximando a boca no ouvido de sua preciosa esposa, murmurou, colocando-a a mil:

— Como diz a canção, você me desespera, me mata e enlouquece, mas daria a vida por te beijar uma e mil vezes.

Sem se importar com as centenas de olhos que os observavam, Ana, pondo-se na ponta dos pés, levou os lábios até os de seu marido radiante, e o beijou. Senti-lo tão entregue a fazê-la feliz e perceber sua sensualidade a deixavam louca. Depois dos aplausos que os convidados dedicaram a eles por aquela amostra de carinho tão passional, sorriram, e Rodrigo, depois de trocar um olhar com sua mãe, sussurrou:

— Hoje está sendo um dos dias mais felizes da vida da minha mãe. Viu o sorriso que não sai de sua boca?

Ana observou Úrsula e sua mãe conversarem com a mulher do primeiro ministro e, deixando-se levar pelo momento, disse:

— E eu te asseguro que é o da minha mãe também. Que grande cerimônia preparou para nós.

Felizes ao verem suas mães encantadas com tudo aquilo, soltaram uma gargalhada. Três horas depois, após dançar com quase todos os convidados, Ana buscou seu marido, o pegou pela mão e o puxou.

— Vem...

Ele a seguiu sem entender para onde ela o estava levando, e quando ela o colocou em um pequeno roupeiro debaixo da escada da entrada do enorme chalé e trancou a porta, perguntou:

— O que estamos fazendo aqui, Sra. Samaro?

Desejosa e excitada pelo momento, Ana se atirou em seus braços e o beijou como estava desejando fazia horas e, surpreendendo-o, murmurou:

— Cumprindo uma das minhas fantasias desde que cheguei nessa casa com você.

Boquiaberto, pois escutava as pessoas subindo e descendo pela escada, a

olhou e lhe perguntou:

— Ana... Você não está pretendendo...

— Hum hum! Eu pretendo — cortou, tirando-lhe o fraque com pressa.

— Mas, agora?

— Sim.

— Aqui?

Cada vez mais divertida pelo jeito dele, cochichou fazendo-o rir:

— Uiii! Como você é antiquadooooo!

Enlouquecido por tudo o que aquela mulher lhe fazia sentir, Rodrigo assentiu e, atirando o fraque ao chão, agarrou sua preciosa mulher para aproximá-la mais dele, e subindo as pressas o volumoso vestido de noiva, murmurou disposto a aceitar a provocação:

— Meu pêssego louco, agora eu vou te mostrar como eu sou antiquado.

FIM